# INCIDENTES NA MINHA VIDA II

Daniel D. Home

Tradução: Amadeu António

# INCIDENTES NA MINHA VIDA

## SEGUNDA PARTE

### CONTEÚDO

**Prefácio Introdução**

**CAPÍTULO I** Críticas e Respostas. Carta ao "Times"

**CAPÍTULO II** Sir David Brewster. Lord Brougham. Cartas e Testemunho. Dr. Elliotson. Incidentes Proféticos

**CAPÍTULO III** Expulsão de Roma. Discussão na Câmara dos Comuns

**CAPÍTULO IV** Sludge, o Médium. Sr. Robert Browning. Retratos de Fantasia

**CAPÍTULO V** Nice, América, Rússia. As Sessões Duplas em Londres

**CAPÍTULO VI** Palestra. Notícia no "Star". Falsidades em "All the Year Round"

**CAPÍTULO VII** Athenæum Espiritual. Identidade. Guardiões da Força. Mesmerismo Espiritual

**CAPÍTULO VIII** Novas Manifestações. Elongação. Vozes. Perfumes

**CAPÍTULO IX** Elongação e Compressão. Manipulação de Fogo

**CAPÍTULO X** Afirmação da Sra. Lyon em apoio ao Processo Minha Resposta ao Processo Resposta do Sr. W. M. Wilkinson ao Processo

---

* "The History of the Supernatural in all Ages and Nations, in all Churches, Christian and Pagan, demonstrating a Universal Faith." Por William Howitt, Autor de "Colonization and Christianity." Londres, Longman and Co.

## PREFÁCIO

Cerca de nove anos passaram desde que apresentei ao público um volume intitulado "Incidentes da Minha Vida", cuja primeira edição se esgotou rapidamente, tendo sido publicada uma segunda em 1863. Durante os anos que entretanto decorreram, embora muitos ataques tenham sido feitos contra mim e contra as verdades do Espiritualismo, os seus oponentes não conseguiram produzir uma única palavra de evidência para desacreditar a veracidade das minhas afirmações, as quais permaneceram incontestadas. Entretanto, as verdades do Espiritualismo tornaram-se mais amplamente conhecidas, e o assunto foi imposto à atenção do público de uma maneira notável.

Tal foi especialmente o caso nos anos de 1867 e 1868, em consequência do processo "Lyon v. Home", que muito provavelmente foi a causa indireta do exame ao Espiritualismo pelo Comité da Sociedade Dialética, cujo relatório foi publicado

recentemente. Coincidente com esse exame e subsequentemente ao mesmo, uma série de investigações foi levada a cabo na minha presença por Lord Adare, agora Conde de Dunraven, um relato das quais foi impresso para circulação privada; um exame, especialmente de carácter científico, foi também conduzido pelo Professor Crookes, que publicou as suas conclusões no "*Journal of Science*".

Apresento agora ao público o segundo volume de "Incidentes da Minha Vida", que continua a minha narrativa até ao período do início do processo na Chancelaria. No terceiro volume, que espero publicar em Junho próximo, pretendo completar o relato do processo e apresentar as investigações subsequentes acima mencionadas.

Londres, Novembro, 1871. D. D. H.

---

As seguintes observações introdutórias que aqui republico foram escritas para o meu primeiro volume pelo falecido Dr. Robert Chambers, de Edimburgo, que também contribuiu para o mesmo com o último capítulo do apêndice.

A narrativa do Sr. Home é composta por pormenores tão em desacordo com as ideias comuns da humanidade, que os seus amigos podem perfeitamente sentir ser necessária uma apologia. De saúde delicada, extremamente sensível de espírito, de natureza gentil e pouco combativa, apresentando-se com a sua narração sem outro fim concebível senão o de propagar o conhecimento daquilo que considera serem verdades importantes, parece apenas justo que ele seja poupado, tanto quanto possível, ao escárnio cético que tais novidades certamente evocam em maior ou menor grau. Daí as presentes observações introdutórias.

Quaisquer que sejam as preconceções do leitor relativamente ao Sr. Home, dificilmente deixará de reconhecer, após ler este volume, que o autor escreve como um homem profundamente convicto, e que não tem ele próprio dúvidas sobre os fenómenos que o acompanham. Ele conta como estes fenómenos começaram na sua infância, como o acompanharam desde então, excepto durante alguns breves intervalos; como, embora lhe tenham trazido atenção pública e algumas amizades valiosas, foram em certos aspetos uma inconveniência e uma infortuna, e pressagiam condições que não prometem longevidade; tudo isto com uma simplicidade pouco argumentativa que fala fortemente de, pelo menos, uma convicção sincera da sua parte. Ele sustenta o carácter de Sensitivo Místico ao longo da sua narração, como o fez ao longo dos primeiros trinta anos da sua vida real, sem vacilar ou hesitar; o que ele era no início, é-o agora. Cabe àqueles que atribuiriam tudo à impostura mostrar como um carácter fictício pode ser mantido de forma tão perfeita e duradoura.

Deve também notar-se que os factos da vida do Sr. Home não repousam apenas nas suas próprias asseverações. A sua realidade objetiva e a sua isenção de ilusão e impostura são certificadas por um imenso número de pessoas, que aqui são indicadas por nome ou de outra forma. Algumas destas pessoas, e outras que permanecem não citadas, são de um carácter que constitui uma forte garantia para a verdade de qualquer

coisa de que possam testemunhar. É frequentemente observado, de facto, como um prodígio de tipo muito sugestivo nesta nossa era altamente intelectual, que homens de conhecimento e reflexão, de quem se poderiam esperar coisas muito melhores, se mostrem tão fracos a ponto de serem enganados por tal deceção transparente, e tão tolos a ponto de se apresentarem e prestarem testemunho a seu favor.

Mas, decerto, isto não é raciocínio; é apenas uma petição de princípio. A observação poderia ser respondida por outra: é um prodígio de natureza altamente sugestiva que homens de juízo crítico se deixem enganar de tal forma pela sua autoestima, a ponto de poderem calmamente considerar como incapazes de ver e ouvir o que não existe um número de homens reputados como tão criteriosos quanto eles próprios, e cujo juízo reconhecem, sem nunca parecerem suspeitar que estas pessoas tenham possivelmente alguns fundamentos reais para a fé que depositam neles. Um pouco de modéstia percorreria evidentemente um longo caminho para resolver a dificuldade que os incrédulos professam sentir neste ponto.

Se fossem um pouco mais longe, e cedessem de tal forma aos ditames da sua filosofia favorita a ponto de investigarem antes de se pronunciarem, poderia dar-se o caso de a posição de um crente nestes fenómenos se tornar mais inteligível para eles.

Pelo menos foi o que já aconteceu com um vasto número de pessoas, igualmente convictas no início de que tudo era uma ilusão; e temos o direito de assumir que o que aconteceu, pode acontecer de novo. Mais ainda, o valor do testemunho em questão advém, em grande medida, do próprio facto de ter sido extorquido às convicções relutantes de uma multidão de pessoas, em tempos totalmente desdenhosas e incrédulas relativamente aos factos alegados.

Será algo surpreendente, mas pode ainda assim ser defendido de forma plausível, que os fenómenos da mediunidade do Sr. Home não se opõem à experiência da humanidade. Pelo contrário, factos deste tipo foram relatados como ocorrendo em todas as eras; nem há mais de dois séculos que começaram a ser postos em dúvida. Mesmo durante os dois séculos de ceticismo parcial, continuaram a ser relatados como acontecendo não menos frequentemente do que antes. Poder-se-á responder que esta voz cética tem sido a voz da sabedoria e da verdade, ouvida pela primeira vez no mundo. Será realmente assim?

Não será antes um dito expressivo apenas de um hábito intelectual — o resultado do tipo de estudos predominantemente preponderantes durante esse tempo? Não será que, numa devoção exclusiva e avassaladora à filosofia material, os homens perderam o hábito de considerar a parte espiritual do mundo, mantendo pouco mais do que uma fé nominal mesmo naquelas coisas espirituais que o seu credo religioso afiança? Claramente, o mero facto de dois séculos de ceticismo parcial não vale de muito. Mas dir-se-á então que este espírito iluminado penetrou o mistério em tantos casos e mostrou que se baseava em nada mais do que deceção vulgar.

Terá realmente feito tal? Não se terá simplesmente lisonjeado com elogios ilusórios à sua própria penetração? Um caso notório de uma pessoa professadamente

afetada como o Sr. Home foi Anne Parsons, uma menina que vivia em Cock Lane, na City de Londres, em 1762. Se existe algum caso em que a deteção de impostura é assumida de forma triunfante e incontestada, é o do famoso Fantasma de Cock Lane. Atente-se nos factos da deteção.

Batidas e arranhadelas foram ouvidas durante um par de anos em ligação com a pequena Anne Parsons e, finalmente, encontrou-se um modo de conversação com o agente invisível. O chamado fantasma asseverou que uma mulher que vivera recentemente na casa de Parsons, e que entretanto falecera, fora assassinada pelo seu quase-marido, um Sr. Kent. Era o que o Sr. Home teria chamado um espírito mentiroso. Sendo a rapariga levada para a casa do Sr. Alrich, um clérigo, formou-se um grupo para pôr à prova uma promessa do "fantasma" de que bateria no caixão da falecida numa cripta de St. John's, Clerkenwell, a uma certa hora da noite. Não ocorreram batidas — espírito mentiroso novamente. Veio então o grande golpe na deteção. A rapariga foi levada para a casa de um estranho, colocada numa cama suspensa longe do chão e vigiada por duas noites, durante as quais não se ouviram ruídos.

Um resultado, que poderia dever-se meramente às condições perturbadas, foi considerado pelo sapiente comité de investigação como prova clara de impostura; mas eles ainda teriam evidência mais positiva. Tendo-se tornado impacientes com a criança, disseram-lhe na terceira noite que, se as batidas não fossem ouvidas nessa noite, ela e os seus pais seriam levados para Newgate! Sob esta ameaça, a criança levou uma tábua para a cama consigo, foi vista a fazê-lo (porque é que tal coisa nunca fora vista antes?) e logo se ouviram sons admitidos como diferentes dos que aconteciam antes. A cama foi então revistada, a tábua encontrada e a rapariga proclamada como uma impostora provada.

Desta maneira canhestra, tola e totalmente insatisfatória foi o Fantasma de Cock Lane "detetado". Sob nenhuns outros fundamentos se tornou a falácia do caso o provérbio que é hoje. Ora, se tais são os termos fáceis sob os quais o ceticismo assume os seus maiores triunfos, que importância devemos atribuir aos seus pronunciamentos sobre este assunto em instâncias menos importantes e onde aplicou (como é o caso geral) menos da sua força? Valerão eles o ar que custam para serem audíveis?

Não há decerto, afinal, nada como uma improbabilidade séria nos fenómenos espirituais. A cada hora das nossas vidas, temos ocasião de reconhecer que há um espírito, um algo imortal, no homem; acreditamos igualmente que este espírito, que faz coisas tão maravilhosas na terra, sobreviverá noutra esfera de existência, e não num estado totalmente inativo. Haverá algo *a priori* improvável na ideia de que o espírito, que se parte de tanto que lhe é querido aqui, possa demorar-se nas cenas da sua peregrinação terrena e desejar manter intercâmbio com aqueles que ficaram para trás? Pelo contrário, parece antes provável que a "*animula vagula, blandula*" pairará sobre os seus antigos amores e, onde as condições o permitam ou sejam favoráveis, conseguirá fazer-se novamente ver ou, pelo menos, ouvir. Pode ser um mero esforço da natureza social original; ou pode resultar de uma ansiedade benevolente pelo bem-estar de indivíduos — para os informar, guiar e proteger; ou pode ser uma parte necessária da

estrutura das coisas em que a humanidade está estabelecida na terra — algo exigido para nos manter em mente desse mundo além da cortina, do qual viemos e ao qual regressaremos.

Tem sido frequentemente defendido, de facto, que os fenómenos espirituais são geralmente de um carácter frívolo e inútil, fazendo pouco mais do que mostrar que o Espiritualismo é uma verdade. Mas os espiritualistas dizem, por outro lado, que os experimentadores geralmente se dedicam ao seu negócio num espírito frívolo e apenas obtêm comunicações de sombras do seu próprio carácter. Verificar-se-á que, no caso do Sr. Home, que é um homem de pendor religioso, de coração puro e desapegado do mundo, os fenómenos são de um carácter elevado, tendendo a curar a doença, a suavizar o desgosto e a castigar e exaltar as mentes dos vivos.

Há, de facto, todas as razões para acreditar que, se as comunicações espirituais fossem agora procuradas num estado de espírito adequado, poderiam obter-se resultados no mais alto estilo de santidade, rivalizando com os dos mais famosos devotos. Já o Espiritualismo, conduzido como habitualmente é, teve um efeito prodigioso em toda a América, e em parte no Velho Mundo também, ao redimir multidões do ateísmo e materialismo endurecidos, provando-lhes, pela demonstração positiva que o seu pendor mental exige, que existe outro mundo — que existe uma forma não material de humanidade — e que muitas coisas miraculosas de que até agora mofaram são verdadeiras.

Resta um grande obstáculo para muitos na maneira como as comunicações são mais frequentemente feitas. Parece abaixo da dignidade de um espírito desencarnado anunciar-se e falar através de pequenos ruídos pulsáteis numa mesa ou num lambril. Poder-se-ia, contudo, perguntar se não será um mero preconceito o que nos leva a esperar que o espírito, ao ser desencarnado, experiencie subitamente, e por necessidade, uma grande exaltação. Tome-se a massa da humanidade como ela é, e podemos realmente dizer que há algo de depreciativo para ela na suposição de que, em quaisquer circunstâncias, falariam por sinais sonoros? Devemos, além disso, lembrar-nos de que nada sabemos das condições sob as quais os espíritos podem comunicar. Este pode ser o modo mais prontamente disponível na maioria das instâncias. Sem dúvida, em certas circunstâncias de dificuldade, a mais exaltada das pessoas vivas poderia sentir-se grata por recorrer a tal modo de telegrafia.

Em 1823, o Signor Andryane, agente de uma conspiração italiana contra a Áustria, foi lançado nas prisões da polícia em Milão. Conta-nos, nas suas muito interessantes Memórias, como, desejando comunicar com o ocupante de uma cela adjacente, bateu suavemente na parede e, após algum tempo, teve o seu sinal respondido. "Um, dois, três — uma pausa, a, b, c — era c. Continuando a escutar — um, dois, tres, quatro — oito pancadas, era h; c. h. Lentamente, mas distintamente, foram dadas nove pancadas: isto deve significar a letra i, etc."

Após algumas dificuldades, estes dois infortunados conseguiram formar um sistema de comunicação, no mais alto grau útil e consolador para eles, através de batidas

na parede, expressivas de letras do alfabeto italiano — sendo precisamente o modo de comunicação tão largamente (embora não exclusivamente) adotado pelos espíritos — o assunto favorito de ridículo para aqueles que são tão infelizes a ponto de terem apenas uma visão superficial deste assunto, ou tão injustos a ponto de selecionarem o que, na sua ignorância, consideram como o ponto mais fraco.

Se os desencarnados encontram uma espécie de parede interposta entre eles e o mundo vivo com o qual desejam comunicar, o que pode ser mais natural do que recorrer ao expediente que foi abraçado em circunstâncias análogas por estes dois prisioneiros vivos? Para lá do uso da linguagem real escrita ou falada, que melhor modo possível de comunicação pode ser sugerido?

Há dois pontos de vista em que a publicação das experiências do Sr. Home parece merecedora de louvor bem como de simpatia. Considere-se simplesmente como um caso curioso em patologia — descrevê-lo detalhadamente por si próprio pode ser considerado um serviço útil à humanidade, tal como seria considerado útil para nós obter o autorretrato de qualquer outro caso peculiar de perturbação nervosa. Como já afirmado, tais casos estão longe de ser incomuns; mas a inteligência e probidade exigidas para apreender verdadeiramente o seu carácter e descrevê-lo exatamente são raras. Para o psicopatologista, consequentemente, se conseguir superar a disposição para mofar e rir, e se condescender em encontrar um homem tão honesto quanto ele próprio nos seus próprios fundamentos, este detalhe pode servir para fazer avançar um propósito científico importante. Ainda mais valiosa é a instrução a derivar dele pelo moralista e pelo historiador filosófico. O passado está cheio de tais fenómenos. Erradamente apreendidos em primeira instância pelos seus recetores, foram transformados em bases de artes de prestidigitação; de mitologias infantis; de religiões supersticiosas; e em meios de afetar indivíduos e multidões para conclusões mais perniciosas e ilógicas de mil maneiras diferentes.

Mesmo nos dias de hoje, aceites como confirmações de variadas doutrinas e pretensões, tornam-se o meio de desviar um vasto número de pessoas bem-intencionadas. Enquanto a filosofia se recusar a vê-los na sua verdadeira luz, nada pode fazer para atenuar ou prevenir o mal em questão, pois a vítima sabe demasiado bem que os fenómenos não são, como a filosofia inculcaria, irreais. Que a filosofia os veja como eles são — uma parte da estrutura universal das coisas, sujeitos como tudo o resto à lei, e tendo uma influência real nas boas e más fortunas da humanidade — e os mais fracos estariam doravante a salvo de todas as falsas conclusões a serem deduzidas deles. Para este bom fim, o "leitor imparcial" pode considerar a autobiografia do Sr. Home uma contribuição valiosa.

---

[1] Ver "*Memoirs of Alexander Andryane*", traduzido por Ferdinando Prandi, 2 vols. Segunda Edição. Newby. Londres, 1848.

---

Como evidência de que a atenção do Sr. R. Chambers se virou para este assunto num período precoce, insiro a seguinte nota escrita por ele em 1855, que mostra que não foi sob um conhecimento curto ou ligeiro comigo que ele escreveu a introdução acima.

"QUERIDA SRA. DE MORGAN, Edimburgo, 30 de Julho, 1855. Apresento os meus mais calorosos agradecimentos pela sua atenção verdadeiramente amável ao enviar-me estas notas adicionais. Adiei escrever sobre o assunto por dois ou três dias, para que pudesse dizer que o seu desejo relativamente a, pelo menos, o Professor Gregory, fora cumprido. Vi-o esta noite e li a sua carta a ele e à Sra. Gregory. Escusado será dizer que se sentem profundamente interessados pelas suas notas, constituindo elas provas tão satisfatórias.

O Professor e a Sra. Gregory ainda não tinham ouvido falar do Sr. Hume e dos seus singulares fenómenos, e estão muito interessados nele. Como devem partir na quinta-feira para uma estância termal alemã (por causa da saúde da Sra. Gregory), recomendei-lhes que tentassem ver Hume à passagem por Londres. Estão dispostos, mas não sabem como proceder. Por minha sugestão, estão inclinados a visitá-la na sexta-feira às 12 horas, para ver se lhes pode dar alguma informação sobre o assunto, e também para conversar consigo sobre os seus próprios prodígios domésticos. Não tenho dúvida de que ficará feliz por ver este muito amável e digno professor e a sua esposa, se tal lhe for de todo conveniente. Creio que ficarão alojados no Euston Square Hotel; por isso, se estiver ocupada, pode enviar-lhes algumas linhas a dizer tal."

«"Existe apenas uma outra pessoa na Escócia a quem me interesso comunicar estes fenómenos singulares — uma Miss Douglas, sobrinha do falecido General Sir Neil Douglas, o nosso comandante-em-chefe. Com pessoas comuns, mal consigo abrir a boca sobre tais assuntos.

Peço que me recorde gentilmente ao Sr. de Morgan, e sou, Prezada Sra. de Morgan, Sempre muito respeitosamente, R. CHAMBERS. Esta carta não requer resposta."

A seguinte, que me foi escrita a respeito de materiais para o meu livro, fala por si mesma, tal como a que se lhe segue.

"MEU CARO SENHOR,

1, Doune Terrace, Edimburgo.

22 de Dezembro de 1859.

Recebi devidamente a sua carta de segunda-feira e, após algum pequeno vasculhar, encontrei um livro na minha biblioteca que reúne os escritos de Aubrey, de Martin e de Theophilus Nisalenus sobre a segunda vista, tudo num só — uma grande conveniência; por isso, despacho-o hoje para si por correio. Assim, com o tratado de Fraser anteriormente enviado, está agora bastante completo quanto a materiais escoceses para o seu livro proposto. Devo observar que este volume faz parte de uma

coleção agora rara e, portanto, espero que me desculpe pedir-lhe que tenha um cuidado invulgar com ele.

É interessante saber da sua entrevista com o venerável Lyndhurst. Espero que consiga este inverno conceder algumas sessões a tais pessoas e a outras, sem prejuízo para a sua saúde. O que tive para contar a Miss Douglas, Miss Catherine Sinclair e à Sra. Gregory, desde que cheguei a casa, interessou-as profundamente, e todas esperam que esteja em Edimburgo no próximo ano.

A Sra. C. está muito gratificada por receber a gentil mensagem da sua esposa, e pede-me que envie as suas gentis saudações em retribuição. Com todos os bons votos, sou, Meu caro Senhor, Sempre muito fielmente, R. CHAMBERS. Os meus cumprimentos ao Sr. Cox, se fizer o favor."

"CARO SR. HUME,

1 de Agosto de 1860.

O aparecimento do artigo 'Stranger than Fiction' na 'Cornhill Magazine' tentou-me a importuná-lo com algumas linhas, apenas para o congratular pelo bom efeito que se pode antecipar em benefício da sua reputação pessoal neste país. Confesso que estava pouco preparado para uma demonstração tão forte de um periódico de alta classe a favor do assunto que é mais estranho do que a ficção. Por isso, fico ainda mais satisfeito por vê-lo, e mais gratificado por sua conta. Fui muito azarado na retenção do meu caro e valioso amigo, o Sr. Owen[1], até depois de eu ter deixado a cidade; mas ele promete estar aqui por volta do dia 4 deste mês, e Miss Douglas e eu aguardamos com grande prazer a sua visita. O que diz da sua visita proposta à Escócia?

Tenho a expetativa de estar em Londres por algum tempo após o outono, quando espero vê-lo e à Sra. Hume. Por favor, os meus gentis cumprimentos para ela, e acredite-me, com todos os bons votos, Sempre muito sinceramente, R. CHAMBERS. O meu endereço habitual continua a ser 1, Doune Terrace."

Uma carta do Dr. R. Chambers à Sra. S. C. Hall, datada de 1 de Novembro de 1866, contém a seguinte passagem ao falar de uma aparente bondade que me fora concedida.

"Tal é a minha opinião sobre ele que não só penso que é merecedor dela, como fará um bom uso da mesma. Podemos, creio, confiar em vê-lo a propagar o espiritualismo a partir do ponto independente que alcançou, com um poder apenas limitado pela necessidade de cuidar da sua saúde."

Anexo aqui extratos de uma pequena brochura de Miss Douglas, a senhora referida em cada uma das cartas precedentes, a respeito da qual o Dr. R. Chambers escreveu: "Estas vinte e quatro páginas, na minha opinião, contêm o germe da maior descoberta e da maior revolução do pensamento humano que qualquer era do mundo já testemunhou."

Pode, de facto, conceder-se que, no inquérito sobre um estado futuro de existência, nenhuma ciência lançou ainda a mínima luz — que a teologia natural fez pouco avanço desde o alvorecer da civilização; mas pode perguntar-se se o tempo decorrido desde esse período não será demasiado breve para nos obrigar a desesperar de atingir ultimamente qualquer conhecimento dos nossos destinos futuros, demasiado breve para justificar a conclusão da inaplicabilidade às buscas mais elevadas do homem daqueles métodos que o guiaram à verdade noutros caminhos de investigação.

Surge agora a ideia de que a causa da treva inalterada que paira sobre tudo o que se relaciona com um estado de existência após esta vida poderá ser o facto de nunca se ter entrado no trilho certo, de os factos que realmente oferecem nesta direção materiais para indução terem sido até agora ignorados, de que, no entanto, eles abundam, e de que um esclarecimento superior fará com que a atenção se vire para eles e revele o seu profundo significado.

Da observação zelosa dos fenómenos espirituais nos seus multiformes aspetos, do estudo das leis físicas mais subtis e recônditas aplicadas a esses fenómenos, emergirá, há razão para acreditar, a prova da existência dentro da ordem da natureza de forças que formam um elo e meio de intercâmbio entre esta esfera de existência e a imediatamente superior, através da qual se poderá estabelecer a prova da imortalidade da alma.

Daquele mesmo quadrante agora mais hostil à doutrina do espiritualismo poderá assim vir a demonstração da sua verdade: sem o saber, a própria Ciência, talvez, abriu o caminho para os confins de outro mundo; em breve, podemos esperar, ela desabotoará os portais através dos quais a luz desse mundo tem até agora lutado com raios inconstantes e refratados.

---

[1] O Sr. Robert Dale Owen, autor de "*Footfalls on the Boundary of another World*".

---

Quanto àquelas mentes dispostas a desconsiderar o sentimento religioso, mentes que, apesar da enorme influência que este sempre exerceu sobre os assuntos humanos, apesar das instituições duradouras a que deu origem, apesar da sua universalidade, cujos sinais exteriores em cada terra atingem tão forçosamente o olhar, desde a cúpula que é o orgulho da Cidade Eterna, desde os minaretes cintilantes de Istambul, desde os templos caídos de um mundo passado, até à torre da aldeia e ao altar tosco do homem incivilizado, continuam a ver nesse sentimento apenas uma fraqueza da natureza humana — a essas mentes poderá ser fornecida a prova de que ele é um elemento essencial da constituição mental do homem, muitas vezes decerto mal orientado, mas tendendo ainda para a verdade, tendo os seus objetos reais, adequados e correlativos além deste mundo; e assim o resultado geral poderá ser que seitas e escolas de opinião religiosa em conflito, guiadas por uma luz comum e sempre crescente, possam

gradualmente pôr de lado as suas diferenças e unir-se num movimento harmonioso e progressivo.

Aqueles a quem tais visões possam parecer visionárias são instados a examinar os fundamentos sobre os quais elas assentam: a investigação conduzida séria e perseverantemente dificilmente falhará em convencer as mentes ponderadas, pelo menos, da realidade dos fenómenos chamados espirituais, em provar-lhes (nas palavras de um distinto matemático) "que são coisas que não podem ser tomadas por um ser racional como capazes de explicação por impostura, coincidência ou erro".

Entre os novos mistérios sobre os quais se inquiriu, as pesquisas do Barão Reichenbach não podem deixar de impressionar o estudante de fenómenos espirituais; as suas experiências sobre a ação psico-física dos cristais — da força que deles emana, denominada Ódilo, sobre pessoas sensitivas — sugeriram a ideia de que a propensão para a segunda vista ou clarividência espontânea em certas regiões, nas Terras Altas ocidentais da Escócia, por exemplo, possa dever-se à formação altamente cristalina que ali prevalece nas rochas, das quais, consequentemente, quantidades invulgarmente grandes de força odílica devem ser emitidas.

Uma causa de incredulidade quanto às manifestações de outro mundo é a visão (geralmente, contudo, muito deturpada) a que elas conduzem do estado futuro; tais revelações concernentes ao mesmo, como as que temos dessa fonte, estão sem dúvida em desacordo com as ideias recebidas, indicando, como indicam, um estado semelhante em espécie a esta vida presente, e apenas um degrau mais alto numa série ascendente de existências, uma na qual levamos a nossa natureza humana e na qual o progresso é apenas gradual. Esta visão, por pouco que esteja de acordo com a conceção geral da vida futura, deriva, no entanto, apoio da analogia, harmonizando-se com aquelas visões de progresso físico abertas pela geologia e pelo estudo das formas orgânicas desde tempos primevos.

Concorda-se, tanto por aqueles que defendem que o progresso é o resultado de atos distintos de Omnipotência, como por aqueles que acreditam num princípio progressivo conferido *ab origine* às obras da criação, que onde na sua série se supunha outrora ocorrerem quebras, uma inspeção mais próxima descobriu elos, prosseguindo a cadeia por graus minúsculos; para pedir emprestada a bela imagem de um distinto naturalista, "aprendemos com a história passada do nosso globo que a Natureza avançou com passos lentos e solenes, guiada pela luz arquetípica, por entre os destroços de mundos, desde a primeira corporização da ideia vertebrada sob a sua velha veste ictíaca, até se tornar trajada na veste gloriosa da forma do homem".

A lei do progresso gradual, assim poeticamente exposta pelo Professor Owen, e que vemos estampada em cada parte desta esfera visível, pode bem ser estendida à invisível, pode bem existir para o indivíduo como para a espécie; nem estaria menos em acordo com a analogia inferir que apenas o início de tal progresso seria lento, que quanto mais longe o avanço, mais etéreos os arredores, mais fácil e acelerado ele se tornaria.

O carácter comum de uma grande porção das comunicações espirituais, o carácter extravagante e túmido de algumas, deixam de suscitar perplexidade quando passamos a vê-las como procedentes de seres que foram recentemente habitantes comuns da terra, e que retêm ainda as suas disposições e ideias terrenas. É verdade que permanece a dificuldade sobre o porquê de, pelo menos, uma pequena porção destas comunicações não ostentar a marca de uma sabedoria e génio transcendentes; a ausência nelas de qualquer coisa que iguale, quanto mais ultrapasse, os produtos mais elevados da mente humana, argumenta, deve admitir-se, algum impedimento ao intercâmbio com seres espirituais de uma ordem exaltada; não poderemos ter esperança de o superar? Entretanto, como consequência necessária da condição não progressiva dos seres de quem procede uma grande porção das comunicações, muitas destas apenas confirmam os membros de cada seita nas suas próprias visões, enquanto algumas deram origem a doutrinas (como em França, a da reencarnação) das quais os espiritualistas como corpo recuam.

Não devemos, de facto, esquivar-nos da admissão de que o intercâmbio com o mundo invisível foi a origem de todas as superstições e de todas as teologias erróneas; de que a ele se possa dever até a sua persistência por algum tempo depois de cessarem de harmonizar com o espírito geral da sociedade sobre a qual outrora detiveram domínio.

Para o leitor familiarizado com os fenómenos espirituais, é evidente, mesmo pela narrativa desdenhosa de Gibbon, que a apostasia de Juliano e o seu entusiasmo intenso na causa da fé caída se deveu, na verdade, à comunicação com o mundo invisível; espíritos de pagãos falecidos, ainda apegados ao seu credo terreno, parecem tê-lo impressionado poderosamente, visitando-o e conversando com ele sob as formas dos Deuses do Olimpo; "podemos aprender", diz Gibbon, "pelo seu fiel amigo, o orador Libânio, que ele vivia num intercâmbio perpétuo com os deuses e deusas, que eles desciam à terra para desfrutar da conversação do seu herói favorito, que eles interrompiam gentilmente os seus sonos tocando na sua mão ou no seu cabelo, que o avisavam de cada perigo iminente e o conduziam pela sua sabedoria infalível em cada ação da sua vida".

Que tanto de erróneo tenha sido permitido proceder de fontes espirituais sobre o assunto de maior importância é, de facto, um enigma; será, contudo, mais do que um entre os enigmas que, no nosso estado atual de conhecimento, parecem tão insolúveis quanto dolorosos, quando examinamos o sistema em que temos o nosso ser?

A reivindicação a ser contraposta às admissões que foram feitas é a de que cada doutrina que emanou do mundo espiritual, e foi aceite por qualquer porção considerável da humanidade, ou estabeleceu um código moral onde nenhum existia anteriormente, ou foi uma melhoria em relação ao que substituiu.

Se não devemos fechar os olhos aos perigos da comunicação com outra esfera, por outro lado podemos sentir confiança de que, com o progresso do conhecimento, eles passarão; a quantidade de luz que já foi lançada sobre a natureza das comunicações

espirituais exclui que estas sejam recebidas daqui em diante com uma fé inquestionável, exclui, portanto, o risco de darem origem a novas formas de erro religioso; o carácter geral, além disso, das comunicações espirituais mais elevadas dos dias de hoje é a ausência de ensino dogmático e a afirmação de que é apenas à medida que avançamos na virtude e nos caminhos mais profundos do conhecimento que podemos atingir mais luz na ciência das coisas divinas — qualquer critério quanto à verdade na interpretação da doutrina revelada.

Se a ideia de uma vida futura apenas gradualmente progressiva, e da qual a primeira fase será semelhante em espécie à vida aqui de baixo, não dá origem às mesmas emoções que em momentos de arrebatamento podem encher a alma na antecipação de descanso e felicidade perfeitos após os males da terra; por outro lado, é uma visão mais adequada, talvez, para dar um apoio firme e quotidiano, para oferecer até à última hora um incentivo ao esforço, para despojar essa hora de todos os seus terrores.

Que "o mundo melhor" deva, em geral, excitar tão pouco ardor de aspiração, e seja tão relutantemente aproximado, mesmo em anos avançados, parece uma estranha contradição na natureza humana; não poderá a causa residir, em certa medida, na natureza dos quadros habitualmente apresentados desse mundo, na medida em que estes existem? O pouco que se refere ao mesmo e que cai do púlpito é apenas sombrio e gélido, baseado em algumas expressões bíblicas indefinidas e refletindo geralmente as visões daquela classe de mentes em que os objetivos e alegrias terrenos, se não estão mais ou menos associados ao pecado, são, de qualquer modo, considerados incompatíveis com a dignidade e pureza da vida além do túmulo.

Depois, novamente, quão cheia de melancolia é a linguagem comumente usada em relação à morte; expressões como o lar estreito, o sono longo, implicando como implicam um estado intermédio de duração indefinida, de nada, oferecem precisamente o oposto do quadro que se apresenta ao discípulo da nova doutrina em ligação com a partida deste mundo; como o viajante destinado a alguma bela região ainda desconhecida e "tão cheio de maravilha e de esperança quanto ele", ele olha para a frente para a nova cena como uma em que entrará imediatamente, como uma adaptada à sua natureza presente — uma fase superior da vida eterna começada na terra; pois ali, acredita ele, todas as faculdades humanas encontram um âmbito mais vasto num sistema mais puro, mais refinado, mais plástico à força progressiva, mais em harmonia com o ideal; ali, acredita ele, o Espírito da Verdade guia os seus seguidores com uma tocha mais brilhante, o Espírito da Beleza molda todas as coisas mais perto das formas arquetípicas; ali provaremos em maior perfeição tudo o que aqui inflama ou encanta a mente; ali os laços ternos e os doces afetos da nossa natureza, não perdendo o seu carácter especial, tornar-se-ão apenas mais profundos e intensos; ali, da fonte suprema, uma luz mais radiante fluirá.

O estado de espírito a que o Espiritualismo conduz é bem adequado para nos permitir permanecer calmos sob os ataques dos seus oponentes; para sorrir pacientemente enquanto pessoas sensatas, em inteira ignorância do assunto, o

pronunciam como impostura, enquanto pessoas religiosas o condenam como ímpio, e igualmente enquanto algum sabichão de língua de prata profere perante uma audiência risonha e aplaudidora o ridículo das leis mais profundas e maravilhosas da natureza. Novamente, somos apoiados quando recordamos que a nova doutrina está apenas a sofrer o que cada grande ideia nova, o que cada grande descoberta, teve de sofrer antes de triunfar — o escárnio, a mofa, a deturpação; o erro é persistente, o preconceito difícil de superar, o alarde de César nunca foi pela Verdade.

O carácter não arbitrário dos fenómenos espirituais, a sua sujeição à lei, foram nestas páginas muito instados; e pode de facto afirmar-se que, independentemente das declarações espirituais, não existe um terreno incerto para a inferência de que eles fazem parte da ordem da Natureza, pois, como toda a investigação científica concorre para provar que o acidental ou anómalo não tem existência no universo visível, assim, guiados pela analogia, podemos concluir que o mesmo princípio de ordem é estendido àquela região mais misteriosa de onde estes fenómenos procedem; e intimamente ligados como obviamente estão a condições físicas e fisiológicas subtis pertencentes a esta esfera, de uma natureza não mais aparentemente insolúvel do que outros problemas que receberam solução, o argumento ainda estritamente indutivo garante também a conclusão de que não estão além do limite da investigação, e de que as suas leis serão ultimamente reveladas.

Numa passagem marcante dos seus Ensaios, o falecido Sr. Baden Powell parece lançar um olhar sobre as manifestações espirituais que então começavam a atrair atenção. No estado atual da ciência, observa ele, "de todos os assuntos, aquele sobre o qual sabemos menos é talvez a ligação da nossa natureza corporal e mental, a ação de uma sobre a outra, e toda a vasta gama de sensações, simpatias e influências em que essas afeições são exibidas, e de que temos por vezes manifestações tão extraordinárias em estados peculiares de ação cerebral ou nervosa excitada, sonambulismo, impressões espectrais, os fenómenos de animação suspensa, dupla consciência e afins. Em tais casos, a ciência ainda não avançou para quaisquer generalizações; apenas são apresentados resultados que ainda não foram traçados até leis; contudo, nenhum inquiridor indutivo duvida por um momento de que estas classes de fenómenos estão todas realmente ligadas por algum grande princípio de ordem".

"Se, então, algumas manifestações peculiares aparecessem de um carácter mais extraordinário, ainda menos aparentemente redutíveis a quaisquer princípios conhecidos, não poderia ser duvidado por qualquer mente filosófica que fossem na realidade partes harmoniosas e conspiradoras de alguma série superior de causas ainda não descobertas. As anomalias aparentes mais formidáveis virão, nalgum tempo futuro, sem dúvida, a fundir-se em leis grandes e harmoniosas, a ligação será totalmente estabelecida, e as reivindicações de ordem, continuidade e analogia serão eventualmente vindicadas."[1] Quanto à realidade dos dados sobre os quais estas especulações repousam, cada um deve examinar e julgar por si mesmo.

[1] *Essay on the Spirit of the Inductive Philosophy*, p. 109.

---

## CAPÍTULO I

## CRÍTICAS E RESPOSTAS

### CARTA AO TIMES

Aquando do aparecimento de *Incidentes da Minha Vida*, não tive razão para me queixar do descaso da imprensa, pois vários jornais investiram contra mim com uma rapidez recomendável. Estivera devidamente preparado para o abuso da imprensa em geral e, em vários casos, de modo algum fiquei desapontado. Tenho, contudo, de agradecer a alguns dos que criticaram o meu livro pelo tom justo e imparcial com que trataram o assunto. "The Spectator", "The Times" e o "Morning Herald" exigem uma menção especial a este respeito.

Dou aqui extratos de várias destas críticas: O que se segue foi extraído de uma crítica no "Parthenon".

"A forma estereotipada de começar estas narrativas parece correr assim (citamos do livro do Sr. Home): 'Uma noite, enquanto estávamos sentados à mesa, os espíritos pediram que as velas fossem apagadas', ou, 'Os espíritos então disseram, Apaguem as luzes', o que sendo feito, os encantamentos começam. Suspeitas, também, são as circunstâncias de que há (*sic*) quase invariavelmente uma campainha de mão e um acordeão envolvidos, sendo os espíritos aparentemente muito parciais em tilintar uma e soar o outro ou, antes, como acreditamos, sendo tais instrumentos portáteis facilmente manipulados pelo Sr. Home.

Ora, se os médiuns espirituais fizessem soar o sino grande de St. Paul, ou tocassem o grande órgão sob a cúpula, acreditaríamos neles; mas uma pequena campainha de mão tilintada e um acordeão tocado não nos converterão. É, de facto, mais do que claro que o Sr. Home e a sua fraternidade de médiuns espirituais estão nas condições mais favoráveis possíveis para enganar a sua audiência. À questão de por que os efeitos não são facilmente obtidos à vista de todos (*above board*, significando sobre a mesa) numa primeira sessão, ao passo que são muito facilmente obtidos quando círculos habituados estão presentes, o Sr. Home responde 'que o ceticismo estraga as forças em jogo, que os espíritos realizam o que fazem através da nossa esfera de vida ou atmosfera

que é permeada pelas nossas vontades, e se a vontade for contrária, a esfera é inadequada para ser operada'. Precisamente; os habituados são aqueles que sentem que

'O prazer certamente é tão grande Em ser enganado quanto em enganar',

e são assim facilmente ludibriados; tão facilmente, de facto, que questionamos muito se sequer o quarto escuro é necessário. Agora perguntaríamos, em nome do senso comum, o que há nestas manifestações um til mais extraordinário do que a performance de mágicos famosos que, diga-se de passagem, fazem magia em plena luz do dia e dizem-lhe francamente que pretendem enganar os seus sentidos, e fazem-no apesar de todo o seu poder para descobrir os seus truques. Observamos que o Sr. Home está muito zangado com Lord Brougham e Sir David Brewster porque, após certas performances do Sr. Home no Hotel de Cox, na Jermyn Street, tanto sua Senhoria como Sir David se mostraram céticos. Sir David declara que nem a ele nem a Lord Brougham foi permitido olhar para debaixo da mesa onde estavam sentados; ao que o Sr. Home responde ilogicamente: 'Se o Sr. Cox me permitiu esconder maquinaria sob o drapeado da sua mesa, nobres e cavalheiros que visitei em cada país devem ter-me permitido fazer a mesma coisa'."»

«A esta última observação respondo que o crítico se interrompe na sua citação, pois eu continuo dizendo que "durante anos conheci, e ainda hoje conheço diariamente, homens dos mais altos méritos nas artes e nas ciências que examinaram cuidadosamente, e não se deram por satisfeitos com conjeturas, quer quanto à mesa, quer quanto à maquinaria que se alega estar escondida na minha pessoa". Desafio também o autor da crítica a indicar no meu livro a passagem que ele assinala como uma citação começando com "que o ceticismo estraga", etc., ou a produzir qualquer prova de que eu alguma vez tenha dado tal resposta para justificar a ausência de manifestações. Muitos fenómenos notáveis foram presenciados na minha presença por céticos, e logo na sua "primeira sessão".

A "*Saturday Review*", de 21 de Março de 1863, deteve-se principalmente no pequeno número de testemunhas e, ao mencionar a sessão em que Lord Brougham e Sir David Brewster estiveram presentes, afirmou: "Lord Brougham manteve um silêncio inflexível sobre o assunto. Sir David Brewster acusou abertamente de fraude todo o caso. O testemunho do Sr. Trollope resume-se apenas à sua crença na boa-fé do Sr. Home". A "*Saturday Review*" omite o testemunho do Sr. Trollope quanto aos factos de que não só uma mesa grande foi movida de forma extraordinária, mas que, enquanto era movida, Sir David olhou para debaixo dela e viu-a a mover-se.

Após tentar destruir a credibilidade de todas as outras testemunhas, a "*Saturday Review*" resume assim a questão, determinada a não aceitar outro testemunho que não o de onze membros de uma ou outra das três profissões liberais:

"O que se pretende, num caso como o dos alegados prodígios do Sr. Home, é o testemunho de testemunhas imparciais ou adversas. É da maior importância, ao testar qualquer prodígio, que as pessoas por quem, as testemunhas perante quem, e as circunstâncias sob as quais os eventos extraordinários ocorreram, estejam acima de

qualquer suspeita. O Sr. Home é, segundo o seu próprio relato e pelo testemunho do seu próprio livro, uma pessoa fraca, crédula, pouco instruída e fanática, nascida, criada e educada em histórias maravilhosas, que viveu desde os seus primeiros anos em toda uma atmosfera e miragem de sonho.

As testemunhas, poucas em número e quase inteiramente desconhecidas, encontram-se na mesma condição. Místicos, teósofos, mesmeristas, swedenborguianos — fanáticos de um tipo ou de outro, instruídos e vivendo num estado excitado e antinatural das faculdades espirituais, são representantes de uma classe coeva da existência da mente humana, na qual uma certa parte da constituição mental se encontra em estado doentio, e da qual o 'espiritualismo em todas as eras', isto é, os Stellings, os Böhmes, os Paracelsos, os Guyons, os Hauffes, os Swedenborgs, são o resultado natural. E quanto às circunstâncias sob as quais os fenómenos ocorreram, devemos dizer que um evento não é suscetível de receber crédito quando as suas testemunhas são, na sua maioria, colaboradores anónimos em revistas, quando é realizado numa câmara com luzes apagadas, e sob circunstâncias propositadamente arranjadas para perturbar o julgamento, e apenas na presença de testemunhas favoráveis.

Os factos alegados ainda não foram suficientemente examinados e testados. Quando os espiritualistas forem capazes de apresentar o testemunho de onze homens de elevada reputação e juízo claro — digamos, de onze Juízes, ou onze Conselheiros da Rainha (*Q.C.s*), ou onze Membros do Colégio de Médicos, ou mesmo de onze Bispos — pronunciando, após uma investigação completa e justa, conduzida abertamente e em plena luz do dia, que viram o Sr. Home suspenso no ar, 'um homem de peso entre dez e onze *stone* flutuando pela sala durante muitos minutos', para usar a linguagem explícita do Dr. Gully, teríamos algo mais a dizer. Atualmente, com todo o devido respeito ao Dr. Gully e às outras dez testemunhas, e sem o acusar nem ao Sr. Home de fraude consciente, impostura ou truque de qualquer espécie, e também não negando que tal impostura possa existir — devemos dizer que, seja qual for o valor do testemunho até agora produzido, este é palpavelmente insuficiente. A evidência, tal como se apresenta, é deficiente em qualidade e quantidade; e chega até nós com uma mácula antecedente. Não cumpre os testes reconhecidos nem de um facto comum, quanto mais de um excecional. Não acusamos o Sr. Home de impostura. Esse não é o nosso argumento.

Mas dizemos que milagres alegados, como muitos de origem pagã, da igreja medieval e do Abbé Paris — para tomar um caso muito familiar — estão mais bem autenticados do que os do Sr. Home, ou pelo menos estão tão bem autenticados, embora se saiba hoje que são fictícios, resultando em parte de ilusão, em parte de impostura consciente. Os espiritualistas parecem estar cientes da força deste argumento e respondem-lhe com uma tentativa de mostrar — o que, se é que algo o é, é o resultado do livro do Sr. Howitt — que todas estas transações são verdadeiras; e a sua adoção do Fantasma de Cock Lane é um exemplo notável da dificuldade que sentem. Mas não provará esta linha de argumento um pouco de mais? Sugerir que nunca houve um milagre falso é, no mínimo, tão monstruoso como a doutrina de Home de que qualquer milagre é impossível."

Esta forma fria de caracterizar o Sr. Cox, o Sr. Coleman, o Dr. Wilkinson, o Sr. Pears, o Sr. Crawford, o Sr. Mason, o Dr. Gully, o Sr. Jones, o Sr. Hutchinson e o Sr. e a Sra. Howitt como "fanáticos de um tipo ou de outro", sem outra prova além da sua crença na realidade das manifestações, é peculiarmente característica da "*Saturday Review*". Não me surpreende que objetem ao facto de eu ter, em tantos casos, cedido ao desejo das testemunhas de permanecerem incógnitas, dando apenas as suas iniciais. Os seus nomes completos foram, em geral, dados a conhecer a todos os que fizeram indagações privadas, e o véu sob o qual permanecem no meu livro é transparente para a maioria daqueles que têm interesse no assunto ao ponto de o investigar. O crítico, além disso, ignora totalmente vários nomes que foram dados por extenso no livro.

Queixando-se de "testemunhas anónimas", a "*Saturday Review*" dá um exemplo das iniciais utilizadas:

"O Dr. J. J. G. Wilkinson também testemunha, tanto neste volume como na '*Spiritual Magazine*', uma vasta gama de manifestações. Mas quanto ao que ocorreu em Inglaterra na primeira visita do Sr. Home a este país, estes três nomes — a saber, o Sr. Cox, o Sr. Coleman e o Dr. Wilkinson, e apenas estes — são apresentados pelo Sr. Home. Em Florença, admitimos que se diz pelo Sr. Home que a Condessa O— viu algumas coisas muito maravilhosas; mas com a Condessa O—, ou qualquer outra testemunha anónima, não temos qualquer preocupação. Dispensamos o Conde B—, o Conde de K—, o Abbé C—, a Condessa L—, a Princesa de B— e a Miss E—, e todas as outras iniciais e testemunhas anónimas. Um testemunho como este é simplesmente um insulto ao tribunal.

Após outra visita ao Continente, em Novembro de 1861, o Sr. Home regressou a Inglaterra e as suas manifestações são atestadas por 'um amigo estimado', o Sr. Jones, de Basinghall Street, o Sr. Hutchinson, da Bolsa de Valores, 'um Homem Comum', o Sr. Cox e o Sr. Wilkinson, o Sr. e a Sra. Howitt, 'a Sra. P— no Regent's Park' e a 'Sra. S—'. E estes são todos. Resume-se então a isto: que o imenso número de pessoas 'indicadas por nome ou de outra forma' que prestam testemunho pessoal das manifestações espirituais em Inglaterra são, em quase todos os casos, anónimas ou indicadas apenas por iniciais."

Tenho muito prazer em dar os nomes por extenso e posso assegurar ao meu digno crítico que foi apenas por um sentimento de delicadeza que me abstive de dar os nomes de imediato. A Condessa O— é a Condessa Antoinette Orsini, nascida Condessa Orloff. O Conde B— é o Conde de Beaumont, do nº 12, Rue Royale. O Conde de K—, existem de facto dois Condes de K., sendo os Condes Alexander e Waldimir de Komar. O Abbé C— é o Abbé Deguery, da Madeleine, que foi assassinado pelos Comunistas este ano. A Princesa de B— é a Princesa de Beauvau, nascida Condessa de Komar. Miss E— é Miss Ellice. Mrs. P— é a Sra. Cranford Parks, do nº 7, Cornwall Terrace, Regent's Park. Mrs. S— é a Sra. Henry Senior, cunhada do falecido Nassau Senior.

Diz o autor: "Possivelmente o Sr. Home possa negar a possibilidade de um milagre, mas isto num sentido bastante diferente de um outro famoso Sr. Hume, ou

Home, que também negou a possibilidade de milagres. O presente Sr. Home pode dizer que tudo isto está de acordo com as leis naturais, se apenas conhecêssemos toda a extensão da natureza e das leis da natureza. É apenas um poder natural coordenado com o da gravitação que, no seu caso, suspende a lei da gravitação. Isto é, não há milagre no caso, porque é igualmente uma lei da natureza que os corpos pesados devam, e não devam, cair ao chão. Mas isto é, naturalmente, mera futilidade. Para todos os fins práticos, os eventos acreditados pelo testemunho das onze testemunhas são milagres. São coisas contrárias a toda a experiência conhecida, firme e inalterada, e a própria natureza dos factos, quer optemos por lhes chamar milagres ou não, é tal que os critérios habituais dos milagres lhes podem ser aplicados. Admitimos com os oponentes de Hume — o Hume escocês, não o presente Home americano."

Ninguém poderia, certamente, perante isto, negar que o autor na "*Saturday Review*" tem, pelo menos, o poder de operar milagres. Sou transformado pela sua caneta mágica e fidedigna num "americano". A primeira linha do primeiro capítulo do meu livro começa assim: "Nasci perto de Edimburgo". Prossigo depois afirmando que fui para a América quando tinha cerca de nove anos. Talvez fosse bom dizer à "*Saturday Review*" que Edimburgo é uma cidade de bom tamanho na Escócia, e que eu sou escocês.

O "*Athenæum*", de 14 de Março de 1863, começou por atacar o carácter anónimo do prefácio da seguinte forma: "Este livro impudente e tolo critica-se a si próprio. Uma introdução, professando ser 'escrita por um amigo', apresenta o Sr. Home como 'delicado de saúde, extremamente sensível... de espírito, apresentando-se com a sua narração sem outro fim concebível senão o de propagar o conhecimento daquilo que considera serem verdades importantes; um homem de pendor religioso, de coração puro e desapegado do mundo'; de facto, como uma pessoa que não é objeto adequado para as piadas de Rabsaqués injuriadores!

O Sr. Home, ao longo do seu livro, subscreve este carácter doce e santo de si próprio e dos seus procedimentos, muito à moda de Wandering Willie em '*Redgauntlet*' de Scott, que modestamente coroava os panegíricos do notório pequeno velhaco Benjie acrescentando: 'Tudo o que o rapazinho diz é verdade!'. Mas não sabemos o nome do 'rapazinho' do místico. É apenas amigo do Sr. Home. O Sr. Home responde por ele, e ele responde pelo Sr. Home: é tudo o que sabemos."

Este ataque respondi-o agora ao republicar este prefácio, com o nome do seu autor, o falecido e dotado Dr. Robert Chambers. O crítico assim despacha sumariamente a evidência:

"Três pontos podem ser declarados como necessários de serem tomados em conjunto, mesmo por aqueles dispostos a admitir a existência de uma classe de mediadores sobrenaturais, e que possam desejar julgar até que ponto o Sr. Home é um membro sincero e autoiludido de tal sacerdócio, ou até que ponto é o oposto.

Primeiro, foi repetidamente instado que pessoas que traficavam em mistérios terríveis como estes, tendo uma missão do alto, eram imediatamente vulgarizadas,

deterioradas, entregues aos conselhos de espíritos malignos, se falavam com os mortos, ou faziam os mortos falar, ou os chamavam, ou a qualquer parte deles, à presença visível por lucro. Quando um charlatão miserável após outro foi desmascarado, os puros mantiveram-se tristemente à distância e repudiaram qualquer comunhão com quem trocasse o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas. 'Médium' após 'médium', detetado em impostura, foi anatematizado ou desculpado como tendo-se entregado ao diabo pelo ato vil de venda e troca do seu dom. Ora o Sr. Home, como o Sr. Howitt, de facto, já nos disse, ganhou uma fortuna com os seus espetáculos macabros. Anéis, bolsas (não vazias), outros presentes mais sólidos do que louvores foram derramados sobre ele tão densamente como os chinelos com que as senhoras devotas glorificam o seu querido clérigo favorito.

Segundo, a Igreja Romana sempre considerou práticas como aquelas com que o Sr. Home prosperou como pecaminosas, heréticas e tendentes à perdição. Aqueles que recordam este cânone são convidados a considerar como o Sr. Home, após ter sido convertido do Congregacionalismo ao Catolicismo Romano, se desentendeu com o sincero e severo Père Ravignan, que insistiu para que ele desistisse de tais práticas não autorizadas; também como ele abandonou o seu confessor seguinte, que se esperava pudesse ser mais clemente para com alguém que exercia um comércio tão vivo e proveitoso, e divertia tanta gente importante e cabeças coroadas. De modo que o Sr. Home flutua estranhamente, não apenas no ar, mas entre as duas cadeiras da autoridade e do julgamento privado.

Terceiro, as testemunhas trazidas por ele a depor que respondem pelos seus nomes são poucas. Uma pessoa importante testemunhou o seu maravilhoso poder e integridade inquestionável; um soberano ficou tão impressionado para o bem da sua alma como o Imperador da Rússia ficou por William Allen, o Quacre, mas não sabemos quem foram a pessoa importante e o soberano. Os padrinhos e madrinhas que aparecem nestas páginas para acreditar estes procedimentos são o Sr. Wilkinson (um espiritualista antes de ver o Sr. Home), o Sr. J. G. Crawford, 'um cavalheiro que durante anos resistira a toda a crença em tais fenómenos', o Sr. T. A. Trollope, o Sr. James Wason, solicitador, o Dr. Gully de Malvern, o Sr. John Jones de Basinghall Street, o Sr. James Hutchinson da Bolsa de Valores, o Sr. Cox do hotel na Jermyn Street, o Sr. Coleman de Bayswater, o Sr. e a Sra. Howitt e a Sra. S. C. Hall — a qual última testemunha depõe ter recebido de presente uma touca de renda da falecida Sra. Home, colocada por mãos sobrenaturais no seu joelho!"

O crítico mostra assim quão descuidadamente olhou para o livro:

"No decurso das suas errâncias estrangeiras, o Sr. Home encontrou a irmã do Conde Gregoire Koucheleff Besborodko. A senhora era uma ardente espiritualista e médium, tal como ele próprio. Casaram-se."

Se eu fosse algum dia um operador de milagres, esconderia a minha cabeça diminuída na presença dos meus críticos. Afirmei na página 126 do meu primeiro volume que a minha mulher era irmã da Condessa, mas aqui ela tem de ser transformada

numa Koucheleff Besborodko — mais ainda, descubro agora que ela "era uma ardente espiritualista e médium"; enquanto na página 127 dou como citação a sua conversa comigo quando já estávamos noivos — o seguinte: "Conta-me tudo sobre as batidas espirituais, pois sabes que eu não acredito nelas". Pediria encarecidamente aos meus críticos que me fizessem a honra de ler o meu livro, pois a Verdade permanecerá quando a Ficção falhar.

Após dar alguns extratos do livro, o autor conclui assim:

"Aqui há o suficiente, e mais do que o suficiente, dirão alguns leitores, das revelações do Sr. Home e dos testemunhos dos seus discípulos. Do princípio ao fim, não há uma afirmação no livro apresentada de forma a garantir que um homem sensato lhe preste atenção. Exibir tal volume é expô-lo; e apenas repetiremos a nossa primeira observação — o livro contém a sua própria crítica."

O "*Morning Herald*", de 4 de Abril de 1863, abordou o assunto num espírito de justiça, começando com uma das narrativas da parte inicial do livro e prosseguindo como se segue:

"O carácter geral das circunstâncias relatadas neste volume é provavelmente já bem conhecido da maioria dos nossos leitores. Em certas reuniões, geralmente à noite, quase sempre em escuridão parcial, ouvem-se batidas, a mobília é movida de um lado para o outro, mãos espirituais agarram os pés ou joelhos dos investigadores, acordeões são tocados sem agência humana, lenços atirados para debaixo da mesa são devolvidos com nós, o médium é por vezes erguido no ar e flutua acima das cabeças das outras pessoas presentes, através de batidas ao mencionar as letras do alfabeto as mesas respondem a perguntas que lhes são feitas, por vezes os investigadores recebem mensagens de amigos falecidos escritas numa caligrafia que reconhecem.

Estas são as manifestações comuns que o Sr. Home descreve, e ele afirma que foram muitas vezes repetidas na presença de muitas testemunhas. Como devemos lidar com estas afirmações? É óbvio que o caminho mais fácil seria tratar o Sr. Home como um impostor ou um lunático, e gozar com os truques pouco dignos através dos quais se diz que os espíritos revelam a sua presença. Mas embora este caminho fosse fácil, não podemos considerá-lo sensato. Em primeiro lugar, este espiritualismo é para os seus crentes uma espécie de fé religiosa, e a fé é fortalecida, não ferida, pelo ridículo. Mas, além disso, a questão cresceu demasiado para o riso. Se for falsa, então o impostor que adulterou as mais altas esperanças e sentimentos da humanidade, e que conduziu dezenas, talvez centenas, à loucura, é um vilão a ser denunciado, não alvo de riso; enquanto a própria impostura seria matéria para lágrimas e não para alegria.

Mas se estas coisas forem verdadeiras, não ousamos trazer o tilintar do barrete do nosso bobo para a presença dos mistérios terríveis do mundo invisível. Não; o espiritualismo é um assunto demasiado grave em si mesmo, e tomou um fôlego demasiado firme sobre as mentes dos homens para que se possa rir dele até o fazer desaparecer do mundo. É matéria para investigação séria, e o aparecimento destes volumes dá-nos uma boa oportunidade para olhar de perto para o mesmo.

Mal precisamos de repetir os fortes argumentos *a priori* contra a sua verdade. É improvável que qualquer comunicação seja estabelecida entre os vivos e os espíritos dos mortos; ainda mais improvável que tais comunicações ocorram em momentos que não apresentam razão especial para tal, e a pessoas tão colocadas na vida que a revelação produz o menor bem para os outros e o maior mal para si mesmas. E parece muito improvável que os espíritos partidos devessem estabelecer a comunicação batendo em mesas, tocando '*Home! sweet home*' num acordeão, ou dando nós num lenço de bolso. Qualquer homem que entre na investigação do espiritualismo está obrigado, pensamos, a manter estes argumentos constantemente em mente, para que não acredite com demasiada facilidade. Mas se os fenómenos registados parecem absurdos, não podemos dizer que sejam impossíveis.

Certamente, na fraseologia comum, os homens diriam que era 'impossível' para uma mesa mover-se sem ser empurrada, ou subir sem ser levantada por agência humana. Mas quanto mais um homem aprende, mais cauteloso é quanto a esta palavra 'impossível'. O Sr. Grove mostra-nos no seu livro sobre a 'Correlação de Forças' quão pouco sabemos quanto às leis físicas; sobre as relações da matéria e do espírito mal sabemos algo. Tudo o que podemos dizer é que estas manifestações parecem ser para nós no mais alto grau improváveis. Mas aqui somos confrontados por evidência de que, improváveis ou não, elas ocorreram. O Sr. Home é a nossa primeira testemunha, e estamos obrigados a dizer que não conseguimos ver neste livro quaisquer marcas de loucura ou de engano.

Considerá-lo apenas louco não seria suficiente para refutar as suas afirmações, pois ele diz-nos que as manifestações foram vistas por números de pessoas em diferentes países; e é claro que, se elas acreditaram também, ou todos devem ter sido loucos, ou ele deve ser um impostor, ou a coisa deve ser verdade. Se, como Robert Barclay ou o Pastor Oberlin, ou muitos outros mencionados no livro do Sr. Howitt, ele falasse apenas de visões que ele próprio teve, poderíamos supô-lo louco; mas quando ele declara, e faz uma dúzia de outras pessoas acreditar, que um acordeão é tocado sem mãos, a menos que suponhamos que todas as testemunhas estavam loucas também, e que o instrumento não tocou de todo, ficamos limitados a esta alternativa: ou o Sr. Home é um impostor, ou o espiritualismo é verdade.

Ora quanto à impostura. Decerto o Sr. Home é muito diferente do tipo comum de um impostor. Quando tinha apenas dezoito anos começou a sua carreira de mediunidade, fazendo, ou parecendo fazer, coisas tão difíceis que envolvem quase uma certeza de deteção precoce de qualquer tipo de engano. Em 1852, o Sr. Bryant, o poeta americano, juntou-se a outros três numa declaração de que numa sessão, quando a sala estava bem iluminada, a mesa subiu livre do chão e flutuou na atmosfera por vários segundos; que o Sr. Home lhes instava frequentemente a segurar as suas mãos e pés, e que toda a oportunidade possível lhes era concedida para a inspeção mais próxima.

Terminaram a declaração dizendo: 'Sabemos que não fomos ludibriados nem enganados'. Novamente, não podemos senão notar que as manifestações não são mais elaboradas agora do que eram há doze anos. Poderíamos esperar que um impostor bem-

sucedido usasse as suas vantagens de experiência e riqueza para produzir efeitos novos e mais fortes; mas não foi este o caso com o Sr. Home. As mãos espirituais (de longe a manifestação mais difícil de produzir para um impostor) diz-se terem sido vistas num período muito precoce da sua mediunidade. Novamente, um impostor tenta sempre tecer as suas deceções num sistema; geralmente, para formar algum tipo de seita.

Ora o Sr. Home, com toda a tentação para o fazer dado que convenceu tantos da verdade das manifestações, não só não tenta estabelecer qualquer grande posição para si próprio como o sumo sacerdote do espiritualismo, mas nega constantemente ter qualquer poder no assunto. Após doze anos de mediunidade, ele não propõe qualquer sistema; e fala de si próprio como apenas um instrumento impotente. Assim, falando do ridículo e do opróbrio que são lançados sobre aqueles que confessam a sua crença no espiritualismo, diz: — 'Se for necessário um exemplo da verdade disto, se não for já um facto óbvio neste dia pouco caritativo, deixem que os meus amigos aventureiros observem até que ponto serei abusado, e chamado por nomes feios, e entregue ao diabo, por simples e verdadeiramente escrever neste pequeno livro alguns dos incidentes da minha vida, com cuja produção nada tive a ver'.

De facto, o Sr. Home fala do seu livro como uma coleção de factos, que são dignos de investigação e podem ser considerados úteis em revelar algumas das leis ainda ocultas da criação. 'Seria injusto', diz ele noutro lugar, 'se eu fosse considerado responsável por factos que ocorrem em ligação com a minha organização física e para os quais estou, em mente e intenção, totalmente passivo, mesmo que houvesse algum mal neles'. Devemos notar também a estranheza do facto de o Sr. Home nunca ter sido detetado, se, de facto, ele é um impostor. Para mover mesas pesadas, para se elevar a uma posição horizontal perto do teto, para tocar melodias em guitarras, etc., estas exigiriam maquinaria elaborada. Mas estas coisas foram feitas em palácios e em casas privadas, em cada parte da Europa. Se acreditamos que o Sr. Home é um impostor, teremos de supor que um número de nobres e cavalheiros ajudaram conscientemente o engano. Mas, virando-nos para evidência mais positiva, daremos uma lista de pessoas que o Sr. Home chama como testemunhas. Omitimos os nomes americanos, que são numerosos.

A Sra. Trollope e a sua irmã; o Sr. T. Adolphus Trollope; a Sra. S. C. Hall; o Sr. e a Sra. William Howitt; o Dr. J. M. Gully, de Malvern; o Sr. James Hutchinson, por muitos anos presidente da Bolsa de Valores; o Sr. W. M. Wilkinson, de Hampstead; o Sr. James Wason, solicitador, de Wason Buildings, Liverpool; o Dr. Hoefer, 'um dos homens mais doutos de França'; o Sr. John Jones, de Basinghall Street; o Sr. J. G. Crawford; o Sr. Gilbert Davidson; o Sr. Cox, da Jermyn Street; o Sr. Benjamin Coleman, de Bayswater; o Dr. J. J. Wilkinson; Madame de Cardonne, do nº 233, Rue St. Dominique, St. Germain; o Sr. T. S. Clarke. O Sr. Home foi recebido pelo Imperador dos Franceses, pelo Czar da Rússia, pelo atual Rei da Prússia, pelo Rei de Wurttemberg e pela Rainha da Holanda."»

"O Sr. W. M. Wilkinson afirma que o Lord Lyndhurst testemunhou manifestações. O Sr. Wason declara que a sessão a que esteve presente teve lugar na

mansão de uma pessoa de distinção, em Hyde Park Terrace, e que os outros investigadores eram dois baronetes, um deles membro do Parlamento, e o outro herdeiro e representante de um falecido membro do Parlamento de eminente capacidade; a esposa de um distinto membro do Parlamento ainda vivo, e mais três pessoas, além do Sr. Home.

O Dr. James Manby Gully esteve presente na sessão descrita no famoso artigo intitulado "Stranger than Fiction", que apareceu na Cornhill Magazine de Agosto de 1860. Ele corrobora plenamente as afirmações feitas nesse artigo e diz que os outros senhores presentes eram um solicitador com grande clientela e dois escritores bem conhecidos de obras sólidas e instrutivas.

A Mrs. S. C. Hall relata uma reunião a que assistiu, em que uma jovem senhora era o médium, e diz: "Fui forçada a acreditar que havia verdade na mediunidade e que aqui estava o meio utilizado para comunicar dos espíritos daqueles que partiram antes para aqueles que ainda permanecem na carne."

Na página 63 deste volume é dado um relato notável de certas comunicações espirituais que se diz terem sido feitas numa sessão em Ealing a um distinto romancista, que o leitor não terá dificuldade em reconhecer como Sir Edward Bulwer-Lytton.

Ora, se o Sr. Home for um impostor, a publicação deste livro é um acto da maior loucura. Não só todos aqueles que mencionámos são testemunhas comprometidas da verdade do espiritualismo; mas, se algum homem entre as centenas de ingleses que viram o Sr. Home alguma vez descobriu qualquer espécie de mecanismo ou truque pelo qual estes resultados maravilhosos tenham sido obtidos, está obrigado a falar. Por mais relutante que possa estar em apresentar-se nas discussões públicas, um silêncio prolongado será criminoso.

O testemunho das pessoas nomeadas pelo Sr. Home terá, naturalmente, mais peso junto dos seus amigos pessoais do que junto do público em geral; em vez de extrairmos as suas narrativas, poderemos talvez repetir uma história que ouvimos de um amigo em cujo juízo e veracidade podemos confiar, um clérigo da Church of England, que há muitos anos se dedica ao ensino. Ele conta-nos que a sua esposa era um médium muito sensível.

Numa noite, estando apenas o irmão dele com eles, os três concordaram em realizar uma sessão. A esposa sentou-se à mesa; ele, num canto da sala, fazia perguntas escrevendo-as numa ardósia. As perguntas e respostas foram as seguintes:

"Há um espírito na sala?"
"Sim."
"De quem?"
"A-V" (foi mencionado um nome que ninguém presente reconheceu).
"Viu-me em vida?"
"Sim."
"Onde?"

“Em R-.”
“O que eu estava a fazer?”
“A pregar.”

Os presentes ficaram surpreendidos com isto, pois o nosso amigo só uma vez na vida tinha visitado o local mencionado, e então celebrou o serviço religioso de domingo. Foi feita mais uma pergunta:

“Qual era o meu texto?”

Em resposta foi citado um passo das Escrituras; o clérigo tinha esquecido, no decurso de vários anos, qual o texto que realmente tomara, mas foi ao seu estojo de sermões e verificou que a resposta estava correta.

Até ele nos contar esta história, não poderíamos ter suposto que seria possível duvidarmos da sua palavra. Mesmo com este testemunho não podemos acreditar plenamente. Ele diz, tal como disse o autor no artigo da Cornhill Magazine: “Eu próprio não o teria acreditado pela afirmação de ninguém; não posso esperar que o acreditem pela minha.”

Não admitiremos que somos crentes no espiritualismo, mas somos obrigados a reconhecer que a prova é demasiado forte para ser ridicularizada ou ignorada. Gostaríamos muito de encontrar o Sr. Home e, na companhia de outros senhores que nunca tenham sido testemunhas destas manifestações e com o único desejo de obter a verdade, investigar completamente o assunto. Até lá, as nossas opiniões profundamente enraizadas, por um lado, e o peso das provas, por outro, obrigam-nos a manter o nosso juízo suspenso.

Temos apenas espaço para acrescentar uma ou duas observações sobre o assunto em geral. Recomendaríamos fortemente que não fosse discutido com crianças nem com pessoas sujeitas a quaisquer perturbações nervosas que por vezes conduzem à loucura. Não conseguimos imaginar nada mais suscetível de enlouquecer alguém do que a crença de que a barreira entre os vivos e os mortos foi derrubada e que aqueles que conhecemos e perdemos podem tocar-nos e falar-nos, transmitindo-nos mensagens de verdade ou de falsidade.

Nesta última palavra há um pensamento terrível. O Sr. Home e o William Howitt acreditam ambos que podemos ter comunicação tanto com espíritos malignos como com espíritos bons; e que os primeiros podem dizer mentiras aos homens para os enganar até à sua destruição. É uma crença terrível. Se um homem se persuadisse uma vez de que era uma voz sobrenatural que lhe falava, ficaria à mercê de cada palavra que essa voz pudesse dizer.

Onde estão aqueles — haverá, de facto, alguns — cuja fé no Deus que a Bíblia nos revela seria suficientemente forte para pôr de lado, com descrença, uma mensagem que se soubesse vir do mundo dos espíritos? O nosso clero deve prestar atenção a isto; não é assunto trivial. Se esta coisa for verdadeira, é uma grande bênção para o mundo que não tenha sido ligada a falsas doutrinas. Há um texto que fala de prodígios que, se

fosse possível, enganariam até os próprios eleitos; se o espiritualismo for verdadeiro, não poderá ter sido enviado para preparar o mundo para esses falsos profetas, que realizarão verdadeiros milagres para sustentar falsas doutrinas e que serão a última prova da fé da Igreja?"

O "Literary Times", de 21 de Março de 1863, dizia:

"Em conclusão, temos apenas a declarar que, se 'Incidents in My Life' for um livro verdadeiro e honesto, é uma das obras mais importantes jamais apresentadas ao mundo. Mas, se o contrário for o caso, então o Sr. Home é o maior impostor que alguma vez iludiu a humanidade. É intolerável que ele e os seus amigos ocupem a sua atual posição equívoca. Porque não pode a sociedade despertar e decidir expulsar estes homens como falsos profetas, ou reconhecê-los como apóstolos de uma nova fé, por mais sem valor que essa fé possa ser para o mundo?"

Não considero "Incidents in My Life" como "uma das obras mais importantes jamais apresentadas ao mundo", mas sei que é um "livro verdadeiro e honesto". Pode ser intolerável para o autor da crítica que eu, com os meus amigos, desfrute de qualquer posição que seja. Receio que o seu poder de tolerância tenha ainda de ser mais posto à prova, visto que a minha posição atual é um grande melhoramento em relação ao que era quando ele escreveu, e apenas peço que "a sociedade desperte" sob a forma de uma investigação honesta e sem preconceitos.

O crítico de "The Critic", de Abril de 1863, depois de criticar (?) a "History of the Supernatural" do Sr. Howitt, continua assim:

"Voltamo-nos agora para 'Incidents in My Life' do Sr. D. D. Home, e devemos confessar francamente que, depois da sua leitura, sentimos que grande parte daquela caridade cristã e disposição para ouvir que o Sr. Howitt despertara no nosso íntimo se evaporou perante a impudência sem paralelo deste 'médium'.

Com ele (o Sr. Howitt) podemos estar perfeitamente seguros de que a sua fé é genuína. Ele não é movido por outro motivo senão por um sincero desejo de ver a verdade conhecida. Podemos dizer o mesmo do Sr. Home?

Mas não é de modo algum ao elemento espiritual do livro que levantamos objeções, tanto quanto ao mau gosto exibido ao longo de toda a obra."

O autor censura-me então pelo que se digna chamar o meu "tratamento impudente de Sir David Brewster", e passa a demonstrar que não só o seu "coração" ficou privado de "caridade cristã", mas também da verdade, pois apresenta uma anedota (?), aparentemente inventada no momento. Refiro-me a ela na minha carta ao The Times de 16 de Abril.

O "The Spectator", de 14 de Março de 1863, que comentou a obra como sendo de David Douglas Home, disse:

"Este é um livro muito embaraçoso de criticar", e prosseguiu num tom que, de um ponto de vista incrédulo, era bastante justo, dizendo:

"Nem os prodígios que nos são relatados se baseiam de modo algum apenas no testemunho do próprio Sr. Home. Se esse senhor for um enganador deliberado, ainda assim seria muito difícil considerar as histórias aqui relatadas como afetando apenas a sua veracidade, embora, naturalmente, não possamos dizer até que ponto a imaginação de atores secundários poderá ter ajudado na obra da ilusão.

Os factos do livro, sejam falsos ou não, conduzem todos a uma conclusão: que as portas entre o mundo dos vivos e o dos que partiram estão sempre abertas, e que as condições não são de modo algum muito raras que nos permitem receber provas de que estão assim abertas e beneficiar da experiência sobrenatural daqueles que já partiram. Estes fenómenos são o A B C da vida para o Sr. Home, se o pudermos considerar sincero; e, contudo, se pudéssemos aceitá-los como genuínos, deveriam quase absorver a atenção da ciência mais elevada, da fé mais profunda e das mais verdadeiras afeições humanas."

"Sem, portanto, qualquer predisposição para acusar o Sr. Home de desonestidade — desonestidade que, se o for, pareceria ser partilhada por pelo menos uma testemunha em cuja honra pessoal temos boas razões para acreditar, o Dr. Wilkinson, o conhecido biógrafo de Emanuel Swedenborg — não podemos deixar de abordar este livro numa atitude de simples incredulidade."

"Quanto às histórias relacionadas com a morte da Sra. Home, relatadas em parte pelo seu marido e em parte pelas suas amigas, a Sra. Howitt e a Sra. S. C. Hall, não desejamos fazer comentários. Quase mais maravilhosas do que as restantes, estão ainda assim escritas com tanto sentimento que seria brutal ridicularizá-las, e contudo é totalmente impossível acreditar nelas. Devemos acrescentar, no entanto, que, admitido o carácter absurdo dos fenómenos, o livro do Sr. Home está escrito do princípio ao fim com mais simplicidade e menos afetação de qualquer espécie do que qualquer outro livro da sua classe."

"Este artigo não é crítica — porque a única crítica verdadeira sobre o livro é um de três veredictos práticos: 'Sincero, mas louco'; 'são, mas mentiroso'; ou 'ao mesmo tempo são e sincero'. Não vemos qualquer indício de que o Sr. Home seja louco e, se o for, terá tornado tantas outras pessoas loucas também que o primeiro veredicto seria irracional.

Ora, não temos direito de dar o segundo, nem poder de dar o terceiro. Sem conhecimento pessoal de um homem, é injusto decidir contra a sua veracidade, especialmente quando apoiado por homens que, se entusiastas, são pelo menos conhecidos por nós como honrados."

O "The Spectator" assinalou ainda um erro histórico relativamente a um facto relatado no livro na página 123, e o mesmo foi notado pelo The Times. A isso respondi na minha carta ao "Times", que será encontrada mais adiante. No capítulo seguinte apresento também, da crítica do "Spectator", um excerto que se refere à controvérsia com Sir David Brewster.

A crítica no The Times começava com a observação:

"Este volume, no qual o Sr. Home relata os incidentes da sua vida, ou antes da sua comunhão com o mundo dos espíritos, é uma produção muito singular nesta era materialista."

Depois de uma análise do livro, de modo algum injusta e estendendo-se por quase três colunas, o artigo conclui com uma anedota do Samuel Johnson, terminando com a observação:

"A história carece de congruência."

Como o engenho foi definido como "a associação apropriada de ideias incongruentes", esta observação pode ser espirituosa; mas não tenho necessidade de a contestar, pois não contém argumento algum contra o que publiquei.

Na altura em que a crítica apareceu eu estava em França, mas quando me foi enviada escrevi imediatamente ao "The Times" a seguinte carta, que apareceu nesse jornal em 16 de Abril de 1863:

"Senhor, — Permita-me agradecer-lhe a crítica generosa do meu livro que apareceu nas suas colunas a 9 de Abril. Não censuro ninguém por não acreditar nos estranhos fenómenos que ocorrem na minha presença; mas considero injusto quando os críticos escrevem para condenar um livro que nem sequer se deram ao trabalho de ler.

Um escritor mata o meu filho, outro o meu pai, e um terceiro chama-me americano. O 'The Spectator', como justamente diz, descobre um erro nas datas tal como eu as apresentei. Escrevi imediatamente ao editor, dando-lhe o nome e o endereço do cavalheiro a quem o incidente ocorreu, para que pudesse averiguar como o erro tinha surgido.

Depois escrevi novamente para dizer que tinha visto o cavalheiro, que acabara de regressar do continente e estava doente, mas ao mesmo tempo expliquei que o erro era inteiramente meu, visto que o facto mencionado ocorreu realmente no outono de 1856, e era tanto mais singular por ter acontecido numa altura em que o estranho poder me tinha abandonado.

Expliquei também que o jovem oficial referido como 'Gregoire' se tornou um médium, e que esta faculdade singular permaneceu com ele durante muitos meses.

Incluo também o nome e o endereço do cavalheiro e apenas peço que não sejam publicados. Ainda assim sei que o Sr. — lhe fornecerá qualquer informação que possa necessitar e que testemunhará de bom grado não só a completa veracidade do que relatei, mas dirá que nem sequer tornei a história tão maravilhosa como realmente foi."

No que respeita à outra história "que exige explicação", encontro-me exatamente na mesma posição que o senhor e ficarei mais do que satisfeito por que ela seja "verificada ou explicada". Tenho ouvido a mesma história contada sob tantas formas diferentes, e sempre, ainda assim, relatada como tendo acontecido ao Sr. Monckton

Milnes, que gostaria muito de saber onde poderiam ter começado tais deturpações deliberadas. O incidente foi, de início, muito simples. O Sr. Monckton Milnes estava presente numa sessão em que havia sete ou oito senhoras e cavalheiros. Eu estava sentado à mesa o mais afastado dele, e durante uma parte da sessão, que decorreu numa sala às escuras, senti algo tangivelmente material passar sobre o meu rosto. Levantei a mão para reter fosse o que fosse, mas escapou-se-me. Disse isto aos que estavam presentes e, quando alguém disse: "Também acabei de ser tocado", respondi: "Então, porque não fez como eu, senhor, e tentou retê-lo?" O Sr. Monckton Milnes disse então: "Fui tocado várias vezes e agora apanhei seja lá o que for. Oh, é um lenço de bolso!"

A questão passou então a ser geral quanto a saber a quem poderia pertencer, havendo dois ou três nos colos das senhoras, ou então sobre a mesa; mas não pudemos então averiguar a quem pertencia o lenço. A sessão continuou pelo menos meia hora depois disto e, quando se fez luz, o lenço veio a revelar-se, por acaso, o meu. Ora, eu gostaria que se explicasse como poderia eu, por qualquer possibilidade, ter estendido os braços o suficiente para tocar no Sr. Monckton Milnes, estando ele, como já disse, o mais afastado de mim à mesa; e, mesmo que o tivesse feito, porque não poderia eu ter pegado, com a mesma facilidade, num dos lenços que estavam sobre a mesa, em vez de pegar no meu próprio?

O simples facto de o lenço ser meu não prova nada, a meu ver. Como foi ele parar por cima da cabeça dele, quando o mais ligeiro movimento que eu fizesse não teria deixado de ser observado pelos que estavam sentados ao meu lado? Também não me coube em sorte ter de lidar com tolos ou com loucos e, se depois de treze anos de vida pública, durante a maior parte dos quais passei o tempo com pessoas que observavam suspeitosamente cada uma das minhas ações, esperando ansiosamente descobrir algum meio material pelo qual todas estas coisas pudessem ser realizadas, se, depois de tudo isto, quaisquer pessoas vierem apresentar-se e relatar um caso em que elas, e os que estavam presentes com elas, me provaram ser um impostor, aceitarei a sua decisão.

Não pode ser uma só pessoa, pela simples razão de que a minha experiência tem sido peculiar a este respeito. Encontrei pessoas que, para sustentar uma ideia preconcebida, não hesitariam em recorrer às mais grosseiras inverdades para defender as suas ideias. Para o provar, basta-me aludir a uma história contada no "Critic" deste mês, onde se relata que eu teria argumentado que uma suposta mensagem de um espírito não podia deixar de ser verdadeira, por ser o espírito do meu pai que falava. O meu pai está vivo e de boa saúde, e toda a história não contém sequer uma sílaba de verdade. Porque não vem a público o "cavalheiro" (?) que conta essa história ao "Critic" e nos dá o seu nome?

Estas coisas são demasiado sérias para serem tratadas senão com franqueza. O simples facto de se chamar nomes desagradáveis a um homem não prova que ele os mereça. Que cada homem prove a sua posição e, se quinhentos nomes de homens de categoria, homens de juízo bom e sólido, e homens bem conhecidos pela sua veracidade — digo eu, se estes puderem ser tidos em conta, então fica provada a minha posição, pelo menos no sentido de que nunca os enganei. Não deve haver imposição

"conjetural", pois essas conjeturas afastam demasiado os homens da simples verdade. As notícias de jornal segundo as quais fiz uma grande fortuna graças aos meus poderes são puras invenções ou "conjeturas".

O único bem que alguma vez retirei "do dom" é o conhecimento de que muitos que nunca tinham acreditado numa existência futura são agora felizes na certeza da "vida que há de vir".

Tenho a honra de ser, senhor, seu muito obediente,

## CAPÍTULO II

## SIR DAVID BREWSTER, LORD BROUGHAM,

## CARTAS E TESTEMUNHO, DR. ELLIOTTSON,

## INCIDENTES PROFÉTICOS

Como a controvérsia com o falecido Sir David Brewster foi discutida com algum desenvolvimento no Apêndice do meu volume anterior, tencionava eu deixar repousar o assunto e não voltar a aludir-lhe. Mas o tema foi retomado pela filha de Brewster na "Home Life" de seu pai, e vejo-me obrigado a tomar conhecimento das suas afirmações, às quais o Sr. Coleman aludiu no "Spiritual Magazine" de Maio de 1870, num artigo do qual extraio algumas passagens, como segue:

"A conduta do falecido Sir David Brewster nas suas relações com o célebre médium, o Sr. Daniel D. Home, e a controvérsia que surgiu no ano de 1855, formam um episódio destacado na história do Espiritualismo inglês.

"Que 'os mortos não contam histórias' é um adágio que os espiritualistas não podem admitir. Sabemos que os chamados mortos, em muitos casos, e sob certas condições, regressam e contam-nos muitas histórias.

"Mas nós, que tivemos muita experiência, somos cautelosos em aceitar tudo o que nos é revelado por este meio e, se eu estivesse agora a lidar com uma mensagem que pretendesse ter vindo do espírito do filósofo falecido através dos canais comuns da mediunidade, hesitaria antes de me aventurar a fazer um anúncio público do facto. Há, porém, outros meios pelos quais as vozes dos mortos nos falam — a saber, pelos registos dos seus atos públicos e privados quando vivos. Acabo de encontrar um que, vindo como vem pela mediunidade da própria filha de Sir David Brewster, não será contestado; e, como tende a justificar as declarações feitas por aqueles que se apresentaram em 1857 para defender o Sr. Home e o carácter genuíno das manifestações testemunhadas por Sir David Brewster e Lord Brougham, pode, julgo eu com propriedade, encontrar lugar nas páginas desta revista.

"O falecido Sr. William Cox, de Jermyn Street, com quem o Sr. Home residia em 1854-5, convidou Lord Brougham e Sir David Brewster1 para uma sessão privada; e o Sr. Cox, que era um cavalheiro inteligente e muito respeitado, contou-me no dia seguinte quão profundamente impressionados ambos os seus visitantes tinham ficado

com o que tinham testemunhado, e descreveu-me minuciosamente os vários incidentes que tiveram lugar, dos quais tomei notas na altura. Esta informação foi corroborada numa breve conversa que posteriormente tive com Lord Brougham, e de novo numa longa discussão com Sir David no Athenæum Club; ocasião em que ele admitiu plenamente os factos e disse que não os podia atribuir nem a truques nem a ilusão dos sentidos. 'Mas', acrescentou ele com muita ênfase, batendo com a mão no joelho, 'espírito é a última coisa a que eu cederei!'

"Ver-se-á que, quando Sir David Brewster fazia publicamente as mais descorteses e infundadas insinuações contra o Sr. Home, e negava da forma mais categórica as declarações feitas por mim em Outubro de 1855, já tinha registado em privado, no mês de Junho anterior, uma refutação completa das suas próprias palavras; ao que agora se mostra que o próprio Sir David era UM MÉDIUM! Um VIDENTE, de facto, com as suas experiências particulares. A declaração da sua filha sobre este ponto é suficientemente clara e conclusiva: o relato que ela faz do que chama a sua 'natureza dual', e das suas convicções finais sobre o Espiritualismo, é curioso e instrutivo. Diz a Sra. Gordon:

"'O carácter de Brewster era singularmente suscetível de ser mal interpretado por causa da sua natureza nitidamente dual; era composto de opostos, e o seu temperamento e as suas expressões particularmente impulsivos expunham-no à acusação de incoerência, embora ele nunca a reconhecesse em si mesmo, consciente de que falava de modo coerente com o ponto de vista a partir do qual fazia as suas observações no momento. Habituado a olhar para cada assunto com a investigação crítica do homem de ciência, reunia contudo os sentimentos do homem de impulso, e falava movido por um ou outro hábito. Nada podia mostrar isto melhor do que as suas opiniões e sentimentos relativamente à clarividência e às pancadas dos espíritos.

Como muitos escoceses de génio e intelecto, tivera uma forte inclinação para o supersticioso desde os dias da abóbada do campanário e da casinha sob a macieira, equilibrada, porém, por uma mente científica que exigia prova e demonstração para tudo o que se lhe apresentava. A sua própria e singular confissão de que tinha 'medo de fantasmas, embora não acreditasse neles', era tão próxima da verdade quanto possível. Vivendo numa casa antiga, assombrada, dizia-se, pela erudita sombra de George Buchanan, na qual certamente se ouviam com frequência os ruídos mais estranhos e inexplicáveis, os seus passos chegavam por vezes a fazer o trajeto do seu gabinete até ao seu quarto em plena noite a passo de corrida; e de manhã costumava confessar que ficar sentado sozinho até tarde o deixava bastante inquieto.

Numa dessas ocasiões, em que a retirada fora mais rápida do que o habitual, contou ter visto distintamente a figura do falecido Rev. Charles Lyon, então clérigo episcopal de St. Andrew's e amigo dedicado seu, erguendo-se pálida e cinzenta como um busto de mármore. Muitas vezes mencionou o alívio que sentira ao verificar que nada acontecera ao seu amigo, e observava assim como uma boa história de fantasmas ficara estragada. Uma certa excitação prazerosa combinava-se com essa sensação de inquietação, e muitos recordarão o encanto das suas histórias de fantasmas, contadas

com tanta simplicidade, sinceridade e verosimilhança de crença, que numa ocasião mereceram o desconcertante elogio de uma bela jovem ouvinte em Ramornie desmaiar redondamente.

"'Por outro lado, gostava igualmente de dar explicações naturais e científicas para os prodígios fantasmagóricos, e costumava deter-se com grande interesse nas dificuldades da prova em tudo o que dizia respeito ao sobrenatural, apontando os desvios inconscientes do testemunho exato dados por pessoas de retidão indubitável sob a influência de ideias preconcebidas. Muito deste sentimento misto levou ele consigo para as suas investigações sobre a clarividência e os prodígios aparentados.

"'Desejava realmente acreditar em muitos prodígios aos quais a sua constituição mental recusava inteiramente crédito; e este sentimento, combinado com uma cortesia característica e o desejo de agradar, induzia muitas vezes em erro aqueles cujas pretensões ele examinava com o maior espírito crítico.

"'Numa ocasião, quando a exibição de uma senhora clarividente levou o seu companheiro a manifestar uma incredulidade indignada, que foi declarada ser a causa do fracasso, a sua doçura e cortesia, desfazendo dificuldades, desculpando os erros dos poderes sobrenaturais e proporcionando toda a facilidade para maior êxito, impediram a clarividente, de visão fraca, de reconhecer a incredulidade igual, mas muito mais filosófica, que era aplicada ao seu caso. Afirmava sempre que, dos muitos casos que assim lhe tinham passado diante dos olhos, nunca vira nada tão maravilhoso que pudesse dizer não admitir explicação natural, embora, acerca de alguns, dissesse francamente que não conseguia nem ver nem compreender a solução.

"'Mais tarde passou a adotar pontos de vista ainda mais profundos acerca desta escola de prodígios, examinando minuciosamente as Escrituras em busca de passagens que descrevessem os espíritos que outrora "sussurravam e murmuravam", ou aqueles cujos "prodígios mentirosos" ainda estão para vir, e declarando crer que, se o espiritualismo moderno com as suas manifestações for uma verdade, poderá ser um cumprimento da obra profetizada do Maligno e dos seus agentes.'"

A Sra. Gordon diz também: — "Embora a sua timidez tivesse o elemento dual, manifestado muito antes, na escola de Gramática e no recreio de Jedburgh, de nunca temer o rosto de homem algum, ele mostrava muito dela em ligação com a criação inferior." E ela poderia ter acrescentado que existe uma larga distinção entre a coragem física que estimula um homem a lutar com os punhos e a coragem moral necessária para declarar a verdade com firmeza, por maior que seja o perigo de a sua reputação sofrer por o fazer.

Para mostrar o carácter dual de Sir David, que assinalei por figuras semelhantes em cada carta, republico aqui a sua carta ao Sr. Coleman em Outubro, na parte que se refere à sessão no Hotel de Cox, ao lado daquela que escrevera à sua filha em Junho.

Em Outubro escreveu ele:

"Posso, de uma vez por todas, admitir que tanto Lord Brougham como eu reconhecemos livremente que ficámos perplexos com as exibições do Sr. Home e não conseguíamos explicá-las. Nenhum de nós pretende ser decifrador de enigmas, quer verbais quer mecânicos; mas, se nos tivesse sido permitido lançar uma vista de olhos (1.) por baixo do reposteiro da mesa do Sr. Cox, ter-nos-íamos poupado à mortificação desta confissão. Passo agora aos factos do caso:

"1. Não é verdade, como o senhor afirma, que uma grande mesa de jantar tenha sido deslocada em casa do Sr. Cox da maneira mais extraordinária. (2.)

"2. Não é verdade, como o senhor afirma, que um grande acordeão 'tenha sido transportado por uma agência invisível, ou qualquer outra, para a minha mão'. Fui eu próprio que o peguei, e ele não emitiu um som.

"3. Não é verdade que o acordeão tenha sido transportado para a mão de Lord Brougham. Foi-lhe colocado na mão.

"4. Não é verdade que o acordeão tenha tocado uma melodia inteira nas mãos de Lord Brougham. Limitou-se a chiar.

O seguinte aparece na "Home Life", sob a data de Junho de 1855.

"Por fim fui com Lord Brougham a uma sessão do novo bate-espíritos, o Sr. Home, um rapaz de vinte anos, filho de um irmão do falecido Conde de Home. Foi para me acompanhar, a fim de ajudar a descobrir o truque.

*1 Não penso que Sir David tivesse qualquer intenção de faltar à verdade nesta carta à Sra. Gordon, e só posso supor que, quanto a este ponto, tenha sido mal informado. O meu pai é filho natural de Alexander, décimo Conde de Home. A Sra. Gordon parece ter herdado a natureza dual do pai, pois, tendo o atual Conde de Home escrito para ela a fim de saber em que fundamentos se baseava a pretensão de que eu seria filho de um irmão do falecido Conde, ela respondeu que tais fundamentos eram meus, e que eu os apresentara até mesmo no processo em Chancery Lyon v. Home. Lord Home escreveu a um amigo comum para averiguar a verdade disto, declarando ao mesmo tempo que não tinha memória de que eu alguma vez tivesse feito semelhante pretensão. Escrevi uma carta para Sua Senhoria ver, na qual declarava não ter qualquer desejo de estabelecer tal pretensão, e expunha qual era a minha ligação à família.*

Nós os quatro sentámo-nos a uma mesa de tamanho moderado, cuja estrutura fomos convidados a examinar. (1.) Pouco depois a mesa estremeceu, e um movimento trémulo subiu-nos por ambos os braços; a nosso pedido, esses movimentos cessaram e voltaram. Produziram-se as mais inexplicáveis pancadas em várias partes da mesa; e a mesa chegou mesmo a elevar-se do chão quando nenhuma

"5. Não é verdade, como foi afirmado num artigo referido pelo Sr. Home, que o relógio de Lord Brougham tenha sido tirado do seu bolso e encontrado nas mãos de outra pessoa na sala.' Nenhuma experiência desse género foi tentada.

“6. Não é verdade, como afirmou o Sr. Cox, que eu tenha dito que as experiências do Sr. Home ‘derrubavam a filosofia de cinquenta anos’. Essas são palavras do Sr. Coleman, usadas, segundo ele alega, por ele próprio, e muito falsamente postas na minha boca pelo Sr. Cox.

“Embora eu não tenha recorrido à memória de Lord Brougham relativamente a estas afirmações, não tenho dúvida de que Sua Senhoria confirmaria, se necessário fosse, tudo quanto eu disse.

“Em resposta ao Sr. Cox, posso aproveitar esta oportunidade para responder ao seu pedido, dizendo-lhe o que vi e o que penso disso. Em casa do Sr. Cox, o Sr. Home, Lord Brougham e eu sentámo-nos a uma pequena mesa, tendo o Sr. Home previamente pedido que examinássemos se havia algum mecanismo na sua pessoa, exame que, contudo, recusámos fazer. Quando todas as nossas mãos estavam sobre a mesa, ouviram-se ruídos, pancadas em abundância; e, por fim, quando nos levantámos, a mesa elevou-se efetivamente, tanto quanto me pareceu, do chão. Não pretendo explicar este resultado; mas, em vez de acreditar que foram espíritos que fizeram o ruído, conjeturarei antes que as pancadas foram produzidas pelos dedos dos pés do Sr. Home, que, como se verá, estavam ativos noutra ocasião; ou, como o Dr. Schiff mostrou, ‘pelo deslocamento repetido do tendão do músculo peroneus longus na bainha em que desliza por detrás do maléolo externo’; e, em vez de acreditar que foram espíritos que levantaram a mesa, conjeturarei antes que isso foi feito por meio dos pés do Sr. Home, que estavam sempre por baixo dela.

“Algum tempo depois desta experiência, o Sr. Home saiu da sala e regressou: provavelmente para se equipar para os feitos que haviam de ser executados pelos espíritos debaixo de uma grande mesa redonda coberta por abundante reposteiro, sob o qual ninguém tinha licença de olhar. ‘Os espíritos são impotentes acima da mesa.’ Além disso, os experimentos com o acordeão, já mencionados, uma pequena sineta de mão, para ser tocada pelos espíritos, foi colocada no chão, perto dos meus pés. Posicionei os meus pés em volta dela em forma de ângulo, para capturar qualquer aparelho intrusivo. A sineta não tocou (3.); mas, quando levada para um local perto dos pés do Sr. Home, atravessou rapidamente e colocou a sua pega na minha mão. Isto foi divertido.

Fez a mesma coisa, de forma desastrada, a Lord Brougham, batendo contra os nós dos dedos de Sua Senhoria e, após um tinido, caiu. Como estes efeitos foram produzidos, nem Lord Brougham nem eu soubemos dizer, mas conjeturo que possam ser produzidos por maquinaria acoplada às extremidades inferiores do Sr. Home. (4.)"

"O seguinte aparece na obra *Home Life*, sob a data de junho de 1855. Por último, fui com Lord Brougham a uma sessão do novo 'spirit-rapper' (batedor de espíritos), o Sr. Home, um rapaz de vinte anos, filho de um irmão do falecido Conde de Home. Ele foi para a América aos sete anos e, embora seja um americano naturalizado, é na verdade escocês. O Sr. Home reside no hotel de Coxe, na Jermyn Street; e o Sr. Coxe, que conhece Lord Brougham, desejou que este tivesse uma sessão, tendo sua senhoria convidado-me para o acompanhar a fim de ajudar a descobrir o truque. Nós quatro

sentámo-nos a uma mesa de dimensões moderadas, cuja estrutura fomos convidados a examinar. (1.) Em pouco tempo a mesa estremeceu, e um movimento trémulo percorreu todos os nossos braços; ao nosso comando, estes movimentos cessavam e regressavam. Batidas inexplicáveis foram produzidas em várias partes da mesa; e a mesa chegou a erguer-se do chão quando nenhuma mão estava sobre ela. Foi trazida uma mesa maior, que apresentou movimentos semelhantes. (2.) Um acordeão foi segurado na mão de Lord Brougham e emitiu uma única nota; mas a experiência falhou; não tocou nem na mão dele nem na minha. Depois foi colocada uma pequena campainha de mão com a boca virada para o tapete; e, depois de permanecer assim algum tempo, tocou efetivamente, quando nada lhe podia ter tocado. (3.) A campainha foi então colocada do outro lado, ainda sobre o tapete, e veio até mim, colocando-se na minha mão. Fez o mesmo com Lord Brougham.

Estas foram as principais experiências. Não lhes pudemos dar explicação e não conseguimos conjeturar como poderiam ser produzidas por qualquer tipo de mecanismo. (4.)

Por vezes vêem-se e sentem-se mãos; a mão aperta frequentemente outra e desvanece-se, por assim dizer, sob o aperto. O objetivo de fazer com que Lord Brougham e eu fôssemos

parece ter sido obter a nossa opinião favorável sobre a exibição; mas, embora nenhum de nós possa explicar o que viu, não acreditamos que tenha sido obra de espíritos ociosos."

*NOTA.*

*Uma nova prova da dualidade de Sir David Brewster manifesta-se no decurso desta única e breve carta à sua filha, pois, no princípio, diz ele: "Lord Brougham convidou-me a acompanhá-lo", e no fim fala de "o objetivo de fazer com que Lord Brougham e eu fôssemos". O facto é que Lord Brougham tinha sido convidado e, cerca de duas horas antes da sessão, mandou dizer que desejava trazer Sir David Brewster. Como não é meu hábito dar exibições, não foi procurada qualquer opinião favorável de nenhum dos visitantes.*

As negativas públicas e mentirosas de Sir David Brewster no "Morning Advertiser" não suscitaram qualquer confirmação de Lord Brougham, embora essa confirmação, se a pudesse ter obtido, tivesse sido sumamente agradável a Sir David. As opiniões finais de Lord Brougham sobre o espiritualismo são indicadas por ele próprio na seguinte passagem que conclui o prefácio de Sua Senhoria a uma obra intitulada "The Book of Nature", do Sr. Charles O. Groom Napier, F.C.S., publicada em 1870: —

"Há apenas uma questão que eu colocaria ao autor: será o espiritualismo desta obra algo alheio à nossa era materialista e industrial? — Não; porque, entre as variedades de espírito que diversas circunstâncias produzem, encontram-se aqueles que cultivam as faculdades mais elevadas do homem; é a esses que o autor se dirige. Mas

mesmo nos céus mais límpidos do ceticismo eu vejo uma nuvem de chuva, ainda que não seja maior do que a mão de um homem: é o Espiritualismo Moderno."

Espero que o Editor das memórias de Lord Brougham dê ao mundo, de forma justa, as cartas de Sua Senhoria que contêm o relato da sessão no Hotel de Cox. Embora Lord Brougham, a pedido especial de Sir David Brewster, transmitido por telégrafo, se tenha abstido de publicar essas cartas, não era capaz de ceder ao pedido ulterior de Sir David para se apresentar a confirmar a carta mentirosa de Sir David de Outubro de 1855.

Desejo também acrescentar à observação do Sr. Coleman de que o Sr. Cox era um cavalheiro inteligente e muito respeitado o meu próprio e grato tributo à memória de um amigo bondoso e de um defensor firme e destemido da verdade. Assim sempre achei o falecido Sr. Cox, não só nas suas relações para comigo, mas também para com todos os outros, tanto quanto isso caiu no âmbito da minha própria observação.

O "Spectator" diz, acerca da correspondência com Sir David, impressa no apêndice do meu volume anterior:

"Em seguida, devemos dizer que a correspondência com Sir David Brewster não é decisiva para nenhum dos lados, mas que, tanto quanto podemos ver, há um certo grau de falta de franqueza nas cartas de Sir David. Parece demonstrado pela mais clara evidência que ele sentiu e exprimiu, durante e imediatamente após as suas sessões com o Sr. Home, um assombro e quase temor reverencial, que mais tarde desejou explicar de outro modo; e a supressão do meio prometido testemunho de Lord Brougham acerca da primeira sessão em questão, embora desafiada pelo Sr. Home, é, no conjunto, desfavorável a Sir David, pois seria de presumir que Lord Brougham apoiaria, tanto quanto possível, o testemunho do seu amigo. Nem o confronto entre Sir David Brewster e o Sr. T. A. Trollope a propósito da sessão posterior em Ealing nos parece inteiramente abonatório para Sir David.

Se pudermos confiar no Sr. Trollope (não contradito por Sir David Brewster), também aí Sir David tinha testemunhado factos que, após reconsideração, modificou para os fazer quadrar com uma teoria elaborada posteriormente. Dizemos isto, embora não acreditemos de todo na genuinidade de todos os fenómenos deste género, simplesmente com base nas próprias cartas de Sir David Brewster e no testemunho das outras testemunhas das duas sessões que ele criticou. A controvérsia não é, de uma maneira ou de outra, de grande importância; ainda assim, a justiça para com este célebre médium obriga-nos a admitir que, à face da correspondência publicada, o herói da ciência não se comporta como desejaríamos ou esperaríamos."

Estou agora também habilitado a apresentar outra testemunha independente neste caso, a saber, o falecido Conde de Dunraven, que me deu o seguinte:

"Fiquei tão impressionado com o que o próprio Sir David Brewster — com quem eu tinha boas relações — me contou, que isso influiu materialmente na minha decisão de examinar a fundo a realidade dos fenómenos. Encontrei-o um dia nos degraus do

Athenæum; entrámos no tema do movimento das mesas, etc.; ele falou com o maior empenho, declarando que a impressão deixada no seu espírito pelo que tinha visto era que as manifestações lhe eram totalmente inexplicáveis, quer por fraude, quer por quaisquer leis físicas que conhecêssemos, e que deviam ser investigadas plena e cuidadosamente."

A carta seguinte, que foi recebida pelo Sr. J. S. Rymer, mostra o efeito inicialmente produzido pelo relato de Sir David Brewster.

"SENHOR,

"Em consequência de um relato muito notável feito por Sir David Brewster acerca dos extraordinários poderes

do Sr. Home, eu, juntamente com dois ou três amigos, desejo muito ter uma entrevista com ele. Se lhe for conveniente vir a minha casa, no n.º 80 de Eaton Square, na próxima quinta-feira ou sábado, às 2 horas, terei muito gosto em marcar encontro para qualquer um desses dias. Foi-me dado a entender que, embora o Sr. Home não faça exibição dos seus poderes por dinheiro, não recusa aceitar uma gratificação moderada daqueles que têm a oportunidade de os testemunhar;* naturalmente, eu e os meus amigos teremos todo o prazer em apresentar-lha, e ficar-lhe-emos muito obrigados se nos informar que quantia lhe poderemos oferecer, e de que modo o poderemos fazer sem ferir os seus sentimentos,

"80, Eaton Sq.
"2 de Julho de 1855."

Permaneço, Senhor,
"Seu obediente servo,
"EDWARD BULLER."

Como o Padre A. de Ponlevoy, na sua biografia do Père de Ravignan, negou que eu tivesse mantido relações íntimas com o bom padre, e como, apesar do meu desafio para que apresentasse provas, ele nunca justificou de modo algum o seu ataque contra mim mediante a apresentação de um único documento, ou de uma única testemunha da verdade das suas afirmações, eu poderia ter deixado agora sem resposta o seu ataque; mas, como ele continua a sustentar as suas afirmações sem qualquer apoio, julgo aconselhável imprimir as seguintes cartas do excelente Père de Ravignan, que testemunham plenamente as relações cordiais que existiam entre nós:

"Meu muito querido Filho, Estais doente? Fazei-mo saber. Irei para junto de vós; porque já faz demasiado tempo que não vos vejo.
Hoje, todo o dia, amanhã quinta-feira, e depois de amanhã até ao meio-dia, encontrar-me-eis certamente.
Sabeis que vos amo ternamente em N. S.,
"X. DE RAVIGNAN, S. J.
"Paris, Quarta-feira, 28 de Janeiro de 1857.
"Não saiais se estais a sofrer."

- Um erro; não se seguiu qualquer sessão a esta nota.

"Meu querido Filho, Esperava-vos ontem de manhã. Estais pior? Vinde hoje. Sabeis quanto vos amo em N. S. Talvez eu saia por causa de um doente, das 11 horas ao meio-dia.
"Quarta-feira."
"X. DE RAVIGNAN, S. J.
"Quinta-feira.

"Meu muito querido Filho, Mando pedir notícias vossas; espero que sejam boas. Amanhã, sexta-feira, vinde, se puderdes sair, ver-me antes das 11 horas da manhã. Se não, esperar-vos-ei no sábado.
Abençoo-vos: sede fiel e submisso à Igreja; vivei da fé e da graça de N. S. Tudo o resto, esquecei-o — adeus.
Todo vosso,
"X. de R."

Nas cartas do Dr. Robert Chambers faz-se alusão à falecida Miss Catherine Sinclair, irmã do venerável Arcediago Sinclair, uma senhora cuja convivência era um privilégio. Foi uma das primeiras testemunhas dos fenómenos do espiritualismo, e as seguintes cartas, a mim dirigidas em diferentes momentos, mostram o interesse que ela sentia pelo assunto:

"CARO SENHOR,
"Sábado.

"Na minha pressa de ontem à noite, deixei um objeto muito apreciado, que durante muito tempo e muitas vezes será visto na minha posse daqui em diante. Queira entregar ao portador essa admirável fotografia, que tão gentilmente me ofereceu. A mensagem de ontem à noite foi extraordinariamente maravilhosa! O navio açoitado pela tempestade e a bela expressão de agradecimento por as tormentas da vida terem terminado — que consolação! Vivo com pessoas que ouviram, de uma minha parente próxima, Mrs. Hope Johnstone, um relato muito pormenorizado da sua experiência, bem como da do Sr. Grant, do "Advertiser"; mas as pessoas não podem resistir por muito tempo à convicção, apoiada por manifestações tão agradáveis e elevadas como as da noite passada. Eu limito-me a relatar aquilo de que eu própria fui testemunha, e todos se mostram de imediato desejosos de partilhar tais revelações.

O nosso círculo ontem à noite, quando reduzido, foi muito eficaz! Eu devia ter-lhe falado previamente do Sr. Howitt, mas não tinha a intenção de abusar da sua bondade trazendo-o, pois julgava que ele tinha partido no iate de Lord Yarborough para a Madeira, mas regressou inesperadamente por um dia. Está noivo da minha sobrinha, que me acompanhou, filha de Sir George Sinclair, e ela implorou-me que o levasse. Não tive, portanto, tempo para escrever e pedir autorização, tendo ele aparecido de forma tão inesperada. Nunca imporia a sua presença de nenhum amigo sem licença especial, vendo como deve ser perseguido por pedidos de admissão. Com amáveis cumprimentos para Mrs. Home,

“Cara Senhor,
Vossa muito sinceramente,
“C. SINCLAIR.”

“Há vários anos que não vejo o Dr. Bell, e mesmo assim foi apenas numa breve consulta; portanto, se ele me citou como sua amiga, deve ter sido com muito escasso fundamento. Descrevi um dia a uma jovem senhora que está muito doente muito do que tinha visto em casa de Mrs. Milner Gibson, e manifestei o meu interesse por isso. Tendo-lhe dito que me fora impossível aceitar o seu gentil convite para terça-feira, ela talvez o tenha mencionado ao Dr. Bell, que é o seu médico assistente. Se eu tivesse querido apresentá-lo ao senhor, teria certamente escrito primeiro a pedir a sua autorização; e se semelhante abuso voltar a ser tentado por alguém, não o sancione sem a minha letra e selo. Com os melhores cumprimentos para Mrs. Home,
“Vossa muito sinceramente,
“20 de Junho.”
“CARO SENHOR,
“CATHERINE SINCLAIR.”

“Sendo hoje domingo, vim a pé desde The Vicarage, Kensington, deixando melhor o meu jovem protegido, e quanto desejo trazê-lo um dia para o ver. Estou, porém, muito embaraçada pela oposição dos meus irmãos clérigos, e de outros parentes, contra todas essas manifestações maravilhosas que um dia se imporão à convicção universal. Toda a minha família está atrasada em relação à época nesse assunto misterioso, mas alegra-me saber que muitos homens talentosos se tornaram investigadores sinceros. Como estou há muito comprometida para assistir ao casamento do Sr. Sandwith, o herói de Kars, na próxima terça-feira, terei de me organizar para deixar o meu doente; e sendo esse o seu dia de receber visitas, espero passar cedo por casa de Mrs. Home e do senhor, antes de ir ao casamento. A minha sobrinha, Mrs. Hope Johnstone, que toma um profundo interesse nas suas investigações, acompanhar-me-á. Junto uma nota do Coronel Knight Erskine, e, se o puder ajudar — ele permaneceu em Londres de propósito para o ver. Penso muitas vezes com gratidão no bondoso interesse que toma pelo meu jovem sobrinho. Com amáveis cumprimentos, vossa sinceramente,
“27 de Maio.”
“CARO SENHOR,
“C. SINCLAIR.”

“O interesse bondoso e verdadeiramente generoso que sentiu pela súbita calamidade do meu jovem sobrinho leva-me a mencionar que os seus sintomas já estão de algum modo aliviados, embora os seus três médicos pensem que ainda poderá decorrer algum tempo antes de o resultado final ser certo. Passo longas horas sentada ao lado dele, e muito teria desejado experimentar a influência mesmérica, mas ele encontra-se em casa de um tio clérigo, tão fortemente oposto ao progresso nestes aspetos, que o assunto nem sequer pode ser mencionado. Os espíritos das pessoas vão-se abrindo gradualmente, contudo, e um meu amigo, profundamente versado na ciência

do espiritualismo, deseja muitíssimo comunicar consigo. É proprietário fundiário na Escócia e está no comando de um regimento.

"Penso que encontrará poucos homens mais talentosos e agradáveis do que o Major Knight Erskine, e pedir-lhe-ei, se não o proibir, que passe por sua casa na próxima terça-feira cerca da uma hora, na esperança de proporcionar um prazer e benefício mútuos ao pô-los em contacto. Regresso todas as noites à cidade, mas volto cedo para junto do meu doente, pois ele tem dois enfermeiros médicos que nunca o deixam. Um dos médicos diz que a doença é delirium tremens, por fumar charutos!

"Com os melhores cumprimentos para Mrs. Home,
"Vossa muito sinceramente,
"Quinta-feira."
"CARO SENHOR,
"C. SINCLAIR."

"18, Chesham Place, Belgrave Sq.
"13 de Julho.

"Permita-me exprimir a minha mais profunda e cordial simpatia pela perda da sua amável, talentosa e muito amada esposa, tão jovem, tão boa, e tão apta a fazê-lo feliz. Espero ouvir mais tarde da sua parte que a sua própria saúde não sofreu com a sua longa e ansiosa assistência, pois testemunhei a sua dor enquanto aqui esteve, na apreensão desse triste acontecimento, que agora pôs tão dolorosamente termo a todas as suas esperanças e cuidados.

"Queira apresentar as minhas sinceras e respeitosas condolências aos ilustres parentes da minha saudosa jovem amiga, Mrs. Home.

"Com os mais amáveis cumprimentos,
"Vossa muito sinceramente,
"CATHERINE SINCLAIR."

Outro dos primeiros investigadores, também mencionado pelo falecido Dr. Robert Chambers, foi o falecido Professor De Morgan, a respeito de quem a seguinte correspondência apareceu no "Spiritual Magazine" de Janeiro de 1869, destruindo por completo toda a dúvida quanto à sua crença na realidade dos Fenómenos.

"Ao Editor do 'Spiritual Magazine'.
"SENHOR, — Como não tenho o hábito de admitir coisa alguma sem aquilo que me parecem razões adequadas para o fazer; e como não fiquei satisfeito com a simples afirmação de que o Professor De Morgan, o eminente matemático ainda vivo, tivesse realmente emprestado a sanção do seu grande nome a estas chamadas ilusões (do espiritualismo moderno), escrevi-lhe há alguns meses uma carta sobre o assunto do livro 'From Matter to Spirit', publicado anonimamente em 1863, e recebi dele a seguinte resposta;

"'91, Adelaide Road, N. W.
"'A. B. TIETKINS, Esq.
"3 de Abril de 1868.

"'Senhor, — Nunca foi segredo algum que o livro 'From Matter to Spirit' foi escrito por minha esposa, e o prefácio por mim.

"'Penso que há já dois anos que Longman anuncia os nossos nomes. Eu respondo, naturalmente, pelos factos mencionados em pormenor no fim do prefácio; mas há alguns no livro de cuja verdade o meu conhecimento é pessoal. E de quase todos posso testemunhar que os ouvi muito antes de serem impressos, e que não aumentaram ao serem contados.

"'Vosso fielmente,
"'A. DE MORGAN.'"

"Assim, temos aqui um filósofo vivo que nos diz, depois de quinze anos de investigação destes fenómenos e de ponderada consideração do seu alcance: 'Estou perfeitamente convencido de que vi e ouvi, de maneira que deveria tornar impossível a incredulidade, coisas chamadas espirituais, que um ser racional não pode considerar suscetíveis de explicação por impostura, coincidência ou erro. Até esse ponto sinto o terreno firme debaixo dos meus pés.'

"Tal prova como esta, em ligação com a do Sr. Varley, do Sr. Wallace, e de uma multidão de outras testemunhas científicas, é muito significativa do facto de que, embora os relatos do Professor De Morgan não tenham aumentado ao serem contados, o espiritualismo está a crescer rapidamente.

"A. B. TIETKENS."

Os seguintes elementos de prova em meu favor podem também ser aqui apresentados, tal como apareceram no "Spiritual Magazine".

"O correspondente de guerra do 'Daily Telegraph' (o Sr. Kingston), numa carta a esse jornal de 31 de Outubro de 1870, escrita de Versalhes, diz: — 'Entre o nosso grupo encontrava-se o Sr. Daniel Home, o célebre espiritualista, que o Rei prontamente reconheceu e a quem se dirigiu com muita amabilidade — recordando-lhe as maravilhas que ele (o Sr. Home) tinha sido o meio de lhe comunicar, e perguntando-lhe acerca "dos espíritos" num tom de modo algum cético. Podemos acrescentar que o Rei disse ao Sr. Home que tinha contado a muitos dos seus amigos as maravilhosas manifestações que vira na presença do Sr. Home: os seus amigos não acreditavam nele; mas os factos não deixavam de ser verdadeiros por isso.'"

O Sr. J. M. Peebles, cônsul dos Estados Unidos, numa conferência sobre as suas recentes viagens pela Europa, proferida em Buttle Breek, perto de Chicago, e relatada no "Present Age" de 3 de Setembro de 1870, faz a seguinte afirmação:

"Enquanto estava em Inglaterra jantei com John Bright, ocasião em que se travou uma conversa bastante séria sobre o assunto do espiritualismo. Ele disse ter

testemunhado algumas das manifestações de D. D. Home. Eram maravilhosas. Não as podia atribuir a outra causa senão talvez àquela que era alegada, a de espíritos inteligentes desencarnados. Mas', acrescentou, com a devida cautela, 'não digo que seja assim, mas, se for verdade, é a mais forte prova tangível que temos da imortalidade.'"

No outono de 1863, estando eu em Dieppe, encontrei uma tarde no passeio dessa cidade a minha amiga Mrs. Milner Gibson. No decurso da conversa disse ela: "Sabe que o Dr. Elliottson está actualmente em Dieppe?" "Está?" respondi eu, "gostaria de me ser apresentado." Mrs. Milner Gibson mostrou-se surpreendida, mas comprometeu-se a apresentar-mo, e poucos minutos depois observámo-lo sentado num banco. Fui-lhe apresentado e disse: "Dr. Elliottson, o senhor disse e escreveu coisas muito duras a meu respeito.

Ora, não pensa que foi muito errado da parte de um homem idoso como o senhor fazer contra mim acusações como as que fez e chamar impostor a um homem de quem nada sabia? Se desejar saber algo a meu respeito e investigar o assunto do espiritualismo, terei muito gosto em vê-lo esta noite em casa de Mrs. Milner Gibson e em dar-lhe toda a oportunidade de pôr à prova o que vir." Ele veio e viu tanto que ficou convencido da verdade do espiritualismo. No dia seguinte visitou-me e disse: "O que testemunhei ontem à noite foi maravilhoso e convincente, mas é demais para mim mudar subitamente as convicções de setenta anos. Tenho de lhe pedir que me deixe vir de novo e trazer comigo um jovem amigo." Concordei prontamente, e nessa noite veio acompanhado pelos dois jovens senhores Symes. Os cavalheiros fizeram o uso mais completo das suas faculdades de observação e de verificação do que testemunharam, e o resultado foi que o Dr. Elliottson ficou perfeitamente convencido. Após a sua morte, no ano de 1868, apareceu no "Morning Post" um breve memorial, do qual reproduzo o seguinte:

"Temos de registar o falecimento, há um ou dois dias, de um dos mais notáveis homens de ciência do século, que atingiu a mais alta categoria da profissão médica, e que foi tido na maior estima pelo carácter ousado e bem-sucedido das suas inovações e que, no entanto, depois de ter vencido e sobrevivido às calúnias lançadas contra si, viveu o bastante para ser quase esquecido no movimento incessante da vida. O Dr. Elliottson nasceu algures por volta do ano de 1785 e estudou nos Hospitais de St. Thomas e Guy. Foi um dos primeiros médicos a adotar o estetoscópio no diagnóstico das doenças dos pulmões e do coração.

No decurso da sua prática no Hospital do University College manifestaram-se certos fenómenos nos casos de duas jovens chamadas Okey, e Elliottson foi assim levado a investigar o mesmerismo e, com a sua ousadia característica e amor da verdade, publicou sem receio os resultados. Gozava então de uma clientela no West End tão grande como alguma vez coubera a qualquer médico. O resultado da sua ousada proclamação da verdade foi que os seus colegas o perseguiram e a sua prática diminuiu em 5.000 libras por ano, sendo em 1838 obrigado a renunciar à sua cátedra. A sua prática, porém, voltou com o tempo a aumentar até ser maior do que antes, e tornou-se conhecido pelo seu saber mesmérico, que cultivou assiduamente.

Continuou, tanto na boa como na má reputação, a publicar os resultados das suas experiências, e fundou o 'Zoist', que manteve durante doze anos, cujos volumes constituem uma história deste ramo da ciência. Foi fundador e presidente da Sociedade Frenológica e foi presidente da Royal Medical and Chirurgical Society de Londres. Em 1849 fundou o Hospital Mesmérico, que foi uma grande bênção para muitos. Durante a maior parte da sua vida foi um descrente e, enquanto investigava o mesmerismo, troçava dos relatos que ouvia acerca dos fenómenos espiritualistas, denunciando todos os médiuns como impostores. Escreveu também um elaborado tratado negando a existência de uma alma imortal e sustentando que a palavra hebraica 'nephesh', traduzida por 'alma', não tinha outro significado além de 'vida'. No ano de 1863 estava em Dieppe e foi apresentado ao Sr. D. D. Home, que lhe disse ter procedido mal ao chamá-lo impostor quando na realidade nada sabia a seu respeito.

Passou então algum tempo a investigar os fenómenos do Espiritualismo, auxiliado pelos filhos do seu amigo Dr. Symes. O resultado foi que exprimiu a sua convicção da verdade dos fenómenos e se tornou um cristão sincero, cujo livro de cabeceira passou desde então a ser a Bíblia. Algum tempo depois disse que tinha vivido toda a sua vida nas trevas, e que pensara que nada existia senão o material; mas agora tinha uma esperança firme, que confiava manter enquanto estivesse na terra."

O "Spiritual Magazine" diz: — "Podemos acrescentar ao aviso precedente que o Dr. Elliottson, durante a maior parte da sua vida — até se tornar espiritualista — não só foi um descrente na revelação, como também um materialista do tipo mais inflexível e determinado — o chefe reconhecido dessa escola de Fisiologia de que Lawrence e Engledue foram os campeões — a qual considera o homem um ser meramente corpóreo, as faculdades da mente como sinónimas das funções do cérebro, e naquilo que é habitualmente tido como prova da sua natureza espiritual vê apenas os resultados da ação cerebral. Estas ideias expôs ele com grande vigor na sua elaborada obra sobre 'Fisiologia Humana'; e foram avidamente acolhidas pelo partido secular ateu deste país, e reproduzidas em conferências, artigos e folhetos; e o seu nome (que desde que se tornou espiritualista eles parecem ter quase esquecido) estava constantemente nos seus lábios como o de uma autoridade eminente sobre o assunto.

Quando o espiritualismo moderno foi introduzido neste país, o Dr. Elliottson foi um dos seus opositores mais firmes e mais desdenhosos. Não só o denunciou no 'Zoist', como inseriu nessa publicação uma série de xilogravuras para acompanhar o texto, mostrando como se produziam as 'pancadas'. Sobre esta questão do espiritualismo, entrou em desacordo e separou-se do seu velho amigo e colega no mesmerismo, e na fundação e direção do 'Zoist' — o Dr. Ashburner; para quem deve ter sido motivo de grande satisfação, após anos de afastamento, o facto de a convicção do Dr. Elliottson acerca da verdade do espiritualismo ter sido o meio de restabelecer a antiga intimidade e amizade entre ambos.

"O espiritualismo não foi para o Dr. Elliottson uma convicção estéril em resultados. Revolucionou a filosofia de toda uma vida, como ele estava sempre pronto a confessar, lamentando amargamente os esforços mal dirigidos que fizera, embora

conscienciosamente, na propagação de princípios materialistas. Tornou-se um homem completamente mudado, e mudado em todos os aspetos para melhor. Humilhado pela recordação dos erros passados, a sua natureza tornou-se mais branda, o seu porte mais suave, e suportou as suas perdas e sofrimentos com paciência e fortaleza.

"Alguns dos nossos correspondentes manifestaram dúvidas quanto à eficácia da oração. O Dr. Elliottson afirmou que já não podia admitir qualquer dúvida a esse respeito, pois tinha na sua própria experiência prova pessoal e constante da eficácia da oração.

"Aos que interrogam quanto à força da prova que o espiritualismo apresenta ao investigador científico, ou quanto à sua origem e aos seus efeitos, este breve registo poderá ser útil. Julgue-se a árvore pelos seus frutos."

A seguinte carta apareceu em "Human Nature", de 1 de Novembro de 1870:

"SENHOR, fui informado de que foram expressas dúvidas quanto a o Dr. Elliottson alguma vez se ter tornado crente no espiritualismo; e, como acontece que conheço certas circunstâncias ligadas ao facto de assim ter sido, abuso do seu espaço a fim de remover essa dúvida.

"Tive a satisfação de conviver muito com o Dr. Elliottson desde o início e durante o seu corajoso combate em defesa da genuinidade dos fenómenos do magnetismo animal — sempre lamentei que tivesse adotado o termo mesmerismo, considerando o original muito mais expressivo da sua natureza — e sei perfeitamente da sua total incapacidade para aceitar a verdade das manifestações de que foi testemunha quando Mrs. Hayden estava neste país, e que ele tentou explicar por uma das muitas hipóteses absurdas então em voga, mas agora completamente desacreditadas. Tornou-se, por consequência, violentamente oposto a todos os que admitiam a genuinidade desses fenómenos e professavam crer na comunicação com os espíritos dos mortos. Tão forte era a sua incredulidade honesta sobre este assunto que, quando o seu amigo Dr. Ashburner se tornou um dos mais firmes defensores da sua verdade, rompeu toda a relação com ele, e não hesitou em escrever e falar em termos severos a respeito do assunto e dele, bem como acerca daquilo que considerava mais do que uma loucura ao unir-se a tão grosseira impostura sobre a

credulidade do género humano. Isto continuou durante alguns anos, até que, encontrando-se em Dieppe, Mrs. Milner Gibson o induziu a participar numa sessão com o Sr. Home, creio que em mais de uma, tendo como resultado que ficou firmemente convencido, não só da existência do mundo espiritual, mas também do poder de comunicar com os espíritos de amigos falecidos que nele se encontram; e, com a perfeita honestidade corajosa do seu carácter, prometeu tornar conhecidas as suas convicções ao regressar a Londres. Assim fez; e lembro-me bem de uma conversa com ele em que disse: 'Que hei de fazer com os meus livros?', reconhecendo que muitos deles eram de uma natureza tal que promoveriam a descrença na verdade a que tão felizmente chegara.

"Quando regressou a Londres, uma das primeiras coisas que fez foi ver um amigo comum seu e do Dr. Ashburner, e exprimir o seu pesar por ter tratado tal homem de tal maneira', perguntando se esse amigo achava que o Dr. A. alguma vez lhe perdoaria.

"Nessa mesma manhã, o Dr. Ashburner, por acaso, foi visitar esse amigo e, ao saber o que acima fica dito, dirigiu-se imediatamente ao n.º 37 de Conduit Street e, na ausência do Dr. Elliottson, deixou o seu cartão. Não estava há muito tempo em casa quando o Dr. Elliottson entrou no seu quarto, com as mãos diante do rosto, dizendo: 'Pode perdoar-me?'

"Isto foi seguido, como bem podem imaginar aqueles que conheceram o homem, por uma reconciliação completa, honrosíssima no mais alto grau para ambos.

"Numa das minhas últimas entrevistas com ele, exprimiu a grande felicidade que as suas convicções tardias lhe tinham trazido e aguardava a vida futura com calma confiança. A característica dominante do seu espírito, além do seu elevado desenvolvimento intelectual, era a procura perfeitamente honesta da verdade. Quando esta é perfeita, está certa de ser recompensada com êxito, mais cedo ou mais tarde.

"No seu caso, sobre este assunto, foi tarde. Que todos aqueles que procuram com igual honestidade a encontrem, mesmo que tão tarde como ele. — Seu, etc. H. C."

Um notável incidente profético chegou ao meu conhecimento em 1863, por meio das seguintes cartas, que deixo contar a sua própria história:

"Boston, 17 de Maio de 1863.

"MEU CARO DANIEL, — Posso solidarizar-me plenamente contigo na tua dor, tendo eu próprio sofrido recentemente uma grande perda. A minha filha Mary (Mrs. Higginson) foi acometida de hemorragia pulmonar e, em oito semanas, passou da vida terrena para o mundo interior. Morreu de tísica galopante. Embora John esteja doente há três anos, continua ainda connosco, aguardando humilde e pacientemente a sua chamada e libertação. Parece um anjo, e é-o pela sua bondade.

"Mary era a minha filha mais nova, e possuía um temperamento e uma disposição meigos e encantadores, que a enlaçavam intimamente ao meu coração. Era para mim tudo o que uma filha podia ser, e a minha perda é muito grande, mas não terei de ficar afastado dela por muito tempo. Durante a tua última visita a nossa casa, numa das nossas sessões, pediste-me papel e lápis. Dei-tos, e depois pediste obreias para selar o que escrevias. O papel foi selado com muito cuidado, entregue a mim, e disseste-me que o guardasse até que os espíritos dessem a conhecer que devia ser aberto.

Assim o guardei durante sete anos ou mais, e depois, tendo boa oportunidade, perguntei se o podia abrir. A resposta foi que seria melhor não o fazer, porque o conteúdo não seria do meu agrado. Passado algum tempo, tornei a perguntar, e disseram-me que, se tanto o desejava, poderia abri-lo. Rompi, portanto, os selos e encontrei as seguintes palavras: — 'Mary será a primeira a deixar a terra. Não te aflijas. Tudo correrá bem com ela. Podem passar-se anos.'

"Podes imaginar os meus sentimentos perante este anúncio e, quando ela foi acometida pela hemorragia, senti que seria a primeira, embora durante semanas tivéssemos quase diariamente sentido que John nos deixaria. Depusemos o seu corpo na sepultura na passada terça-feira, precisamente há cinco dias, e John ainda respira.

"D. D. Home, Esq.
Vosso, etc.,
A. S. JARVES."

"Boston, 5 de Julho.

CARO DANIEL,— Adiei escrever-te desde que John faleceu. O seu espírito libertou-se do corpo no dia 21 de Maio, apenas onze dias depois de Mary nos ter deixado. Curiosamente, John não pediu para ver a sua irmã, pois não lhe dissemos que surpresa o aguardava lá. George (o seu irmão em espírito) disse-nos que havia impressionado John para que não pensasse em Mary, e agora John diz-nos que, quando encontrou a sua irmã, pensou que só poderia tratar-se de uma visão.

D. D. Home, Esq.

Teu, etc.,
A. S. JARVES."

Um incidente profético igualmente notável ocorreu-me no outono de 1863, enquanto estava em Dieppe. Um cavalheiro russo perguntou-me se alguma vez tinha visto uma visão num cristal, ao que respondi que não. Ele disse: "Olhe para isto e diga-me se vê alguma coisa." Peguei nele; e, ao olhar, para minha surpresa, vi uma multidão e, na multidão, um homem que estava a ser assassinado, no momento em que caía para a frente da sua cadeira. Eu disse: "Esse é Abraham Lincoln, e dentro de um ano ele será assassinado."

Não tento explicar estas coisas; apenas posso relatar os factos.

Os seguintes incidentes da minha experiência relatei-os numa conferência em Londres há algum tempo, e apresento-os tal como foram publicados no "Spiritual Magazine":

"Num dos Congressos de Londres sobre Espiritualismo, o Sr. D. D. Home relatou as seguintes experiências: há cerca de dezoito anos, quando ainda era muito jovem, viajava numa carruagem de caminho-de-ferro quando um cavalheiro, filho do Professor Wayland, da Brown University, perguntou se ele era o Sr. Home; ao responder que sim, o cavalheiro disse que lhe devia um pedido de desculpa; ao perguntar porquê, disse que o tinha chamado impostor e que lhe devia desculpas por isso. O cavalheiro contou que certa vez tivera ocasião de visitar um amigo, e encontrou Home no seu escritório em transe e com os olhos vendados. Como hesitasse em entrar, o Sr. Home, apontando para a porta, disse: 'Esse é Frank; digam-lhe que entre, a sua irmã Caroline está aqui.' Ele disse-lhes que nunca tivera uma irmã chamada Caroline e que aquilo era pura impostura. Foi para casa e disse ao pai que ficaria triste ao saber que o Sr. — se tinha

metido com o espiritualismo e tinha aquele sujeito Home no seu escritório de olhos vendados; e imagine só! disse-me que eu tinha tido uma irmã chamada Caroline.' O pai respondeu: 'E tu realmente não sabes que tiveste uma irmã com esse nome?' 'Não', respondeu ele, 'claro que não.' 'Então', replicou o pai, 'tiveste; ela nasceu pouco antes de ti, mas viveu apenas algumas horas, e durante esse tempo foi batizada com o nome de Caroline; portanto Home tinha razão.'

Home disse que cada pessoa tem as suas próprias ideias de dignidade e que, por vezes, a verdade simples é ocultada para preservar essa dignidade. Certa vez, uma senhora solteira de idade avançada entrou na casa onde ele estava hospedado, enquanto ele se encontrava em transe; foi persuadida a permanecer, e durante a sessão perguntou a Home, enquanto este estava em transe, quais tinham sido as últimas palavras que a sua mãe pronunciara no leito de morte; se ele pudesse dizer-lhe isso, ela acreditaria. Home respondeu: 'Puss, puss, poor-pussy.' A senhora sobressaltou-se, empalideceu e disse que ele tinha razão; tinham sido exatamente essas as últimas palavras pronunciadas, mas ela considerara-as tão pouco dignas que nunca as tinha contado a ninguém."

## CAPÍTULO III

## EXPULSÃO DE ROMA,

## DISCUSSÃO NA CÂMARA DOS COMUNS

Enquanto estava em Dieppe fiz algumas tentativas na arte da escultura que me levaram a mudar-me para Roma, onde ocorreu um dos acontecimentos notáveis da minha vida. Este foi relatado no "Spiritual Magazine", com a seguinte introdução:

"Outro curioso incidente da sua vida acaba de acontecer ao Sr. Home, e é relatado pelo Times numa carta do nosso próprio correspondente em Roma, onde o Sr. Home tem estado há algum tempo a estudar como escultor. Durante a sua recente visita a Dieppe, revelou subitamente um considerável talento como escultor. A sua primeira tentativa foi altamente apreciada, e aconselharam-no a dedicar-se à arte, e com esse propósito foi para Roma no mês de Outubro passado, tendo desde então trabalhado ativamente ali como estudante. Está agora decidido que possui grande talento, e está a fazer rápidos progressos, com a intenção de em breve iniciar o exercício da sua nova profissão em Paris, onde pretende estabelecer um estúdio. Damos a narrativa do pequeno episódio que lhe aconteceu na Cidade Eterna, tal como apareceu no **Times** de 12 de Janeiro. É, à sua maneira, uma verdadeira joia, e um exemplo da forma como os assuntos decorrem sob a orientação do vice-regente de Deus na terra e do precioso cavalheiro que detém as chaves de São Pedro."

(Do nosso próprio Correspondente.)

Roma, 6 de Janeiro.

"Talvez o incidente mais excitante da semana seja que o Sr. Home, conhecido pela sua notoriedade no espiritualismo, foi intimado a deixar Roma no prazo de três

dias; e, para não errar na exposição do facto que causou grande sensação, envio-lhe um relato dos acontecimentos nas suas próprias palavras."

Dou, em vez do relatório do Times, o excerto completo do meu diário.

Cheguei a Roma no dia 15 de Novembro de 1863, com o propósito de estudar escultura.

No dia 2 de Janeiro de 1864 recebi, às cinco horas da tarde, uma carta exigindo a minha presença no escritório da chefia da Polícia. Certo de que esta convocação só podia estar relacionada com o espiritualismo, não pude deixar de pensar quão triste era que homens que deveriam ser mais esclarecidos tratassem como crime um assunto que a Igreja deveria antes encorajar e apoiar. Para evitar qualquer perturbação, contudo, decidi fazer o que me era pedido e assim, acompanhado por um amigo que gentilmente consentiu em acompanhar-me, apresentei-me às onze e meia do dia 3 de Janeiro no Palazzo-Citerio.

Fomos conduzidos a uma antecâmara, onde havia algumas cadeiras de palha, mas não havia fogo; e, como o telhado estava coberto de neve, achámos o local muito frio. Depois de esperar mais de meia hora, comecei a ficar um pouco impaciente e, chamando um criado, perguntei-lhe se era costume tratar assim as pessoas que eram convocadas; e disse-lhe que avisasse aqueles que tinham desejado a minha presença de que eu não esperaria mais. Após uma breve ausência ele regressou com desculpas pela minha detenção e dizendo que o Sr. Pasqualonni estava pronto para me receber.

Fomos conduzidos a uma grande sala onde esse cavalheiro estava sentado a uma mesa de escritório com gavetas. O aposento estava escassamente mobilado — algumas cadeiras, um busto do Papa em gesso; atrás do Sr. Pasqualonni estava suspensa uma gravura da Virgem Santíssima, na moldura da qual estavam colocados alguns cartões de visita.

À minha entrada Mons. P. fez-me uma reverência e indicou-me que me sentasse diante dele; o amigo que me acompanhava sentou-se na extremidade da mesa, à esquerda de Mons. P., que iniciou as suas observações com:

**P.** O senhor é o Sr. D. Dunglas Home?
**R.** Sim, senhor, e aqui está o meu passaporte.

**P.** (Sem o tomar.) Muito bem, devo fazer-lhe algumas perguntas.
**R.** Da minha parte, senhor, estou pronto a responder-lhe.

**P.** Nasceu na Escócia?
**R.** Sim, senhor.

**P.** Tem trinta e sete anos?
**R.** Não, senhor, tenho apenas trinta anos.

**P.** Mas, senhor, tem trinta e sete.
**R.** Não, senhor; nasci em 1833; no próximo mês de Março entrarei no meu trigésimo primeiro ano.

**P.** (Tirando um papel de uma gaveta e olhando para ele.) Segundo as minhas notas, deveria ter trinta e sete.
**R.** Lamento não poder confirmar a sua informação; mas tenho apenas trinta anos.

**P.** O nome de seu pai?
**R.** William.

**P.** O de sua mãe?
**R.** Elizabeth.

**P.** O nome de solteira dela?
**R.** McNeil. (Aqui interrompi-o pedindo que me fosse fornecido lápis e papel.)

**P.** Para que finalidade?
**R.** Para escrever.

**P.** Escrever o quê?
**R.** Sou um homem livre e gostaria de conservar as perguntas e respostas de tão grande importância.

**P.** (Entregando-me uma folha de papel e um lápis vermelho.) Quantas vezes esteve em Roma?
**R.** Esta é a minha terceira visita.

**P.** Quando foram e quanto duraram as outras visitas?
**R.** Em 1856 permaneci aqui dois meses; foi então que me tornei católico romano; em 1858 passei aqui três semanas; e nesta ocasião estou aqui desde 15 de Novembro.

**P.** Não, está aqui desde 1 de Novembro.
**R.** Aqui está o meu passaporte, que lhe mostrará que estou aqui apenas desde o dia 15.

**P.** É sua intenção permanecer aqui muito tempo?
**R.** Não, senhor; proponho regressar a Paris em Abril.

**P.** Tem casa lá?
**R.** Não, senhor.

**P.** Qual foi o seu objetivo ao vir a Roma?
**R.** Pela minha saúde e para estudar escultura.

**P.** Qual era a sua religião antes de 1856?
**R.** Protestante.

**P.** Publicou alguma obra — quantas — e sob que títulos?
**R.** *Incidents in My Life*.

**P.** O livro foi publicado em Paris por Dentu?
**R.** Foi.

**P.** O senhor diz que é um médium, que entra em transe e que vê espíritos?
**R.** Sim, senhor, disse-o, e é verdade.

**P.** E mantém comunicações com espíritos?
**R.** Quando eles acham conveniente.

**P.** Como os invoca?
**R.** Não os invoco; manifestam-se por sua própria iniciativa.

**P.** Como se manifestam?

Eu estava prestes a responder: "Por vezes de uma maneira, por vezes de outra", quando pancadas foram dadas sobre a mesa perto dele e longe de mim; ele perguntou-me, num tom de grande espanto, a causa desses ruídos. O meu companheiro respondeu-lhe dizendo: "São os espíritos, e deve ser evidente para si que o Sr. Home não tem qualquer vontade própria neste assunto."

"Espíritos!" respondeu o Sr. Pasqualonni, olhando por toda a mesa cada vez mais espantado; depois disse: "Continuemos o interrogatório. Prossiga."

**P.** Então considera o seu dom como um dom da natureza?
**R.** Não, considero-o um dom de Deus.

**P.** Desde o ano de 1856 nunca exerceu o seu poder?
**R.** Nem antes nem depois, visto que sou passivo nestas manifestações, que são espontâneas.

**P.** Na sua opinião qual é o objetivo destas manifestações?
**R.** Assegurar aos céticos a imortalidade da alma e oferecer consolação celestial.

**P.** Relata na sua obra milagres realizados por si, entre outros casos de cura?
**R.** Essas curas são verdadeiramente milagres.

**P.** Como as realizou?
**R.** Nada sei a esse respeito. Sou apenas um instrumento.

**P.** Deu sessões em França, Inglaterra e Rússia?
**R.** Em reuniões de amigos reunidos com esse propósito, às vezes ocorrem manifestações. Mas porque me pergunta tudo isto? O meu livro responde afirmativamente a esta questão; todas as pessoas nele mencionadas estão prontas a corroborar o que imprimi, e sustentarei, mesmo com risco da minha vida, a verdade do que o meu livro afirma.

O meu amigo, considerando-me um pouco fatigado, pediu ao Sr. Pasqualonni que adiasse o interrogatório para outro dia, mas respondi que preferia terminá-lo naquele momento.

**P.** Diz na sua obra que os móveis se movem; porque não começa esta mesa a andar? Vê espíritos quando está acordado ou a dormir?
**R.** Em ambos os estados. Quanto aos casos de locomoção de que fala, ocorrem por vezes, mas não por vontade minha. (Ao dizer isto ouviu-se um estalido na mesa que se moveu ligeiramente. O Sr. Pasqualonni, olhando em redor, disse com voz perturbada: "Continuemos.")

**P.** Não disse no seu livro que sua mãe era médium?
**R.** Sim, senhor, e o meu filho também é.

**P.** Qual é a idade do seu filho?
**R.** Quatro anos e meio.

**P.** Onde está ele?
**R.** Em Malvern.

**P.** Onde fica Malvern?
**R.** Em Inglaterra.

**P.** Tem ama?
**R.** Sim, senhor.

**P.** Ela é católica?
**R.** Não, senhor, pertence à Igreja Grega.

**P.** Com quem está o seu filho?
**R.** Com o Dr. Gully, um dos meus amigos.

**P.** O Dr. Gully é católico?
**R.** Não, senhor.

Neste ponto o meu amigo começou a falar em voz baixa com o Sr. Pasqualonni, e soube que o assunto da conversa era a minha expulsão de Roma. Então exigi que a ordem fosse feita por escrito, o que foi feito, e disseram-me que dentro de três dias deveria deixar Roma.

**P.** Consente em fazê-lo?
**R.** (Levantando-me.) Certamente que não, pois, não tendo infringido nenhuma lei, o meu consentimento para partir pareceria indicar que tinha cometido algo de que me envergonhava. Espero que isto cause grande escândalo antes da minha partida. Aviso-o desde já e, ao sair daqui, procurarei imediatamente o conselho do meu cônsul.

Então disse-me: "Espero, Sr. Home, que não recuse apertar-me a mão." Dei-lhe a mão, dizendo ao mesmo tempo que lamentava vê-lo instrumento de uma autoridade como aquela. Fui ao meu cônsul e contei-lhe o que tinha acontecido; sendo domingo, nada pôde ser feito, mas no dia seguinte prometeu ver o governador de Roma.

Depois dirigi-me a uma pessoa de considerável importância, que teve a bondade de ir imediatamente falar com Monseigneur Matteuci, o qual, numa longa conversa, disse ao meu amigo que nada tinha contra mim exceto na questão da feitiçaria.

No dia seguinte, ao meio-dia, o cônsul inglês foi ver o Monseigneur, que lhe disse que, se eu estivesse disposto a assinar um compromisso no qual prometesse não dar quaisquer sessões, poderia permanecer em Roma. Não perdi tempo em escrever a seguinte declaração:

"Dou a minha palavra de honra, como cavalheiro, de que, durante a minha permanência em Roma, não realizarei qualquer sessão e evitarei, tanto quanto possível, todas as conversas sobre espiritualismo.

DANIEL DUNGLAS HOME."

"Palazzi-Paoli, 4 de Janeiro de 1864."

O meu cônsul, não satisfeito com isto, quis que eu desse a conhecer por que razão tinha vindo a Roma e por que motivo desejava permanecer, pelo que escrevi no mesmo papel:—

"Vim a Roma unicamente pela minha saúde e para estudar arte, portanto desejaria que me deixassem em paz.
D. D. HOME."

Este documento foi enviado a Monseigneur Matteuci, e durante o resto da semana nada mais ouvi sobre o assunto, até sábado à tarde, às 5h30, quando recebi a seguinte carta:

"O Sr. Daniel Dunglas Home terá a grande bondade de se apresentar no gabinete dos passaportes entre as seis e as oito horas, munido do seu passaporte."

Pedi ao meu amigo, que me acompanhara na ocasião anterior, que me prestasse uma vez mais o mesmo serviço, e ambos fomos ao Palazzo-Citerio às seis menos um quarto. Dirigi-me ao gabinete do Sr. Pegallo, que, depois de ter tomado e examinado o meu passaporte, me disse:—"Mas, senhor, deveria primeiro ter visitado o seu cônsul." "Com que propósito?" foi a minha resposta. "Para que ele pudesse visar o seu passaporte, visto que pretende partir." Respondi que não tinha intenção de partir. Então ele disse, olhando para o passaporte: "Nesse caso, o seu passaporte está perfeitamente em ordem: com um passaporte destes pode permanecer um ano inteiro." Fiz-lhe uma vénia e agradeci-lhe. Na manhã seguinte, às dez menos um quarto, um dos filhos da dona da casa onde eu estava alojado entrou no meu estúdio em estado de alarme e disse: "Senhor, há um polícia à sua espera em sua casa." Respondi que ele podia instalar-se muito comodamente em minha casa, pois eu não tinha intenção de regressar a casa ainda; e que, se quisesse ver-me, teria de vir ao meu estúdio.

Dez minutos depois o homem veio e disse que era obrigado a procurar-me por eu não ter comparecido, no dia anterior, no gabinete dos passaportes, onde fora convocado. Respondi que não só tinha lá estado, como também fora acompanhado por um amigo. Então ele disse: "O seu amigo esteve lá, mas o senhor não." Perante isto, contendo com dificuldade a minha irritação, respondi: "Venha daí, a mesma pessoa acompanhar-me-á de novo:" o que efetivamente aconteceu. Indo ao mesmo aposento, dirigi-me à mesma

secretária e entreguei o meu passaporte ao Sr. Pegallo, que disse: "Esperei por si até às oito horas de ontem, e o senhor não apareceu." Respondi-lhe que tinha ido às seis menos um quarto e que, tendo de ir duas vezes, não achava isso particularmente agradável.

**P.** Mas o senhor não veio?
**R.** Digo-lhe que vim; o senhor tomou o meu passaporte e disse-me que eu podia permanecer um ano. Agora, não diga mais nada sobre esse assunto; não minta, a menos que a sua posição exija que o faça.

Ele disse: "Hoje, às três horas, deve deixar Roma." "Muito bem. Não tenho, contudo, qualquer intenção de partir, e não tenciono partir." Ele respondeu: "Às três horas deve estar fora das portas de Roma." Então eu disse: "Faça o seu dever; assine o meu passaporte." Ele assinou-o, devolveu-mo, e eu saí para encontrar o meu cônsul, que me recebeu com sentimentos de cólera reprimida, dizendo: "Porque faz promessas para as quebrar imediatamente depois?" Perguntei-lhe o que queria dizer; ele respondeu que eu andara a brincar ao tolo com o Sr. Pasqualonni. Exclamei com irritação: "Sr. Severn, vim ter consigo como súbdito inglês, e não para falar consigo nem sobre a minha crença nem sobre os fenómenos que acontecem através de mim, e se tivesse examinado o assunto saberia que eles são independentes da minha vontade. Apenas exijo de si que cumpra o seu dever como cônsul; qualquer outro conselho está fora de lugar, tanto mais que, desde a minha promessa, nenhuma manifestação ocorreu, embora, ao comprometer-me a não dar sessões, eu não possa prometer que não ocorram manifestações."

Ele foi ver o Governador de Roma, que lhe disse que, uma vez que eu não era capaz de evitar ter manifestações, não me devia ser permitido permanecer mais tempo em Roma. Um dos meus amigos foi visitar Monseigneur Matteuci (junto do qual me apresentei entre as quatro e as cinco horas, sem ser recebido). Obteve autorização para que eu permanecesse até à quarta-feira seguinte. Sabendo que eu resolvera partir na segunda-feira, um grande número de amigos acompanhou-me até ao caminho-de-ferro em sinal da sua simpatia.

"Tal", diz o correspondente do **'Times'**, "é o relato de um procedimento eminentemente característico do Governo Pontifício. Na manhã de segunda-feira, o Cônsul Britânico viu Monseigneur Matteucci, o Governador de Roma, e queixou-se de que qualquer súbdito britânico fosse importunado em consequência das suas opiniões. Declarou que o Sr. Home se comportara, durante a sua residência em Roma, de modo estritamente legal e cavalheiresco, e exigiu que a odiosa ordem fosse revogada. Monseigneur falou de perigosos poderes de fascinação, da proibição, por parte do Governo, de todas as práticas da arte negra, e finalmente consentiu que o Sr. Home permanecesse, na condição de assumir, por intermédio do Sr. Severn, o compromisso de desistir de todas as comunicações com o mundo espiritual durante a sua estada em Roma. Foi redigido e assinado pelo Sr. Home um compromisso nesse sentido, e doravante ele abster-se-á de toda a comunicação com o mundo superior ou inferior, conforme o caso, durante a sua residência em Roma. Menos afortunado que o Sr. Home

foi um padre dominicano, que, segundo ouvi dizer, foi privado da sua cura por ter lido o livro do Sr. Home."

O "Spiritual Magazine" acrescenta:—"Se não fosse pelo estilo revigorante e prático da narrativa, não se poderia imaginar que tal cena pudesse ser representada neste novo ano de Nosso Senhor, 1864, em qualquer parte da Europa. Provavelmente, talvez com exceção da Espanha, não há país algum, exceto aquele governado pelo infalível e santo padre, onde um acto tão lunático pudesse ser perpetrado. Que gargalhada o patrono do santo padre, Napoleão, e o Sr. Home darão à custa do velho cavalheiro quando se encontrarem da próxima vez! Não admira que sejam precisos soldados franceses para amparar um tão velho personagem de ambos os lados, a fim de o manter fora das garras dos seus amorosos súbditos. As recordações pessoais do Papa de ter de escapar do seu próprio palácio disfarçado de lacaio, atrás de uma das suas próprias carruagens, parecem ter-se apagado completamente da sua memória, e admiramo-nos de que todos os criados não façam uma reunião de indignação, para protestarem contra o facto de ele ter desonrado a sua libré nessa memorável ocasião.

A parte mais divertida de todo este negócio é a revogação da ordem, sob condição de o Sr. Home assumir o compromisso de desistir de todas as comunicações com o mundo espiritual durante a sua permanência em Roma! Isto recorda-nos o que ocorreu no tempo em que os milagres de cura estavam a ser realizados em Saint-Médard, em Paris, sobre as multidões que acorriam ao túmulo do bom Abbé François Paris. Quando o número de pessoas se tornou tão grande que a passagem pública ficou bloqueada, algum gracejador escreveu na parede:

"De par le roi, defense à Dieu
De faire miracles en ce lieu !"

O que foi sugerido como uma peça espirituosa de blasfémia foi agora feito pelo Papa, o Santo Padre da verdadeira Fé, a cabeça infalível da Igreja e o descendente linear dos Apóstolos, que pregaram e praticaram a religião espiritual que se baseia nesse sobrenaturalismo, cujos numerosos exemplos foram maravilhosamente elucidados e demonstrados a uma época cética pelos fenómenos que ocorrem na presença do Sr. Home. Em Roma, então, é, de todos os lugares do mundo, aquele onde De par le pape, defense à Dieu, de faire miracles en ce lieu, mas talvez seja agora o lugar menos provável de todos para quaisquer desenvolvimentos espirituais.

As escandalosas fraudes, e imoralidades, imposturas, crueldades, roubos de crianças e fanatismo deste pobre lugar dominado por padres, tornam pouco provável que quaisquer verdadeiros desenvolvimentos espirituais possam encontrar favor dentro dos seus muros. É um país onde a superstição é transformada em ofício para render vinténs aos seus padres mendicantes, e onde uma pequena proporção de verdadeiros fenómenos espirituais foi completada por nove décimos de imposturas, sob a forma de Madonas que piscam os olhos, quadros que sangram e capelas de Nossa Senhora de Loreto, com o próprio Papa sentado na verdadeira cadeira de São Pedro, que um inglês explorador, ao remover parte do revestimento, descobriu ser de marfim coberto de

caracteres mouros. Quando entre eles ocorre um caso comum de mediunidade, são tão ignorantes da sua natureza que, se uma jovem em transe ou em estado magnético vê a Virgem Maria, imediatamente toda a Europa é solicitada em busca de dinheiro para erguer uma capela no local.

Verdadeiramente, passaram os dias das manifestações espirituais em Roma, quando todos os grandes e bons santos, como lhes chamam, são desautorizados por um Papa que proíbe Deus de realizar novamente os milagres que eram comuns a todos eles. O Sr. Home eleva-se no ar; assim aconteceu com São Francisco, com Santo Inácio de Loyola e também com Santa Teresa na grande praça de São Pedro, na presença do Papa e de toda a Roma reunida. Não há uma única das manifestações comuns no caso do Sr. Home que não se veja repetida cinquenta vezes nas vidas, acreditadas pela Igreja, de quase todos os seus maiores santos, mas agora o Papa proíbe que Deus continue a fazer milagres em Roma.

Se o Papa não fosse um lunático, teria feito do Sr. Home um cardeal e tê-lo-ia conservado para realizar sessões duas vezes por semana no Vaticano, para que, por meio das suas manifestações, a crença na possibilidade dos milagres romanistas tivesse alguma hipótese de ser um pouco restabelecida e resgatada da massa de fraude em que os verdadeiros, com razão, se perdem. Se o Protestantismo, que praticamente nega toda a espiritualidade na religião e na natureza, tivesse emitido uma ordem como a do Papa, não ficaríamos surpreendidos. Os nossos homens de ciência e de letras, tais como Brewster e os membros da Royal Society, dificilmente se orgulharão do seu novo coadjutor. Não concordariam nas razões, mas apenas na conclusão do venerável Padre.

Não podemos deixar de estar gratos por ter ocorrido um tal acontecimento, pois isso suscitará um interesse acrescido pelo assunto e um muito grande desprezo pela incapacidade e fanatismo papistas."

O seguinte é do "Spiritual Magazine" de 1 de Fevereiro de 1864:

"Acabamos de receber informação do Sr. Home de que, não obstante a autorização para permanecer em Roma sob condição de não ter 'qualquer ligação com outro mundo', esta invulgar leniência foi mais do que as autoridades podiam suportar, e alguns dias depois o Sr. Home foi definitivamente informado de que tinha de deixar a Cidade Santa, com o fundamento de ser um feiticeiro. Depois do seu primeiro interrogatório pela polícia, que foi brevemente relatado no 'Times', a indignação das classes altas de Roma foi despertada, e muitos foram visitá-lo para exprimir a sua simpatia; e agora, quando recebeu ordem de abandonar Roma imediatamente, os seus amigos reuniram-se em seu redor e, com expressões de detestação pelo Governo, acompanharam-no até à estação ferroviária por onde partiu para Nápoles. Entre os que assim o acompanharam estava Sua Alteza Real o Conde de Trani. A sua partida foi uma

verdadeira ovação e um protesto público contra a ignorante e lamentável barbárie da cabeça espiritual da única verdadeira igreja.

"O Governador de Roma, ao ser interpelado e perguntado se havia algo contra o seu carácter, respondeu que não havia nada, e que 'durante os dois meses em que o Sr. Home esteve em Roma, mantivemo-lo sob vigilância, e acreditamos que o seu carácter é irrepreensível. Temos igualmente informações de outras partes no mesmo sentido; mas ele é um feiticeiro e não pode ser permitido em Roma, e tem de partir.' Durante as quatro semanas anteriores à sua partida, o Governo Romano reteve toda a sua correspondência, e mesmo agora ela ainda não lhe foi entregue.

"O Sr. Home encontra-se agora, portanto, em Nápoles, onde foi recebido com grande distinção. A sua chegada foi anunciada nos jornais, e foi eleito membro honorário do clube mais elevado daquela cidade, e festejado pelos residentes, tanto ingleses como naturais."

A propósito deste acontecimento, talvez me seja permitido citar a seguinte carta, que fala por si mesma.

"Carta circular e ordenança de Monseigneur o Bispo de Argel sobre a superstição chamada espiritualismo.

ARTIGO I. — A prática do espiritualismo, ou evocação dos mortos, é interditada a todos e a cada um na diocese de Argel.

Artigo II. — Os confessores recusarão a absolvição a todo aquele que não renunciar a toda a participação, quer como médium, quer como adepto, quer como simples testemunha, em sessões, privadas ou públicas, enfim, em qualquer operação de espiritualismo.

Artigo III. — Em todas as cidades e em todas as paróquias rurais de Argel onde o espiritualismo tenha sido introduzido com algum éclat, os senhores párocos lerão publicamente esta carta do púlpito no primeiro domingo após a sua receção. Além disso, comunicá-la-ão em toda a parte em particular, conforme a necessidade.

Feito em Argel, aos 18 de Agosto de 1863.

- Louis Antoine-Augustine, Bispo de Argel.

Por ordem de Monseigneur:
A. ANCELIN, Cónego, Vigário-Geral,"

Depois do meu regresso a Inglaterra escrevi a seguinte carta a Lord Palmerston:

"MEU SENHOR,

Há alguns meses estabeleci a minha residência em Roma com o propósito de prosseguir os meus estudos como escultor.

Sem ter de modo algum infringido as leis do lugar, fui expulso do território com muito curto aviso prévio, sob o pretexto de que eu era um feiticeiro, e de que publicara um livro em Londres.

Tendo sido sujeito a grande despesa, bem como a incómodo, por causa da minha expulsão, peço licença para submeter os factos à atenção de Vossa Senhoria, como o melhor meio de obter reparação.

Ao Muito Honorável
Tenho a honra de ser, etc., etc.,
DANIEL DUNGLASS HOME."

"Visconde Palmerston, K.G., etc., etc., etc.
Tesouro."

Tendo o assunto sido remetido para o Secretário dos Negócios Estrangeiros, seguiu-se ulterior correspondência, que foi encerrada pela seguinte carta:

"SENHOR,
Foreign Office,
16 de Abril de 1864.

Fui incumbido pelo Conde Russell de acusar a receção da sua carta do dia 9 do corrente, em que se queixa da sua expulsão do Território Romano; e devo declarar-lhe, em resposta, que Sua Senhoria não está preparado para fazer qualquer representação ao Governo Romano sobre este assunto.

D. D. Home, Esq.
Sou, Senhor,
Seu mui obediente e humilde servidor,
Cox's Hotel, Jermyn Street."
A. H. LAYARD.

A propósito deste assunto recebi uma carta do Monsieur A. Gautier, Cônsul da Grécia em Roma, da qual o seguinte é uma tradução.

"A sua partida daqui tem sido objeto de muitos comentários, que segui cuidadosamente, e penso que lhe agradará ter notícia deles; proporcionar-lhe-ão divertimento.

Uns divulgaram que o senhor era um agente secreto da Inglaterra, outros do Imperador dos Franceses, e outros ainda da Rússia, mas outros afirmaram que o senhor era o espião familiar do ex-Rei de Nápoles, apresentando como prova as suas relações com o Conde de Trani e com M. Della Rocca. Daí concluiu-se que o senhor só se misturava na sociedade como diplomata não declarado, um homem perigoso, em íntima compreensão com tantas cortes; e tornou-se devidamente suspeito para os governos.

Mas, como isto não satisfez todas aquelas mentes moralistas que sustentavam que qualquer pessoa tinha o direito de se tornar, na sociedade, agente deste ou daquele

governo, sem merecer ser expulso pelas suas opiniões, surgiu uma versão de carácter diferente; e disse-se que o senhor fora compelido a partir por razões morais. O livro, a verdadeira causa, ficou submerso sob todos estes produtos da imaginação.

Afirma-se que o advogado que o interrogou se apercebeu das pancadas dadas enquanto o interrogatório decorria, e que, quando isso lhe foi referido, respondeu: 'Imaginação, excitação; pensara tê-las ouvido.'"

Depois de uma citação do "Memorial Diplomatique" de Paris, a carta conclui:

"Pode presumir-se que todos estes rumores e repetições não terminarão aqui, mas que o apóstolo da verdade um dia falará ou escreverá acerca dos factos que lhe dizem respeito, e nesse caso fica por este meio autorizado e recomendado a tornar conhecido, mesmo por meio da sua pena, o nome do intérprete oficial que esteve presente neste mesmo acontecimento, e que, tal como ele, professa reverência pela verdade. Este é um direito pertencente à vítima, e que não lhe poderia ser negado, tal como a verdade não poderia ser falseada."

Tendo-me sido recomendado que prosseguisse o meu pedido ao Secretário dos Negócios Estrangeiros fazendo com que o meu caso fosse levado à Câmara dos Comuns, o Sr. J. A. Roebuck assumiu gentilmente o encargo de fazer uma pergunta sobre o assunto. Escrevi-lhe do seguinte modo:

"MEU CARO SENHOR,
64, Jermyn St.
St. James.

Lamento de facto muitíssimo todo o incómodo que lhe estou a dar; mas, ao mesmo tempo, sinto-me certo de que o seu elevado sentido de justiça e de retidão é tal que, estou certo, terá paciência comigo. Submeto-lhe os documentos relacionados com a minha expulsão de Roma, e verá que não se trata de nada senão do meu livro e da minha crença como espiritualista.

O partido papal está agora, tanto quanto sei, a fazer tudo o que pode para que se diga que houve outros fundamentos para a minha expulsão, mas nenhum deles ousa apresentar-se e, como homem, formular a acusação. Nada há, a meu ver, tão vil como um ataque cobarde ao carácter moral de um homem. Posso muito bem compreender que se sintam profundamente envergonhados por aquilo a que chamam uma igreja infalível ter de expulsar dos seus Estados um homem cuja vida inteira é bem conhecida, e contra o qual nada se podia dizer.

Mas é tristíssimo que tenham de recorrer à falsidade e à calúnia para tentar atenuar os maus tratos já recebidos. Alguns deles dizem que eu dei sessões em Roma. Encontrará na carta marcada com o n.º 4, escrita pela minha antiga senhoria com quem me alojei durante todo o tempo em que estive em Roma, que ela nem sequer tinha conhecimento dos singulares poderes que possuo. Consideraria isto, em toda a justiça comum, uma refutação suficiente da acusação. Outra acusação é a de que fui expulso por não ser de carácter inocente. Estou disposto a que todos os atos da minha vida, não

só durante a minha permanência em Roma, mas também noutros lugares, sejam submetidos ao público, e aceito a sua decisão imparcial.

A carta n.º 1 é a minha primeira notificação para comparecer perante eles a fim de ser interrogado. No n.º 2 estão as perguntas escritas pelo cavalheiro que me acompanhou, e verá que não há sequer uma alusão a nada relativo ao meu carácter pessoal. No n.º 2, B., estão as perguntas e respostas preparadas para impressão como prefácio à terceira edição do meu livro em França. O n.º 3 é uma carta recebida do cavalheiro que esteve comigo durante o meu interrogatório. Esta carta foi recebida durante a minha estadia em Paris. O n.º 4 é a carta já acima referida.

E agora, meu caro senhor, posso assegurar-lhe que me sinto muito grato pelo trabalho que já teve. Peço apenas justiça. Devo acrescentar a tudo isto que o Sr. Severn, em vez de me servir de auxílio, fez exatamente o contrário, e causa-me espanto que um governo inteligente tenha podido colocar numa posição tão importante alguém tão pouco qualificado para a exercer. O Sr. Severn nada sabe de direito internacional, e é demasiado propenso a falar de assuntos que de modo nenhum entram no âmbito da sua posição.

Ele, na presença do Sr. Wreford, correspondente do **Times**, disse que lhe tinham sido lidas por Monsignor Mattenci várias cartas cujo conteúdo se recusou a divulgar, mas cujo teor era tal que tinha de se recusar a fazer mais alguma coisa por mim. Então eu, na presença destes dois cavalheiros, exigi saber se havia algo nas cartas que o impedisse de apertar a minha mão como inglês e como cavalheiro. A isto respondeu imediatamente: Não. Duas horas depois foi-me dito o que as cartas continham, e era apenas a mesma história absurda que se conta sempre que saio de Paris, isto é, que sou mandado embora por ordem do Imperador. Tagarelices deste género deveriam ser evitadas por um cônsul inglês.

Qualquer informação de que possa necessitar, terei o maior prazer em fornecê-la. Agradecendo-lhe uma vez mais,

Creia-me, meu caro Senhor,
24 de Maio de 1864.

Seu muito obediente,
D. D. HOME."

O "Spiritual Magazine" de Julho de 1864 contém o seguinte relato da discussão na Câmara:

"Como os leitores deste jornal sem dúvida terão visto que a expulsão do Sr. Home de Roma foi objeto de queixa e inquérito na Câmara dos Comuns britânica, não será deslocado registar aqui tão interessante episódio na história do espiritualismo moderno. Extraio o relato tal como foi publicado no 'Morning Star' de 31 de Maio último:

"O Sr. Roebuck levantou-se para perguntar ao Subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros se tinham sido tomadas quaisquer medidas para obter do

Governo Papal reparação pelos danos causados ao Sr. Home por esse Governo. O ilustre membro disse que o Sr. Home acreditava ter o poder de chamar espíritos, e que era aquilo a que publicamente se chamava um 'Espiritualista', embora ele (Sr. Roebuck) não soubesse exatamente o que isso significava. Não acreditava nisso, mas tal nada tinha a ver com o presente caso. O Sr. Home, segundo acreditava, era um homem de comportamento perfeitamente correto, e a questão era saber se devia receber proteção do Governo de Inglaterra.

Os factos do caso eram os seguintes. O Sr. Home foi a Roma estudar a sua arte, e incorreu em considerável despesa para realizar esse objetivo. Algum tempo depois de ali chegar recebeu uma notificação do chefe da polícia, exigindo que comparecesse na esquadra. O Sr. Home assim fez, quando lhe foi feito um grande número de perguntas. Em primeiro lugar, o funcionário da polícia perguntou-lhe a idade, e o Sr. Home deu uma resposta, sendo naturalmente uma pessoa que deveria saber a sua própria idade. O funcionário disse-lhe que ele tinha mais oito ou dez anos, o que o Sr. Home negou. O signor disse então:

'O senhor publicou um livro em França e em Inglaterra, dizendo que certos espíritos o visitavam.' O Sr. Home admitiu que o fizera. O signor disse: 'Compromete-se a que nenhuns espíritos venham ter consigo enquanto estiver em Roma?' (Risos.) O Sr. Home disse: 'Não, não posso fazer isso; os espíritos vêm ter comigo por sua própria iniciativa. Não posso responder por eles; mas isto prometo, que não farei nenhuma sessão, e nada farei para solicitar a sua vinda até mim; e mais, nada farei contra as leis da cidade de Roma.' Perante isto o signor deu-lhe a entender que não seria importunado. Algum tempo depois disto, o segundo no comando da polícia mandou chamar o Sr. Home. O Sr. Home foi em companhia do Cônsul Francês, mas não encontrou ninguém na esquadra. Quando chegou a casa, veio uma nota perentória intimando-o a estar na esquadra. O Sr. Home foi pela segunda vez, ocasião em que o funcionário disse: 'O senhor não esteve aqui ontem à hora a que lhe foi exigido.' O Sr. Home respondeu: 'Sim, estive.' 'Pois bem', disse o funcionário, 'deve deixar Roma dentro de quarenta e oito horas.' Ora, isto foi tudo. (Ouçam, ouçam.) Ele (Sr. Roebuck) queria saber se o Governo protegeria um súbdito britânico que fora tratado desta forma.

Qualquer que fosse o maravilhoso e misterioso poder do Sr. Home, ele devia ser protegido como cidadão britânico. Observava o Presidente da Junta do Comércio no seu lugar — (muitos risos) — mas ele (Sr. Roebuck) não nutria qualquer sentimento pela profissão do Sr. Home, a não ser desprezo por toda a coisa; ainda assim, o Sr. Home, sendo cidadão britânico, devia ser protegido. Tinha grande respeito pelo velho cavalheiro à frente do Governo Papal — (um riso) — e desejava que vivesse longamente para gozar a vida; mas a Inglaterra tem de proteger os seus súbditos.

O Sr. Home fora ignominiosamente expulso de Roma, depois de ali ter incorrido em despesas consideráveis, e quando se perguntou ao Conde Russell o que faria, ele disse: 'Nada farei.' (Muitos risos, causados pelo Sr. Roebuck ao imitar a voz e os modos do nobre lord.) 'Pediu ao nobre lord à frente do Governo que protegesse este infeliz cavalheiro contra a tirania do Governo Romano.'

"O Sr. Layard lamentava que o Sr. Home se tivesse colocado numa posição que levasse o Governo Papal a intimá-lo a deixar Roma, mas ele parecia ter infringido as suas regras. ['Não, não', do Sr. Roebuck.] Pois bem, o Governo Romano pensava que ele mantinha relações com espíritos, e por consequência intimou-o a deixar Roma. Ele (Sr. Layard) não emitia opinião sobre se o Sr. Home mantinha ou não relações com espíritos, nem procurava atenuar a conduta das autoridades romanas; mas tal era a lei de Roma, e não pensava que o Governo pudesse intervir. As autoridades romanas temiam que esses espíritos comunicassem com o Sr. Home quer ele o desejasse quer não, e opunham-se a que fizessem de Roma o seu lugar de residência. (Risos.) Tudo isto podia ser muito tolo, mas ele não via que houvesse qualquer motivo para a intervenção do Governo britânico.

"O Sr. Hennessy salientou que as severas leis em Inglaterra contra a adivinhação e a feitiçaria se fundavam no mesmo princípio que as leis de Roma. Sempre ouvira dos visitantes ingleses em Roma que recebiam a maior atenção por parte do Governo Papal.

"O Sr. V. Scully não via que nem o Governo Romano nem o Sr. Home tivessem culpa. As verdadeiras partes contra as quais se devia apresentar queixa eram aqueles espíritos invisíveis que visitavam o Sr. Home quer ele o desejasse quer não. Queixou-se de que o ilustre membro por Sheffield tivesse falado do Papa como 'o velho cavalheiro' à frente do Governo Papal. Quanto às revelações do Sr. Home, não acreditava em espírito algum, excepto no caso da Bruxa de Endor — (um riso) — mas, como tinham estado a discutir 'espíritos' toda a noite, esperava que por ora não houvesse mais nada sobre o assunto.

"O assunto foi então abandonado."

"Como tenho grande respeito pelo Sr. Roebuck, que considero um político corajoso e honesto, lamento que ele tenha sentido necessidade de qualificar as suas observações, rebaixando-se a ir ao encontro dos preconceitos dos seus pares ao exprimir o seu 'desprezo pelo maravilhoso e misterioso poder do Sr. Home.' Se o poder é, como o Sr. Roebuck admite, 'maravilhoso e misterioso', é ilógico e irracional desprezar aquilo que ele não compreende.

"Já passaram mais de dez anos desde que falei pela primeira vez com o Sr. Roebuck sobre o assunto do espiritualismo, e lhe descrevi o carácter 'maravilhoso e misterioso' dos fenómenos que então testemunhara. As minhas afirmações foram corroboradas por duas ou três outras pessoas presentes, e como o Sr. Roebuck mostrou uma descrença total nessas afirmações, perguntei-lhe, como advogado, que quantidade de testemunho humano considerava necessária para estabelecer um facto; porque eu podia, se o testemunho tivesse algum valor, obter qualquer número razoável de testemunhas.

Ele não respondeu a essa pergunta, mas terminou a conversa com um encolher de ombros e um sorriso significativos, implicando de forma muito clara que tinha pena de mim, e sem dúvida, se estivesse a presidir como juiz de tutelas num inquérito sobre a

minha condição mental, não teria hesitado em declarar-me incapaz de administrar os meus próprios assuntos."

"O Sr. Roebuck, desde esse período, deve estar ciente de que milhares de homens e mulheres neste país, seus iguais em carácter e inteligência, foram confirmados na 'ilusão' sob a qual ele supunha que eu então laborava; e, por conseguinte, repito que é com sentimentos de surpresa e de pesar que encontro alguém que esteve à frente do seu tempo na maior parte dos assuntos, aventurando-se a troçar de um tema sobre o qual, se fosse interrogado de perto, seria forçado a admitir que é profundamente ignorante.

Os dois membros católicos romanos, o Sr. Pope Hennessy e o Sr. Vincent Scully, teriam feito melhor em abster-se de observações que nos levam a supor, contrariamente ao sentimento de todo o homem esclarecido neste país, que aprovam e justificam o fanatismo intolerante que levou à expulsão do Sr. Home dos domínios papais. Em particular, o Sr. V. Scully não demonstrou a sua docilidade como católico romano ao declarar a sua descrença em todos os espíritos excepto no da Bruxa de Endor.

Queria ele assim marcar publicamente como espúrios e fraudulentos todos os espíritos da Igreja de Roma, e as suas Senhoras de La Salette, como fabricações do Papa e dos padres? Acontece que eu sei que, se o Sr. V. Scully pedir a opinião do príncipe da sua igreja, o Cardeal Wiseman, encontrará uma medida de crença muito diferente. Há apenas algumas semanas o Cardeal Wiseman, ao falar das modernas manifestações espirituais a um dos seus fiéis, colaborador ocasional destas páginas, disse que acreditava inteiramente nelas, e que não poderia ser católico sem o fazer.

Se o que é dito do Papa pelo seu próprio povo for verdadeiro, o Sr. Home tem boas razões para agradecer que Sua Santidade não lhe tenha dado a sua bênção em vez de lhe dar a sua dispensa. De uma obra muito interessante, que trata de pessoas e coisas em Roma, faço o seguinte excerto pertinente:

"Até o próprio Papa tem a reputação de possuir, em certa medida, o Mau-Olhado. Pergunte-se a um romano como é isso, e ele responder-lhe-á como um me respondeu no outro dia: 'Dizem-no; e quanto a mim, realmente parece-me verdadeiro. Se ele não tivesse a estatura, seria muito estranho que tudo o que ele abençoa acabasse em fiasco. Todos nós nos saímos muito bem na campanha de 48 contra os Austríacos. Ganhávamos batalha após batalha, e tudo era alegria e esperança, quando de repente ele abençoa a causa, e tudo vai imediatamente para o diabo. Nada resulta com ninguém nem com coisa alguma quando ele lhes deseja bem. Veja, aqui no outro dia foi a Santa Inês para ter uma grande festa, e o soalho desaba, e as pessoas ficam todas esmagadas umas contra as outras. Depois visita a coluna da Madonna na Piazza di Spagna, e abençoa-a e aos operários, e, claro, um deles cai do andaime nesse mesmo dia e morre.

Há uma ou duas semanas combinou encontrar-se com o Rei de Nápoles em Porto d'Anzo, e levanta-se uma tempestade e um vendaval violentos que duram uma semana; depois faz-se outro arranjo, e então surge o escândalo a propósito da ex-Rainha de Espanha. Depois, novamente, Lord C. veio no outro dia de Albano, sentindo-se algo indisposto; então o Papa envia-lhe a sua bênção especial, e puf! ele morre de imediato

num abrir e fechar de olhos. Nada é tão fatal como a sua bênção. Pela minha parte, não me admiro de que os operários da coluna se tenham recusado no outro dia a trabalhar na sua elevação, a menos que o Papa se mantivesse afastado.'"

Na autobiografia do Sr. Home ele relata vários casos, creio eu, mas certamente um em particular, em que a sua vida foi salva pela interposição da Providência, por meio da agência reconhecida dos espíritos. Como ele próprio é de fé católica romana, presumo que teria ficado feliz, em qualquer momento, por obter a bênção do Papa; e, por conseguinte, pode, numa reflexão serena, inclinar-se a pensar que, por uma Providência especial, foi milagrosamente salvo das possíveis consequências de semelhante calamidade. Lamentamos dizer que o Sr. Home já sofre sob a aflição da bênção especial do Papa. Vimos o documento original, assinado por Sua Santidade. — Ed.]

O "Spiritual Magazine", de 1 de Abril de 1864, comentou assim este assunto:

"As observações que recentemente fizemos acerca da violenta expulsão do Sr. Home de Roma pelo Papa foram seriamente censuradas por vários dos nossos amigos católicos romanos, que se queixam delas como sendo altamente injustas para com o Santo Padre e como revelando uma hostilidade irrefletida para com o Catolicismo. Temos todo o desejo de ser justos para com o Catolicismo, tal como para com todas as classes de pensamento religioso, e lamentamos ofender alguém com críticas demasiado severas, mas lamentaríamos ainda mais sacrificar a liberdade de discussão à natural sensibilidade que os ofensores têm pelos seus próprios sentimentos. Quando verificamos que os nossos amigos católicos são eles próprios tão sensíveis, não nos parece deslocado lembrar-lhes que os outros também têm sentimentos, os quais podem ser ultrajados por ofensas que se pode dizer chocarem a humanidade e o próprio génio do tempo. Teríamos pensado muito melhor dos nossos amigos se, num tal caso, se tivessem submetido em silêncio e com tristeza à vergonha que o seu chefe espiritual trouxe sobre tudo o que há de bom na sua religião; e se, em vez de se queixarem das nossas observações, tivessem protestado contra a sua conduta.

Nada ouvimos a esse respeito, mas apenas os lamentos de crianças a quem não agrada o castigo que merecem. Mesmo em Roma, e entre os romanistas, o ato bárbaro da cabeça infalível da única verdadeira Igreja foi protestado pelos principais residentes e visitantes, tanto régios como leais; mas ouvir ingleses em Inglaterra absterem-se de condenar e desprezar tais atos é, para nós, o mais triste espetáculo de todos, pois mostra-nos quão necessário é impedir que uma tal classe alguma vez obtenha poder temporal. Uma desculpa frágil para o Papa é a de que aquilo que ele fez não foi no exercício do seu poder espiritual, no qual apenas é infalível, mas do seu poder temporal, que nem os seus aderentes conseguem defender em todas as ocasiões.

Acreditamos que aquilo a que chama o património de São Pedro foi a sua maior maldição, mas não há parte alguma dos seus alegados domínios à qual ele se agarre com maior pertinácia; e se ele quiser ser um governante temporal tomaremos a liberdade de o censurar quando fizer um tal abuso do seu poder temporal. Outro amigo censura-nos por termos insinuado descrença na remoção corporal da Casa de Nossa Senhora de Loreto

de Belém para Loreto, fazendo pelo caminho uma estadia temporária na Dalmácia; e informa-nos, com base no testemunho de uma pessoa que analisou cuidadosamente as provas, e que foi propositadamente a Belém, à Dalmácia e a Loreto para examinar os vestígios nos dois primeiros locais e o próprio edifício, que há toda a razão para crer que a capela foi realmente assim removida.

Mas certamente, se as manifestações do Sr. Home são feitiçaria por meramente mover uma mesa, ou por ele próprio ser elevado no ar, este transporte corporal de uma casa da Terra Santa para Itália deve ter sido feitiçaria em escala muito maior. É claro que todo o mundo acredita que este milagre papista é uma impostura grosseira, e isso porque está monstruosamente em oposição às leis naturais; mas, se o Papa pudesse fazer elevar o Sr. Home no ar numa solene reunião na Grande Praça de São Pedro, como Santa Teresa, isso poderia dar ao menos um ar de possibilidade ao flutuar da Casa de Nossa Senhora. Tomando a levitação, ou a elevação do Sr. Home no ar, como um exemplo especial e culminante da sua feitiçaria, o que encontramos?

A mesma feitiçaria é praticada pelas grandes luzes brilhantes, pelos próprios santos da Igreja Romana; e infelizmente encontram-se muito menos exemplos dela no espiritualismo moderno do que nos registos autorizados do romanismo. Sem falar dos exemplos que dela se encontram na Bíblia, está provada para além de toda a dúvida nos casos de Santa Teresa, Santa Catarina, São Filipe Néri, Ricardo Abade de Saint-Vanne de Verdun, Inácio Loyola, Savonarola, São Domingos, São Dunstano, São Francisco de Assis, São Caetano, São Bernardo Ptolemaei, Santa Catarina de Ricci, São Cupertin, e outros que poderíamos nomear se esta lista não fosse suficientemente longa; mas, para coroar a questão do ato de estupidez praticado no passado dia 2 de Janeiro, basta declarar que, segundo as exigências da Igreja de Roma, a realização de milagres, como eles lhes chamam, é uma condição absolutamente necessária na canonização dos santos — sendo considerada a única prova segura da sua perseverança final naquelas disposições santas que lhes dão direito a tão elevada honra.

Daí que a tomada em consideração dos milagres para este fim tenha sempre sido da competência dos principais pastores da Igreja Romana, por exigir a maior circunspeção. Dizia-se dos Bourbons que, depois de todos os seus infortúnios, nada tinham aprendido e nada tinham esquecido. Nem o tempo, nem o país, nem a civilização, nem o progresso, nem a humanidade, nem a liberdade, nem sequer a urbanidade parecem ter qualquer poder para moderar a intolerância e o selvagem fanatismo do sucessor de São Pedro e vice-regente de Deus.

Que os nossos amigos católicos se juntem a nós para exprimir a sua desaprovação por tais modos vergonhosos de torcer o pensamento e de perseguir hereges, e então poderemos separá-los da condenação geral, que de outro modo será justamente aplicada ao corpo bem como à cabeça da sua secção de opiniões religiosas."

## CAPÍTULO IV

## SLUDGE, O MÉDIUM —

## RETRATOS DE FANTASIA DO SR. ROBERT BROWNING

Embora no grosseiro ataque ao espiritualismo contido em "Mr. Sludge the Medium", do Sr. Robert Browning, não haja de facto absolutamente nada que ligue o seu retrato de Sludge à minha pessoa, pois ninguém que me conhecesse sequer ligeiramente poderia descobrir um único ponto de semelhança, ainda assim perguntaram-me se cenas como as que ele descreve naquela efusão alguma vez tinham ocorrido, e a imprensa tratou o "poema" como se fosse dirigido a mim.

Em consequência destas circunstâncias, bem como pelo facto de toda a produção ser um ataque ofensivamente grosseiro ao espiritualismo em geral e a todos os médiuns sem exceção; e sentindo, além disso, que ela é, embora provavelmente sem que ele próprio disso se aperceba, um insulto à memória da sua falecida esposa, cuja inteligência estava muito acima da dele, e que viveu e morreu crente no espiritualismo, vejo-me compelido a tomar conhecimento deste notável poema do Sr. Robert Browning.

Aceitando a antiga e reconhecida definição da palavra poema como proveniente de *ποιέω, facio,* estas linhas constituem um poema, pois foram feitas pelo Sr. Browning, mas que outro carácter de poesia possuam, devo admitir que eu, em comum com muitos dos meus amigos, não o consegui descobrir. Algumas das linhas são iguais às produções do poeta Close; outras sugerem a licenciosidade de *Don Juan* divorciada da sua imagética poética; como exemplo da primeira posso citar os dois primeiros versos da confissão de Sludge:

"Fol-lol-the-rido-liddle-iddle-ol!
You see, sir, it's your own fault more than mine."

A seguinte passagem, embora dê também alguma prova de uma escrita semelhante à do Poet Close, é exemplo da segunda:

"I got up from my gorge
On offal in the gutter, and preferred
Your canvass backs: I took their carver's size,
Measured his modicum of intelligence,
Tickled him on the cockles of his heart
With a raven feather, and next week found myself
Sweet and clean, dining daintily, dizen'd smart,
Set on a stool buttress'd by ladies' knees,
Every soft smiler calling me her pet,
Encouraging my story to uncoil
And creep out from its hole, inch after inch,
How last night, I no sooner snug in bed,
Tuck'd up, just as they left me, than came raps!"

"Levantei-me do meu banquete
De vísceras na sarjeta, e preferi
Os vossos patos-trombeteiros: tomei a medida de quem os trinchava,

Medi o seu módico de inteligência,
Afaguei-lhe as fibras do coração
Com uma pena de corvo, e na semana seguinte dei comigo
Limpinho e asseado, jantando delicadamente, janota e elegante,
Posto num banco amparado por joelhos de damas,
Com cada suave sorridente a chamar-me seu bichinho,
Encorajando a minha história a desenrolar-se
E a rastejar para fora do seu buraco, polegada a polegada,
De como ontem à noite, mal me aconcheguei na cama,
Agasalhado, tal como me deixaram, logo vieram as batidas!"

A delicadeza e o bom gosto do seguinte também dispensam comentário:

"Curse your superior, superintending sort,
Who, since you hate smoke, send up boys that climb
To cure a chimney, bid a 'medium' lie
To sweep your truth down! curse your women too,
Your insolent wives and daughters, that fire up
Or faint away if a male hand squeeze theirs;
Yet, to encourage Sludge, may play with Sludge
As only a medium,' only the kind of thing
They must humour, fondle... Oh, to misconceive
Were too preposterous! But I've paid them out!
They've had their wish-call'd for the naked truth,
And in she tripp'd, sat down and bade them stare;
They had to blush a little and forgive!"

"Maldito o vosso tipo superior e supervisor,
Que, como odiais o fumo, mandais subir rapazes que escalam
Para curar uma chaminé, ordenando a um 'médium' que minta
Para varrer a vossa verdade! Malditas também as vossas mulheres,
As vossas insolentes esposas e filhas, que se inflamam
Ou desmaiam se uma mão masculina aperta a delas;
Contudo, para encorajar Sludge, podem brincar com Sludge
Como 'apenas um médium', apenas o tipo de coisa
Que devem mimar, afagar... Oh, interpretar mal
Seria demasiado absurdo! Mas eu vinguei-me delas!
Tiveram o seu desejo — pediram a verdade nua,
E ela entrou saltitante, sentou-se e mandou que a encarassem;
Tiveram de corar um pouco e perdoar!"

E ainda:

"Miss Stokes turns-Rahab-nor a bad exchange,"

"A Menina Stokes torna-se—Raabe—nem é má troca,"

é seguido mais adiante por:

"To hear your outcries, one would think I caught
Miss Stokes by the scuff o' the neck, and pitch'd her flat,
Foolish face foremost!"

"Ao ouvir os vossos clamores, dir-se-ia que agarrei
A Menina Stokes pelo cachaço, e a atirei de chapa,
Com a cara de tonta para a frente!"

Não tenho intenção de criticar uma escrita que é, como não pouca parte da obra do Sr. Browning, ou acima ou abaixo da crítica, conforme o autor ou o leitor possam pensar; mas devo aludir a um ponto que revela completa ignorância acerca do assunto do espiritualismo. O Sr. Sludge é suposto ter sido levado à sua confissão por uma dose excessiva de champanhe, e ser sustentado durante a sua continuação por beberagens de egg-nogg, auxiliadas pela influência calmante da erva da Virgínia; perto do final ele torna-se lamentavelmente bêbedo e irrompe:

É aliviado pelo conforto substancial de um bom número de notas de cinco dólares, poeticamente denominadas V. notes, e depois de concluir o seu discurso com

"Bl-l-less you, sir!"

irrompe — pode supor-se quando já fora da porta — com

"R-r-r, seu bruto animal e patife! covarde miserável! Só desejava ousar incendiar a casa
E estragar o seu risinho!"

Esta bela poesia continua por catorze versos, e é seguida por alguns lamentos que terminam na reflexão consoladora:

"Começar noutro lugar de novo!
Boston é um buraco, o lago das arenques é largo,
As V-notes valem alguma coisa, a liberdade vale ainda mais.
Além disso, é ele o único tolo no mundo?"

Se o Sr. Browning soubesse alguma coisa, na prática, sobre espiritualismo, teria consciência de que a indulgência em bebidas intoxicantes tem uma forte tendência para destruir o poder mediúnico; mas este género de ataque leva-me a crer que o Sr. Browning pretendeu que o seu retrato imaginário do Sr. Sludge me representasse; pois acontece que sei que ele uma vez comentou a meu respeito que eu tinha o hábito de ser todas as noites ajudado a regressar a casa bêbedo pela polícia. A ideia é digna do seu génio criador, como se existisse algum prazer na sensação de estar bêbedo; eu, até agora, ignoro-o completamente, bem como os seus efeitos, pois nunca fui sensivelmente

afetado por bebida intoxicante de qualquer espécie durante o curso da minha vida e sou, como todos os meus amigos bem sabem, extremamente abstémio.

Relativamente a esta produção, a Sra. Sarah Helen Whitman, a conhecida autora americana, caracterizou-a como uma desonra para o Sr. Robert Browning e, numa carta ao editor de um jornal americano, disse: "Se tiver ainda a paciência de ler o poema do Sr. Browning a que me referi, compreenderá porque é considerado por alguns dos mais calorosos admiradores do Sr. Browning como 'uma mancha no escudo'."

Aquando do aparecimento do livro do Sr. Browning, a *Spiritual Magazine*, em Julho de 1864, publicou o seguinte artigo sob o título "Mr. Robert Browning on Spiritualism". "A imprensa está bastante alerta e volta novamente a ocupar-se do assunto do espiritualismo, e é pródiga em elogios ao mais recente esforço poético do Sr. Robert Browning, do qual sessenta e oito páginas são ocupadas por uma violenta explosão dos seus sentimentos, sob o título de 'Mr. Sludge, the Medium'. Não tem sido frequente, nem por parte de grande número de críticos, que o Sr. Browning tenha encontrado até agora grande simpatia pela sua poesia, nem ele tomou muito a peito que os seus leitores e admiradores fossem tão poucos. Antes pelo contrário, isso alimentou ainda mais a sua vaidade e convenceu-o ainda mais da sua ideia fixa de que era um poeta antes do seu tempo.

Foi conduzido a esse sentimento por alguns amigos sinceros da imprensa, que nunca cessaram de demonstrar a sua amizade pelo homem escrevendo elogiosamente sobre o poeta e assegurando-lhe que o seu metal tinha o verdadeiro timbre. Ele próprio nunca vacilou nesta crença e é tão sensível na sua vaidade que, se alguma vez pudesse duvidar dela, teria colapsado imediatamente, como o pobre Keats fez, perante uma crítica desfavorável. A sua desmedida vaidade, porém, auxiliada pelos seus poucos amigos devotados, preservou-o para nós, e ele sente-se feliz por acrescentar ainda à sua fama póstuma por meio de ocasionais ensaios do seu génio.

Nós só podemos sentar-nos, após tentativas vãs de seguir as suas ideias, maravilhados com a terrível vastidão da mente humana, que pode complacentemente dar à luz palavras tão incandescentes acerca de algo que não conseguimos compreender e de cujo significado estamos até mais satisfeitos do que o contrário por não sermos a posteridade que terá de o decifrar. Ele é um sumo sacerdote da natureza, ministrando sozinho no templo e sobre um pedestal que ele, feliz homem, nunca sente instável debaixo de si. Que espantoso prodígio é esta faculdade que alguns homens possuem de autossatisfação e de viver numa atmosfera que imaginam ser de éter sereníssimo.

"Conhecemo-lo bem há anos, quando estava a fazer os seus primeiros voos ascendentes, e quase nos assustámos por ele quando os críticos grosseiros lidaram com a sua natureza sensível. Foi então, porém, que ele os venceu para sempre, decidindo que eram tolos e envolvendo-se no manto da posteridade. Este foi o seu golpe mais feliz de todos e, para lhe dar pleno proveito, só necessitou da assistência de alguns amigos que, aos seus olhos, estavam dotados da qualidade divina de o compreenderem. Depois disto nada mais o podia tocar ou penetrar a sua armadura; e quanto mais os críticos

vociferaram contra ele, mais ele os desprezou e condenou com palavras mais rancorosas e violentas do que as deles próprios, por ousarem criticar o príncipe dos poetas — o homem que estava antes da sua época.

"É necessário percorrer este pequeno esboço para se ter alguma ideia da mente do homem que agora se digna conceder-nos o transbordamento do seu génio sobre o assunto do espiritualismo. Ninguém senão alguém de tal natureza, e apenas depois de ter recebido uma ferida especial, poderia ter elevado o fogo sagrado a tal grau como aquele com que o Sr. Browning se aquece ao atacar o Sr. Sludge, o médium. Que poderá o pobre Sludge ter feito ao poeta? Pois, para além do rancor que sente para com a humanidade em geral, o poeta deve seguramente ter alguma injúria pessoal a vingar. Não é inteiramente fácil perceber que o Sr. Home seja a vítima pretendida, mas, seja ele ou não, a imprensa tomou imediatamente o poema como sendo dirigido a ele e acusou-o com base nos factos ou fantasias mencionados no poema.

Um amigo íntimo do Sr. Browning foi mesmo tão influenciado pelas afirmações que achou necessário perguntar se tais cenas alguma vez tinham acontecido como são descritas, e o Sr. Home teve de responder que tudo não passa de pura invenção. Será, portanto, melhor tomar o touro pelos cornos desde logo e tratar o poema como um ataque violento e rancoroso contra o Sr. Home e o seu carácter privado, pretendendo conduzir ou permitir que o público acredite que a cena descrita foi retirada da vida real e que o poeta apenas a vestiu em verso conforme a sua fantasia, preenchendo os intervalos com os espasmos habituais que caracterizam as efusões do Sr. Browning.

"Mesmo a poesia, quando se fazem tais alusões e acusações pessoais, deve preservar a sua base de verdade como a menina dos seus olhos. O elemento imaginativo não deve ser aplicado aos factos, ou o versificador degenera em caluniador. Um amigo nosso, quando os nossos filhos contam mentiras, diz que são apenas poetas; mas pensamos que ele confunde a palavra. Por isso julgámos melhor reduzir o poema do Sr. Browning, no que diz respeito aos seus factos e narrativa, a simples prosa, e assim pôr a descoberto aquilo que estava na sua mente quando começou a escrever. Quanto ao resto do poema, há nele algumas coisas boas de que conseguimos entrever um vislumbre, e todas essas estamos satisfeitos por deixar àquela posteridade que é o último refúgio do autor, assim como se diz que o patriotismo é o último refúgio do canalha.

"Para o fazer com justiça e para levantar a questão entre o Sr. Browning e a sua provável vítima, o Sr. Home, examinámos com muito cuidado as suas sessenta e oito páginas e daremos depois a chave do rancor e da virulência observáveis ao longo de todo o texto. Não é frequente que possamos esperar, pelo conhecimento pessoal de ambas as partes, chegar ao verdadeiro âmago do assunto e mostrar as molas secretas da acção, enquanto o poeta durante longos anos alimenta a sua ira para a manter quente.

"O poema, então, de 'Mr. Sludge, the Medium', abre com os nós dos dedos do poeta divinamente inspirado na garganta do médium, consequência de o ter acabado de apanhar a enganá-lo ao dar uma falsa revelação da parte de sua mãe. O Sr. Sludge reconhece imediatamente a fraude e, com base em ser a sua primeira falta, suplica-lhe

que retire os nós dos dedos e que não o exponha como impostor. Protesta que foi o champanhe do poeta que lhe pôs tal loucura na cabeça. O poeta, porém, é implacável e o Sr. Sludge, não conseguindo libertar-se dos nós dos dedos, oferece-se para lhe contar tudo acerca dos truques — faz uma confissão completa e declara que tudo é impostura e que mudará de ofício e não enganará mais ninguém.

"O Sr. Sludge começa por dizer que a culpa é mais das pessoas curiosas e distintas do que dele. Ouve-as falar de fantasmas e intervém com as palavras 'Eu vi um fantasma'; encontra imediatamente simpatia e entra na sua sociedade. Uma vez lá dentro, é necessário manter vivos os meios pelos quais subiu. Continua a fraude, satisfaz um e depois outro, até ter muitos amigos; e quando surge um cético todos se lançam contra ele, até que também ele tem de ceder. Nesta fase relativamente precoce, enquanto a consciência de Sludge ainda é sensível e ele tem alguns escrúpulos, será de esperar que estrague toda a sua boa fortuna confessando? Tendo dado o primeiro passo, recuaria assim? Não! Continuaria cada vez mais fundo, como Sludge. É demasiado tarde; tem de continuar. Agora faz pancadas, mostra estrelas e consegue produzir uma voz audível. Os espíritos estão agora ao seu comando e os seus amigos encantados reúnem-se em volta dele. Como os recebe na sua própria casa, como convidados, o poeta pergunta como podem os convidados ser críticos; mas se um entre doze disser uma palavra, logo os outros onze se lançam sobre ele e Sludge agita o chapéu em triunfo.

"As visões já não bastam e os amigos querem algo exterior. Falta apenas mais um passo. Ele sacode a mesa e aprende os seus outros truques e artimanhas de prestidigitação, empurra e inclina a mesa, estala as articulações, maneja os pés, trabalha fios que fazem mexer as cortinas, faz brincar a luva na ponta do chinelo, apaga as luzes, e então todos ficam encantados e satisfeitos. Há frases dadas por pancadas — uma mensagem de uma criança querida para a sua mãe. Será esse um momento para a mãe ser crítica? Oh, não, pobre mulher; é uma presa fácil. Dá uma resposta-teste dizendo que tinha seis anos e montava um cavalo de baloiço.

Como poderia Sludge ter sabido estes factos? Oh! ele faz disso o seu negócio, recolher estes pequenos pormenores — que o seu tio era alfaiate e que a sua esposa pensava casar com Miggs mas falhou e acabou por casar consigo. Depois, com aqueles que foram enganados, como poderão voltar a ser desenganados? Não acreditarão que foi possível enganá-los e dirão que mesmo que Sludge admitisse que os enganou não acreditariam nele. Preferem acreditar numa mentira e instam o pobre Sludge a desempenhar o papel de médium espiritual para ganhar a vida, em vez de o aceitarem tal como é e mantê-lo bem alimentado. Assim ele desculpa-se e diz que ajuda a religião com os seus truques e que põe o ateu estendido de costas no chão e sustenta pelo menos São Paulo ou Swedenborg. É exatamente a forma adequada de frustrar os céticos, e não vale a pena ser escrupuloso quanto aos meios utilizados.

"Outra desculpa que Sludge apresenta é que, para além de tudo isto, existe na natureza humana um verdadeiro amor pela mentira, que os mentirosos encontram já preparado para as mentiras que fabricam, como a mão para a luva ou a língua para o

rebuçado. Foi para essas pessoas que ele enganou sempre que pôde, batendo com as articulações dos dedos do pé, pondo mãos falsas a trabalhar, escrevendo nomes com tinta simpática fraca, esfregando luzes ódicas com pontas de fósforo de fósforo, e tudo o mais.

"A admissão do elemento sobrenatural na Bíblia, que nos chega através das nossas mães, prepara-nos, ou a alguns de nós, para ver ainda exemplos disso no mundo e para aceitar presságios, prodígios e providências especiais. Se Sludge vê a Carroça de Carlos à meia-noite, isso avisa-o para cortar o cabelo sem demora de um dia; e ele descobre uma providência no facto de o fogo se apagar ou a chaleira ferver; tem pressentimentos, os seus sonhos tornam-se realidade, e sente comichão no cotovelo quando no jogo de whist deveria cortar.

"Depois de todas estas confissões, ele é suficientemente tolo para pedir ao poeta que lhe aperte a mão e acha difícil que ele recuse. O poema termina com uma praga vigorosa de Sludge contra o poeta.

"Isto não é muito para extrair de quase setenta páginas, mas pretende descrever uma cena que, naquilo que diz respeito ao Sr. Home, não tem qualquer fundamento de facto; e o Sr. Browning fez ainda da história o veículo de uma acusação distinta de que as manifestações do espiritualismo não são senão grosseira impostura do princípio ao fim, em todos os tempos e em todas as circunstâncias. É a isto que tudo se reduz, e infelizmente está apenas em conformidade com a tendência geral da mente do Sr. Browning negar não apenas estas coisas, mas outras relacionadas com elas de muito maior importância para a sua própria alma.

Há, de facto, muitos que lhe fazem triste companhia nesta negação de todo o poder sobrenatural e providência, e ele é particularmente infeliz a este respeito entre os seus amigos íntimos; mas é quase doloroso, se ele for um poeta, quer para nós quer para a nossa posteridade, que procure infetar os seus leitores com a doença que tanto o enfurece. Lamentamos especialmente, porém, que o homem que fundiu o nome da Srta. Barrett no de Browning venha agora, após a sua partida, negar aquilo que era a própria alma e essência de uma das melhores e mais verdadeiras inglesas que alguma vez viveram; e da maior poetisa, disse-se, desta ou de qualquer outra época.

É uma chocante calúnia contra a sua esposa e contra as suas crenças mais queridas. Existem muitos trocistas grosseiros e homens de ciência severos a quem se permite negar toda a ação espiritual nos assuntos dos homens; mas ao marido da Sra. Barrett Browning não era permitido profanar a sua memória e a sua doce musa com este disparate irreverente.

"Com um homem da sua vaidade, porém, e essa ainda ferida, como se verá em breve, pelo Sr. Home em anos passados, mas não esquecidos, tudo tem de ceder ao seu rancor desdenhoso contra o homem e contra um mundo espiritual cuja existência ele olha de cima, do seu trono, como uma afronta pessoal a si próprio e à sua majestade poética."

"Isto, talvez, não seja o lugar para dizer tudo o que desejaríamos, a fim de mostrar quanto apreciamos o doce carácter da Sra. Barrett Browning, e aquela profundidade e inocência da sua alma que a levaram de imediato e por simpatia à comunhão com o espiritual. Este era, porém, o segredo do seu poder, como mulher e como poeta. Todos a amavam, pelo amor que nela havia para com todos, e que criava em torno dela uma atmosfera em que era tão encantador e agradável viver. Feliz foi o Sr. Browning por ter tido o direito de lhe chamar esposa, pois isso deu-lhe a melhor oportunidade que poderia ter neste mundo para se tornar vivo às belezas espirituais do vasto mundo interior, que ele ainda negava.

Mas, se perdeu esta oportunidade de ouro, ganhou em vantagens mais terrenas, embora de novo ao preço de aumentar a sua vaidade, pois, depois do seu casamento com a Sra. Barrett Browning, ficou investido, como seu marido, de grande parte do respeito e admiração que as suas qualidades espontaneamente atraíam do mundo, e os seus críticos tornaram-se ainda mais amistosos para com ele, por amor a ela. Até os grifos da imprensa não conseguiram encontrar ânimo para maltratar o marido de tão querida amiga. Assim, tudo o que vemos contribuiu para o enfunar ainda mais, e ninguém pode ainda dizer qual será o fim disto. Se ele acabar por rebentar, o *The Examiner* e outros dos seus amigos terão muito por que responder.

"Como desejamos tornar esta pequena história completa em si mesma, e não voltar a acrescentar-lhe nada, daremos agora um relato exato, cuja veracidade podemos garantir, das únicas duas entrevistas que o Sr. Browning e o Sr. Home alguma vez tiveram. É apresentado na forma de uma narrativa do Sr. Home, e o leitor verá como o vinho se tornou vinagre no estômago do poeta, quando a sua vaidade foi tocada, primeiro pela direção errada da coroa poética e por lhe terem pedido que saísse da sala, e depois por lhe ter sido recusada outra sessão quando a pediu: *Tantæne animis cœlestibus iræ?*

"'Nunca vi o Sr. Browning senão duas vezes. A primeira foi em casa do Sr. Rymer, em Ealing, numa sessão ali realizada. O Sr. Browning era então casado com a Sra. Barrett Browning, de quem eu conhecia a reputação e, através de amigos íntimos comuns, havia vários anos, e assim tomei conhecimento do seu profundo interesse e crença no espiritualismo, que continuaram até ao momento da sua morte. O Sr. e a Sra. Rymer e a sua família estavam presentes na sessão, que começou por várias das manifestações habituais. Ao Sr. Browning foi pedido que investigasse tudo à medida que ocorresse, e ele aproveitou livremente o convite. Várias vezes durante a noite declarou voluntária e insistentemente que algo como impostura estava fora de questão. Antes da chegada do Sr. e da Sra. Browning, algumas das crianças tinham andado a apanhar flores no jardim, e a Srta. Rymer e eu tínhamos feito uma grinalda de clematite. Esta grinalda estava pousada sobre uma mesa, a alguma distância daquela em que estávamos sentados. A grinalda foi depois posta sobre a mesa em que estávamos sentados, mas não me recordo se naturalmente ou por mãos espirituais.

Durante a sessão esta grinalda foi levantada da mesa por poder sobrenatural, na presença de todos nós, e, enquanto a observávamos, o Sr. Browning, que estava sentado

do lado oposto da mesa, deixou o seu lugar e veio colocar-se atrás da sua esposa, em direção da qual a grinalda era lentamente transportada e sobre cuja cabeça foi colocada, plenamente à vista de todos nós e enquanto ele estava de pé muito perto dela. Ele não manifestou incredulidade alguma; como, aliás, era impossível que alguém a tivesse em relação ao que se passava diante dos seus olhos, ao passo que a Sra. Browning ficou profundamente comovida, e não só então como sempre depois exprimiu a sua crença inteira e o seu prazer no que então ocorreu. Foi observação de toda a família Rymer que o Sr. Browning parecia muito desapontado por a grinalda não ter sido colocada na sua própria cabeça em vez da da sua esposa, e que o facto de se ter colocado no caminho por onde ela era transportada tinha por objetivo dar-lhe oportunidade de ser colocada sobre a sua própria fronte.

"'Pouco depois disto foi feita uma comunicação pedindo que todos saíssem da sala, exceto o Sr. Rymer e eu, pois algo ia ser dito sobre um assunto importante privado do Sr. Rymer. Durante a ausência do Sr. Browning com o resto da família, disseram-me depois eles que ele parecia bastante magoado por ter sido mandado sair da sala e que disse não saber que os espíritos podiam ter segredos. Ainda assim, não indicou qualquer dúvida sobre nada do que tinha visto.

Ao regressar à sala pareceu estar muito mal-humorado, mas eu não lhe prestei atenção, pois a Sra. Browning foi tão bondosa e atenciosa para comigo. Tudo o que foi feito ocorreu na presença de oito pessoas, além do Sr. e da Sra. Browning, todas ainda vivas e prontas a testemunhar a verdade de cada palavra aqui escrita, caso ela venha a ser contestada pelo Sr. Browning.

"'Dois dias depois o Sr. Browning escreveu à Sra. Rymer pedindo que lhe fosse permitida outra sessão e que pudesse trazer consigo a sua amiga, a Srta. Helen Faucit. A Sra. Rymer respondeu que, devido ao meu mau estado de saúde, aos seus compromissos e aos preparativos prévios para irmos para a costa, não seria possível recebê-lo novamente antes de deixarmos a cidade. Poucos dias depois vim à cidade com a Sra. Rymer e o seu filho mais velho, para fazer algumas visitas de despedida, a primeira das quais foi ao Sr. e à Sra. Browning. Fomos conduzidos à sala de visitas, e ele, avançando para nos receber, apertou a mão à Sra. Rymer; depois, passando por mim, apertou a mão ao filho dela. Ao passar de novo por mim estendi-lhe a mão e então, com um ar trágico, lançou a sua mão sobre o ombro esquerdo e afastou-se em passo solene.

A minha atenção voltou-se então para a Sra. Browning, que estava de pé quase no centro da sala e parecia muito pálida e agitada. Aproximei-me e ela colocou ambas as mãos nas minhas, dizendo, com voz emocionada: "Oh, caro Sr. Home, não me culpe, não me culpe. Lamento tanto, mas a culpa não é minha." Fiquei estupefacto, sem perceber minimamente o que significava aquela cena curiosa; na verdade, teria sido cómica, não fosse a profunda emoção de que a Sra. Browning padecia. Durante um momento tudo foi confusão, mas por fim sentámo-nos, mal sei como, quando o Sr. Browning começou, de modo excitado, dizendo: "Sra. Rymer, peço-lhe que saiba que fiquei extremamente insatisfeito com tudo o que vi em sua casa na outra noite, e gostaria de saber porque recusou receber-me de novo com a minha amiga."

Respondi-lhe: “Sr. Browning, era esse o tempo e o lugar para apresentar objeções relativamente às manifestações, e não agora. Dei-lhe toda a oportunidade possível, e o senhor aproveitou-a e declarou-se satisfeito.” Ele disse: “Não me estou a dirigir a si, senhor.” Eu disse: “Não; mas é de mim que está a falar, e seria apenas justo e cavalheiresco permitir-me responder.” A Sra. Rymer disse: “O Sr. Home tem toda a razão, e quanto a não podermos recebê-lo a si e à sua amiga, tal deveu-se aos nossos compromissos.” O rosto do Sr. Browning estava lívido de raiva e os seus movimentos, balançando para trás e para diante na cadeira, eram como os de um maníaco. Nesse momento levantei-me para sair da sala e, ao passar por ele, apertei a mão à Sra. Browning, que estava quase a desmaiar. Quando me apertou a mão disse: “Caro Sr. Home, a culpa não é minha. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!”’

“Em conclusão, apenas temos a dizer que, sendo esta uma questão de facto e não de opinião, estaremos perfeitamente dispostos a publicar qualquer resposta, em prosa, do Sr. Browning, se ele a escrever de modo a ser inteligível para a geração presente de homens que compõem os nossos leitores, e teremos tanto mais prazer em que ele tenha esta oportunidade de se explicar quanto é pena que esteja a dar com a cabeça neste assunto difícil, justamente no momento em que os seus contemporâneos de primeira ordem vão, um a um, declarando publicamente a sua plena crença e conhecimento da sua verdade.”

Nas suas *Notes on England and Italy*, a Sra. Hawthorne diz, num relato de uma noite passada na Casa Guidi: “O Sr. Browning introduziu o tema do espiritismo, e houve uma conversa animada. O Sr. Browning não consegue acreditar, e a Sra. Browning não consegue deixar de acreditar.”

O Sr. Robert Browning, porém, não está de modo algum sozinho na sua capacidade de invenção, pois apareceram de tempos a tempos vários parágrafos atestando, a todos os que me conheciam ainda que minimamente, que os autores tinham recorrido à sua imaginação fértil para cada pormenor, quer de carácter quer de aparência pessoal. Reproduzo aqui alguns que podem servir para divertir aqueles que me conhecem.

O seguinte, que apareceu em *Echoes from the Clubs*, de 29 de Abril de 1868, é inimitavelmente absurdo; tem por título: — “A Home Thrust. — Há cerca de dois anos, um jovem cavalheiro possuidor daquela agradável e ingénua expressão de rosto que o falecido Sr. Thackeray gostava de atribuir aos seus heróis, estava sentado nas salas do — digamos — Généralife. A ele dirigiu-se um desconhecido de tez escura, com olhos calmos mas esquivos, cabelo preto encaracolado e de aspeto oleoso, e um nariz que parecia atestar uma ascendência puramente caucasiana. Seguiu-se uma animada conversa.

O desconhecido de cabelo escuro era um homem que evidentemente tinha visto o mundo; sentara-se às mesas dos grandes: príncipes, reis e até imperadores estavam com ele em relações familiares. ‘Este’, disse ele, estendendo uma mão em que cintilavam dois esplêndidos anéis e indicando um magnífico diamante, ‘foi uma prenda de Luís

Napoleão, por um serviço que lhe prestei.' A recordação do Sr. Wyndham Flitter e da sua turquesa fez passar um sorriso pelo rosto do seu interlocutor, enquanto ele prosseguia: 'e esta safira foi uma oferta do Czar.' O sorriso era agora tão palpável que o desconhecido observou, num tom de censura: 'Suponho então que me considera um impostor.' 'Considerar', foi a resposta cortante, 'não o considero; sei que o é.' O desconhecido retirou-se imediatamente, e só muitos meses depois foi apontado ao seu pouco apreciativo interlocutor como o célebre Sr. Home."

Os meus amigos devem ter-se interrogado como não me tinham visto em ocasião alguma em que o meu cabelo naturalmente claro e seco se tivesse transformado numa cabeleira de "cabelo preto encaracolado e de aspeto oleoso". Quanto ao "nariz que parecia atestar uma ascendência puramente caucasiana", isso, naturalmente, poderia ter sido conseguido por meio de um postiço bem adaptado, e é desnecessário que eu diga que o restante do parágrafo é tão provável como o facto de terem ocorrido essas mudanças miraculosas na minha aparência pessoal.

No *Mask*, de Junho de 1868, foi-me dedicado um artigo, do qual extraio o seguinte:

"Não negamos por um momento que o Sr. Home possa produzir maravilhas nos seus próprios aposentos no Sloane Athenæum, ou em qualquer outro lugar a que tenha acesso frequente; mas desafiámo-lo a produzir efeitos sobrenaturais sobre qualquer peça de mobiliário que escolhamos, (sic) em tempo e lugar por nós indicados, e perante alguns poucos escolhidos por nós.

"Não pretendemos explicar as atuações do Sr. Home, pois nunca as vimos, embora tenhamos encontrado esse moderno Cagliostro várias vezes em circunstâncias pouco felizes. Naturalmente, ouvimo-lo relatar a sua ligação com a corte da Rússia (quem não a ouviu?), e vimo-lo mostrar o seu anel de diamante; mas numa ocasião em que estávamos presentes mostrou-o, com grande pompa, ao seu vizinho, que possuía e trazia no dedo, naquele momento, um brilhante de quase o dobro do tamanho, o qual, ao ser exibido, eclipsou a dádiva do czar e contrariou consideravelmente o grande espiritualista.

Que tem olhos vivos, um engenho astuto e dedos rápidos e longos, não há como negá-lo — tal como uma raposa. Que nunca recebe dinheiro pelos seus dons, a presente ação o demonstrará inteiramente em contrário. E, afinal de contas, os diamantes raramente descem de valor. Além disso, um homem do mundo, que fez do homem fraco o seu estudo, conhece bem o efeito da recusa. Qualquer pessoa com crença no Sr. Home sentiria que ele não deveria empregar os seus poderes sobrenaturais em nada que fosse apenas para divertimento ou instrução de outrem e, ao mesmo tempo, ficaria tocada pela nobre magnanimidade que era pobre mas honesta.

Dez guinéus recusados seriam provavelmente transformados ou em vinte guinéus enviados anonimamente, ou tomariam a forma de um diamante no valor de vinte e cinco libras. O logro estaria sempre pronto a jurar que o dinheiro fora recusado e, no entanto,

saberia que tinha recompensado amplamente o seu benfeitor, o que seria, por outras palavras, *le généreux battu et Home content*."

Este ataque trocista é tão transparentemente imaginativo como o anterior; e, embora seja de todo ridículo, posso perguntar gravemente ao autor onde e quando ouviu e viu aquilo que tão impudentemente declara ter presenciado? O seu conhecimento de especialidades da natureza é altamente valioso, pois parece estar familiarizado com raposas de dedos compridos, algumas das quais deveria apresentar à Sociedade Zoológica, visto que são ainda desconhecidas dos estudiosos da história natural.

Pouco depois de eu ter deixado a América pela última vez, apareceram então nos jornais parágrafos afirmando que "Home, the Medium", ou "David S. Hume", o célebre "Medium", tinha partido para a Europa para casar com uma rica viúva escocesa; e, algum tempo mais tarde, foi anunciado nos jornais ingleses que eu estava prestes a conduzir ao altar himeneu nada menos do que Madame Möet, cujo nome é bem conhecido em ligação com o seu vinho.

O parágrafo seguinte, que recortei de um jornal, é também inteiramente absurdo para todos os que sabem alguma coisa de espiritualismo; apareceu há alguns anos:

"O Sr. Home, o espiritualista, diz-se que desafiou o médium *malgré lui* a competir com ele voando pelos ares uma distância de duas milhas, devendo o vencedor dar a aposta à instituição de caridade que entender. O Sr. Addison aceitou o desafio para breve data, e as probabilidades presentes são de três para dois a seu favor."

## CAPÍTULO V
## NICE, AMÉRICA, RÚSSIA

### AS SESSÕES DUPLAS EM LONDRES

De Nápoles fui para Nice, e acerca da minha estadia ali encontro a seguinte nota na *Spiritual Magazine*, dando um relato tão completo quanto é necessário.

"Depois da expulsão do Sr. Home de Roma, ele passou várias semanas em Nice, onde os fenómenos foram examinados e escrutinados por muitíssimos dos residentes de Inverno, e muitos ficaram convencidos dos factos do poder espiritual. Ouvimos dizer que estes novos convertidos estão agora a regressar com a Primavera a Inglaterra, e um correspondente escreve-nos que entre os seus próprios amigos conta meia dúzia deles, e que estão maravilhosamente impressionados com o que viram. Parece que as manifestações não se limitaram ao Sr. Home, pois que, depois de ele ter deixado Nice, um grupo de senhoras e cavalheiros formou um círculo para ver o que podia ser feito sem ele.

Obtiveram em breve resultados muito notáveis. Verificou-se que o médium era uma senhora russa que estava em Nice com a sua família e que, há um mês, ignorava o seu poder. Ela fala apenas uma ou duas palavras de inglês, mas, sob a sua influência, uma pesada mesa oval dá respostas em inglês e alemão. É também um médium

escrevente, e a sua mão escreve, sem qualquer jogo dos dedos, mensagens inteligíveis. Estes acontecimentos fizeram grande progresso entre os visitantes."

De Nice segui para Paris, onde permaneci algumas semanas, após o que regressei a Inglaterra e depois atravessei o Atlântico para revisitar os meus velhos amigos na América. Aqui decidi fazer leituras públicas, nas quais fui razoavelmente bem-sucedido. Numa ocasião, depois de ter feito uma leitura em Norwich, Connecticut, fiz uma segunda em benefício da Soldiers' Aid Society, cujo anúncio levou ao aparecimento, no jornal local, da seguinte carta de um clérigo:

"SRS. EDITORES: — Peço licença, como cristão, para dizer uma palavra aos cristãos de Norwich acerca da leitura desta noite. Fiquei muito surpreendido ao ouvir que a assistência à primeira das leituras do Sr. Home foi maior do que a que se vira em qualquer conferência em Breed Hall neste Inverno. Mas supus que o facto poderia explicar-se pela natural curiosidade dos nossos cidadãos em ouvir e ver um homem que tanto se distinguiu como o cavalheiro em questão.

"Devo confessar, porém, que não fiquei apenas surpreendido, mas também desgostoso, ao ver o anúncio de que o Sr. Home acedera ao pedido da nossa Soldiers' Aid Society para fazer outra leitura em benefício dessa instituição. Foi muito amável e cortês da parte do Sr. Home, e não tenho dúvida de que ele é sincero na sua crença espiritualista. Não tenho qualquer querela com ele. Mas terão os homens e mulheres cristãos de Norwich, que apoiam a nossa Soldiers' Aid Society, sido reduzidos a tais extremos que tenham de recorrer a um representante e expoente do espiritualismo para auxílio na sua obra cristã e patriótica? Será decoroso que os cristãos patrocinem um tal entretenimento?

A maior parte deles acredita uma de duas coisas a respeito do espiritualismo — ou que é uma imposição e ilusão descaradas, ou que é atribuível à ação satânica. Provavelmente nenhum cristão digno do nome acredita que seja aquilo que professa ser, um sistema de comunicação com e revelação das almas dos defuntos. Quem quer que acredite nisto deve, por honestidade, tornar-se espiritualista e deixar-se guiar pelas revelações espiritualistas. Não me importa qual das duas teorias mencionadas seja adotada; parece-me igualmente indecoroso que os cristãos tenham o que quer que seja a ver, direta ou indiretamente, com o espiritualismo.

Se se disser que o Sr. Home não apresenta nessas leituras as suas noções peculiares, posso responder que, mesmo admitindo a verdade da afirmação, é inegável que a multidão vai ouvi-lo não porque tenha uma bela voz e seja um excelente leitor, mas porque é um espiritualista, um homem representativo, um homem célebre nessa arte ou ciência ou ilusão, seja ela qual for. E o facto de o público o patrocinar publicamente equivale a subscrever, ou pelo menos a patrocinar e favorecer, os seus princípios.

"Mas nego essa afirmação. Foi anunciado publicamente no vosso jornal, depois da leitura do Sr. Home, que pelo menos uma forte pancada foi ouvida no palco, e que duas faces, uma bastante distinta e a outra mais vaga, foram vistas pairando em torno do

orador. Parece, portanto, que o Sr. Home não pode ou não quer deixar o seu espiritualismo para trás, e provavelmente toda a pessoa sincera que leia esta comunicação confessará a si mesma que se sente muito mais atraída para a Leitura desta noite pela esperança de ver ou ouvir qualquer coisa de espiritualista no decurso da noite do que pelos encantos da voz do Sr. Home e pela sua habilidade como declamador.

"Espero, portanto, que, para crédito de Norwich e das suas igrejas, a Soldiers' Aid Society receba esta noite uma severa reprimenda na ausência, da parte do povo cristão de Norwich, dessa Leitura. O Sr. Home compreenderá sem dúvida que não tenho qualquer sentimento pessoal contra ele; tanto quanto sei, é um cavalheiro muito estimável na vida privada, e o seu carácter privado merece o meu respeito.

Mas há milhares de republicanos nesta cidade que não iriam ouvir o Governador Seymour por uma questão de princípio, ainda que ele não falasse de política; e muito democrata não escutaria Wendell Phillips, ainda que falasse de poesia e literatura — receando que o seu acto pudesse parecer sancionar os princípios professados pelo homem. Serão os cristãos menos rigorosos do que os políticos? Denunciarão e combaterão o espiritualismo para logo depois se voltarem e favorecerem e ajudarem publicamente o sistema na pessoa do seu mais proeminente expoente? Espero que não.

"JOHN V. LEWIS."

A esta carta respondi, e daí resultou uma correspondência algo prolongada. Um resultado da carta do Sr. Lewis, posso mencionar, foi atrair a atenção pública para o assunto: no que dizia respeito à leitura em benefício da Soldiers' Aid Society, ele contribuiu largamente para a publicitar, e a sala estava cheia, tenho o prazer de dizer, para proveito substancial do fundo.

Parti de Nova Iorque em Maio de 1865 para Inglaterra e, ao regressar a Londres, encontrei cartas à minha espera que tornaram necessário que eu fosse a Paris. O seguinte é de uma carta que escrevi nessa ocasião:

"A Imperatriz era Regente e posso dizer que me agradou muito observar como era muito geral a satisfação por se ver que, em vez de ser uma mulher cujo único pensamento fosse o vestuário ou a frivolidade, era uma mulher de coração verdadeiro e grande firmeza de vontade, capaz não só de dar ordens, mas de ver que são executadas. Profunda e verdadeira nos seus sentimentos, pura e desinteressada nas suas ações, é uma nobre senhora, ornamento do seu sexo; longamente viva ela! Quando estive em Paris tive a honra de conhecer e jantar com Sua Alteza Mustapha Pacha, irmão do Vice-Rei do Egipto e herdeiro do trono. Só pude permanecer em Paris três semanas, pois tinha cartas que exigiam a minha presença na Rússia. Ao deixar Paris fui à Alemanha numa breve visita a Sua Alteza a Princesa da Mingrélia, e depois parti para a Rússia.

"Tenho aqui de relatar um incidente singular relacionado com a minha chegada a São Petersburgo. Enviei um telegrama ao meu amigo o Barão Meyendorff, de Vergehalova, na fronteira russa, dizendo-lhe a hora a que chegaria a São Petersburgo. O Barão é oficial da Guarda a Cavalo do Imperador, e encontrava-se então de serviço em

Peterhof, onde estava o Imperador. O pai dele, que é um velho e favorito General e Mestre dos Cavalos Imperiais, enviou-lhe o meu telegrama. Ele teve apenas tempo de apanhar o comboio e vir ao meu encontro, de modo que ninguém sabia da minha chegada.

Cheguei a São Petersburgo às sete horas da tarde e fui imediatamente para casa do Barão Meyendorff, onde escrevi uma nota ao meu cunhado, o Conde Koucheleff Besborodka, para lhe dizer que eu estava na cidade, mas que não teria tempo de o ver durante um ou dois dias, por ter de partir cedo na manhã seguinte para Peterhof. Grande foi a minha surpresa quando chegou uma nota de um dos meus mais queridos amigos, o Conde Tolstoï, que é ajudante-de-campo do Imperador e foi meu padrinho de casamento. A sua carta dizia apenas:

"'Caro Daniel, estou tão contente por estares aqui. Vem a qualquer momento, de dia ou de noite. Sabes como ficamos felizes por te ver.
Teu,
ALEXIS.'

"A última carta que recebera dele fora três meses antes, de uma das suas propriedades no interior mais remoto da Rússia — localidade longínqua onde eu supunha que ele ainda se encontrasse; e nessa mesma tarde, quando nos aproximávamos de São Petersburgo, eu pensava naqueles que muito desejaria ver, e ele era especialmente um deles; mas julgava-o muito distante. Fui imediatamente ao seu hotel, e a sua esposa disse:

"'Bem, Daniel, não teria julgado possível que não tivesses vindo logo falar comigo.'

"Respondi: 'Bem, parece-me antes que sou eu quem deve fazer a censura. Mas onde diabo me viste tu?'

"'Ora, no Arcade, evidentemente.'

"Eu, pensando que a Condessa queria dizer a estação, respondi: 'Bem, deves ter visto que eu estava cansado da viagem e com pressa de tratar da minha bagagem. Mas a que horas, peço-te, me viste?'

"'Às quatro horas. Mas que queres dizer com a tua bagagem? Tu estavas no Arcade!'

"Disse-lhe que eu chegara nessa noite às sete. Então contou-me que ela e a sua sobrinha me tinham visto às quatro e que voltara para casa e dissera a Alexis: 'Imagina só! Vimos o Daniel! e ele não pareceu reconhecer-nos. Manda-lhe imediatamente uma nota, para casa do Conde Koucheleff.'

"A sua sobrinha confirmou esta declaração, afirmando positivamente que ela também me tinha visto.

"O conde mandara, por conseguinte, a nota para mim, tão certas estavam as senhoras de me terem encontrado; e o criado levou-a a uma casa na cidade, e ali os criados disseram-lhe que eu não estava na Rússia havia anos, nem era esperado. Sem se deixar desencorajar por isso, a condessa mandou à casa de campo, e o criado que levou a minha nota ouviu o outro perguntar por mim, trazendo-me assim a nota.

"Para dizer o mínimo, é um incidente singular, e parece acrescentar mais um à lista daqueles casos misteriosos de aparição 'dupla' a que os escritores alemães chamam *doppelgänger*. Se o espírito do homem pode assim, pela mera força da amizade e da atração, deixar o corpo, estando ainda embaraçado pelas condições das suas ligações visíveis e mais grosseiras, por que razão havemos de admirar-nos de que manifestações tão maravilhosas de poder espiritual sejam exibidas por aqueles que para sempre lançaram fora as suas vestes perecíveis de carne e entraram na vida mais livre e mais verdadeira da alma desencarnada?"

"A singularidade da ocorrência deu lugar a comentários, e na outra noite o imperador perguntou-me 'se isso era verdade?'

"Tenho estado alojado no 'Palácio Inglês', em Peterhof, e tenho visto frequentemente o imperador. Tivemos algumas sessões muito belas e interessantes. Não posso dizer-te, nem mesmo a ti, meu querido, que manifestações ocorreram, pois sabes que nunca relato o que se passa onde há cabeças coroadas.

"Passei oito noites em casa do Grão-Duque e da Grã-Duquesa Constantino, em Strelna. O Grão-Duque está agora ausente, mas regressará antes de eu deixar a Rússia. Tive tantas visitas a fazer e a receber, que por fim isso começou a afetar o meu sistema nervoso, e um dos meus amigos convenceu-me a acompanhá-lo à grande feira de Nijni-Novgorod, de onde te escrevo. Ficarei aqui, muito provavelmente, três semanas, e depois regressarei a São Petersburgo para me despedir do imperador."

Regressei de São Petersburgo diretamente a Londres, e foi pouco depois do meu regresso que estive numa sessão em que ocorreu uma manifestação peculiar, da qual foi impresso o seguinte relato:

"Passo a narrar brevemente alguns acontecimentos que ocorreram numa sessão, em 30 de Janeiro de 1866, dada pela Sra. Macdougall Gregory, onde o Sr. Home estava presente e onde todos os membros do círculo, se não me engano, aceitavam o espiritualismo como uma realidade. Um cavalheiro, porém, embora assim o fizesse, tinha sérias dúvidas quanto à origem dos fenómenos e quanto à conveniência de procurar tais desenvolvimentos.

"Não estávamos sentados havia muito tempo a uma grande mesa na sala da frente, quando começaram as manifestações habituais, que aumentaram com tanta força que toda a sala foi literalmente sacudida. Enquanto a mesa palpitava violentamente sob a ação do poder, as palavras 'Leva seis contigo para a outra sala' foram dirigidas por pancadas ao Sr. Home, e levaram os que foram escolhidos pelos espíritos a passar para a sala de trás, onde se sentaram à volta de uma mesa, tendo removido o candeeiro e aberto

a janela, conforme desejado pela mensagem espiritual. Uma das seis pessoas aconteceu ser uma senhora cuja filha fora recentemente levada para a terra dos espíritos, uma rapariga que na terra era conhecida por 'Motie', o nome hindustânico da pérola.

A esta senhora foi soletrada a seguinte mensagem: 'Mãe — símbolo está debaixo da mão da mãe por'. Ela imediatamente nos disse que sentia debaixo da mão algo semelhante a uma grande conta, e, quando a luz foi trazida, verificou-se que era uma pérola solta, que nunca fora furada e que fora trazida ao nosso círculo por nenhuma mão terrena. Depois de outra mensagem relativa ao destino futuro da pérola, voltaram à outra sala e reuniram-se de novo com o resto do grupo. Um grande acordeão foi tocado com mais do que a perícia habitual enquanto o Sr. Home o segurava com uma mão; uma ou duas vezes apercebemo-nos distintamente de que duas mãos tocavam as teclas, e uma ária que a jovem rapariga tocara outrora na harpa foi agora tocada com variações no acordeão. Também foram dadas respostas pelo instrumento, em vez de o serem por pancadas.

"No meio da nossa conversa, o Sr. Home caiu em transe; este foi, talvez, o aspeto mais saliente da sessão, pois, enquanto se encontrava nesse estado, que deve ter durado cerca de uma hora, pareceu ser influenciado ou possuído pelos amigos espirituais que nos rodeavam, personificando no seu modo de ser aqueles que nunca tinha visto, mas que tinham sido conhecidos pelos vários membros do nosso círculo. Isto foi muito notável no caso de uma pessoa a quem chamaremos pelo nome que lhe foi atribuído pelo Sr. Home, a saber, o de Margaret, embora ela só tivesse sido conhecida pelo de Christy, como criada na família de um dos cavalheiros presentes, e tivesse morrido afogada quarenta anos antes.

O Sr. Home reproduziu a ação do afogamento e deu tais provas da identidade de 'Christy', que o filho do seu antigo patrão, que era o cavalheiro presente, viu-se obrigado a aceitá-las como inconfundíveis. Enquanto estava em transe, o Sr. Home também nos explicou a dificuldade que os espíritos tinham experimentado para trazer a pérola: esta passara por nada menos do que três ordens de espíritos."

"'Margaret' não tinha vindo à nossa sessão sem um objetivo; como parecia ter havido uma leve suspeita de crime no modo como encontrara o seu fim, a sua intenção era claramente limpar o carácter de uma companheira de serviço que desde então se lhe juntara na terra dos espíritos.

"L. M. GREGORY."

O seguinte é o relato de uma sessão, na véspera da Páscoa, sábado, 31 de Março de 1866, escrito por um dos presentes: "Cinco pessoas reuniram-se para uma sessão em casa do Sr. S. C. Hall, em Campden Hill: o Sr. e a Sra. S. C. Hall, Lady Dunsany, a Sra. Henry Senior e o Sr. D. D. Home. Quando ele chegou estava pálido e abatido, e receámos que tivéssemos poucas manifestações. Sentou-se ao piano e tocou e cantou durante algum tempo; e, quando começou uma pequena ária russa, favorita da sua falecida esposa, uma cadeira que estava a alguma distância do piano deslizou e colocou-se ao seu lado. Eu estava sentada junto ao piano, do outro lado, e fui a primeira a ver a

cadeira mover-se. Os outros aproximaram-se, e ele continuou a tocar durante algum tempo, embora as suas mãos se tivessem tornado perfeitamente rígidas, sendo evidente que não eram movidas pela sua própria vontade. Passado algum tempo, as suas mãos foram retiradas do piano e ele entrou em transe, ajoelhou-se e proferiu uma bela oração; depois saiu do seu transe, revigorado e feliz. Poucos minutos depois sentámo-nos à volta da mesa, que imediatamente começou a vibrar e a tremer, e foi levantada do chão a uma altura considerável. Ouviram-se pancadas muito fortes e pesadas na mesa, no chão e na mobília em volta da sala; logo depois o acordeão foi tocado; pediu-se o alfabeto, e foi soletrado — 'Tocaremos a vida terrena d'Aquele que não era da terra.'

"Primeiro tivemos música simples, doce e suave durante alguns minutos; depois tornou-se intensamente triste; depois o tropel, tropel, como de um corpo de homens em marcha, misturado com a música, e eu exclamei: 'A marcha para o Calvário!' Depois, por três vezes, o som de toque, toque de um martelo num prego (como dois metais a encontrarem-se). Seguiu-se um estrondo e uma explosão de lamento que pareceu encher a sala; então surgiu uma explosão de música triunfal gloriosa, mais grandiosa do que qualquer outra que algum de nós tivesse jamais escutado, e exclamámos: 'A Ressurreição!' Penetrou-nos até ao fundo do coração.

"Nada mais foi feito durante algum tempo, e decidimos apagar as luzes das salas, para ficarmos apenas com a que vinha de fora através do conservatório. Feito isto, as cortinas de musselina foram dispostas em volta do Sr. Home, tendo primeiro sido retirado da janela pelos espíritos um grande suporte de portefólio. Foi deslocado alguma distância em direção à porta do conservatório e depois pousado no chão.

O Sr. Home foi então elevado do solo envolto nas cortinas. Vimo-lo através delas — entre nós e a janela; depois foi soletrado 'Vede o que a terra faz', e as cortinas de seda foram todas corridas e fechadas sobre as janelas e em volta do Sr. Home, e tudo ficou escuro e negro como a noite. Passado pouco tempo, foram de novo abertas, e o Sr. Home foi baixado e voltou para a mesa. Pouco depois disto observámos o rosto do dono da casa a brilhar como se estivesse coberto de luz prateada; depois de todos o termos notado e comentado, foram soletradas as palavras: 'Aquele que dá receberá luz.'

O acordeão foi levado à volta do círculo, tocando belamente 'The Last Rose of Summer' e várias outras árias; pousou sobre a cabeça do nosso anfitrião, depois sobre o meu ombro, e passou para a nossa anfitriã, ao meu lado, e tocou sobre a sua cabeça. Depois disto foram tocadas várias peças de música marcial.

"Veio em seguida o espírito de uma criança, cuja mãe enviara flores à nossa anfitriã nessa manhã. Deu-nos a cada um uma flor, e disse ao Sr. Home que fosse ver a sua mãe. O Sr. Home foi então elevado até ao teto, no qual tocou, lamentando não ter um lápis para ali deixar uma marca. Quando desceu, o nosso anfitrião deu-lhe um, esperando que pudesse ser novamente elevado, e cinco minutos depois assim aconteceu, deixando uma cruz no teto; mas, imediatamente antes de isto ter lugar, vimos todo o seu rosto e peito cobertos da mesma luz prateada que tínhamos observado no rosto do nosso anfitrião.

Tínhamos estado sentados todo este tempo à mesa e, pouco depois, as nossas mãos foram tocadas e afagadas por outras mãos, e as nossas frontes tocadas por mãos amadas cujo toque reconhecíamos. Pouco depois ouvimos as pancadas e os sons extinguir-se ao longe, no exterior, e sentimos que tudo terminara. Tínhamos estado sentados mais de duas horas. O nosso anfitrião e a nossa anfitriã tinham dito repetidamente um ao outro durante a noite: 'Nunca tivemos nada semelhante antes'; e certamente eles viram mais prodígios no espiritualismo do que a maior parte das pessoas.

"Aquela explosão de música ainda vibrava nos nossos corações. Nada de composição mortal lhe podia ser igual, e o seu som era o de um belo órgão. Lamentámos muito que ninguém na sala pudesse tomar nota das notas musicais. O efeito prodigioso do som de pés, e do som do martelo e dos pregos correndo como um fio através da música, é impossível de compreender para quem não o tenha escutado; na própria música também havia uma mistura de sons que me é impossível descrever." ***

## CAPÍTULO VI
## CONFERÊNCIA. NOTA NO "STAR" —
## FALSIDADES EM "ALL THE YEAR ROUND"

No dia 15 de Fevereiro de 1866, proferi uma conferência em Willis's Rooms sobre o Espiritualismo, na qual me referi à ocorrência de vários fenómenos como rastreáveis ao longo de toda a história passada, e, falando do presente, disse então:

A pergunta que tantas vezes me fazem é esta: porque não se ocupam os homens de ciência deste assunto? Para vos dizer a verdade com franqueza, tenho pouca fé em experiências elétricas conduzidas por um Professor de Grego, e penso que um Professor de Química sorriria perante os esforços do Professor de Matemática para realizar uma análise intrincada. Cada homem no seu lugar. Não sei porque deveria ser chamado a prender a minha fé ao que o Sr. Fulano possa dizer da alma, pela simples razão de que fez uma ou duas descobertas nas leis da natureza.

Sustenta-se, contudo, por alguns, que todas estas maravilhas podem ser explicadas pela eletricidade. Mencionarei o nome de um homem bem conhecido de todos os estudiosos da ciência em Inglaterra e também na América, o falecido Professor Hare, de Filadélfia, que dedicara mais de meio século à investigação científica e que era talvez o mais distinto eletricista do continente americano.

Começou uma série de experiências com o intuito de corroborar as explicações de Faraday; para esse fim construiu aparelhos do género mais engenhoso, dos quais no seu livro apresentou diagramas; mas cedo verificou que nenhuma teoria mecânica ou elétrica podia explicar os factos, e que, além das manifestações meramente físicas, se demonstrava uma inteligência para além da do médium e do círculo.

O resultado da investigação do Professor Hare foi que, tendo sido materialista toda a sua vida, se tornou crente em Deus, num mundo espiritual, na vida futura do homem, e, antes da sua morte, proclamou-se abertamente cristão.

Outro investigador distinto foi o Honorável John W. Edmonds, Juiz do Supremo Tribunal de Recurso dos Estados Unidos, um dos mais altos funcionários judiciais do Estado; um homem de intelecto agudo, cultivado por longa e vasta prática legal e judicial. Seria demasiado demorado detalhar o curso da investigação paciente e laboriosa seguido pelo Juiz, auxiliado pelo círculo de homens científicos e instruídos, sagazes, que associou a si nas suas averiguações. Basta dizer que o exame foi inteiramente exaustivo e terminou com o Juiz a tornar-se um convertido completo. Correndo todos os riscos para a sua própria popularidade e posição, proclamou de imediato e com ousadia a sua convicção ao mundo e, em várias ocasiões, expôs a sua experiência e defendeu, com assinalada capacidade, a verdade do espiritualismo.

Dei algumas descrições das várias formas de desenvolvimento mediúnico, prosseguindo como segue:

Depressa se verificou que, com certas pessoas, os espíritos podiam controlar de tal forma a mão que escreviam por meio dela sem intervenção da mente do médium. Noutros casos, a mão é usada para desenhar formas, por vezes de coisas do mundo natural, outras vezes de coisas que se afirma pertencerem ao mundo espiritual. Ainda outras vezes, executam-se desenhos que transmitem alguma lição por símbolo e correspondência. Estes desenhos são frequentemente feitos pelas mãos de pessoas ignorantes da arte de desenhar e, no seu estado normal, incapazes de os executar.

Obteve-se mesmo desenho e escrita espíritas sem intervenção de agência mortal. Alguns exemplos disso são dados pelo Barão Goldenstubbe, de Paris, na sua obra sobre *"A Realidade dos Espíritos, e os Maravilhosos Fenómenos das Suas Escritas Diretas Demonstrados"*, na qual apresentou prova incontestável de que, por meio desta escrita espírita direta, se obtiveram mensagens em grego, latim, estónio, alemão, italiano, inglês e outras línguas, antigas e modernas.

No seu livro são dadas sessenta e sete cópias fac-similadas destas escritas espíritas. Outras pessoas, por sua vez, foram lançadas, sem qualquer agente visível, num estado de inconsciência ou de transe, no qual personificaram pessoas falecidas, frequentemente desconhecidas para elas, mas de um modo tão impressionante que foram imediatamente reconhecidas por amigos ou parentes presentes.

Mais frequentemente, pessoas nesta condição inconsciente de transe são impelidas a responder a perguntas ou a proferir discursos não premeditados, por vezes sobre

assuntos abstrusos, para além do conhecimento ou da capacidade normal do médium, que pode ser, e por vezes é, iletrado e sem instrução; noutras ocasiões são faladas línguas de que o médium nada sabe.

Ao insistir numa investigação calma e deliberada, eu disse, a propósito do Espiritualismo: Há nele amplo espaço e margem para todos, um vasto campo de investigação proveitosa, contanto que seja conduzida no verdadeiro espírito de inquérito — o espírito disposto a estudar e a aprender com os factos, por mais estranhos que possam parecer, por mais contrários que sejam aos preconceitos da filosofia; pois a filosofia, tal como a ignorância, tem os seus preconceitos, e por vezes os da filosofia são os mais inveterados.

Convido, pois, seriamente a vossa atenção para uma investigação das leis e princípios, bem como dos fenómenos do espiritualismo, e peço que ela seja conduzida no espírito que indiquei. Um vasto oceano de verdade, comparativamente inexplorado, estende-se diante de vós.

Disse também: não queria que pensásseis por um momento que eu não tenho consciência dos muitos abusos que podem surgir deste contacto com o mundo espiritual. Mas Deus dá a cada homem o poder da razão, e de modo algum compete ao espiritualismo suprimi-lo. Assim, se um espírito desse um conselho que a nossa razão nos dissesse não dever ser seguido, porque haveríamos de prestar-lhe mais atenção agora que está liberto do corpo do que prestaríamos se ainda se movesse entre nós na terra como antigamente? Nem todos os espíritos são perfeitos, e no momento em que renunciamos à nossa razão, quer perante homens quer perante espíritos, nesse momento fazemos injustiça a nós próprios e insultamos o nosso amoroso Pai.

Conheci pessoas que adotaram o espiritualismo simplesmente para que se falasse delas; e outras, para o usarem como trampolim para entrar na sociedade. Tive conhecimento das imposturas mais grosseiras praticadas, e em todos os casos as desmascarei; e, com Deus por meu auxílio, sempre o farei. Naturalmente, em casos destes, tenho muito com que lutar, mesmo por parte dos meus melhores amigos: dizem, "Não é o teu lugar; deixa que outros o façam." Eu sinto que é o meu lugar, e, quando vejo as puras e gloriosas verdades que defendo serem rebaixadas e convertidas em escárnio pela populaça, levantarei a minha voz e direi, "Isto não é espiritualismo"; e, se me provarem que é, então desejo nada ter com ele, pois é um erro tenebroso e condenável, e quanto mais cedo os sinceros buscadores da verdade o abandonarem, melhor. Não há doutrina que não tenha os seus abusos e que não seja abusada por estranhos. A calúnia é da terra, e morrerá; a verdade é de Deus, e viverá.

Tem-se argumentado que a loucura é um resultado natural desta crença. Tenho estado tão apto, e mais do que qualquer homem vivo, a negar esta afirmação. Tive repetidas sessões com várias cabeças coroadas. Estive com o camponês na sua cabana, com o par no seu palácio. Viajei por boa parte da Rússia, Alemanha, Itália, França e Suíça. A minha vida quotidiana tem sido com crentes e investigadores, e posso apresentar-me diante de vós esta noite e declarar solenemente que nunca vi pessoa

alguma enlouquecida pelos seus efeitos. No fim do ano de 1853 e no princípio de 1854, eu estava de visita, em Hartford, Connecticut, a um clérigo que hoje é bispo.

As estatísticas do Estado davam como internos do Hartford Insane Retreat trinta e sete por serem espiritualistas. Na própria tarde em que vimos pela primeira vez esta declaração, o meu amigo ia ler orações no asilo. Acompanhei-o e perguntei ao superintendente quantos pacientes ali havia que tivessem enlouquecido por causa do espiritualismo. Sem um momento de hesitação respondeu: "Nem um." Este pequeno facto é, a meu ver, bastante significativo, mostrando a que fins baixos os opositores do espiritualismo podem recorrer para fazer vingar a sua narrativa.

Não desejo tornar a minha conferência ridícula, o que, se eu entrasse em algumas das formas mais pitorescas de explicar "como é que tudo se faz", certamente aconteceria. Uma ou duas das últimas bastarão. Quando estive na Rússia neste Outono, em visita a Sua Majestade, dizia-se como facto que eu tinha um grande número de gatos para dormirem comigo, e que por esse meio ficava tão carregado de eletricidade que as pancadas se ouviam na minha presença.

Outra versão dizia que eu mantinha os pés durante muito tempo em água gelada, e depois corria e sentava-me junto do Imperador, pondo-lhe os pés nas mãos, e assim ele pensava tocar numa mão semelhante à de um cadáver. Corre também o boato de que os meus pés são como pés de macaco e que posso fazer com eles o que quiser. Alguns dos meus amigos chegaram mesmo a pedir para ver os meus pés sem sapatos nem meias, para poderem contradizer isso. Outra teoria ainda, é que se trata de um fluido mental, composto de emanações da pessoa que assumem as características físicas e mentais da cerebração automática individual, actuando sobre a força ódica do médium e do círculo. Estas e muitas outras explicações fantásticas, rebuscadas e inadequadas, que por sua vez precisam de ser explicadas, foram sendo apresentadas de tempos a tempos; cada nova hipótese fazendo explodir, sem amabilidade, as suas predecessoras, e sendo por sua vez feita explodir por uma nova.

Há, porém, uma coisa digna de ser assinalada: enquanto vários homens capazes e distintos escreveram volumes para explicar os fenómenos por causas de origem puramente mundana, todos admitem a realidade dos factos. Esses principiantes que, com pouco ou nenhum conhecimento do assunto, se julgam justificados em denunciar tudo como impostura, deveriam certamente — se não forem inteiramente destituídos de modéstia e bom senso — ser travados pela circunstância de homens científicos e eruditos, tão céticos como eles quanto à origem supramundana dos factos, terem, após a investigação mais completa, sido constrangidos a conceder a sua realidade e genuinidade.

Espero que ninguém presente seja levado a interpretar mal o facto de eu ter recorrido à Bíblia para provar as verdades da minha crença. Fi-lo com toda a sinceridade e com respeito. Não encontro em parte alguma da Escritura que o braço de Deus esteja encurtado, em parte alguma que Ele tenha deixado o homem entregue aos seus próprios expedientes, e o espiritualismo que vi aponta para Ele, fonte de tudo,

como meio de salvação. Pois por que razão, se Deus é um Deus omnipresente, não hão de aqueles que nos amaram e foram mortais como nós próprios continuar a velar por nós e a cuidar de nós? Pensai ainda que, se Deus, que é toda a pureza, pode estar perto de nós, porque não hão de eles poder também?

Creio do fundo do coração que este poder se vai espalhando cada vez mais todos os dias para nos aproximar de Deus. Perguntais se nos torna mais puros? A minha única resposta é que somos apenas mortais e, como tais, sujeitos ao erro; mas ensina que os puros de coração verão Deus. Ensina-nos que Ele é amor, e que não há morte. Aos idosos chega como consolo, quando as tempestades da vida estão quase terminadas e o repouso se aproxima. Aos jovens fala do dever que devemos uns aos outros, e de que, como semearmos, assim colheremos. A todos ensina resignação. Vem para afastar as nuvens do erro e trazer a manhã luminosa de um dia sem fim.

Um redactor do *Evening Star* descreveu esta conferência sob o título "An Evening with the Spiritualists", na qual esboçou o meu retrato a partir do seu espelho particular, como se vê pelo seguinte excerto:

"Na tribuna havia uma mesa e uma secretária, com uma vela de cada lado; e diante da tribuna havia duas filas de lugares especialmente reservados, em que se sentavam, entre outros, várias senhoras e cavalheiros bem, e merecidamente bem, conhecidos nos mundos literário e dramático. Dizem-me que deram uma prova convincente da sua crença no espiritualismo — pagaram os bilhetes de entrada. Pouco depois das oito horas, um cavalheiro esguio e flexível, de rosto pálido, cabelo claro e pequenos olhos escuros, subiu à tribuna, e soubemos que diante de nós estava o Sr. D. D. Home, o expositor e muitas vezes o objeto das influências elevadoras do espiritualismo. Com delicados dedos brancos dispôs diante de si certas páginas de manuscrito, mostrando ao fazê-lo os mais irrepreensíveis punhos de camisa, enquanto na sua mão esquerda cintilava um diamante lustroso cada vez que levantava o lenço de bolso. Os espíritos não poderiam encontrar defeito na aparência perfeitamente respeitável do seu advogado profissional."

Como o artigo, embora escrito, como seria de esperar, de um ponto de vista cético, não era injusto e não continha qualquer outra deturpação, estou disposto a acreditar que o cavalheiro que o escreveu fosse míope e tivesse alguma névoa nos óculos quando imaginou ver os meus "pequenos olhos escuros", e tenho, no conjunto, de lhe agradecer a imparcialidade do seu relato. A sua narração contrasta fortemente com um artigo vergonhoso que apareceu em *All the Year Round* de 3 de Março de 1866, intitulado "At Home with the Spirits". O autor de *All the Year Round* diz:

"O Sr. Home não partiu de Inglaterra sem antes ter nomeado um grupo de apóstolos para pregar o evangelho que veio fundar e proclamar. Espero não ser pouco caridoso ao suspeitar que, na sua escolha de pessoas, visou uma espécie de paródia da constituição original da Missão Cristã. Os seus discípulos escolhidos eram gente humilde, fazedoras de flores e remendões de sapatos. Estes discípulos, com a ajuda de convertidos numa esfera mais elevada, escreveram o seu Testamento nas páginas de

dois periódicos dedicados ao espiritualismo. Nestes jornais é-nos apresentado um registo dos milagres de Home, e dos dos seus discípulos. Quando o Sr. Home se despediu dos seus discípulos, foi elevado até ao teto na presença deles. Será isto também uma paródia de certo acontecimento da história sagrada? Quando eu chegar a tratar da conferência que o Sr. Home proferiu na outra noite em Willis's Rooms, o leitor poderá responder por si mesmo à pergunta.

"Quando o Sr. Addison, que os espiritualistas diziam ser médium apesar de si mesmo, ofereceu ao Sr. Home cinquenta libras se ele pudesse flutuar no ar na sua presença, o Sr. Home escapou ao dilema recusando o desafio; mas os Davenport, demasiado confiantes na sua habilidade, submeteram-se a um teste e foram desmascarados. A exposição completa desta última forma de espiritualismo operou uma grande mudança nas táticas dos apóstolos. Vendo que já não era possível enfrentar o grupo de detetores, que fizeram da sua missão encontrá-los e expô-los em todas as ocasiões, abandonaram a prática de milagres e limitam-se agora a pregar o espiritualismo como uma nova fé.

"Na quinta-feira, quinze de Fevereiro, fui a Willis's Rooms ouvir o apóstolo pregar; mas, antes de me poder pôr sob a influência do novo evangelho, fui chamado a pagar dez xelins e seis pence. 'Não há lugares de cinco xelins?' perguntei. A resposta foi: 'Não; já se esgotaram; restam apenas alguns lugares de meia-guiné.' Paguei a minha meia-guiné e entrei na sala, e verifiquei que havia muitos lugares de cinco xelins vagos, mas apenas alguns de meia-guiné. Ao sair acusei o homem à porta de me ter (para usar o termo mais brando) enganado. Ele não o negou; mas disse, em sua desculpa, que a culpa não era sua; tinham-lhe dito para afirmar que não havia lugares de cinco xelins.

"Relatarei brevemente o que ouvi e vi, e qual foi a impressão que ficou no meu espírito.

"Como o Sr. Home se arroga o mérito de ser um médium, com poderes extraordinários de corpo e de espírito, dificilmente poderá opor-se a uma descrição da sua pessoa. É um homem alto e magro, com ombros largos e quadrados, que sugerem um fato pendurado num ferro em cruz. O seu cabelo é comprido e amarelo; os seus dentes são grandes, brilhantes e aguçados; os seus olhos são de um cinzento pálido, com uma vermelhidão em torno das pálpebras que vai e vem de modo fantasmagórico enquanto fala.

Quando mostra os seus dentes brilhantes e aguçados, e esse aro vermelho surge em volta dos seus olhos de movimento lento, não é uma visão agradável. As suas mãos eram longas, brancas e ossudas, e percebia-se, sem lhes tocar, que estavam geladas. Curvava-se sobre o papel e raramente levantava os olhos, exceto para os voltar para o Céu num apelo à Divindade. A primeira parte da conferência foi muito enfadonha e pesada, sendo toda acerca da indestrutibilidade da matéria. Antes de esse 'ponto' se esgotar contei quinze membros da assistência profundamente adormecidos. Depois da minha experiência à entrada, foi algo espantoso ouvir o Sr. Home renegar todos os

motivos mercenários e declarar que nunca recebera, nem receberia, dinheiro pelo seu trabalho.

Numa circular privada aos seus amigos diz ele: 'Não preciso de vos dizer quão importante é para mim ter o apoio dos meus amigos, não só como conforto e encorajamento, mas como algo que essencialmente auxilia a causa em que eles e eu estamos profundamente interessados. Muito, na verdade, da minha própria fortuna pode depender do resultado desta experiência.' Deixo ao leitor reconciliar este apelo com a sua rejeição de motivos mercenários, como puder.

"Era uma contradição negar a verdade das pancadas espíritas, quando todos os domingos na igreja declarávamos a nossa crença na comunhão dos santos. Tal era o argumento."

"Quando o Sr. Home estava a meio das suas estatísticas, o Professor Anderson, o prestidigitador, levantou-se de um lugar ao fundo e disse: 'Isso está errado.' Disse o Sr. Home: 'Quando eu tiver terminado a minha conferência, ouvirei o que tem a dizer.' Assim, quando a conferência terminou, o Professor caminhou pela sala acima, subiu à tribuna e começou deliberadamente a tirar o casaco. O Sr. Home, não gostando do aspeto daquele procedimento, saltou imediatamente da tribuna e começou a distribuir bilhetes pelos seus amigos.

Mas o prestidigitador não tinha intenção de desafiar o Sr. Home para pugilato. Limitara-se a tirar o sobretudo para dar mais livre curso aos pulmões num esforço oratório premeditado. Mas a congregação recusou-se a ouvi-lo. A sua primeira palavra foi abafada por assobios e gritos de 'Fora, fora'. Tentou repetidas vezes obter uma audiência, mas em vão; e, gritando no auge da voz, 'Embuste! impostura! blasfémia!' etc., o prestidigitador viu-se obrigado a voltar a vestir o casaco e a descer. Não tinha um único amigo na sala.

"Agora, qual é a doutrina que o Sr. Home propõe e que toda esta gente subscreve como novo artigo de fé? Claramente, esta: que o espiritualismo, fundado em pancadas de mesa, atar cordas e tocar banjo num armário, é um meio de salvação do homem! Estas são as próprias palavras do Sr. Home."

Destes excertos os meus leitores podem ajuizar quanto do que o autor relatou pertence ao "que ouviu e viu", e quanto à "impressão deixada no seu espírito". É bastante claro que, de longe, a maior parte do que ele diz consiste na impressão deixada no seu espírito, sem dúvida, mas que ali existia muito antes da conferência. Disto eu não me queixaria, não fosse o facto de a "impressão", seja ela qual for, o ter levado a fazer afirmações que, infelizmente, tenho de registar como impressões de falsidade. Talvez isto se possa explicar supondo que o autor é um conhecido escritor de ficção, que naturalmente acha difícil ater-se a meros factos, e isto é muito evidente no retrato imaginativo que apresentou aos seus leitores como sendo a minha semelhança, já que eu não me regozijo com a posse de cabelo amarelo, dentes pontiagudos, olhos cinzentos, nem mãos geladas.

Poderá haver algo mais falso do que dizer que as minhas próprias palavras são "que o espiritualismo, fundado em pancadas de mesa, atar cordas e tocar banjo num armário, é um meio de salvação do homem"? Nunca pronunciei semelhante frase; nunca tive nada a ver com "atar cordas e tocar banjo num armário", sejam estes truques de espíritos ou de outros, e menos ainda alguma vez afirmei que o espiritualismo se fundava em tais manifestações. Sustento que a comunhão dos espíritos que partiram desta vida com aqueles que ainda permanecem nos seus corpos terrenos é um meio da mais alta importância para a salvação do homem; e um agente da Sociedade Bíblica poderia com a mesma justiça ser acusado de afirmar que *Mother Hubbard* e *The House that Jack Built* estavam ao nível da Sagrada Escritura por terem saído da imprensa, como eu fui acusado da afirmação acima citada.

Quanto ao Professor Anderson, o autor diz: "A sua primeira palavra foi abafada por assobios e gritos de 'Fora, fora.'"

Isto é totalmente falso, pois o "Professor" não foi interrompido senão depois de ter proferido uma tirada toleravelmente longa de insultos, sem ser acompanhada de uma única palavra de argumento ou de uma única exposição de facto. Só quando se tornou dolorosamente evidente para todos os presentes que o "Professor" se encontrava num estado que o tornava incapaz de estar diante de uma assembleia pública, é que se tomaram medidas para pôr termo ao seu discurso, para o qual parecia ter-se preparado saindo da minha conferência de tempos a tempos e recorrendo a uma fonte de inspiração de onde regressava constantemente, com rubor no rosto, provavelmente resultante das antecipações da vitória iminente sobre mim.

A seguinte carta, de que não foi feita absolutamente nenhuma menção, foi escrita ao editor de *All the Year Round*, com referência a este artigo mendaz:

"MEU CARO SR. WILLS,

"Permitir-me-á apresentar o meu protesto contra uma libelo muito falso e escandaloso que aparece em *All the Year Round*, e exprimir o meu pesar por o senhor ser parte na sua publicação — o senhor, que sabe que homens como Robert Chambers, William Howitt, o Professor De Morgan, eu próprio, e uma hoste de outros, tão inteligentes e retos quanto esses, são firmes crentes nos fenómenos chamados 'espiritualismo'.

"Sem dúvida que está inteiramente livre para atacar tais homens, por mais que os respeite e estime — por maior que seja a confiança que tenha na sua integridade e faculdades intelectuais, na sua capacidade de julgar e na sua honestidade ao chegar a conclusões; mas não está livre para deixar que qualquer colaborador das suas colunas afirme aquilo que sabe ser falso, como faz o autor do artigo sobre o Sr. D. D. Home.

"É uma massa de falsidades deliberadas, e o senhor devia saber que assim é. Não o incomodarei percorrendo-o em prova; limitar-me-ei a apontar duas afirmações: — uma, que ele 'distribuiu bilhetes' depois da conferência — a outra, que a sua circular

declarava ‘que muito da sua própria fortuna devia depender do resultado desta experiência’.

“Relativamente à primeira destas duas falsidades, só posso dar-lhe agora a minha própria garantia: Home não distribuiu bilhetes, não tendo bilhetes nenhuns para distribuir. Quanto à segunda falsidade, envio-lhe uma cópia da única circular que ele expediu. Verá por si próprio quão desonrosa e vergonhosa foi a alteração de uma palavra para dar à frase um sentido totalmente diferente. O autor desse artigo, seja ele quem for, é, no mínimo, um homem desonesto. Pode ter o direito de criticar aquilo de que nada sabe, mas não tem o direito de descrever como dupes de um impostor homens que, de muitos deles, estou muito certo, são em todos os sentidos seus superiores, e muito mais aptos do que ele para examinar e julgar.

“Que pretensão a qualquer direito pode ter semelhante homem, que descreve uma pessoa — muito respeitada, em todo o caso, por muitos que são eles próprios respeitados — como alguém que ‘procura o seu pão de cada dia por profissões que sabe serem falsas, perversas e blasfemas’?

“É claro que o senhor já lançou a seta, e deixará o farpão cravado; não mostrará o outro lado. Muito provavelmente nem sequer corrigirá as escandalosas deturpações para as quais chamei a sua atenção — uma das quais é palpável, pois aqui está a prova nesta circular.

“Não ficará, espero, zangado comigo por lhe escrever. O seu colaborador pode, se quiser, julgar-me um tolo ou um patife, conforme lhe aprouver; mas estou certo de que o senhor não me considera uma coisa nem outra.

“Sempre fielmente seu,
S. C. HALL.”

As passagens seguintes são tiradas de uma recensão deste artigo, que apareceu no *Spiritual Times*, em 17 de Março de 1866:

“‘All the Year Round’, de 3 de Março, contém um artigo, ‘At Home with the Spirits’, escrito em estilo livre, isto é, com uma latitude que solta as rédeas à fantasia com um desprezo temerário pelo facto. O autor começa por nos dizer que está inclinado a ‘considerar os apóstolos de doutrina espantosa e inacreditável mais como tolos do que como patifes’, e atribui-se mérito pela sua imparcialidade, assumindo ter dado a todos os que promulgaram ‘doutrina espantosa e inacreditável’ uma audiência justa, e nunca ter ‘troçado’. Mas agora, evidentemente, perdeu a paciência, pois não troça, limita-se apenas a chamar-nos ‘tolos’.

Como é que devemos receber ‘tratamento justo’ das suas mãos, sendo previamente julgados por ele como ‘tolos’, não o compreendemos! Segue-se uma anedota humorística, contada, sem dúvida, em todos os seus pormenores, com exatidão, na qual nos são apresentados um sapateiro escocês e o seu homem, que se dedicaram à frenologia e à eletrobiologia e abandonaram a pedra de sapateiro. Ao sapateiro é atribuído o mérito de ter sido honesto, mas ao seu homem, que ele levava consigo como

sujeito, é atribuída a impostura. Esta anedota é introduzida para servir um duplo fim — alongar o artigo e preparar o caminho para um ataque mais forte ao espiritualismo. Mas como poderá ela afetar a eletrobiologia, cuja verdade qualquer pessoa vulgar pode provar por si mesma?

"Não há desdouro algum para um sapateiro em estudar ciência mental e ocupar-se ao seu serviço; mas é desonroso para ele fabricar falsidades, ou fazer qualquer coisa que degrade a sua natureza moral. Esperamos sinceramente que o autor de *All the Year Round* não se tenha tornado conscientemente culpado disso. Que fabricou falsidades ao tratar do espiritualismo, pensamos que poderemos mostrá-lo. Que aqueles que riem com ele o ajudem a sair disso, se puderem. Os 'tolos', pedimos perdão, espiritualistas, são 'trapaceiros', mas na sua maioria 'pessoas crédulas' que inadvertidamente ajudam a praticar o embuste sobre outros.

"É assim que este moderado e exemplar autor nos trata como corpo. Mas ele interessa-se principalmente pelo Sr. Home e pela sua recente conferência em Willis's Rooms. O truque da eletrobiologia foi considerado demasiado mundano, e tornou-se um 'objectivo' introduzir um 'elemento supramundano'. Assim o autor de *All the Year Round* persuade-se a si mesmo e aos seus leitores de que estava e está em atividade um sistema de embuste concertado, começando na eletrobiologia e terminando no espiritualismo; e, no entanto, admite que 'os crentes eram principalmente pessoas movendo-se nos círculos superiores da sociedade, algumas delas distintas pelas suas elevadas realizações intelectuais.'

E ainda assim, estas são, na maioria dos casos, 'tolos'; e que milagre é que homens como o sapateiro escocês, que foi feito dupado pelo seu homem, que praticou uma mistificação para se livrar da teimosa necessidade de bater couro na pedra, pudessem realizar uma obra terminando em fazer crentes 'distintos pelas suas elevadas realizações literárias'! É realmente surpreendente que homens possam escrever tamanho disparate. Se alguns charlatães, demasiado preguiçosos para continuar fiéis ao seu ofício, podem receber o crédito pela totalidade da 'ilusão' espiritualista, que conta os seus aderentes aos milhões, muitos dos quais se encontram entre as classes superiores e literárias, pareceria que os homens de 'realizações intelectuais e literárias' são facilmente enganados.

"Conta-se ainda outra anedota acerca de um autor que tinha o hábito de consultar os espíritos, mas que, como tantos outros autores, prestou contas cedo na vida. Naturalmente, insinua-se que a sua morte foi apressada pela excitação das 'sessões de pancadas espíritas'. Os autores não são geralmente longevos; muitos deles entregam-se em demasia a soirées — alguns fumam e bebem excessivamente, quase todos levam uma vida de excitação de algum tipo. Grande parte da excitação que acompanha a autoria é inevitável. Se o autor mencionado realmente se entregou em excesso às 'sessões de pancadas espíritas', o seu destino deve servir de advertência aos intemperantes. O excesso em comer, beber ou pensar deve ser condenado e tem de ser expiado; mas de modo algum prova que comer, beber e pensar sejam em si mesmos males.

"O Sr. Home é acusado de aparecer entre nós e escolher discípulos, à maneira de Cristo, entre pessoas de origem muito humilde; e diz-se ainda que se despediu dos seus discípulos sendo elevado ao teto na presença deles. Isto pode ser boa escrita, e muito agradável à maioria dos leitores de *All the Year Round*, mas não é inteiramente verdade. O Sr. Home nunca escolheu um discípulo; tinha outra coisa que fazer. Foi elevado ao tecto na presença de pessoas de 'posição elevada e altas realizações literárias', e que saibamos nenhum fazedor de flores nem vendedor de sapatos jamais o viu a pairar.

'Quando o Sr. Addison ofereceu ao Sr. Home cinquenta libras se ele pudesse flutuar no ar na sua presença', diz este escritor amante da verdade, 'o Sr. Home escapou ao dilema recusando o desafio.' Esta oferta, estamos autorizados a declarar, nunca foi dada a conhecer ao Sr. Home; de facto, o Sr. Home nada sabe absolutamente do Sr. Addison. Além disso, mesmo que a oferta tivesse sido feita, o Sr. Home teria procedido sabiamente ao recusar o desafio. É uma das provas mais convincentes das agências espirituais em actividade no processo de levitação o facto de ele só ser elevado no ar ocasionalmente, e nunca por sua própria determinação.

"O autor não é nada escrupuloso na maneira como maltrata o Sr. Home e os espiritualistas. Apresenta um retrato verbal de alguma monstruosidade imaginária, que deseja que os seus leitores aceitem como sendo o Sr. Home. Conta-nos que foi enganado, ao entrar em Willis's Rooms, ao dizerem-lhe que já não restavam lugares de cinco xelins quando havia vários. Este assunto do gerente ele imputa, com brandura, ao Sr. Home. Agora conseguimos compreender o motivo da animosidade que pôs a sua pena a trabalhar sobre este assunto. Para dar um exemplo do seu respeito pela verdade, declara que, antes de terminar a primeira parte do discurso do Sr. Home, ele 'contou quinze membros da assistência que estavam profundamente adormecidos.' Haverá outra pessoa, além deste autor, que o afirme? Pensamos que não. A assistência, segundo as próprias admissões do autor, era composta quase inteiramente por amigos do Sr. Home. Será provável que adormecessem a meio da sua conferência?

"Com o objetivo de fazer o Sr. Home parecer mercenário — embora ele tivesse declarado no início da sua conferência que nunca exercera, e nunca exerceria, os seus poderes mediúnicos por dinheiro — o autor desconcertado, violando as regras comuns da privacidade, cita erradamente a circular do Sr. Home aos seus amigos, pondo a palavra *fortuna* em vez de *futuro*. 'Muito, na verdade, do meu próprio futuro pode depender do resultado desta experiência.' *All the Year Round*, em itálico, diz: 'A minha própria fortuna.' Se quinze dos membros da assistência

Tomámos o trabalho de nos informar junto do gerente acerca deste assunto, e soubemos que todos os bilhetes de cinco xelins estavam vendidos, e que os lugares que o autor viu vagos eram lugares de meia-guiné. E foi-nos assegurado que lhe teria sido oferecido um lugar gratuitamente, juntamente com os outros repórteres, se ele apenas tivesse mostrado o seu cartão e declarado que era um homem da imprensa não estivesse a dormir, certamente este escritor estaria quase nesse estado, ou então terá feito esta alteração propositadamente. "Diz-se que uma senhora se dirigiu ao Sr. Home e lhe pediu para se 'ajustar' (*settle*) com ela; seria isto uma intenção de dizer 'sentar' (*sit*)?

O Professor Anderson surge logo de seguida em cena e, quando é descrito a subir à plataforma e a tirar o casaco, o Sr. Home é descrito a saltar da plataforma e a distribuir panfletos pelo público. Certamente que o escritor deveria estar quase a dormir. O Sr. Home não tinha panfletos para distribuir, e não abandonou a plataforma até ter ouvido uma tirada de insultos da parte do Professor. Tal é o relance muito rápido sobre o artigo no 'All the Year Round'. Quando o escritor voltar a pegar na pena para tratar do espiritualismo, esperamos que recorde as palavras: 'O lábio mentiroso é uma abominação para o Senhor'.

"Raramente foi escrito um artigo contra o espiritualismo que contivesse tantas falsidades gritantes como este: 'Ora, qual é a doutrina que o Sr. Home propõe, e que todas estas pessoas subscrevem como um novo artigo de fé? Audazmente esta — que o espiritualismo, fundado em batidas de mesa, amarras de cordas e o tocar de banjo num armário, é um meio para a salvação do homem — estas são as próprias palavras do Sr. Home.' O escritor deve estar quase surdo, além de quase a dormir. O Sr. Home não disse nada do género. Ele disse, sim, que o conhecimento da realidade dos fenómenos espirituais conduz o ateu e o materialista ao conhecimento superior da vida imortal, ou algo do género. "Imagine-se este escritor a ser coerente e a dizer da Igreja Cristã — que as fontes baptismais, as mesas de comunhão, as sobrepelizes e os cerimoniais são meios para a salvação do homem, omitindo por completo o Espírito de Cristo. Isto seria fazer pela ortodoxia o que ele faz pelo espiritualismo."

## CAPÍTULO VII

## ATENEU ESPIRITUAL — IDENTIDADE — GUARDIÕES DA FORÇA — MESMERISMO ESPIRITUAL

Na última parte de 1866, um número de cavalheiros interessados no espiritualismo decidiu formar uma sociedade limitada, relativamente à qual foi impressa a seguinte circular: "MUITOS espiritualistas e amigos do espiritualismo, considerando que faz muita falta em Londres um local onde se possam reunir frequentemente, resolveram estabelecer uma sociedade sob o nome de *The Spiritual Athenæum* (O Ateneu Espiritual), no n.º 22 da Sloane Street, Knightsbridge. Presentemente, muitas pessoas que foram largamente dotadas de 'dons espirituais' encontram-se sem o poder de os dar a conhecer para o bem geral; ao passo que é certo que vários estrangeiros ilustres, assim dotados, visitaram e deixaram Londres sem travar conhecimento com um único espiritualista.

"A sociedade propõe-se a enfrentar as dificuldades que impedem o progresso do espiritualismo através do estabelecimento para o qual chamam a vossa atenção — onde os subscritores terão a vantagem do intercurso com médiuns que se encontrem ou que visitem Inglaterra vindos da América, França e outros países; onde livros e obras periódicas em várias línguas possam ser recebidos e circulados; onde palestras ocasionais serão proferidas (sendo por vezes impressos artigos escritos, talvez

trimestralmente, como 'Transações'); onde um sistema de correspondência útil possa ser levado a cabo; onde 'experiências' possam ser comunicadas e registadas; onde, em suma, haverá um ponto de união para os espiritualistas e os seus amigos para a troca de informações e para consulta; e onde 'sessões', sob arranjos criteriosos, serão regularmente realizadas com o Sr. Home e outros médiuns. "Propõe-se nomear o Sr. D. D. Home como Secretário residente na Instituição. Ele atuará sob a orientação e direção de um conselho e de uma comissão executiva, um dos quais atuará como tesoureiro honorário. "Acreditamos que a mediunidade do Sr. Home (livre de todas as influências conflituantes) poderá assim tornar-se mais ampla e mais prática nos seus efeitos benéficos.

Acreditamos, também, que outros médiuns poderão assim ser capacitados para elucidar e avançar essencialmente o espiritualismo e que, por conseguinte, as investigações sobre o assunto possam levar a convicções da sua verdade. "Será um dever principal da comissão executiva, atuando com o conselho, fazer tais arranjos que garantam facilidades para uma comunhão saudável, útil e instrutiva para aqueles que procuram, bem como para aqueles que estão dispostos a dar, informações 'relativas a dons espirituais'; promovendo simultaneamente o convívio social, visando objetivos mais elevados e sagrados, travando a propagação do materialismo, defendendo as verdades e alargando a influência do Cristianismo, e estreitando os laços de paz e amor entre a humanidade, incutindo por um outro poder — atuando de acordo com a Escritura Sagrada e cooperando com o instrutor cristão — o dever para com Deus e para com o nosso próximo.

"Pedimos-lhe, portanto, que dê efeito ao nosso plano, concordando em subscrever 5l. 5s. anualmente, enquanto lhe for satisfatório fazê-lo, a fim de estabelecer o Ateneu Espiritual. Nenhuma outra responsabilidade de qualquer tipo será incorrida pelos subscritores. Desejamos limitar o número de subscritores a cem, mas acreditamos que oitenta serão suficientes para satisfazer todos os requisitos — tais como a renda das salas, o fornecimento de uma biblioteca, refrescos moderados em tertúlias (*conversazioni*) e as despesas do secretário. "Os seguintes cavalheiros consentiram em atuar como conselho; aqueles que estão assim indicados (*) formam a comissão executiva. Observar-se-á que vários dos membros são homens práticos de negócios e, portanto, que uma sábia superintendência será exercida sobre os procedimentos da sociedade. Ao conselho, várias senhoras de posição e influência estarão associadas.

LISTA ACTUAL DO CONSELHO (À qual serão feitas adições) G. Brocklebank, Esq., Lombard Street e Greenwich. Dr. Elliotson, Davies Street, Berkeley Square. Cap. Drayson, R.A., Woolwich. Conde P. de Gendre, 68, Westbourne Terrace. H. G. Gibson, Esq., 33, Mark Lane e Mecklenburg Square. John Hampden Gledstanes, Esq., Londres e Paris. J. M. Gully, Esq., M.D., Malvern. *S. C. Hall, Esq., F.S.A., Advogado, 8, Essex Villas, Kensington. Henry T. Humphreys, Esq., 1, Clifford's Inn. *H. G. Jencken, Esq. (Tesoureiro Honorário), Advogado, Kilmorey House, Norwood. Ion Perdicaris, Esq., Gloucester Terrace, Campden Hill. *H. Rudall, Esq., 9, Great Tower Street e the Grove,

Camberwell. *H. W. Spratt, Esq., Walbrook Buildings e South Villas, Greenwich. *E. C. Sterling, Esq., 104, Sloane Street. O Rev. J. G. Wood, M.A., Belvedere, Kent. 22, Sloane Street, Knightsbridge."

Durante o aperfeiçoamento dos arranjos ligados ao "Ateneu Espiritual", alguns dos membros do conselho reuniram-se, de tempos a tempos, na Sloane Street, e em todas as ocasiões ocorreram algumas manifestações interessantes. Embora cada uma delas possuísse o seu interesse especial para quem a presenciava, poucas exigem qualquer nota. Relatarei, no entanto, brevemente as circunstâncias ligadas a uma que ocorreu numa reunião preliminar do conselho. Nesta ocasião, o Sr. S. C. Hall, o Sr. Jencken, o Sr. Perdicaris e o Sr. Humphreys, comigo, tínhamo-nos reunido e, após algum tempo, enquanto discutiam assuntos de negócios, vi um espírito que me deu o seu nome e disse ser filha do Dr. Robert Chambers. O Sr. S. C. Hall, que conhecia a família, não acreditava que o Dr. Robert Chambers tivesse tido uma filha com esse nome. Eu disse que podíamos ter a certeza de que ele tinha, e, ao dizê-lo, soaram três batidas no chão.

Como o objetivo da comunicação era que o Sr. Hall escrevesse ao Dr. R. Chambers sobre certos assuntos, ele comprometeu-se a fazê-lo, embora com alguma relutância, e só várias semanas mais tarde é que apurou que o nome estava correto. Mesmo então, não se comunicou com o Dr. R. Chambers e, numa sessão em casa do Sr. S. C. Hall, em Essex Villas, Campden Hill, este espírito veio ao círculo e expressou-me o seu pesar por o Sr. S. C. Hall não ter escrito ao seu pai como solicitado.

Ela detalhou a nova posição dos assuntos em relação ao que desejava ver feito, e vinha acompanhada pelo espírito de uma irmã que deixara a terra em tenra idade, e deu as palavras "Pa, amo-te" (*Pa, love*). Escreveu-se ao Dr. Robert Chambers e, em resposta, ele escreveu: "A totalidade das comunicações está de acordo com factos reais. As palavras 'Pa, amo-te' foram as últimas palavras que ela pronunciou em vida." Numa carta para mim, escrita também por esta altura, o Dr. R. Chambers diz, após relatar um evento que confirmou uma mensagem que lhe fora enviada: "Como vê, a Mary tinha razão sobre a iminência daquele passo, do qual eu nada sabia."

A abertura formal do Ateneu Espiritual teve lugar a 4 de Janeiro de 1867, e o seguinte aviso sobre o assunto apareceu na "The Spiritual Magazine": "ABERTURA DO ATENEU ESPIRITUAL. — A reunião de abertura do Ateneu Espiritual teve lugar na sexta-feira à noite, 4 de Janeiro. O Sr. S. C. Hall, F.S.A., abriu a reunião com um excelente discurso introdutório. Foi lido um breve artigo do Dr. Gully; e o Sr. D. D. Home Lyon dissertou sobre e descreveu 'Desenhos Espirituais', vários dos quais, de diversas pessoas, estavam dispostos sobre as mesas.

O resto da noite foi ocupado por conversas sobre as perspetivas e o progresso do espiritualismo. A reunião foi muito concorrida e altamente gratificante para todos os que nela participaram." Um resultado do estabelecimento do Ateneu Espiritual foi atrair a atenção de espiritualistas em várias partes do reino, e recebi cartas de vários quadrantes relatando o progresso que o espiritualismo estava a fazer e dando conta de

inúmeros círculos organizados com o propósito de investigar o assunto. A minha própria perda de saúde em 1867, juntamente com outras circunstâncias, plenamente explicadas em ligação com o processo judicial Lyon, levaram ao fecho do Ateneu. Sendo toda a história do meu conhecimento com a Sra. Lyon detalhada no relato do processo judicial que começa num capítulo posterior, passo-a à frente por agora e procedo aqui a dar relatos de algumas sessões que ocorreram em 1867.

O seguinte relato da aparição de "Guardiões da Força" é digno de ser registado, sendo a manifestação de tais espíritos de ocorrência rara; apareceu na "The Spiritual Magazine" de Março de 1867, da pena do Dr. Gully, Malvern. "Por volta de 28 de Novembro passado, o meu amigo Sr. Home, estando em transe, estava a examinar o meu corpo com o intuito de verificar o estado de saúde em que este se encontrava. Todos os que viram o Sr. Home neste estado de transe estão cientes da clareza com que ele vê e comunica com espíritos que já partiram do corpo. E maravilhosas e maravilhosamente belas têm sido as comunicações feitas por eles, através dele, as quais tive a fortuna de ouvir. Os gestos, as ações mais triviais da vida corporal, o modo de caminhar e falar, a voz, as enfermidades de pessoas que partiram muito antes de ele ter nascido, e sobre cujas particularidades em todos estes pormenores o Sr. Home não tinha o mínimo meio possível de obter qualquer conhecimento, são todos repetidos por ele quando neste estado com uma precisão de detalhe que não deixa dúvidas, ou de que ele está no momento possuído pelo espírito cujas características terrenas está a delinear, ou de que está a receber deles ou de outros espíritos comunicações impressionantes que o habilitam a reproduzi-las.

Na ocasião referida, o Sr. Home afirmou que os espíritos estavam a dizer que havia algo de errado no estado elétrico do meu corpo, e acrescentou: 'Eles parecem dizer que copos de vidro debaixo da sua cama seriam úteis.' Estes copos foram adquiridos logo no dia seguinte por aqueles que estavam ansiosos pela minha saúde; eram, de facto, saleiros de vidro muito grosso, com uma depressão em forma de copo no centro, apenas o suficiente para receber a extremidade de cada pé da cama; o círculo em volta desta depressão tinha certamente uma polegada e um quarto de espessura.

O objetivo deste detalhe aparentemente trivial aparecerá depois. Os vidros foram colocados um debaixo de cada pé da cama no dia 30 de Novembro passado. "Na noite desse dia, o Sr. Home, que era meu visitante, realizou uma sessão na qual cinco de nós estávamos presentes. Após alguns fenómenos físicos defeituosos em volta da mesa, pediu-se o alfabeto e foi-nos dito: 'Não somos capazes de manifestar o nosso amor esta noite. Venham amanhã à noite às nove e meia.' Por isso, encerrámos a sessão. As manifestações reais e impressionantes estavam destinadas a ser feitas no meu quarto nessa mesma noite.

(1) Devo dizer que o quarto do Sr. Home era ao lado do meu e separado apenas por uma parede de pouca espessura. "Fui para a cama às doze horas, tendo estado a escrever até essa hora. Ao passar pelo corredor dos quartos, tive as mais distintas indicações da presença de seres espirituais e, a certa altura, senti-me como se fosse empurrado por um agente corporal distinto. Algo do género é frequentemente

experienciado enquanto Home está hospedado comigo por mais de um membro da minha casa. Fui para a cama; mas mal tinha deitado a cabeça na almofada quando numerosas e fortes batidas começaram a ouvir-se em diferentes partes do quarto, mas especialmente no lado direito da cabeceira da cama, onde pendiam os retratos de vários daqueles que eu amei e perdi.

Muitas vezes tive manifestações triviais do género no meu quarto quando Home estava a dormir no quarto adjacente; mas estas vieram com uma rapidez, força e multiplicação muito maiores do que eu alguma vez experienciara. Ainda assim, não me desconcertaram: eu conhecia as batidas (todas menos uma) perfeitamente bem; eram as do meu pai, irmão e filho; e deram-me um sentimento de felicidade em vez de agitação. Sob esta influência estava a deixar-me cair no sono quando, de repente, fui horrivelmente despertado pelo ruído de dois golpes tremendos administrados em rápida sucessão no poste do lado esquerdo da cabeceira da cama. Não eram batidas; eram golpes tais, e produziam tal ruído, como se um atiçador de ferro tivesse sido empunhado por braços musculados e feito descer com toda a sua força sobre uma mesa grande ou sobre as laterais de uma tina grande.

Sacudiram a cama violentamente; e, como em todas as minhas experiências de fenómenos espirituais eu nunca tinha ouvido nada que tivesse a menor aproximação a esta exibição de poder, sacudiram também os meus nervos, despertando-me, além disso, como fizeram subitamente, da quietude sonolenta. Saltei na cama e gritei para Home, no quarto ao lado, para que viesse ser testemunha do que se estava a passar. Após quatro chamamentos em voz alta, ele respondeu; vestiu-se apressadamente e entrou no meu quarto, que estava em profunda escuridão. Em poucas palavras contei-lhe o que tinha acontecido e pedi-lhe que se deitasse por cima da cama e ficasse para ver o que mais poderia acontecer. Ele não o fizera por mais de cinco minutos quando dois golpes mais, exatamente semelhantes aos anteriores em força e ruído, foram dados no poste do lado direito da cabeceira da cama.

Ao ouvir estes, Home ficou, tal como eu, agitado; mas disse-me que não tinha dúvidas de que o espírito era um daqueles protetores do homem chamados 'Guardiões da Força'; que cada homem tinha um tal guardião; que o seu ofício era proteger o corpo de agentes destrutivos, especialmente de doenças; que eram espíritos de uma ordem muito elevada e nunca se manifestavam a não ser em ocasiões em que algo ameaçava a vida do corpo que protegiam; que nunca comunicavam mensagens e que nunca se soubera que dessem mais do que cinco batidas ou golpes. Mais ainda, disse que em todas as suas experiências de espiritualismo apenas tinha encontrado este tipo de espírito em quatro ocasiões. Quando me contou tudo isto, todos os espíritos presentes deram batidas afirmativas. Perguntei: 'Isso significa que o que o Home me contou está correto?' Novamente batidas afirmativas de todos. Perguntei ao espírito do meu pai: 'Quem é este espírito poderoso?' Resposta com o alfabeto: 'É o teu Guardião da Força.' Mal esta resposta foi dada, o quinto golpe foi administrado como antes no poste esquerdo da cabeceira da cama, perfazendo o terceiro golpe nesse ponto e dois no lado

direito. Confesso ter sentido muito grande agitação por ocasião deste último golpe; as minhas pernas ficaram frias até às ancas e a minha cabeça quente e latejante.

Home também não ficou pouco consternado, e ficou logo ainda mais quando, após alguns minutos de silêncio, me disse: 'Meu caro amigo, não gosto nada destas ocorrências; o espírito da minha mulher acabou de me dizer: "Há perigo".' Imediatamente disse ao meu pai: 'Diz-me que perigo há.' A resposta foi: 'Perigo para ti.' Perguntei: 'Para o corpo ou para a alma?' 'Para o teu corpo.' Enquanto tudo isto se passava, ouvíamos os espíritos a mover objetos pelo quarto, e a agitar as cortinas do dossel e a seda do edredão (*duvet*) que cobria a cama. Na escuridão espessa também vimos claramente, ambos, como se fosse uma parede de matéria luminosa ao longo de todo o lado direito da cama, e perguntei: 'Estão esses espíritos de pé à volta da cama?' Resposta de todos: 'Sim.' 'Estão a olhar para nós?' 'Sim, como vocês estão a olhar para nós.'

Todos me deram os seus nomes; mas, como disse, havia um cujas batidas eu não reconhecia, e estas eram muito agudas, rápidas e alegres. Pedi a este em especial que me desse o seu nome; a resposta foi dada: 'M. L——', e ao mesmo tempo um medalhão emoldurado com o molde do perfil de uma mulher, que há muitos anos pendia perto da cabeceira da minha cama, foi batido rapidamente contra a parede. Atónito, disse: 'O quê? É a Margaret L——?' Resposta: 'Sim: amo-te sempre.' 'Todos estes trinta e nove anos?' 'Sim; e devo vir agora.' 'Porque estou em perigo?' 'Sim.' Ora, é necessário que eu deixe o leitor entrar num episódio privado da minha vida. A Margaret L—— aqui referida foi o meu primeiro amor de juventude: como a maioria dos amores, o nosso não 'correu sobre rodas'.

Tínhamos ambos dezoito anos quando ela adoeceu e eu fui pela primeira vez para a Universidade. Perante o seu apelo urgente, foi-me permitido ir à cabeceira da sua cama para dizer 'adeus' ao partir. Nunca mais a vi: uma doença simples tornou-se complicada e ela faleceu seis semanas após a minha última visão dela. Nunca esqueci o amor e a aflição desse tempo. Anos mais tarde visitei o seu túmulo e encontrei uma semelhança de perfil muito precisa dela num medalhão de mármore sobre ele: mandei tirar um molde deste, e tem estado no meu quarto desde então. Passaram trinta e nove anos desde que ela partiu; e, nas minhas experiências de espiritualismo durante os últimos dez anos, muitas vezes me admirei de ela não se manifestar a mim; provavelmente o seu espírito está em esferas mais elevadas, e apenas se manifestou a mim, tal como o do meu Guardião da Força, numa ocasião urgente. Voltando. Disse que os espíritos no quarto se estavam a mover. Após o quinto golpe do Guardião da Força, ficaram ainda mais inquietos; pressionaram os nossos braços e pernas, e o meu filho acariciou o meu rosto amorosamente.

No entanto, o ar parecia estar carregado de fluido magnético; mal conseguíamos respirar; como disse, a minha cabeça estava cheia e quente, e as minhas extremidades inferiores frias. Quando toda a condição física parecia ter-se tornado já intolerável, o Guardião da Força subiu para a cama e eu senti-o, tão palpável e certamente como alguma vez senti uma mão de carne, manusear as minhas pernas das ancas aos pés,

pressionando-as firmemente mas igualmente por ali abaixo — uma espécie de massagem (*shampooing*), de facto. Continuou a fazer isto durante quase um quarto de hora (sentindo eu a sua forma geral na cama tão seguramente quanto sentia a sua mão nas minhas extremidades inferiores), até que os membros ficaram quentes e, subitamente, rebentaram numa profusa transpiração quente, que aliviou imediatamente a minha cabeça. Passou então através da cama, puxou o edredão de seda atrás de si, e ouvimo-lo farfalhar ao cair no chão no lado esquerdo da cama.

Home disse-me então: 'Se for realmente o teu Guardião da Força, e se ele nos tocar, verás que o seu toque é gélido: eles são sempre frios.' As operações deste espírito tinham restaurado completamente o meu conforto físico e mental, de modo que eu disse diretamente: 'Se és o meu Guardião da Força, tocarás em Home e em mim?' Num ápice, Home gritou para mim: 'Oh, a mão dele está na minha testa como uma placa de gelo — que frio!' Eu disse: 'Espero que me toques a mim também.' Imediatamente as pontas dos seus dedos foram pressionadas sobre o topo da minha cabeça, que estava coberta com um barrete de dormir de algodão. Observei: 'Não o acho assim tão frio', após o que o espírito colocou toda a parte interior da sua mão ao longo do topo da minha cabeça, de modo que as pontas dos dedos repousaram na minha testa nua, e certamente nenhum gelo poderia ser mais frio. Ele manteve a mão assim, mas também deu palmadinhas na minha cabeça da maneira mais gentil e repetidamente. Sobre isto, eu disse: 'Não me queres mal, pois não?'

A resposta 'Não' foi dada puxando a borla do meu barrete uma vez. Disse então: 'Atrevo-me a dizer que me queres bem?' Resposta 'Sim', puxando a borla três vezes. Após o terceiro puxão, ele tirou o barrete da minha cabeça por completo, embora a minha cabeça estivesse a repousar pesadamente na almofada, e atirou-o à cara de Home, de onde o retirou imediatamente para o atirar à minha. Atrevo-me a dizer que ele nos achava muito estúpidos por não compreendermos o seu significado até aqui e em todas estas manifestações; mas é certo que nenhum de nós tinha a menor ideia de qual era o perigo, ou de onde viria.

Posso acrescentar que, depois de ter sido assegurado pelo meu pai que o perigo não era para a minha alma, deixei de especular muito sobre o assunto. No ponto acima mencionado, o espírito empurrou o meu ombro esquerdo com força, de modo a fazer-me dizer a Home: 'Ele está a empurrar-me para ti por algum propósito ou outro', após o que Home exclamou: 'E está a puxar-me para fora da cama pelo ombro direito'; e, com efeito, quando segurei o Home, senti que algo o estava a puxar para longe de mim. Estas manifestações levaram-me a dizer: 'É claro agora que devemos sair da cama de vez, caso em que acenderei a vela', o que foi feito, e descobriu-se o cabide das toalhas movido do seu lugar, as toalhas espalhadas, o medalhão na parede todo torto, chinelos e botas espalhados pelo quarto, e o edredão deitado no chão, dando uma explicação abundante dos sons de azáfama que tínhamos ouvido na escuridão.

"Ainda assim, onde estava o perigo? Testámos o dossel da cama, mas estava suficientemente firme no seu lugar. Por fim, ao olhar em redor repetidamente, Home avistou os copos de vidro por baixo dos pés da cama e perguntou para que serviam, não

tendo memória, logicamente, do que dissera no seu transe dois dias antes. Explicando-lhe que ele próprio os sugerira, ele perguntou aos espíritos presentes: 'Estes copos de vidro estão errados?'. Batidas afirmativas fortes vindas de quatro ou cinco pontos. 'Devemos removê-los?'. As mesmas batidas de antes. Procedemos à sua remoção, levantando a estrutura da cama com algum esforço, mas foi feito prontamente para os dois pés inferiores e para o superior direito. Os dois vidros dos pés inferiores estavam intactos, mas o vidro sob o pé superior direito, que recebera dois dos cinco fortes golpes, foi encontrado partido em três pedaços. Passámos para o pé superior esquerdo, que recebera três golpes, mas, devido a uma pesada cómoda, cuja proximidade deixava apenas um espaço de cinco ou seis polegadas entre ela e a cama, foi impossível fazer mais do que tocar no vidro sob esse pé, e totalmente impossível levantar a cama de cima dele.

À medida que nos aproximávamos deste lado da cama, segurando eu uma vela acesa, ambos exclamámos simultaneamente: 'Há uma grande massa luminosa no canto — deve ser o Espírito Guardião'. Vi-o tão clara e indubitavelmente como vejo a mão que escreve estas palavras. Que algum agente poderoso ali estava tornou-se evidente pelo que se seguiu. Home disse: 'Não conseguimos aproximar-nos o suficiente deste vidro para levantar a cama e removê-lo', quando imediatamente, sem que tocássemos de todo na cama, toda a massa foi erguida sem qualquer toque dele ou meu, e Home retirou o vidro, que recebera três golpes, e que descobrimos estar em quatro pedaços, um dos quais estava quase em estado de pó, de tal forma fora quebrado. Feito isto, não ouvimos nem vimos mais nada do Guardião da Força; e quando, ao deitarmos novamente na cama para esperar pelo que pudesse acontecer, perguntámos por ele, os espíritos disseram-nos que ele se tinha ido embora.

E certamente poderíamos ter adivinhado que alguma agência potente deixara o quarto, pois a atmosfera, de excitante e sufocante (como o ar momentos antes de uma trovoada), acalmou, e as nossas sensações físicas mudaram totalmente da tensão para a placidez. Depois disto, o meu pai disse: 'Boa noite; devo ir'. 'Vão todos embora?'. 'Não; o Dan' (o meu irmão) 'e a Fanny' (a minha filha) 'ficarão contigo'. E assim, após mais um pouco de conversa sobre estas estranhas ocorrências, Home voltou para o seu próprio quarto, tendo estado no meu durante mais de uma hora e meia. Quando ele saiu, apanhei o edredão de seda e estendi-o sobre a cama, na qual me meti, com a esperança de um sono profundo após tal tumulto. Mas ainda não seria assim.

Durante uma hora e um quarto, estive a dormitar repetidamente; mas de cada vez era despertado por duas, três ou quatro batidas fortes no chão do quarto. Por fim, entre as três e as quatro da manhã, preocupado e febril com este despertar frequente, atirei impacientemente o edredão para fora da cama. O ato foi seguido por uma chuva de batidas de aprovação. Então, pela primeira vez, percebi o que significavam estes despertares; e disse: 'Era para eu tirar o edredão da cama?'. Resposta: 'Sim', e com o alfabeto: 'Boa noite'. Num quarto de hora, estava a dormir.

"Em comunicações subsequentes com espíritos da minha própria família, fui informado de que, se naquela noite tivesse adormecido com a eletricidade do meu corpo

isolada pelos copos de vidro por baixo da cama e o edredão de seda por cima de mim, teria tido um ataque na cabeça e, muito provavelmente, teria falecido nele; e que a emergência era muito premente, de modo a tornar necessária a presença e o auxílio do Guardião da Força. Em resposta a perguntas, disseram-me também que estes guardiões tinham sempre uma forte simpatia por aqueles que vigiavam: que não era simplesmente por serem simpáticos que se tornavam guardiões, mas que são especialmente escolhidos por Deus para cada indivíduo. Além disso, fui informado de que, numa doença grave pela qual eu passara numa ocasião anterior, este mesmo guardião estivera muito ocupado comigo.

"Surge a questão: como é que os espíritos recomendaram estes copos de vidro, quando posteriormente se tornou necessário resgatar-me deles? Nunca obtive qualquer resposta decidida a isto; mas uma noite, algum tempo depois, o meu amigo Home, em transe, exclamou: 'Oh, lembras-te dos copos de vidro e daquela noite? Eles dizem que tudo foi planeado para o teu bem e para te impressionar'. E com toda a certeza me impressionou; é impossível experienciar algo mais real, palpável, visível, audível, do que os factos daquela noite! É impossível, sem a negação de todos os sentidos, externos e internos, recusar a crença na agência inteligente e extracorpórea em ação naquela ocasião. Da existência de tal agência eu há muito deixara de ter qualquer dúvida real; mas poderei ter especulado e tecido teorias para explicar as manifestações espirituais de alguma outra forma, e poderá ter sido para pôr fim a estas que esta noite maravilhosa foi planeada para me impressionar fortemente com a realidade da interferência.

"Relativamente à existência, atributos e deveres destes Guardiões da Força, não consegui encontrar qualquer relato em quaisquer obras sobre espiritualismo a que tenho acesso. M. Kardec tem um capítulo sobre Espíritos Guardiões, mas nada é dito sobre o ato especial de guarda sobre a saúde corporal por um espírito especialmente designado."

O seguinte exemplo de mesmerismo espiritual direto será também interessante; apareceu na "Human Nature", de Setembro de 1867.

"SENHOR, — O que se segue é um relato de alguns fenómenos notáveis de Mesmerismo Espiritual Direto, presenciados por mim e por outros na minha casa no início da noite de 8 de Agosto, e ficaria grato se pudesse dar publicidade à minha carta — cuja cópia enviei à 'Spiritual Magazine' com um pedido semelhante. "É necessário prefaciar que o Sr. D. D. Home, o médium presente, estava hospedado comigo há pouco tempo e que, devido ao estado de saúde da Sra. Jencken, que fora acometida por uma paralisia, eu decidira não permitir a realização de quaisquer sessões. Na noite em questão, porém, cedi ao pedido da minha mãe, e sentámo-nos à volta de uma pequena mesa quadrada em frente ao sofá, sendo a Sra. Hennings, nossa vizinha, o quarto elemento do grupo.

"Não estávamos sentados há muitos minutos quando se ouviram batidas em diferentes partes do quarto, a mesa foi inclinada e levantada diretamente do chão; ouviram-se então inúmeras batidas sob a mesa, na gaveta — que foi puxada para fora e recolocada; uma corrente de ar frio passou então sobre as nossas mãos, — mãos

espirituais tocaram em vários de nós nas mãos e nos joelhos, — uma mão apareceu entre mim e o Sr. D. D. Home, mas apenas por um momento.

Observámos então a forma de uma mão sob o xaile que a Sra. Jencken puxara sobre os joelhos. Seguiu-se então uma pausa, sucedida pelo fenómeno de 'Mesmerismo Espiritual Direto', cujo registo é o objetivo especial da minha presente comunicação. "Ao início ouvimos o farfalhar do vestido da Sra. Jencken como se uma mão se movesse rudemente sobre ele; notámos então uma mão a fazer passes mesméricos pelo lado direito da Sra. Jencken; o seu joelho foi então agarrado, e ouvimos distintamente o som de batidas e de amassar de uma massagem (*shampooing*) num paciente.

A Sra. Jencken, que permaneceu perfeitamente calma e composta durante todo o processo, descreveu as suas sensações com grande precisão, observando que sentia como se uma mão poderosa estivesse a fazer passes pelo seu lado paralisado, quase causando dor. A sua mão foi então agarrada por uma mão, como ela descreveu, macia e quente, esfregada e esticada com força suficiente para deixar uma marca vermelha na sua mão e pulso. Disse ainda que sentia como se uma corrente elétrica tivesse passado por ela, fazendo com que todos os membros brilhassem.

Todo o processo durou cerca de oito a dez minutos, e resultou na restauração do uso do membro e lado paralisados da Sra. Jencken, que quase imediatamente chamou a nossa atenção para o facto de ser capaz de mover o braço e a mão direita, até então perfeitamente paralisados. Ao tentar levantar-se da cadeira, descobriu para sua grande alegria que conseguia caminhar, e desde então a sua convalescença tem progredido firmemente. "Felizmente, durante a sessão, o Sr. Jones, de Enmore Park, juntou-se ao nosso círculo, o que me agradou muito, pois senti ser desejável que uma testemunha adicional estivesse presente para atestar a verdade da declaração que estou a registar. "Outros fenómenos muito marcantes foram produzidos naquela noite.

A mão da Sra. Hennings foi repetidamente tocada e agarrada; a sua cadeira agarrada, puxada para trás e virada a meio. O Sr. Jones também foi tocado por uma mão. Ouviu-se distintamente uma voz passar pelo quarto, sendo a nota não muito diferente do lamento de uma voz feminina. Mas não o sobrecarregarei com um relato destes fenómenos; sendo o meu objectivo limitar-me à descrição do fenómeno do Mesmerismo Espiritual Directo. "Posso, no entanto, acrescentar que o Sr. D. D. Home está em pleno poder, e que durante a sua estadia na minha casa ocorreram fenómenos muito notáveis. "A Sra. Jencken está agora ocupada a escrever um depoimento do que aconteceu, ansiosa por que um documento seja registado para provar, em algum momento futuro, a possibilidade do Mesmerismo Espiritual Directo. — H. D. JENCKEN." "Kilmorey House, 15 de Agosto de 1867."

## CAPÍTULO VIII

## NOVAS MANIFESTAÇÕES — ALONGAMENTO —

## VOZES — PERFUMES

Durante a última parte de 1867, várias manifestações inéditas ocorreram na minha presença, cujos relatos apareceram de tempos a tempos na "Spiritual Magazine", "Human Nature", etc. Apresento aqui algumas destas com os nomes dos presentes e os dos autores dos relatos. A primeira destas que apresento ocorreu em Great Malvern, em casa do Dr. Gully, e está registada numa carta do Sr. H. D. Jencken para a "Human Nature", de Novembro de 1867, como se segue:

"O grupo presente tinha-se encontrado apenas casualmente e, devido a uma proibição imposta ao Sr. Home pelo seu médico contra o teste das suas forças, não se tentou qualquer sessão. Refiro isto como sendo característico. A presença espiritual, contudo, cedo se fez ouvir, através de batidas em diferentes partes do quarto, e o movimento da mobília denunciava a presença dos invisíveis. A biblioteca onde o grupo se reunira comunicava com o átrio e, tendo a porta sido deixada entreaberta, um largo fluxo de luz vindo dos bicos do candeeiro a gás iluminava a sala. Por sugestão de um dos presentes, as velas foram retiradas. As batidas que até então se tinham ouvido em diferentes partes do quarto cessaram subitamente, e então o fenómeno invulgar da aparição de formas espirituais manifestou-se. A abertura da porta entreaberta foi subitamente escurecida por uma agência invisível, tornando-se o quarto num breu total.

Depois, a parede oposta ficou iluminada, estando a biblioteca agora aclarada por um elemento luminoso, pois não pode ser descrito de outra forma. Entre os presentes e a parede oposta e agora iluminada viram-se duas formas espirituais, com o seu contorno sombrio bem definido na parede. As formas moviam-se de um lado para o outro e fizeram um esforço para falar. A articulação, porém, era demasiado imperfeita para permitir que o significado das palavras fosse compreendido. O escurecimento que tinha obscurecido a porta entreaberta foi então removido, e a luz ampla do candeeiro do átrio reapareceu, parecendo bastante ténue em comparação com o brilho luminoso da luz que se tinha dissipado.

Novamente o quarto ficou às escuras, depois iluminado, e uma cabeça e ombros colossais pareceram elevar-se do chão, visíveis apenas pela sombra que projetavam na parede iluminada. O que aumentou o interesse foi o aparente escurecer e iluminar do quarto à vontade, e isso repetidamente, permanecendo a porta da biblioteca entreaberta durante todo o tempo. O tempo ocupado por estes fenómenos foi de talvez cinco a dez minutos, terminando as manifestações de forma bastante abrupta."

Outra sessão notável teve lugar na casa do Sr. S. C. Hall, Essex Villas, Campden Hill, por volta do mesmo período, e apresento-a a partir das notas do Sr. H. T. Humphreys, que estava presente, como se segue:

"Ouvindo do Sr. S. C. Hall que o Sr. Home estava em sua casa por um dia ou dois e desejava ver-me, fui até Essex Villas à noite e, após ter tido alguma conversa com ele e outros que também tinham passado por lá, os outros visitantes saíram. Estávamos pouco depois — isto é, o Sr. e a Sra. S. C. Hall, o Sr. Home e eu — de pé no recanto que conduz ao conservatório, quando a Sra. Hall comentou que já passara muito tempo desde que tinham tido uma sessão. O Sr. Home respondeu imediatamente que não se

sentia bem, e que estivera a falar sobre assuntos que o excitavam, e não podia sentar-se. Sentou-se então ao piano e ia abri-lo quando se ouviu uma chuva de pequenas batidas dentro do instrumento. 'Ouvem as batidas?', disse ele. 'Venham, vamos ter uma sessão'. Nós os quatro sentámo-nos então, estando o Sr. e a Sra. S. C. Hall sentados frente a frente, e eu em frente ao Sr. Home, em redor de uma pequena mesa octogonal tipo *kettle-drum* coberta de veludo, com os pés aparafusados no tampo. Após uma curta pausa, ouviram-se batidas na mesa, que foi inclinada e erguida directamente no ar, depois rolou para o colo da Sra. S. C. Hall, depois para o meu colo; após o que foi colocada sobre o meu pé e balançada de um lado para o outro enquanto naquela posição; finalmente, virou-se de pernas para o ar, ficando o topo à altura das nossas cabeças e as pernas no ar acima.

Ouviram-se então batidas, e uma frase foi soletrada, no sentido de que aquela era a condição atual do espiritualismo, mas que em breve ficaria — a esta palavra a mesa foi novamente colocada sobre os seus pés no meio de nós, significando assim a palavra — 'certo' (*right*), e uma suposição quanto a este significado foi respondida por batidas afirmativas. O Sr. Home levantou-se então da sua cadeira, impelido, segundo disse, a fazê-lo, e caminhou de um lado para o outro. Seguiu-se então o fenómeno extraordinário do alongamento e encurtamento do corpo do médium; um fenómeno não desconhecido para aqueles que têm seguido esta investigação, mas, não obstante, muito notável e igualmente inexplicável.

O Sr. Home disse que sentia como se o seu cabelo estivesse a ser puxado, mas sem causar dor; pelo contrário, descreveu a sensação como agradável. A seu pedido, coloquei os meus pés sobre os dele até ao peito do pé, para me certificar de que ele não se punha em bicos de pés; e ao mesmo tempo coloquei a minha mão direita no seu corpo horizontalmente, parte no colete e parte nas calças; a parte superior do seu corpo elevou-se então a tal ponto que a minha mão estava, em poucos momentos, apoiada na sua camisa, com, eu diria, cerca de uma polegada de espaço entre ela e as calças abaixo, e um espaço semelhante entre ela e o colete acima.

Após permanecer por alguns momentos com a estatura de pelo menos sete pés, o Sr. Home baixou calmamente até ao seu tamanho normal, e pareceu então ser pressionado para baixo até ter menos de cinco pés de altura. Esta manifestação notável foi repetida três ou quatro vezes, e foi-nos dado a entender que teria um efeito curativo.

"Ao retomar o Sr. Home o seu lugar, ouviram-se batidas em diferentes partes do quarto. A mesa octogonal foi novamente agarrada por um poder invisível, erguida diretamente no ar e colocada invertida sobre a cabeça do Sr. Home. É necessário referir que o Sr. Home permaneceu perfeitamente imóvel enquanto a mesa era segurada e equilibrada na sua cabeça. Palavras foram novamente soletradas, significativas do sentido deste procedimento insólito, tais como: 'É difícil de carregar, mas é uma coroa'. A mesa foi então recolocada no centro do círculo e novamente tirada subitamente do nosso meio e atirada ao chão a uma distância de cerca de seis pés.

Sentámo-nos calmamente por algum tempo e, enquanto eu segurava ambas as mãos para baixo entre os joelhos, senti algo tocar nos meus nós dos dedos. Abri a mão e segurei a perna da mesa octogonal que, ao que parecia agora, fora desaparafusada e trazida até mim. Frases foram então soletradas: 'Que represente a arma da verdade'; 'A verdade é força'; 'Dar-vos-emos força onde mais precisarem'. Após segurar a perna da mesa por algum tempo, senti que algo começara a puxá-la para longe de mim. Resisti durante algum tempo mas, por fim, foi-me arrancada com uma quantidade considerável de força, e foi imediatamente espetada nas costas do Sr. Home, ficando espetada a partir do seu colarinho. Enquanto nesta condição, mensagens, algo semelhantes às que foram dadas acima, foram transmitidas inclinando a perna contra a minha mão que eu levantara para ela.

Foi então movida pelas costas do Sr. Home e, finalmente, deslizou por elas abaixo sob o seu casaco e desapareceu. Eu tinha a minha mão na extremidade dela enquanto deslizava, mas não consegui senti-la por baixo do casaco, embora tenha imediatamente deixado o meu lugar e ido dar a volta para a procurar. Ao regressar ao meu lugar, encontrei esta perna da mesa pousada nele, apoiada no assento e na barra do meio das costas da cadeira. Durante este processo, o Sr. Home descreveu as suas sensações como se estivesse sob a influência de choques de uma bateria elétrica.

A mesa octogonal, agora com as suas duas pernas, foi recolocada pelos invisíveis no centro do círculo. Enquanto aqui, e aparentemente sem o apoio de nenhum de nós, foram dadas mensagens e, por fim, perguntei o que se deveria fazer com a perna da mesa? No momento, a perna elevou-se da sua posição na minha cadeira ao meu lado, vertical no ar, inclinou-se para mim e tocou-me gentilmente no olho, depois inclinou-se e tocou na Sra. Hall, saudou o Sr. S. C. Hall da mesma maneira e depois dardejou rapidamente através da mesa e para o chão. Ouvimos então o som de a aparafusarem no seu lugar, e eu pus a minha mão debaixo da mesa para lhe tocar. Isto parou o trabalho, mas ao retirar a minha mão, foi retomado e, quando concluído, a mesa saltou sobre esta perna como para mostrar que fora firmemente recolocada, ouviram-se batidas por todo o quarto e sons como o riso de uma criança ecoaram no ar. Um sofá grande que estava junto à parede a cerca de sete pés de nós foi puxado calmamente de modo a tocar na cadeira em que o Sr. S. C. Hall estava sentado. Isto ocorreu enquanto permanecíamos todos sentados. Dois grandes álbuns de fotografias foram também retirados de uma prateleira atrás do sofá.

"Após estas manifestações, manifestou-se o fenómeno final e culminante, que por si só constitui uma autêntica época na história dos fenómenos espirituais, repletos como estão os registos das manifestações espirituais com aquilo que, em circunstâncias comuns, seria considerado impossível. Após uma curta pausa, uma grinalda luminosa de pontos de luz semelhantes a estrelas pousou sobre a cabeça do Sr. S. C. Hall e permaneceu estacionária, repousando na sua cabeça durante vários minutos. Depois, manifestou-se uma aparência semiluminosa, que assumiu o contorno de um rosto com dois olhos semelhantes a estrelas. O Sr. Hall disse que sentia como se esta forma estivesse a pressionar contra ele.

O Sr. Home levantou-se então da sua cadeira e caminhou de um lado para o outro queixando-se de pressão na cabeça. De repente, disse que sentia um peso na cabeça. Notou-se então que uma coroa com a forma de uma pátera grega, com a base ajustando-se como uma calote, fora colocada na sua cabeça. Gavhas e contornos de folhas eram claramente visíveis, sendo as folhas em forma de videira, parecendo pender das bordas da larga pátera. O Sr. Home parecia grandemente agitado e repetia: 'Estou coroado'; 'Estou livre de dor'; 'Estou a receber uma nova missão'; 'A dor na minha cabeça desapareceu'. Caminhou então de um lado para o outro do quarto, quase subjugado pela excitação.

Finalmente, a coroa foi removida da sua cabeça, enquanto notas de tom doce eram distintamente ouvidas procedendo dela; após o que foi gentilmente levada em direção aos presentes, como que para sua inspeção, e depois deslocada para o ângulo da porta, onde permaneceu luminosamente visível por quatro ou cinco minutos — visível como se fosse por via da sua própria luz intrínseca. O brilho da sua forma estelar impressionara tão profundamente todos os presentes que, após o seu desaparecimento, continuaram a olhar para o local onde a bela coroa luminosa estivera, incapazes de se aperceberem do seu desaparecimento. Estas notas são necessariamente muito imperfeitas; mas tive muito cuidado em não anotar nada que não possa depor da forma mais clara e distinta."

Esta sessão foi, para mim, marcante, pois eu estivera muito doente e fraco antes dela e, naquela noite, fui restaurado a uma saúde perfeita. Foi, portanto, um exemplo de mesmerismo espiritual direto. O Sr. Jencken apresenta também o seguinte relato na "Human Nature", de Novembro de 1867: "Nesta instância, a sessão foi realizada por marcação em casa do Dr. Gully, em Great Malvern. Sendo o nosso objetivo a investigação, limitámos o número a três e, devo acrescentar, usámos todas as precauções de que nos pudemos lembrar para excluir a possibilidade de auto-engano; acautelámo-nos igualmente contra qualquer possível arranjo preparatório.

Consequentemente, mudámo-nos da biblioteca para a sala de jantar. Sentámo-nos logo a uma pesada mesa quadrada. Passaram-se vinte minutos sem quaisquer manifestações; depois surgiram batidas suaves, seguidas pelo levantamento da mesa, que se inclinou e vibrou suavemente. Depois, ouviram-se simultaneamente batidas em diferentes e opostas partes da sala. Por sugestão minha, o candeeiro foi parcialmente baixado; sentiu-se então uma corrente de ar frio passar pelas nossas mãos e rostos, e seguiu-se uma pausa. O suporte das abas da mesa de jantar, no canto da sala, começou a vibrar, e uma das abas, sendo retirada do suporte, passou entre o Sr. Home e a mesa onde estávamos sentados.

Foi então erguida diretamente e, passando verticalmente sobre o meu amigo, tocou-lhe suavemente; ao passar por mim, atingiu-me no topo da cabeça, tão suavemente que eu mal podia acreditar tratar-se da pesada aba da mesa de jantar; o toque, contudo, fez com que a aba vibrasse de forma quase sonora. Menciono isto para provar quão delicadamente equilibrada e suspensa no ar a aba da mesa deveria estar para ter produzido a vibração sonora. Passou depois para a direita, tocando o meu

ombro, e finalmente foi colocada sobre a mesa onde estávamos sentados. Calculo que a distância que a aba percorreu foi de quase doze jardas (considerando o circuito feito) e a uma elevação de seis pés. Uma pequena mesa redonda moveu-se então do canto da sala e foi colocada junto ao meu amigo e, em resposta à sua pergunta sobre quem era, recebeu a resposta, audível para todos nós: 'Pa' — 'Pa querido' — 'querido Pa'. Uma poltrona atrás do meu amigo, a uma distância de três jardas, foi erguida diretamente no ar, transportada sobre as nossas cabeças e colocada sobre a mesa de jantar à minha esquerda — uma voz repetindo clara e alto as palavras: 'A cadeira do Papá'. Observámos então a caixa de madeira do acordeão a ser transportada do canto extremo da sala até ao meu amigo. Ao passar pela minha mão direita, passei a mão por baixo e por cima da caixa, enquanto esta viajava suspensa no ar à minha frente. Fi-lo para me certificar do facto de estar a ser movida por uma agência invisível e não por meio de auxílio mecânico. A caixa foi finalmente depositada na mesa em frente ao meu amigo.

O Sr. Home tinha, entretanto, pegado no acordeão com a sua mão direita, dando-me a sua mão esquerda. Foram soletradas palavras dizendo que os espíritos tocariam a sua vida, desde a sua primeira infância até ao drama final, 'Daniel na Cova dos Leões', evidentemente em alusão ao seu processo judicial com a Sra. Lyon. O acordeão começou imediatamente a tocar e continuou assim durante quinze minutos. O que aumentou o interesse foi o acompanhamento por vozes imitando o relógio do átrio, o marulhar das ondas e, quando a 'Cova dos Leões' foi tocada, ouviram-se rugidos altos imitando leões. Contei três ou quatro vozes. O acordeão foi então tirado ao Sr. Home, transportado pela sala e tocado.

Ouviram-se vozes distintamente, um sussurro baixo e vozes imitando a quebra de uma onda na costa. Finalmente, o acordeão colocou-se sobre a mesa onde estávamos sentados e viram-se distintamente duas mãos luminosas apoiadas nas teclas do instrumento. Permaneceram luminosamente visíveis por vinte a trinta segundos, desvanecendo-se. Eu tinha, entretanto, e a pedido do meu amigo, segurado o acordeão; enquanto assim o segurava, uma mão invisível pegou no instrumento e tocou durante dois ou três minutos o que me pareceu ser música sacra.

Ouviram-se então vozes, uma espécie de murmúrio ou um silvo baixo e respiração; por vezes imitando o murmúrio das ondas do mar, outras vezes de forma mais melancolicamente melodiosa. O acordeão foi então, por uma segunda vez, tomado por um poder invisível, transportado sobre as nossas cabeças, e uma pequena peça de música sacra foi tocada — depois um hino — vozes em notas graves e sonoras cantando o Aleluia. Pareceu-me distinguir três vozes, mas o meu amigo disse que podia garantir quatro. Um jato de luz cruzou então a sala, após o qual surgiu uma estrela ou disco brilhantemente luminoso, seguido pelo aparecimento de uma coluna de luz suavemente luminosa, que se moveu entre mim e o meu amigo. Não posso dizer que conseguisse distinguir qualquer contorno nítido. A coluna luminosa pareceu-me ter cerca de cinco a seis pés de altura, com a luz suave e atenuada que dela emanava a iluminar metade da sala. A coluna ou aparência luminosa passou então para a minha direita; e uma cadeira foi movida e colocada junto a mim.

Ouvi distintamente o farfalhar de um vestido de seda. Instintivamente, estendi a mão para verificar a presença do convidado, momento em que uma mão macia agarrou a minha mão e o meu pulso. Senti então que a saia de um vestido cobrira os meus joelhos. Agarrei-a; parecia seda grossa e desvaneceu-se à medida que eu cerrava firmemente a mão sobre ela. Por esta altura, admito que estremeci. Um passo pesado passou então à minha direita, com o chão a vibrar com a passada; a forma espiritual caminhou agora até à lareira, batendo as mãos ao passar por mim. Senti então algo pressionar contra as costas da minha cadeira. O peso era tão grande que, à medida que a forma se inclinava sobre o meu ombro, tive de me inclinar para a frente sob a pressão.

Duas mãos pressionaram suavemente a minha testa. Notei uma aparência luminosa à minha direita. Fui beijado e, o que para mim na altura fez todo o meu corpo estremecer de novo, falou-se-me numa voz doce, baixa e melodiosa. As palavras proferidas pelo espírito foram ouvidas distintamente por todos os presentes. À medida que a forma espiritual se afastava, repetia as palavras: 'Beijei-te, beijei-te', e senti três toques em cada ombro, audíveis para todos os presentes, como que para, na despedida, me voltar a impressionar com a realidade da sua presença. Estremeci de novo e, apesar de todo o meu heroísmo, senti-me 'muito inquieto' (*very uncanny*).

O meu amigo chamou agora a nossa atenção para o facto de estar a ser afagado por uma mão macia na cabeça. Ouvi um beijo e depois as palavras: 'Papá', 'Querido Papá'. Ele disse que a sua mão esquerda estava a ser beijada e que uma mão macia, como de criança, o estava a acariciar. Uma nuvem de luz parecia estar parada à sua esquerda.

"A escrita espiritual direta, que tantas vezes tem sido questionada, também se manifestou naquela noite na minha presença. Preservei a escrita, mas não posso, por razões sérias, revelar o seu conteúdo, por mais surpreendente e invulgar que seja. Uma folha de papel que fora colocada à minha frente no início da sessão foi enrolada na forma de um megafone, tendo a borda sido rasgada e colocada numa caixa de madeira que os espíritos tinham colocado em frente ao meu amigo. Ouviram-se vozes, batidas, respiração suave, música e, finalmente, após o Aleluia ter sido cantado, foram soletradas palavras dizendo-nos que 'não podiam fazer mais'.

"Não fosse o receio de já ter abusado demasiado do vosso valioso espaço, teria apresentado a minha narrativa com maior detalhe, mas sei que há um limite para o vosso espaço. Portanto, baste dizer que todas as precauções foram tomadas para evitar erros ou auto-engano. Não utilizo a palavra conluio pois, pelo meu conhecimento íntimo do Sr. Home, afirmo sem hesitação a sua total incapacidade de praticar o engano; mas usámos precauções mais do que comuns — primeiro, porque nos tínhamos reunido com o objetivo expresso de investigar minuciosamente estes fenómenos interessantes; e também para, caso surgisse a necessidade, sermos capazes de responder a qualquer dúvida que pudesse ser levantada. Isto quanto a uma exposição de factos. Utilizo a palavra factos deliberadamente. As manifestações de que apresentei um registo foram presenciadas por homens, todos os quais são, por estranho que pareça e sem exceção,

literatos, cientistas ou profissionais e que, se solicitados, testemunhariam sem hesitar a verdade daquilo que viram."

O que se segue é da pena do Sr. H. D. Jencken e apareceu na "Human Nature" de Dezembro de 1867: "Tenho novamente de registar alguns factos interessantes relacionados com o tema das manifestações espirituais, e que ocorreram desde a última vez que vos escrevi. As sessões a que agora aludo foram realizadas na minha casa; e escusado será dizer que o engano, ou mesmo a auto-ilusão, estão totalmente fora de questão. Na primeira das sessões, na qual, bem como nas realizadas posteriormente, o Sr. D. D. Home estava presente, eu convidara um amigo meu a assistir, o qual tinha de ficar mais do que ordinariamente satisfeito com a verdade das manifestações, devido ao seu ceticismo. As manifestações começaram. Enquanto estávamos sentados à mesa do chá na sala de jantar, a mesa moveu-se inesperadamente, e a isto seguiram-se batidas altas e sonoras.

O biombo da lareira atrás da cadeira do Sr. Home foi removido, deitado no chão e deslizou em direção à Sra. —. O convidado cético chegara entretanto, e logo nos vimos sentados em redor de uma mesa quadrada na sala de estar. Batidas e a inclinação da mesa cedo se manifestaram. Frases foram soletradas — os nomes de parentes próximos de um dos presentes. O Sr. Home tinha agora entrado num estado de transe. Enquanto nesta condição, disse que via uma forma espiritual de pé junto a um cavalheiro presente. A forma, o carácter e a história passada foram detalhados com tanta precisão que a identidade foi estabelecida de forma inequívoca — para grande surpresa do cavalheiro, cujo amigo falecido era totalmente desconhecido do Sr. Home. Algumas frases foram soletradas e as manifestações cessaram de seguida.

"Numa sessão subsequente, as demonstrações físicas do poder espiritual foram muito marcantes. Nesta ocasião, sentaram-se seis pessoas ao todo para uma sessão. Ouviram-se batidas, muito suaves ao início, mas aumentando gradualmente de força; depois a mesa inclinou-se. Passado um pouco, as cortinas começaram a mover-se, como que por uma mão vinda da janela, empurrando-as para dentro da sala. Este fenómeno repetiu-se várias vezes. O piano de meia-cauda deu agora sinais de movimento. Em três ou quatro ocasiões, este pesado piano foi elevado do chão em toda a sua estrutura, cerca de uma polegada, e deslocado da parede dois a três pés para dentro da sala. Ouviram-se então batidas dentro e sobre o piano.

A mesa junto à Sra. — (não aquela onde estávamos sentados) foi agora elevada suave e elegantemente, e suspensa no ar entre dezoito polegadas a dois pés do chão, tanto quanto pude julgar. Permaneceu nesta posição por um ou dois minutos — tempo suficiente para permitir que um dos elementos do grupo se deitasse debaixo da mesa e se certificasse de que nenhuns meios mecânicos tinham sido usados. Esta manifestação repetiu-se três ou quatro vezes. O acordeão foi agora pego pelo Sr. Home; e, enquanto segurado por ele com uma mão, foi tocado um hino muito belo e algumas peças de música sacra.

Notei distintamente o movimento das teclas do acordeão que, como o instrumento estava agora suspenso horizontalmente no ar, com a extremidade do teclado virada para as luzes, fui capaz de ver. As teclas moviam-se regularmente, como que pressionadas pelos dedos de uma mão. Em resposta a uma pergunta sobre quantos espíritos estavam presentes, a mesa inclinou-se doze vezes. Isto repetiu-se durante vários minutos, sendo a décima segunda inclinação marcada por uma batida ou pancada alta. Finalmente, foi soletrada a frase de que não podiam fazer mais — que não tinham mais poder; sendo a palavra 'poder' (*power*) soletrada pelo movimento da extremidade do piano.

## VISÃO ESPIRITUAL — VISÕES DE ESPÍRITOS

"Tenho também de registar vários casos muito característicos de visões espirituais do Sr. D. D. Home. Na ocasião que narro agora, os amigos presentes tinham-se encontrado apenas casualmente e tinham-se sentado em redor da mesa da sala de estar. Subitamente o Sr. Home, que estivera todo o tempo ocupado a conversar com as senhoras, mudou a expressão do rosto, levantou-se e, tendo tocado alguns acordes no piano, voltou para retomar o seu lugar; mas agora num estado de transe, o rosto rígido, as mãos frias e os dedos estendidos. Olhou fixamente para onde a Sra. — estava sentada e disse: 'L— S— está de pé entre si e o Sr. —. Vejo-a como ela era em vida — note-se, não como ela é, mas como era quando estava na terra'. O Sr. Home descreveu com precisão a pessoa do espírito.

Tão marcantes e claros foram os traços que delineou que nenhuma dúvida sobre a identidade era possível. Disse que uma criança, que partira na primeira infância, estava de pé ao lado de L— S—, acrescentando que L— S— estava muito satisfeita e ansiosa por comunicar com a Sra. —, a quem amara na terra; e, para provar a identidade, recordou uma conversa que tivera lugar há anos entre as duas amigas. Disse depois que L— S— desejava dizer que, desde que partira, as suas visões tinham mudado muito — que ela teve primeiro de desaprender para poder aprender.

O espírito então impressionou o Sr. Home a lembrar a Sra. — de uma conversa que ela tivera recentemente com o seu marido. Posso afirmar que o Sr. Home era um perfeito estranho para a pessoa falecida, cujo nome nunca tinha sequer ouvido. Temos aqui, então, uma prova da presença de espíritos dos falecidos; pois temos o nome, a descrição da pessoa e incidentes marcantes da vida passada, todos fornecidos, estabelecendo uma identidade além de disputa ou contestação.

"Tornei-me toleravelmente familiarizado com visões de formas espirituais desde que acompanho a investigação dos fenómenos espirituais; e o que tem aumentado o profundo interesse neste assunto é a convicção, confirmada por prova, de que os falecidos nos visitam novamente para consolar, suavizar, avisar, enquanto viajamos em direção à linha de fronteira do mundo desconhecido. Poderia apresentar outros casos que chegaram ao meu conhecimento de visões espirituais; mas, por esta vez, não pedirei mais espaço nas vossas colunas. Possivelmente, na minha próxima, serei capaz de vos dar algum relato adicional dos fenómenos extraordinários que estamos constantemente a

presenciar. O processo que corre agora nos Tribunais de Chancelaria ocupa de tal forma o Sr. Home que, exceto em casa de amigos, ele raramente é visto. Este processo, um dos mais interessantes que tem estado perante o público no último século, está agora a aproximar-se rapidamente de uma audiência.

A história, os incidentes, o curso dos procedimentos, são todos de um carácter invulgar; e formarão, quando registados e autorizados a ser publicados, uma das fases mais interessantes na história do Espiritualismo. Que todos os que investigaram a questão das manifestações espirituais aguardam este julgamento com o maior interesse, escusado será dizer-vos. Sentimos que chegou o dia de testar vigorosamente a verdade daquilo que sabemos ser um facto e de aplicar a lógica inexorável da observação real. Testemunhado num tribunal, rejeito a palavra 'crença'; pois não é uma aceitação da existência do invisível, mas a admissão do visto e ouvido, e a evidência para a nossa sensibilidade externa de um facto objetivo, o que defendemos.

Nenhum teste mais severo pode ser aplicado do que o introduzido pelo inquérito judicial, onde cada afirmação terá de ser provada e consubstanciada. Repito que o processo que vai ser agora ouvido provará ser, de facto, de um elevado interesse. O erro que o público comete é o de misturar algum capricho de uma crença com a investigação, como sendo inseparável do espiritualismo. Ora, nada é mais erróneo. Tudo o que se defende é que o facto de certos fenómenos físicos é verdadeiro, e que nem o engano nem a auto-ilusão têm nada a ver com isso. Tinha a intenção de acrescentar algumas observações minhas, mas o espaço não mo permitirá desta vez. Quando vos escrever da próxima vez, e se me concederem espaço, esforçar-me-ei por apresentar a minha teoria da causa de alguns dos fenómenos que tenho vindo a registar, mais especialmente no que se refere ao poder de visão dos médiuns."

O seguinte, que apareceu em Janeiro, é também do Sr. H. D. Jencken: "Tenho novamente de vos escrever e hesitaria, não fossem as circunstâncias muito excecionais de ter o Sr. Home hospedado comigo durante algumas semanas, o que me deu a mais ampla oportunidade de investigar os fenómenos verdadeiramente notáveis que ocorrem constantemente na minha casa. O que aumenta o interesse destas manifestações é o seu carácter variado, não se assemelhando uma sessão a outra.

É a partir deste facto que sou capaz de selecionar casos de entre os muitos que presenciámos, os quais apresentam as fases mais marcantes das manifestações espirituais. As sessões de que aqui apresento um relato são dadas pela sua ordem de data. Na primeira destas noites reunimo-nos oito pessoas, duas das quais eram céticos difíceis de convencer. Não estávamos sentados há muitos minutos quando se ouviram batidas, a mesa vibrou e inclinou-se, e peças de mobiliário em partes distantes da sala moveram-se; seguiu-se uma pausa, sucedida pelo movimento simultâneo de duas pequenas mesas de apoio.

Uma destas continha uma caixa de costura e um suporte de flores; a outra, uma planta de feto. A mesa com a planta de feto foi elevada de dez a quinze polegadas do chão e transportada vários pés num plano inclinado de trinta graus até à Sra. —; e o que

aumentou o interesse foi o facto de a planta de feto permanecer firmemente fixa na mesa durante todo o tempo. Enquanto assim suspensa no ar, a mesa vibrou, ouviram-se batidas dentro e sobre a mesa, e as folhas da planta de feto pressionaram-se contra aqueles a quem se pretendia saudar da maneira mais afetuosa, cobrindo quase os seus rostos. Uma das amigas céticas tinha, entretanto, deitado no chão para se certificar de que nenhum engano estava a ser praticado, e tinha colocado as suas mãos sob o pedestal da mesa enquanto esta estava suspensa no ar. Passando pelo Sr. Home, a pequena mesa de apoio cruzou em direção à Sra. —, e as vénias, a vibração e o pressionar das folhas do feto no seu rosto repetiram-se.

Simultaneamente, a outra pequena mesa de apoio foi erguida no ar a uma altura de quatro a seis polegadas e levada até à Sra. —. Estes movimentos ocorreram sob circunstâncias que tornavam o engano impossível; a sala estava bem iluminada e as mesas foram movidas simultaneamente em ambos os lados a alguma curta distância do Sr. Home, e isso de forma totalmente independente uma da outra, sendo observadas de perto pelos presentes. Após estas manifestações terem cessado, a mesa onde estávamos sentados foi elevada diretamente no ar de dezoito a vinte e quatro polegadas de altura e, enquanto assim suspensa, respondia por um movimento de cima para baixo a quaisquer perguntas mentais. O encanto desta última manifestação consiste na elegância do equilíbrio e na suavidade do movimento, parecendo a mesa estar apoiada numa onda elétrica. Correntes de ar frio passaram sobre as nossas mãos e rostos. Ouviram-se vozes, um tipo baixo de silvo e respiração.

O acordeão foi então movido e deslizou até ao Sr. Home. Enquanto segurado por ele com uma mão, a extremidade do teclado foi projetada horizontalmente para a sala e uma curta peça de música sacra foi tocada; depois, as seguintes frases foram soletradas: 'Gostaríamos de fazer mais para mostrar o nosso amor.' 'Os emblemas do amor de Deus trazemos para vós.' E, finalmente, a mensagem habitual, 'Não podemos fazer mais', avisou-nos de que a nossa noite terminara.

"Poucos dias depois, estávamos calmamente sentados em redor da nossa mesa da sala de jantar, a ler e a escrever, quando se ouviram batidas, primeiro no aparador, depois na mesa. À medida que estas se tornavam mais altas e marcantes, parámos as nossas ocupações para observar o que poderia ocorrer. O suporte de flores atrás de mim moveu-se e vibrou; ouvi um estalido, como se uma folha ou flor tivesse sido arrancada; a mesa moveu-se então e tremeu. Por esta altura chegaram dois dos nossos vizinhos, que eu mandara chamar.

Quase assim que se sentaram, ocorreram batidas, tremores no chão e na sala, o forte movimento vibratório sendo totalmente diferente de qualquer movimento comum e com força suficiente para fazer a casa estremecer, de modo que os criados nos quartos superiores sentiram distintamente o tremor. O Sr. Home disse então que sentia uma mão a tocar-lhe, e depois a sua vizinha disse que estava a ser tocada e que o seu vestido estava a ser puxado; finalmente, uma flor, uma das flores de fúcsia do suporte atrás de mim, foi colocada na sua mão. Como podem imaginar, todos nos agrupámos para

examinar o presente, e batidas em diferentes partes da sala e a inclinação da mesa disseram-nos quem eram os doadores.

O Sr. Home tinha agora entrado num estado de transe. A sua aparência era singularmente estranha e, em redor da sua cabeça, notei um halo luminoso. Enquanto nesta condição, ele recordou cenas da vida passada de amigos falecidos de forma tão gráfica, tão tocante e verdadeira, que era difícil, na verdade, reprimir expressões emocionais; finalmente, erguendo as mãos para o céu, repetiu as palavras: 'Luz, glória — glória seja dada ao nosso Pai no céu'.

O estado de transe tinha agora passado e o Sr. Home retomou o seu lugar. O acordeão que eu colocara perto dele moveu-se e empurrou-se até ao Sr. Home. Ele segurou-o e alguns acordes foram tocados. O instrumento foi então tirado dele, levado para o lado oposto da mesa e, elevando-se cerca de dois pés do chão, não tocado por ninguém nem perto de ninguém presente, tocou, pousado horizontalmente no ar, uma peça de música de tom muito doce. Para mim, esta ação independente, sem o auxílio de qualquer mão humana, foi muito interessante e, para ter a certeza do facto, pedi à senhora ao meu lado que se baixasse e observasse cuidadosamente os movimentos do instrumento.

O acordeão viajou então de volta para o Sr. Home e uma peça de música foi tocada, seguida pela melodia 'The last rose of summer' (*A última rosa do Verão*). Ao início apenas três ou quatro notas foram tocadas, mas, ao comentarmos que o executante não conseguia fazer mais, ouviram-se batidas fortes e toda a peça foi executada, embora não totalmente sem algumas imperfeições. Quando isto terminou, a Sra. — sentiu três toques no joelho, como que a dizer: 'Eu consegui'. O instrumento então soletrou 'Good night' (*Boa noite*) e a sessão terminou."

"Noutra ocasião, o Sr. Home tinha adormecido no sofá da minha sala de estar. A Sra. —, que estava sentada ao lado dele, observou subitamente um objeto preto deslizar pelo chão em direção a ela. Ao examinar, provou ser o banco de pés que, por sua própria vontade, se movera através da sala, colocando-se aos seus pés. A mesa de desenho de forma oval moveu-se agora para o centro da sala, e a poltrona no canto mais distante aproximou-se rodando até à Sra. —, equilibrando as suas costas largas no colo dela. A minha chegada interrompeu estas manifestações — restando apenas o desalinhamento do mobiliário para provar o que ocorrera.

"Numa sessão alguns dias mais tarde, após as batidas, o tremor e o levantamento da mesa que habitualmente precedem uma sessão, foram soletradas várias mensagens muito impressionantes — algumas delas através do levantamento da mesa onde estávamos sentados, tirando-a do chão, e outras frases foram dadas pelo acordeão. Apresentarei algumas, para que possam julgar o seu carácter e alcance: 'Não há senão um Deus, o Pai de todos nós.' 'Deus é tolerante: Ele suporta as nossas falhas.' 'Amor e Caridade; Deus dá um, e espera o outro.'

"A última frase foi particularmente pertinente, pois tínhamos estado a falar, talvez não com maldade, mas com reprovação, de alguns dos nossos vizinhos, cujo escárnio

perante o nosso assentimento à crença nestes fenómenos nos tinha magoado. O acordeão tinha-se, entretanto, colocado na mão do Sr. Home e tocado uma peça de música solene muito bela. Notei as teclas enquanto se moviam espontaneamente, estando o instrumento estendido horizontalmente para a sala; depois, estendendo-se através da mesa, tocou em notas de tom doce e suave. Isto durou bem uns três ou quatro minutos.

"Uma frase foi então soletrada: 'Tens toda a razão, foi A— quem tocou nas teclas'.

"A mão esquerda do Sr. Home tornara-se, por esta altura, luminosamente branca e, para mim, pareceu ter mudado de forma, assumindo a de uma senhora. Enquanto assim luminosamente visível, espalhou o perfume das flores do suporte adjacente sobre os nossos rostos e pela sala. Foram agora dadas flores a cada um dos presentes; uma senhora sentada perto de mim teve uma flor colocada sob o seu lenço de bolso, e as palavras foram então soletradas: 'Fizemos como prometemos; olha debaixo do lenço'.

"Todos expressámos a nossa satisfação pelas dádivas, agradecendo aos nossos dadores, mas fomos recordados pela frase: 'Os nossos agradecimentos são para Deus, a Ele o louvor é devido; a Ele devemos louvar'. Seguiu-se a isto um perfeito arrebatamento de música sacra muito solene, terminando a nossa noite. Mais uma sessão, e terei terminado.

"A parte notável desta última noite foi o estado de transe do Sr. D. D. Home e o alongamento do seu corpo, já notado em cartas anteriores. Enquanto no seu transe, ele estabeleceu a identidade de duas pessoas; e ao comentar sobre o futuro de um amigo, que estava prestes a partir para o palco da guerra, o Sr. Home disse: 'O espírito que te vai guardar é tão alto como isto'. Ocorreu então o extraordinário fenómeno do alongamento, atingindo o Sr. Home uma altura de bem uns seis pés e seis polegadas. Como eu estava ao lado dele, chegava-lhe apenas ao ombro. Os seus pés estavam firmemente plantados no chão, e o meu amigo colocou a mão sobre eles para se certificar de que nenhuma levitação estava a ocorrer. Por duas vezes, o Sr. Home alongou-se até quase sete pés de altura, e a separação da sua roupa na cintura mostrava a extensão. Qual possa ser a causa deste fenómeno extraordinário, não me atrevo a dizer; limito-me a dar o facto tal como o presenciei, acrescentando que esta é a quarta vez que este fenómeno ocorre. O Sr. Home mesmerizou então o meu amigo e, regressando ao seu lugar, acordou do seu transe. Não vos apresentei a oração sublime que ele proferiu enquanto no seu transe: o vosso espaço não o permitiria.

Agora, a pedido do Sr. Home, fomos por alguns minutos para a sala de estar. Enquanto lá estivemos, manifestaram-se luzes espirituais, como estrelas ou discos luminosos do tamanho da palma da mão. O piano de meia-cauda foi erguido, permanecendo horizontal todo o tempo, a dois pés do chão; e para verificar a levitação, coloquei a minha mão sob os rodízios do piano! Foi muito notável o apoio da perna sobre a minha mão durante vários segundos, e isto sem causar pressão severa. Receio ser considerado prolixo ao detalhar como me certifiquei da verdade do que se estava a passar, mas o carácter invulgar dos fenómenos justifica a minha repetição do modo de

prova. Ouviram-se vozes espirituais, e as cordas do piano vibraram de forma não muito diferente de uma harpa eólia.

## CAPÍTULO IX

## ALONGAMENTO E COMPRESSÃO

## MANUSEAMENTO DO FOGO

Em Fevereiro de 1868, o Sr. Jencken diz: "Por uma questão de brevidade, evitarei repetir as circunstâncias acompanhantes, bem como a descrição mais minuciosa de como os presentes estavam colocados e do modo empregue para verificar os fenómenos. Baste dizer que os fenómenos foram todos cuidadosamente examinados e testados, não porque duvidássemos do Sr. Home, mas porque o desejo de estar em posição de afirmar positivamente o que estávamos a presenciar tornou-se quase um credo para nós que temos seguido esta investigação.

"A primeira noite da série de sessões que estou prestes a narrar começou, após uma pausa de cerca de trinta minutos, com as bem conhecidas batidas, tremores e movimento da mesa. Depois ouviram-se vozes a repetir as palavras 'Santo, santo, santo'; e depois foi soletrado: 'Tocaremos música celestial'.

"O acordeão, que entretanto fora pego pelo Sr. Home, tocou uma peça de música sacra muito bela; por vezes o instrumento era levado horizontalmente para fora, para a sala, depois tirado ao Sr. Home, suspenso no ar e tocado. Tendo sido soletradas as palavras 'Isto é música terrena', soaram discórdias em rápida sucessão, seguidas por intervalos de belas harmonias. A certa altura, o acordeão foi levado por baixo da mesa até ao Sr. —, e, enquanto assim separado do Sr. Home, o instrumento tocou uma peça de música de tom muito suave e doce. O Sr. Home levantou-se agora e, sentando-se ao piano, executou com uma execução maravilhosa; depois, levantando-se do piano, caminhou três ou quatro vezes em redor do nosso círculo, mesmerizando cada um por sua vez.

Aqui ocorreu a extraordinária manifestação de alongamento e encurtamento. A altura que ele atingiu deve ter sido de bem uns seis pés e nove polegadas: à medida que se alongava, a sua roupa na cintura separava-se totalmente seis polegadas; e novamente, à medida que se tornava cada vez mais curto, o colete descia totalmente até às suas ancas — a Sra. — segurava a ponta do seu colete para se certificar do alongamento. O estado de transe em que o Sr. Home estivera até este momento cessou agora, e fomos lembrados por um 'Boa noite' de que a noite terminara.

"No dia seguinte ao jantar, enquanto os criados estavam na sala a servir os meus convidados, uma cadeira moveu-se espontaneamente do canto da sala até junto do Sr. Home, depois outra cadeira, depois a mesa da sala de jantar inclinou-se e moveu-se, e tremeu violentamente. O Sr. —, que estava sentado ao meu lado, disse que estava a ser tocado e puxado ao mesmo tempo; observou-se uma mão a levantar a toalha da mesa.

Não preciso de vos assegurar quão grandemente os criados ficaram assustados; e mesmo aqueles que estavam mais habituados a estes fenómenos não puderam conter expressões de surpresa.

Mais tarde, à noite, reuniram-se nove pessoas ao todo na sala de estar; batidas, movimentos da mesa, o levantamento do piano de meia-cauda em toda a sua estrutura do chão, e o movimento espontâneo de uma pequena mesa de apoio até onde estávamos sentados, pressagiavam uma sessão muito interessante. Várias frases muito belas foram então soletradas. Transcreverei algumas como sendo características. Tínhamos estado a falar do falecido Professor Faraday e da sua forte descrença nestes fenómenos, quando a mesa se inclinou e o seguinte foi soletrado: 'Ele sabe agora que o nosso Deus é todo-poderoso em verdade, e que os Seus caminhos não cabem ao homem criticar'.

"À medida que a palavra 'Deus' era soletrada, cada letra foi dada da maneira mais solene e enfática; cada letra foi soletrada de forma diferente — isto é, a letra 'G' (G) pelo levantamento da mesa; a letra 'O' (O) pelo movimento do piano; 'D' (D) por batidas fortes numa parte distante da sala. Notei isto em muitas ocasiões; também que a mesa é geralmente levantada em toda a sua estrutura para o ar, não inclinada, e vi casos em que a mesa permaneceu suspensa no ar de três a quatro minutos. Seguiu-se então a frase: 'Os pensamentos são uma parte do divino; quando os pensamentos são puros, a alma está mais próxima de Deus'.

"Os invisíveis dirigiram-se então a uma senhora presente: 'Confia, há uma estrela da manhã: ela certamente nascerá'. Outra frase, e devo prosseguir com a minha narrativa. Uma senhora presente estivera a repetir o seguinte verso: 'E tudo, salvo o espírito do homem, é divino'. Os invisíveis responderam de imediato: 'Ele também é divino quando se esquece de si próprio e segue a Deus'.

Ficámos tão satisfeitos por esta participação na nossa conversa que expressámos os nossos agradecimentos e perguntámos se eles, os invisíveis, realmente simpatizavam connosco: ao que veio logo a resposta, soletrada pelo movimento de uma mesa adjacente, da qual ninguém estava sequer perto: 'Porque não? fomos como vós sois — procurámos a luz; a manhã veio; o dia é eterno'.

"O Sr. Home tinha, por esta altura, entrado em transe. Após fazer vários circuitos e mesmerizar-nos, colocou-se atrás da Sra. —, a quem mesmerizou. Não tenho espaço para descrever a totalidade dos procedimentos, embora tenha guardado, para minha própria satisfação, notas precisas do que se passou. Notável foi a respiração do Sr. Home sobre a coluna da Sra. —, causando alternadamente uma sensação de frio e depois de calor intenso.

O Sr. Home disse: 'Vou agora crescer mais'; e então presenciou-se o notável fenómeno do alongamento. O alongamento repetiu-se três vezes. Na primeira vez, o Sr. Home alongou-se até cerca de 6 pés e 9 polegadas; e depois encurtou-se para baixo da sua altura normal até cerca de cinco pés. Ele pediu-me então para segurar os seus pés, o que fiz plantando o meu pé sobre o seu peito do pé, enquanto o Sr. — segurava a sua cabeça, estando a sua mão esquerda colocada no ombro esquerdo dele. Medimos

cuidadosamente a extensão do alongamento contra a parede; mostrou oito polegadas. O Sr. —, que estivera a observar a extensão na cintura, mediu seis polegadas de alongamento! — O Sr. —, que estava atrás do Sr. Home, mal lhe chegava aos ombros, embora ele próprio tivesse seis pés de altura. O Sr. Home sentara-se agora. Novamente ele disse: 'Vou ser alongado. O Daniel será alongado trinta vezes durante a sua vida: esta é a sexta vez'.

A Sra. —, que estava sentada ao lado do Sr. Home, colocou a sua mão na cabeça dele e os seus pés sobre os pés dele. Assim seguro, o alongamento prosseguiu mesmo assim, medindo seis polegadas. Repito, o Sr. Home esteve sentado todo o tempo e seguro por aqueles presentes, ansiosos por verificar este fenómeno verdadeiramente inexplicável. Por esta altura, o Sr. Home acordara do seu transe. Viram-se sombras na parede, ouviram-se vozes e, finalmente, soou um 'Boa noite', terminando a noite.

"Durante a noite, as manifestações continuaram no quarto do Sr. Home. O Sr. —, que dormiu no mesmo quarto que o Sr. Home, disse que viu repetidamente formas espirituais cruzar o quarto. Uma mão espiritual enrolou os cobertores da sua cama, e sentiu-se uma forma caminhar sobre o seu colchão, com a pressão do pé, ao passar, a marcar nitidamente a roupa de cama.

"MAIS FACTOS. Nesta sessão, após decorrer um tempo considerável, três dos presentes foram para a sala adjacente. A campainha da portinhola foi tirada de debaixo do sofá, levada até aos presentes — a mola de suporte repousando por algum tempo no braço da Sra. —, que notou uma luminosidade clara e brilhante debaixo da mesa. A campainha foi primeiro para debaixo da cadeira do Sr. Home e tocou, e depois elevou-se para o seu joelho, enrolando a mola de aço à volta do seu braço; depois levou-se para o colo da Sra. —, e a mola suspendeu-se pela curva no braço dela de forma bastante firme e, soltando-se, foi para debaixo da mesa para a Sra. —, aumentando a luminosidade em intensidade. O Sr. — tinha-se agora juntado ao grupo. A mola de aço tinha voltado a fixar-se aos braços do Sr. Home. O que aumentou o interesse foi que a ponta da fita de aço respondia com batidas às perguntas feitas.

"Os quatro amigos tinham-se agora voltado a juntar a nós. Ocorreram logo movimentos da mesa e batidas fortes — caindo o Sr. Home em transe quase imediatamente. No seu estado de transe, ele proferiu um discurso muito belo, longo demais para ser copiado; depois, dirigindo-se à lareira, colocou as suas mãos e depois o seu rosto nas chamas e nos carvões ardentes. Este teste do fogo eu presenciei várias vezes, e chamo particularmente a atenção para ele, pois o seu interesse aumenta se olharmos para os registos das perseguições religiosas de eras passadas.

Nessa noite, tive a mais ampla oportunidade de observar os movimentos exatos, e convenci-me totalmente do facto de que o Sr. Home tocou nos carvões ardentes. Uma senhora presente, incapaz de conter as suas expressões de alarme quando o rosto dele se aproximou e fechou sobre as chamas, foi repreendida — estendendo o Sr. Home em direção a ela a sua mão direita, que se tornara agora branca e luminosa, num aviso de reprovação, dizendo: 'Não tens fé, nenhuma fé? O Daniel não sofrerá mal'.

"O acordeão foi agora pego pelo Sr. Home, que se sentara ao piano de meia-cauda; ele tentou tocar ambos os instrumentos, mas as notas não afinavam em harmonia. Sentou-se então ao harmónio e tocou uma peça muito bela de música sacra em ambos os instrumentos — sendo o acordeão levado horizontalmente para a sala enquanto segurado por ele com uma mão, sendo o harmónio tocado pela sua mão direita. O que aumentou o interesse foi que ambos os instrumentos estavam em perfeita harmonia — um coro de vozes acompanhando os instrumentos e dando plenitude à execução. Subitamente a música cessou, e as vozes moribundas do coro pareceram desvanecer-se no espaço.

A noite terminou da forma mais agradável, com os espíritos a tomarem literalmente parte na nossa conversa. Exemplificarei apenas com uma ou duas das frases que eles soletraram em resposta às nossas perguntas. Tínhamos estado a falar das ideias dispépticas de Swedenborg sobre um estado futuro e os seus tormentos infernais, quando batidas fortes nos fizeram compreender quão errado ele estivera nas suas descrições. Novamente, falámos da semi-obscuridade das nossas igrejas e da magia desta sombra. As frases foram soletradas por batidas fortes na extremidade oposta da sala: 'A obscuridade parcial é típica da terra'. 'A alma anseia por procurar a luz mais suave'. 'Deus é luz; Deus é amor'. Pedindo-nos para nos sentarmos numa determinada noite, os nossos amigos espirituais partiram — sendo as palavras 'Christmas Eve' (*Véspera de Natal*) proferidas e claramente articuladas três ou quatro vezes."

No número de Março da "Human Nature", o Sr. Jencken descreve assim o que presenciara: "Senhor, Conforme prometido, dou-vos agora um relato das sessões interessantes aludidas na minha última carta. Estas noites foram ocupadas principalmente pela proferição de alguns discursos muito notáveis, durante um estado de transe — um dos quais durou duas horas. Posso apenas mencioná-los no seu esboço mais elementar; apresentá-los na íntegra ocuparia demasiado espaço no vosso jornal. Baste que selecione de entre os vários um como exemplo.

O Sr. Home, que esteve em transe todo o tempo, após comentar sobre a grande dificuldade sentida pelos seres espirituais em comunicar connosco na terra, continuou dizendo 'que os espíritos estavam a aguardar a sua oportunidade; que chegaria o dia em que ocorreria uma explosão geral de manifestações espirituais; que o momento mais favorável para tal incursão seria o Natal, pois nessa altura os círculos familiares se tinham reunido em casa e a raça humana tornava-se mais apta para a intercomunicação'. Seguiu-se então um discurso muito culto e filosófico; terminando a alocução com exortações e ensinamentos morais.

Na sessão subsequente, um grupo de nós reunira-se na sala de estar, quando batidas nos disseram que os invisíveis estavam presentes. Estávamos logo sentados em redor de uma mesa quadrada, quando a frase foi soletrada: 'O espírito de cura deseja que apaguem as luzes e coloquem uma garrafa de água sobre a mesa. Em cinco minutos deem a Lord Adare metade, e em dez minutos dêem-lhe a outra metade'. Eu, consequentemente, apaguei as luzes e coloquei uma garrafa de água sobre a mesa; o fogo vivo e claro na lareira, ao iluminar a sala, permitiu-me observar cada movimento.

"A garrafa de água foi agora pega pelo Sr. Home e girada em redor, invertida; nenhuma água, contudo, fluiu da boca aberta da garrafa. Um disco luminoso semelhante a uma estrela foi agora visto na garrafa e, após um curto espaço de tempo, a água tornou-se aromática, enchendo a sala com perfume.

"O Sr. Home, que por esta altura entrara em transe, pediu-me para trazer outra garrafa, mas vazia, e verter metade da água da garrafa cheia. Assim fiz. Ele ordenou-me então que trouxesse outra garrafa cheia. Agarrando as garrafas cheia e meio-cheia, o Sr. Home girou-as em redor e depois, invertendo-as, sacudiu-as violentamente. Observei novamente o ponto luminoso estelar. Por estranho que pareça, embora ambas as garrafas não tivessem rolhas no gargalo, a água não fluiu para fora; e ao recolocar as duas garrafas na mesa, uma delas estava vazia. Como se esvaziou não pretendo explicar — limito-me a dar o facto. O Sr. Home, tendo novamente pegado numa das garrafas, caminhou até à lareira e deliberadamente verteu algumas gotas de água sobre as pontas dos seus dedos. Elas literalmente sibilaram e surgiram jatos de vapor. Notei vários jatos de luz elétrica, não muito diferentes dos que Reichenbach descreve emanando dos dedos de sensíveis.

"Como alguns dos presentes não tinham observado de perto esta manifestação, o Sr. Home repetiu-a três vezes. Os perfumes que enchiam a sala, o Sr. Home parecia ser capaz de os variar à vontade. Por vezes um aroma poderoso de essência de rosas, depois um perfume de *millefleurs*, depois o de água de lavanda era espalhado pela sala.

"Notou-se agora que a água nas garrafas se tornara fortemente perfumada; e o Sr. Home, dirigindo-se agora a nós, disse: 'Que todos os fenómenos que estávamos a presenciar não eram produzidos por meios sobrenaturais; que, por exemplo, o perfume que enchia a sala fora extraído de aromas existentes na casa; que eles (os espíritos) apenas possuíam maior conhecimento de agências químicas e podiam eliminar as substâncias voláteis dos fluidos que as continham'. E continuando a dirigir-se a nós, disse: 'As curas que realizamos são apenas efetuadas pelo nosso conhecimento das doenças. Não ressuscitamos os mortos; apenas aguardamos a nossa oportunidade para despertar de novo a vida. Não realizamos milagres'.

"O Sr. Home continuou então: 'Mostrámos com agrado o nosso poder sobre os fluidos, mostrar-vos-emos agora os nossos poderes sobre os sólidos'. Ele ajoelhou-se então diante da lareira e, quebrando deliberadamente um pedaço de carvão incandescente na lareira, pegou num pedaço considerável de carvão em brasa e, colocando o mesmo na sua mão esquerda, procedeu a explicar que a caloria fora extraída por um processo conhecido por eles (os espíritos), e que o calor podia em parte ser devolvido.

Isto ele provou arrefecendo e aquecendo alternadamente o carvão; e, para nos convencer do facto, permitiu-nos manusear o carvão, que se tornara frio, e depois subitamente recuperava o seu calor suficiente para queimar alguém, como verifiquei ao tocar-lhe novamente. Examinei a mão do Sr. Home e convenci-me totalmente de que nenhuns meios artificiais tinham sido empregues para proteger a pele, que nem sequer

retinha o cheiro do fumo. O Sr. Home sentou-se então de novo e, tendo descrito como as águas nas garrafas deveriam ser usadas, acordou do seu transe bastante pálido e exausto.

"Não detalhei os acompanhamentos habituais de uma sessão — batidas e vibrações, movimentos do mobiliário — que também ocorreram durante a noite. O piano de meia-cauda foi levantado de forma maciça do chão; ouviram-se vozes; vários de nós tivemos as nossas mãos pressionadas por mãos espirituais; e a senhora ao meu lado foi movida vários pés de distância da mesa, com cadeira e tudo.

"Numa sessão subsequente, que foi realizada sem qualquer concerto prévio, tendo os presentes apenas se encontrado casualmente, um movimento lateral ascendente do piano de meia-cauda avisou-nos de que os invisíveis estavam em força. Mal nos tínhamos sentado, um cavalheiro presente caiu em transe. Isto foi para mim o mais interessante, pois o meu amigo, um homem profissional de algum relevo, era bastante cético e apenas cedera uma tolerância cortês às nossas operações. Examinei os seus braços e mãos, que estavam tão rígidos como ferro.

Enquanto neste estado, ele falou de amigos falecidos, descrevendo-os com precisão; e conversou com os invisíveis. O Sr. Home caíra igualmente em transe; e a conversa dos nossos dois clarividentes, um com o outro e com os invisíveis, foi verdadeiramente notável. Após acordar, o meu amigo queixou-se de dor nas costas e nos membros, e pediu para não ser obrigado a juntar-se novamente ao nosso círculo."

A "Human Nature" de Abril de 1868 apresenta o seguinte do Sr. H. D. Jencken: — "Tenho novamente de registar manifestações espirituais apresentando outra fase dos fenómenos verdadeiramente notáveis, e que tive a oportunidade de investigar. Na primeira noite em que nos reunimos, a inclinação da mesa, a vibração do chão e batidas em diferentes partes da sala cedo ocorreram, e algumas frases foram soletradas, seguidas por correntes de ar frio que passavam de tempos a tempos sobre as nossas mãos e rostos. A mesa onde estávamos sentados foi levantada do chão doze ou quinze polegadas, e o acordeão, que o Sr. Home levara para o seu colo, foi pego por uma mão invisível, e balançado em redor e por cima da cabeça do Sr. Home, sendo tocados alguns acordes. O Sr. Home tirou agora o seu relógio e a corrente do bolso e balançou-os sobre a sua cabeça e de um lado para o outro, estando o seu braço e mão perfeitamente catalépticos. O anel da asa do relógio parecia ser atraído para as pontas dos seus dedos e, por várias vezes, notámos que um curto espaço, cerca de meia polegada, intervinha entre o relógio e as pontas dos dedos; depois, sentando-se, o relógio foi tirado da sua mão e levado através e por baixo da mesa a cada um de nós por sua vez, e finalmente colocado na minha mão. A senhora ao meu lado disse que sentiu uma mão pressionar a sua, descrevendo a sensação como vinda de uma luva de veludo. As mãos do Sr. Home estiveram durante todo o tempo sobre a mesa, e catalepticamente rígidas.

"O estado de transe, que notei em cartas anteriores, sobreveio agora e o Sr. Home, totalmente inconsciente dos seus movimentos, caminhou de um lado para o outro,

aproximando-se depois de um cavalheiro presente que, por esta altura, também caíra em transe. A luta evidente do meu amigo para resistir à influência foi extremamente interessante e satisfatória, no que diz respeito ao facto de uma agência independente estar envolvida. Ambos os médiuns em transe repetiram então uma oração belíssima, em cadência alternada e resposta. Selecionarei algumas linhas da oração e a frase final, como ilustrativas do carácter da mesma: 'Benditos são os que perdoam; pois neles há um lampejo do divino.' 'Quão confortante é a presença dos falecidos!' E, em conclusão: 'Magnificamos-Te, ó Senhor, pelas Tuas obras; pois a Tua glória nunca tem fim.'

"O Sr. Home pegou agora numa guitarra e, colocando-a nas mãos do meu amigo em transe, pediu-lhe para tocar. Ao início a guitarra caiu da mão do meu amigo, cujos braços e mãos rígidos e catalépticos não tinham ainda sido libertados da influência mesmérica espiritual; mal a rigidez passou, ele tocou duas peças de música de tom muito doce e pleno, representando, como o Sr. Home nos disse, 'a dúvida e a esperança'. Ambos os cavalheiros acordaram agora — o meu amigo algo atordoado e perfeitamente inconsciente do que se passara. A mesa moveu-se agora e inclinou-se, e finalmente virou-se de pernas para o ar.

O braço direito do meu amigo foi então influenciado, e obrigado a agarrar a perna da mesa e a ajudar a colocá-la direita de novo. Esta manifestação interessou-me na medida em que provou a presença de um poder capaz de agir sobre uma pessoa enquanto no seu estado desperto e de controlar a sua ação corpórea. Saudações e toques gentis de mãos espirituais terminaram a noite.

"As manifestações de que tenho a seguir de dar conta são de um carácter muito interessante, pois ocorreram no falecimento de uma antiga e fiel criada da nossa casa. Na manhã do falecimento da paciente, que sofria de tísica, a enfermeira de serviço foi assustada por um cântico de música doce e solene que atravessava o quarto que a paciente ocupava. Ouviram-se batidas sobre e perto da cama; e, a pedido da sofredora, o Sr. Home, que dormia num quarto superior, foi mandado chamar. Ao entrar ele no quarto da doente, a música novamente, em cadências lúgubres, varreu o ar — ao todo, a música durou trinta minutos.

Batidas espirituais na cama, por cima da cabeça, por todo o lado em redor da mulher moribunda, falavam em linguagem inequívoca da presença de seres espirituais assistentes e bondosos. Às duas horas da tarde a alma deixou o corpo. Nós, que tínhamos presenciado os últimos momentos de uma boa amiga, estávamos sentados em silêncio e pesar na minha sala de jantar quando, para nossa surpresa, surgiram manifestações espirituais em batidas, movimentos suaves do mobiliário e toques suaves e bondosos, avisando-nos a todos de que os amigos não nos deixam, embora a morte possa separar por algum tempo ao mudar a nossa condição física. Não consigo descrever como a presença de seres espirituais, manifestada na sua comunhão, nos animou e consolou.

"Poucas horas mais tarde, no mesmo dia, entrámos no quarto e, para nossa surpresa, encontrámos o quarto perfumado. O perfume parecia entrar pela janela aberta.

Não consigo descrevê-lo senão como o mais fino incenso ou o aroma de flores secas, tais como violetas. O perfume passou pela casa, não numa corrente conduzida de forma constante, mas, por assim dizer, caprichosamente, em limites restritos, como se limitado aos movimentos de uma ondulação elétrica. Felizmente, um amigo passou por nossa casa no decorrer da noite e, sendo experiente, pelas suas atividades científicas, na investigação de factos físicos, pedi-lhe que examinasse este fenómeno extraordinário com cuidado. Assim o fez e estabeleceu plenamente os seguintes factos:

1.º Que o perfume não provinha de qualquer substância no quarto, mas parecia ser transportado da atmosfera exterior. 2.º Que o perfume estava restrito a alguma corrente desconhecida mas independente, pois, contrariamente a todas as leis de difusão de aromas, a forte corrente de uma porta e janela abertas não levava o perfume para o patamar, com seis polegadas de espaço a intercetar absolutamente o aroma. 3.º Contrariamente às leis conhecidas, o aroma descia para as salas de baixo e entrava até na sala de estar da casa do meu vizinho. 4.º O quarto parecia seco, magnético, quente. No dia seguinte, o médico que acompanhara a paciente notou este fenómeno do perfume maravilhosamente doce que impregnava o quarto, comentando que lhe causava a impressão de algo 'santo'.

"Mas devo voltar às manifestações no dia em que a paciente faleceu. Durante toda a tarde, o Sr. Home estivera a passar de um transe para outro. Num desses estados, ele dirigiu-se ao quarto da falecida. Regressando com a Bíblia dela, abriu-a no 12.º capítulo da 1.ª Epístola aos Coríntios e apontou para os versículos 1 e 10. Sendo a língua da Bíblia o estoniano, tornou a seleção desta passagem muito mais notável, uma vez que o Sr. Home não entende uma palavra desta língua pouco conhecida — mesmo admitindo que ele pudesse ter lido com os globos oculares revirados para cima e as pálpebras puxadas espasmodicamente para baixo e fechadas. Enquanto eu tentava compreender que versículos eram pretendidos, batidas suaves na extremidade oposta da sala guiaram-me."

"À noite, o Sr. Home caiu novamente em transe e afirmou então que M— vivera uma vida pura e que o seu corpo fora purificado por agência espiritual; e o milagre que se sabe ter ocorrido com alguns dos santos da Igreja Católica fora repetido neste dia, não como um milagre, mas como prova do poder da influência e presença espiritual.' Impressionante para além da linguagem foi a manifestação de batidas suaves e sonoras de todos os lados enquanto estávamos agrupados em redor da falecida, maravilhados por este estranho fenómeno de perfume sagrado ser permitido — os seres espirituais parecendo conversar connosco através da agência da simples telegrafia de batidas, respondendo às nossas perguntas orantes em rápida resposta: 'Sim, sim, sim, estamos presentes.'

"Duas noites depois, o Sr. Home estava sentado calmamente à lareira quando surgiram batidas perto de mim, e foi soletrada uma frase dizendo que nós, três de nós, deveríamos dirigir-nos ao quarto onde o corpo fora agora deposto, mas não entrar, apenas permanecer à porta. Assim fizemos e, ao abrir a porta, uma forte corrente de perfume passou por nós, desta vez enchendo o patamar, o átrio e a casa. O fenómeno do

perfume a entrar na minha casa continuou até ao dia do funeral, sendo por vezes, apesar das janelas abertas, bastante avassalador. Manifestações de presença espiritual durante todo esse tempo ocorriam constantemente e, mesmo no meu quarto, fui despertado pelo tremor do chão e por batidas contra a parede e a cama; e um amigo que estava hospedado comigo disse que teve perguntas mentais respondidas por batidas ao pé da sua cama, que se movia e vibrava."

O Sr. Jencken, na "Human Nature" de Maio de 1868, apresenta o seguinte relato: — "Tínhamos, como habitualmente, sentado em redor de uma mesa na sala de estar e, após o decurso de um tempo considerável, começou o tremor do chão, o movimento da mesa e a vibração do piano de meia-cauda. O Sr. Simpson, cuja formação científica lhe dera a aptidão para a experimentação, sugeriu a colocação de um grande livro de música plano sobre rolos em cima da mesa, e que depois apoiássemos os nossos dedos na borda do livro; o objetivo era impedir quaisquer movimentos involuntários.

Para minha grande satisfação, a mesa moveu-se mais violentamente do que antes, e o Sr. Simpson, que se deitara no chão para observar o movimento da mesa mais de perto, convenceu-se totalmente do movimento independente. Sugerimos em seguida testar a alternância de peso e leveza da mesa, uma manifestação ocasionalmente produzida. O Sr. Simpson reexaminou a mesa para se certificar de que nenhuma causa perturbadora poderia interferir; feito isto, fizemos o pedido para que a mesa ficasse 'pesada'. Ao tentar erguê-la, não conseguimos de modo algum levantá-la. Depois pedimos que a mesa ficasse 'leve', e a mesa que apenas momentos antes estava pesada e imóvel podia agora ser erguida com o mais ligeiro esforço.

O Sr. Simpson, satisfeito com este teste, sugeriu repetir a experiência com o livro de música que fora colocado sobre rolos em cima da mesa. Ao início duvidei totalmente do resultado, mas ao tentar levantar a borda do livro, parecia que este estava colado à mesa e depois, ao mudar para 'Que fique leve', o livro tornou-se leve como uma pena. Repetimos a experiência repetidamente e, finalmente, convencemo-nos da realidade do facto importante de uma agência independente, guiada por inteligência, e da presença de um ser invisível possuindo o poder de ler os nossos pensamentos e de produzir à vontade o fenómeno de tornar o livro alternadamente pesado ou leve.

Pensarão que sou tedioso por me alongar tanto sobre um fenómeno comparativamente tão insignificante, mas a própria simplicidade da manifestação confere-lhe interesse. O fenómeno estava, por assim dizer, perfeitamente ao alcance; e eu gosto, acima de tudo, de ter um facto controlável diante de mim. A lei é a mesma; o levantamento de uma única libra de peso, ou de uma tonelada, não afeta o princípio: e aqui eu tinha tudo o que poderia desejar — uma luz forte e clara; a nossa própria casa como teatro de operações; os nossos próprios amigos connosco; um homem de ciência ao meu lado, pronto a captar a sombra de uma dúvida, e a quem permitimos organizar tudo à vontade e colocar-se em qualquer posição que escolhesse; e o Sr. Home, o médium — de uma bonomia extrema — movido apenas por um desejo sincero de auxiliar a investigação: tudo conferiu um interesse adicional à nossa noite. Estou agora

em posição de afirmar com segurança que provei, para além de qualquer dúvida, através desta simples experiência, a operação de um poder invisível, guiado por inteligência.

"Mais tarde, à noite, o acordeão, que fora colocado sobre a mesa, moveu-se espontaneamente seis a oito polegadas de um lado da mesa para o outro — nem uma mão, nem um dedo lhe tocaram. O piano de meia-cauda foi levantado do chão e movido um pé de distância da parede para dentro da sala, sem ninguém tocar no piano naquela altura. Uma mesa de nogueira oval adjacente tremeu, ergueu-se primeiro numa perna, depois na outra, e deslizou até à nossa mesa. O Sr. —, a meu pedido, colocou-se no chão para observar o movimento e, após um exame rigoroso, convenceu-se de que os movimentos eram produzidos por uma agência invisível e independente.

"Tínhamo-nos voltado a sentar quando notámos as cortinas a serem empurradas para dentro da sala; primeiro, as cortinas atrás do Sr. Home, depois as da janela mais distante. Foram depois afastadas, e notei uma mão — apenas por um momento — entre a cortina e a mesa. Como que para nos dar uma prova final de ação independente, o jarro de água e a garrafa de vinho no tabuleiro com refrescos, que tínhamos colocado na mesa adjacente, moveram-se, inclinaram-se, colocando-se a garrafa de água na borda do tabuleiro. Naturalmente, o meu amigo estava alerta, reexaminou a cortina, a mesa e o tabuleiro, e declarou o local livre de ímanes ou outros dispositivos.

"Outro teste: estou certo de que me terão paciência. É tão satisfatório ter feito o máximo para nos convencermos que ansiamos por comunicar o resultado da nossa investigação a outros. Tendo-se ouvido batidas sob a aba da mesa onde estávamos sentados, sugeriu-se prender uma folha de papel por baixo da mesa, o que intercetaria eficazmente a ação de qualquer instrumento — tal como a ponta de uma bengala ou a ponta de um dedo — que pudesse ser usado para produzir o som. A folha de papel, após alguma ligeira dificuldade, foi presa e depois esperámos pelo resultado. Após uma pausa, surgiram batidas, repetidamente; algumas pareciam vibrar contra a mesa e no interior do papel, outras soavam sonoras e claras. O facto ficou estabelecido: a colocação do papel não interferia com as batidas. Mas bastam os testes físicos; passemos agora à identidade.

"O Sr. Home pegara no acordeão com uma mão e, após esperar alguns minutos, alguns acordes foram tocados por uma mão invisível, seguidos por uma melodia que foi repetida três ou quatro vezes. Não posso dizer que tenha acompanhado totalmente a melodia; pareceu-me quebrada e alterada em relação à sua melodia original. 'O que significa isto?', perguntou-se. O nome 'John' foi soletrado e a melodia repetida. Novamente perguntámos: 'A quem se aplica isto?'. Sem resposta; e assim o assunto foi deixado passar.

Poucos dias depois, recebi uma carta de um cavalheiro que estivera presente, explicando que a melodia que fora tocada era para ele; que na altura, ansioso por não perturbar a mente do médium e por fechar a porta até à leitura de pensamento, guardara segredo; que a melodia tocada era uma que ele próprio alterara para se adequar à sua voz; que apenas duas pessoas vivas conheciam as notas que ele mudara, a terceira que

as conhecia estava para lá do túmulo. Ele escreve: — 'É uma melodia de que a minha mulher gostava particularmente e pedia-me sempre, se estivesse sozinho com ela, para tocar. As palavras são da Sra. Hemans, e as duas últimas linhas são:

"Ainda assim compraria com a vida novamente Aquele querido sonho contigo."

O meu amigo continua dizendo: — 'Estes são factos simples; dou-os como tal.' O acordeão, enquanto tocava a música ou melodia, moveu-se horizontalmente em direção ao Sr. Simpson, que o observou atentamente todo o tempo e, para seu louvor, diga-se, permaneceu calmo e vigilante durante todo o processo, ansioso apenas pela verdade. Logo a seguir à fala real, à presença visível real de uma forma espiritual, este teste de identidade parece-me o mais satisfatório e conclusivo.

"O outro caso de identidade é de um carácter totalmente diferente. O Sr. Home tinha, espontaneamente, enquanto sentado à lareira na minha sala de estar, passado para um estado de transe. Estávamos sozinhos, estando presente apenas a Sra. —. Notei a expressão clarividente do rosto que caracteriza o médium em transe. Após uma pausa, o Sr. Home dirigiu-se a nós e fez um relato do falecimento de alguém que todos tínhamos conhecido em vida. Disse que os espíritos embalsamaram o corpo da Menina A— e que o perfume que encheu o quarto após a sua partida fora criado por eles.

Depois, mudando subitamente o seu discurso, disse: 'Quem é a Louisa? ela ama o vosso filho, cuidou dele como uma mãe'; e descreveu então com precisão a pessoa e as peculiaridades de carácter de uma boa amiga que partira da terra há muitos anos. O que aumentou o interesse foi que ninguém presente tinha sequer em pensamento nomeado a pessoa aludida, pelo que a leitura de pensamento não era possível. Observei cuidadosamente os movimentos de Home; ele parecia evidentemente estar a ver um objecto, e as observações que fazia eram proferidas como se inspiradas por uma agência externa.

"Admito a grande dificuldade apresentada pelas visões; o seu carácter subjetivo torna a prova, se não impossível, pelo menos muito difícil; e o único modo de verificar a verdade é comparar os relatos de visões de médiuns em transe uns com os outros, agrupar as experiências e depois generalizar.

"Numa sessão subsequente, o Sr. Home caiu no estado de transe quase assim que o círculo foi organizado; depois, vendando os olhos, desenhou um alfabeto e, tendo terminado isto, começou a soletrar frases. A primeira soletrada foi: 'Não estou convencido mesmo agora, mas vejo que tenho muito a aprender. — DAVID BREWSTER.'

"Seguiram-se frases explicativas do seu falecimento; depois: — 'O terreno e o espiritual são duas existências distintas. Não se deve inferir, porque dizemos que estivemos presentes, que tivéssemos conhecimento das suas circunstâncias terrenas. Não estamos de modo algum ligados. Temos a nossa quota de curiosidade e desejamos saber muitas coisas que são proibidas. Sabemos, por exemplo, que "Speke" não está na

vida espiritual; o Doutor S., o seu irmão, sabe-o; o viajante sabe-o.' Seguiram-se as palavras: 'Ao almoço — Gibson.'

"Eu não pretendia publicar estas comunicações, não fosse o interesse extremo que o público demonstrou pela estranha mania do Rev. Sr. Speke de se esconder. A sessão teve lugar nove dias antes de a notícia da sua descoberta ser conhecida, e este facto pode conferir interesse ao meu relato das comunicações espirituais que registei. Apresento isto estritamente como ocorreu, sem sequer arriscar um comentário."

---

DECLARAÇÃO SOB JURAMENTO (*AFFIDAVIT*) APRESENTADA PELA PARTE QUEIXOSA, PELOS SRS. DRUCE, SONS & JACKSON, DE 10 BILLITER SQUARE, SEUS ADVOGADOS

*Apresentada em 27 de Junho de 1867.*

EU, JANE LYON, de No 17a Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, no condado de Middlesex, viúva, a queixosa acima nomeada, sob juramento declaro o seguinte:

1. Referindo-me ao terceiro parágrafo da petição inicial apresentada por mim nesta causa, digo que procurei e obtive uma entrevista com o réu acima nomeado, Daniel Dunglass Home, como nela declarado, sob as seguintes circunstâncias: O meu falecido marido, Charles Lyon, Esquire, de Wooth Grange, Bridport, Dorset, faleceu no mês de Agosto de 1859, e disse-me pouco antes da sua morte que acreditava que uma mudança teria lugar sete anos após a sua morte e que nos encontraríamos, e eu tive, em consequência, a impressão de que não lhe sobreviveria por um período superior a sete anos. Em ou por volta do mês de Julho do ano passado, contactei a Sra. Sims, fotógrafa em Westbourne Grove, para tirar uma fotografia de um retrato do meu marido e vi-a várias vezes sobre o assunto de tal fotografia e, no decorrer da conversa com ela, mencionei a circunstância acima referida em ligação com a morte do meu marido e a impressão que eu formara em consequência, e ela disse-me que não era necessário que eu morresse para encontrar o meu marido novamente, mas que, se eu me tornasse uma "Espiritualista", ele viria ter comigo. Eu nunca antes ouvira falar de Espiritualismo. A Sra. Sims emprestou-me depois vários livros sobre o assunto, que li, e passado pouco tempo ela disse-me que o principal Espiritualista, o Sr. Home (sendo de facto o referido réu Daniel Dunglass Home), abrira um "Ateneu" no n.º 22 da Sloane Street, Hyde Park, e sugeriu que eu lhe escrevesse para me enviar um prospecto e detalhes do mesmo, pois eu desejava, após o que ela me dissera, tornar-me subscritora. Consequentemente, a 30 de Setembro passado, escrevi ao referido réu dizendo que estava ansiosa por me tornar subscritora e pedindo um prospeto e detalhes, e perguntando quando e a quem o dinheiro deveria ser pago. Não tendo recebido qualquer resposta do referido réu, desloquei-me a 3 de Outubro passado ao n.º 22 da Sloane Street acima referida e pedi para o ver, e fui conduzida ao primeiro andar, onde fui

recebida por ele na sala que ele chama de "Ateneu". Eu nunca antes vira o referido réu, nem nunca ouvira falar dele até o seu nome me ser mencionado pela Sra. Sims como referido, e ele não é parente nem está ligado a mim ou à minha família ou à família do meu falecido marido por nascimento, casamento ou de outra forma, nem o meu referido falecido marido em vida conheceu o referido réu ou, tanto quanto é do meu conhecimento, informação e crença, alguma vez ouviu falar dele.

2. O referido réu (que estava sozinho) entrou então em conversa comigo respeitante ao Ateneu e à minha referida carta para ele e ao meu desejo de me tornar subscritora e às condições de subscrição, e ele pediu-me então para ir com ele ver as salas do andar de cima onde, como vim a descobrir mais tarde, ele vivia. Fui com ele consequentemente para a sua sala de estar (no segundo andar), na qual estava uma mesa com materiais de escrita e um acordeão sobre ela. Ninguém além do referido réu e de mim estava presente. Sentámo-nos à mesa e surgiram batidas na mesa quase imediatamente. O referido réu disse então: "Isso é um pedido para o alfabeto", ou palavras com esse efeito.

Eu não estava naquela altura ciente do modo como as chamadas "sessões espirituais" são conduzidas, mas aprendi por experiência subsequente que a presença de um chamado "médium" é considerada necessária para evocar o que se acredita serem os espíritos dos falecidos, e que os supostos espíritos, ao serem convocados, sinalizam a sua presença através de batidas e, ao serem feitas perguntas, respondem a elas ou por três batidas (para a afirmativa), duas (para o duvidoso), uma (para a negativa), ou por cinco batidas que se supõe significarem que o alfabeto é requerido. No último caso, as letras do alfabeto são ou repetidas pelo médium ou por outra pessoa presente, ou um alfabeto impresso ou escrito é produzido e as letras são apontadas pelo médium ou por outra pessoa presente e, ao ser repetida ou apontada a letra desejada a ser indicada pelo suposto espírito, são dadas batidas ou é dada uma batida para significar que tal é a letra pretendida e assim sucessivamente até que uma palavra completa ou frase, conforme o caso, seja soletrada. Por ocasião da minha primeira entrevista com o referido réu como referido, nenhum alfabeto impresso ou escrito foi usado, mas ele repetia as letras do alfabeto de tempos a tempos, sendo dada uma batida à medida que ele chegava cada vez à letra pretendida a ser indicada. Desta forma, o suposto espírito naquela ocasião soletrou: "Minha amada Jane, eu sou o Charles, o teu amado marido, vivo para te abençoar, minha preciosa querida, estou sempre contigo, amo, amo-te como sempre amei", ou palavras com esse efeito e, tanto quanto me consigo lembrar, essas mesmíssimas palavras.

Fui induzida pelo referido réu a acreditar, e acreditei realmente na altura, que o espírito do meu falecido marido estava na realidade a falar comigo com o efeito acima mencionado. Nada mais de relevante para este processo passou naquela ocasião e o suposto espírito soletrou da mesma maneira que antes: "Não tenho mais poder presentemente para falar mas não te deixarei, minha querida", ou

palavras com esse efeito e, tanto quanto me consigo lembrar, essas mesmíssimas palavras. Fiquei muito gratificada com o que então acreditei ser uma manifestação real do espírito do meu marido para mim e, não tendo o meu livro de cheques comigo naquela altura, pedi ao referido réu para me visitar no n.º 18 de Westbourne Place, Hyde Park, onde eu vivia então em apartamentos, e disse-lhe que lhe daria um cheque de £10 para a minha subscrição do Ateneu.

3. No dia seguinte, a saber, 4 de Outubro passado, o referido réu visitou-me no n.º 18 de Westbourne Place acima referido, onde o recebi sozinha na minha sala de estar e quase imediatamente surgiram batidas indicativas, como ele me induziu a acreditar e como eu de facto acreditei, da presença do espírito do meu marido, e as seguintes palavras foram, tanto quanto me consigo lembrar, então soletradas da maneira antes referida, o referido réu repetindo como antes as letras alfabéticas: "Minha amada Jane — eu sou o teu Charles e estou de facto constantemente contigo, estou tão feliz por estar contigo, amo, amo-te, mantém-te muito calma, vou tocar-te." Fui então repetidamente tocada, conforme acreditei, pelo espírito do meu falecido marido, e o referido réu estava naquela altura sentado perto de mim à mesa. Eu então, ficando muito gratificada, preenchi e dei ao referido réu um cheque sobre os meus banqueiros de £30 (em vez das £10 prometidas) como minha subscrição para o Ateneu. Nesta altura, fiquei muito impressionada com o que acreditava ser o poder do referido réu para evocar o espírito do meu marido e ele cedo adquiriu um grande ascendente sobre a minha mente.

4. Em ou por volta de 6 de Outubro passado, o referido réu visitou-me novamente em Westbourne Place acima referido e recebi-o novamente sozinha na minha sala de estar e ele começou a falar comigo sobre o assunto do seu casamento com a sua falecida esposa e disse-me quão feliz fora com ela e declarou a sua intenção de casar novamente mas disse que não casaria com uma senhora jovem pois não gostava de senhoras jovens mas que estava ansioso por casar com uma senhora idosa e que ele seria um marido muito amoroso e afetuoso e, dessas observações e outras que se seguiram sobre o mesmo assunto, eu inferi então e agora verdadeiramente acredito que ele pretendia fazer-me propostas de casamento, mas eu disse-lhe que o assunto me era desagradável e silenciei-o sobre isso de imediato.

Quase imediatamente depois, surgiram batidas novamente indicando, como o referido réu me induziu a acreditar e como eu de facto acreditei, da presença do espírito do meu marido e a seguinte palavra ou palavras, com o efeito o mais aproximado possível do seguinte, foram (com outras palavras) então soletradas da maneira antes referida (o referido réu repetindo rapidamente as letras do alfabeto e parando de tempos a tempos conforme surgiam batidas indicando as letras a serem usadas): "Minha querida Jane — * * * * * eu amo o Daniel" (significando conforme entendi o referido réu) "ele deve ser o nosso filho ele é

meu filho portanto teu. Lembras-te de antes de eu partir eu ter dito que uma mudança teria lugar em sete anos? Essa mudança teve lugar."

A mesa foi então lançada para cima do chão e as palavras "Estou feliz feliz feliz" foram soletradas da mesma maneira que antes. Eu disse então ao suposto espírito: "Lembras-te de eu te ter dito na altura 'Encontrar-nos-emos então?'" e a resposta soletrada da mesma maneira que antes foi nas seguintes palavras ou com o seguinte efeito: "Em pouco tempo tornar-me-ei visível para ti" e o suposto espírito continuou: "Não digas, minha querida, que a luz dos outros dias se foi, a luz está contigo, o Charles vive, o teu Charles vive e ama-te e está perto de ti constantemente, minha querida Jane, terei poder para vir para ti inteiramente, serei tão feliz e tu também, minha esposa amada de Deus. Agora, amada, falar-te-ei tão frequentemente quanto puder, virei pela tua saúde e pela do Daniel." Foi também soletrado da maneira referida que ele, o suposto espírito do meu marido, desejava tornar o Daniel (significando conforme entendi o referido réu) independente, uma vez que ele deveria ser o nosso filho, e que ele, o suposto espírito, falaria da maneira como isso deveria ser feito noutra altura. Eu então preenchi um cheque sobre os meus banqueiros de £50 e dei-o ao referido réu uma vez que ele deveria ser (conforme então acreditei de acordo com as instruções do espírito do meu marido) o nosso filho, para que ele não ficasse sem os meios de subsistência.

5. Referindo-me aos três últimos parágrafos desta declaração, digo que as frases soletradas como referido foram escritas por mim de memória pouco depois da ocorrência dos eventos antes mencionados num livro agora em minha posse do qual são respetivamente aqui citadas e digo positivamente que, quer as palavras citadas fossem ou não as palavras exatas soletradas como referido, palavras com o mesmo efeito que as citadas foram soletradas como referido.

6. O referido réu começou então a fazer-me visitas repetidas e em ou por volta do dia 8 de Outubro passado e certamente ou nesse dia ou no dia imediatamente anterior ou no dia imediatamente seguinte a tal dia 8 de Outubro ele visitou-me em Westbourne Place acima referido e nessa ocasião também surgiram batidas indicando (conforme fui induzida pelo referido réu a acreditar e acreditei) a presença do espírito do meu referido falecido marido e foi soletrado da maneira antes mencionada (o referido réu repetindo as letras alfabéticas como antes). Foi então soletrado da maneira antes mencionada e conforme fui induzida a acreditar e acreditei pelo espírito do meu falecido marido que o referido réu deveria ser o nosso filho adotivo e que eu deveria transferir para ele uma quantia suficiente das minhas propriedades investidas para lhe render £700 por ano.

7. Em várias das ocasiões referidas nesta minha declaração sob juramento, quando frases estavam a ser soletradas como fui induzida pelo referido réu a acreditar e acreditei pelo espírito do meu falecido marido, eu protestei com o referido réu dizendo-lhe enquanto ele repetia apressadamente as

letras do alfabeto que ele estava a "ir depressa demais" e ele frequentemente respondia que não era assim, pois ele bem sabia de antemão o que estava para vir.

8. Em ou por volta de 10 de Outubro passado e certamente dentro de um dia ou dois após a reunião referida no 6.º parágrafo desta declaração, o referido réu Daniel Dunglass Home visitou-me em Westbourne Place acima referido e levou-me à City num carro de aluguer (*cab*) para realizar a transação referida quanto às £24.000. Enquanto estávamos no caminho, ouviram-se batidas constantes no e em redor do carro, as quais o réu me disse que mostravam que os espíritos aprovavam o que eu estava prestes a fazer. Conduzimos diretamente para o escritório dos Srs. Fox, Taylor & Company, corretores de bolsa empregados pelo referido réu e de quem eu nada sabia, tendo o referido réu anteriormente dito-me que a transação não deveria ser efetuada através dos corretores empregados pelos meus banqueiros, os Srs. Williams, Deacon & Co., como eu desejara.

Fui então ao Banco de Inglaterra com o referido réu e um dos elementos da referida firma de Fox, Taylor & Co. (a cujo pedido fui identificada por um dos empregados dos Srs. Williams, Deacon & Co.) e assinei um livro no referido Banco de Inglaterra transferindo, conforme entendi, uma quantia suficiente de títulos para representar em valor £24.000 esterlinas, mas se para o referido réu ou para um comprador eu não sabia, e nenhum extrato, recibo ou outro papel em ligação com a transação me foi dado nessa ocasião ou subsequentemente, mas tanto quanto é do meu conhecimento, informação e crença, tais títulos foram vendidos e o produto dos mesmos foi pago ao referido réu Daniel Dunglass Home.

Foi-me então permitido pelo referido réu regressar a Westbourne Place sozinha e ele foi ou nesse dia ou por volta do dia seguinte para Brighton e de lá para Malvern onde permaneceu, conforme creio, algumas semanas e para onde lhe enviei, de acordo com o seu pedido, em ou por volta do dia 28 de Outubro passado, um cheque de £20 para seu uso próprio. Também noutras ocasiões paguei outras pequenas quantias a ele ou por conta dele a seu pedido. O referido réu, em ou por volta do dia 5 de Novembro de 1866, conforme consta de um recibo de títulos (deixado por ele acidentalmente, conforme acredito, em minha posse), investiu £23.913 17s. 3d. em dinheiro, sendo conforme verdadeiramente acredito parte da referida quantia de £24.000 assim adquirida por ele como referido, na compra em seu próprio nome da quantia de £26.756 15s. 5d. em Títulos Consolidados de Renda Bancária (*Consolidated Bank Annuities*).

9. Em ou por volta do início de Novembro passado, o referido Réu visitou-me novamente em Westbourne Place acima referida, quando eu estava sozinha, e ele entrou então, conforme me induziu a acreditar e como eu de facto acreditei, num estado de transe, e representou em transe o espírito do meu referido falecido marido, o qual ele me induziu a acreditar que falava então

através dele, o referido Réu, e disse-me para colocar algumas folhas de papel de carta sobre a mesa com canetas e tinta, e que eu deveria escrever o que ele estava prestes a ditar.

Ele ditou-me então, palavra por palavra, instruções para um testamento dando todos os meus bens a ele absolutamente e ordenando-lhe que assumisse o nome e as armas de Lyon; e, sob o seu ditado, enderecei um envelope ao Réu William Martin Wilkinson (que era, como vim a descobrir mais tarde, o amigo íntimo e advogado do referido Réu Daniel Dunglass Home, mas de quem eu nada sabia na altura) e incluí as referidas instruções no seu interior com uma nota para o referido Réu William Martin Wilkinson, a qual também escrevi sob o ditado do referido Réu Daniel Dunglass Home, solicitando ao referido William Martin Wilkinson que preparasse um Testamento para mim de acordo com as instruções supracitadas e o trouxesse para assinatura numa determinada noite ali designada.

Também escrevi, sob o ditado do referido Réu Daniel Dunglass Home, cartas ao Dr. Hawksley e ao Sr. Rudall (que, como vim a descobrir mais tarde, eram também amigos íntimos do referido Réu por último nomeado, mas de quem eu nada sabia), solicitando-lhes que comparecessem sem falta no n.º 18 de Westbourne Place acima referida, na noite designada como referido. Na noite assim designada, que foi, segundo creio, a 12 de Novembro passado, o referido Réu por último nomeado, e também os referidos Dr. Hawksley e Sr. Rudall, vieram conforme o combinado, e o referido Réu William Martin Wilkinson também veio, trazendo consigo o testamento preparado por ele de acordo com as instruções supracitadas, em duplicado. O referido Réu Daniel Dunglass Home deixou-me então sozinha com o referido Réu William Martin Wilkinson, o referido Dr. Hawksley e o referido Sr. Rudall; e o referido William Martin Wilkinson leu-me então o testamento e questionou-me sobre se eu tinha considerado plenamente os termos do testamento e compreendido o seu efeito, ao que respondi que tinha considerado plenamente o assunto e compreendido o efeito do testamento e que estava pronta para o assinar.

Assinei-o então em duplicado na presença de todas as referidas três pessoas, cada uma das quais o atestou; e o referido Réu William Martin Wilkinson levou então o original e o duplicado, um dos quais obtive dele desde então, sendo o escrito em papel marcado com a letra "A" produzido e mostrado a mim no momento do juramento desta minha declaração, mas a minha assinatura no rodapé do mesmo foi, desde então, obliterada por mim, e a nota no rodapé referindo a revogação foi adicionada por mim posteriormente.

Antes de o referido testamento, assim preparado como referido, ser trazido pelo referido William Martin Wilkinson como mencionado, o referido Réu Daniel Dunglass Home informou-me de que, por uma questão de forma, ele, o referido William Martin Wilkinson, me questionaria como referido, uma vez que a prova de ele o ter feito poderia ser exigida futuramente no caso de o testamento ser contestado e o assunto chegar a tribunal após a minha morte; e que, portanto,

todos os meios deveriam ser tomados para mostrar que eu estava a fazer o testamento de minha livre vontade e não sob o ditado do espírito do meu marido, e que todas as cartas do referido Réu William Martin Wilkinson para mim seriam escritas com cautela na mesma ótica, de modo que eu estava perfeitamente preparada para as perguntas que me foram feitas por ele. No entanto, assinei o referido testamento sob a plena convicção e crença de que ele fora ditado pelo espírito do meu falecido marido e que eu estava, ao assiná-lo, a cumprir os seus desejos.

10. Muito pouco tempo depois e, tanto quanto me recordo, no dia seguinte ao de eu ter assinado o referido testamento como mencionado, o referido Réu Daniel Dunglass Home, aliás Daniel Home Lyon, visitou-me novamente e, quando estávamos sozinhos, entrou, conforme me induziu a acreditar e como eu de facto acreditei, num estado de transe, e representou em transe o espírito do meu referido falecido marido, o qual ele me induziu a acreditar que falava comigo através dele, o referido Réu, e disse-me para trazer o meu testamento (feito anteriormente ao assinado em ou por volta de 12 de Novembro passado, conforme consta anteriormente) em duplicado e queimá-lo, o que eu consequentemente fiz, na crença de que, ao fazê-lo, estava a cumprir os desejos do meu referido falecido marido. Numa ocasião subsequente, quando o referido Réu me visitou (embora eu seja incapaz de recordar a data da sua visita), ele disse-me que o espírito do meu falecido marido lhe dissera que todas as comunicações dele, o referido suposto espírito, sobre o assunto de transações de negócios entre o referido Réu e eu própria deveriam ser queimadas; e ele, o referido Réu, procurou então e colocou sobre a mesa todos os papéis dessa descrição em minha posse e queimou-os.

11. Em ou pouco antes do mês de Dezembro passado, noutra entrevista que tive nos meus aposentos com o referido Réu Daniel Dunglass Home sozinho, fui induzida por ele a acreditar, e acreditei, que o espírito do meu referido falecido marido estava novamente presente e estava a falar comigo através de batidas como referido, e foi então soletrado pelo suposto espírito, da maneira anteriormente referida, que eu deveria dar ao referido Réu, como presente pelo seu aniversário, uma quantia de £6.000 mais para perfazer, com a referida quantia de £24.000, a soma agregada de £30.000.

Consequentemente, dirigi-me em ou por volta do dia 10 de Dezembro de 1866 (na plena convicção e crença de que estava a obedecer às ordens do meu referido falecido marido) com o referido Réu sozinho ao Banco de Inglaterra e transferi para o seu nome como Daniel Dunglass Home a quantia de £6.798 17s. 4d. em Títulos Consolidados de Renda Bancária pertencentes a mim, sendo tal quantia na altura equivalente em valor à soma de £6.000 esterlinas ou aproximadamente. Os referidos Srs. Fox, Taylor & Co. foram os corretores empregados nessa ocasião e as instruções para tal transferência foram, conforme verdadeiramente acredito, dadas a eles pelo referido Réu.

12. Referindo-me ao décimo primeiro parágrafo da petição inicial apresentada por mim nesta causa, digo que, desde que apresentei a minha declaração sob juramento nesta causa no dia 15 de Junho do corrente mês, a minha atenção foi mais particularmente atraída para a data da escritura de renúncia (deed poll) referida em tal décimo primeiro parágrafo e que, tanto quanto me recordo, tal escritura não foi, nem qualquer escritura relativa ao objeto deste processo foi por mim executada no referido dia 12 de Dezembro ou em qualquer outra altura que não a ocasião em que executei as escrituras em ligação com a garantia de £30.000 mencionada na referida petição, conforme será adiante mais particularmente referido; mas acredito que, em tal ocasião por último mencionada, uma escritura com o teor ou efeito mencionado em tal décimo primeiro parágrafo foi por mim executada juntamente com as outras escrituras então por mim executadas, conforme adiante consta, enquanto a minha mente estava sob a influência e controlo obtidos sobre ela pelo referido Réu da maneira mencionada; e digo que a referida escritura de renúncia por último mencionada foi, tanto quanto creio, preparada pelo referido Réu William Martin Wilkinson sob instruções dadas a ele pelo seu referido co-Réu e não sob quaisquer instruções dadas por mim ou por minha ordem, e sem a intervenção de qualquer advogado ou pessoa independente em meu nome.

13. Na entrevista referida no décimo primeiro parágrafo desta minha declaração, ou noutra entrevista tida por mim com o referido Réu Daniel Dunglass Home por essa mesma altura, e quando eu estava sozinha com o referido Réu e quando ele me induzira a acreditar que o espírito do meu referido falecido marido estava novamente presente e a falar comigo, foi soletrado da maneira referida pelo referido suposto espírito que o referido Réu William Martin Wilkinson deveria obter uma hipoteca de £30.000 a ser avançada do meu dinheiro, hipoteca essa que deveria ser tomada em nome do referido Réu Daniel Dunglass Home, e eu deveria ter o juro durante a minha vida e o capital deveria reverter para o referido Réu após a minha morte. A hipoteca de £30.000 referida na escritura de 19 de Janeiro de 1867, mencionada no décimo terceiro parágrafo da referida petição, foi consequentemente obtida por ou através do referido Réu William Martin Wilkinson com a minha sanção, na crença e convicção da minha parte de que, ao dar tal sanção, estava a cumprir os desejos do espírito do meu referido falecido marido; mas acabei por recusar consentir que a hipoteca fosse tomada em nome do referido Réu Daniel Dunglass Home e sugeri que o arranjo eventualmente levado a efeito pela referida escritura de 19 de Janeiro de 1867 fosse feito. A referida escritura por último mencionada e também a escritura de transferência de data idêntica nela citada foram consequentemente preparadas pelo referido Réu William Martin Wilkinson; e ambas as escrituras e, conforme acredito, a referida escritura de renúncia de 12 de Dezembro de 1866, foram, em ou por volta do mesmo dia 19 de Janeiro de 1867, trazidas a mim do seu escritório pelo seu filho e por um empregado (de nome Sr. Hartley) para assinatura.

As escrituras foram-me lidas, e o referido Daniel Dunglass Home estava presente e sentado perto de mim na altura, e ele continuou a tocar-me e a persuadir-me a assinar; e eu, consequentemente, assinei então as referidas escrituras de 19 de Janeiro de 1867 e, conforme acredito, a referida escritura de renúncia de 12 de Dezembro de 1866, enquanto a minha mente estava sob o controlo obtido sobre ela pelo referido Réu por último nomeado pelos meios referidos, e sem a intervenção de qualquer advogado independente ou outra pessoa em meu nome. E digo que a sugestão anteriormente referida quanto ao arranjo para cuja execução as referidas escrituras de 19 de Janeiro de 1867 foram preparadas foi feita por mim enquanto sob tal controlo e influência como referido.

14. Outra hipoteca de £30.000 foi posteriormente obtida para mim pelo referido Réu William Martin Wilkinson a meu pedido e, em ou por volta do dia 13 de Fevereiro passado, vendi para os fins de tal hipoteca uma quantia de títulos que produziu, tanto quanto é da minha informação e crença, £26.596 13s. 8d. em dinheiro líquido, deixando uma deficiência de £3.403 6s. 4d. para completar o capital a ser avançado; e esta referida quantia por último mencionada foi, a pedido do referido Réu William Martin Wilkinson, providenciada pelo referido Réu Daniel Dunglass Home através da venda de parte dos títulos que ele adquirira da maneira anteriormente descrita.

15. O referido Réu William Martin Wilkinson, nessa altura ou pouco depois, disse-me que eu ainda tinha uma quantia de £2.290 9s. 5d. em Títulos Consolidados de Renda Bancária em meu nome, da qual eu não tinha conhecimento; e ocorreu-me que eu deveria, para reposição dos títulos assim vendidos pelo seu referido co-Réu como referido por último, transferir para ele, o referido Réu Daniel Dunglass Home, os referidos títulos remanescentes em meu nome; e eu, consequentemente, em ou por volta de 21 de Fevereiro passado, transferi tal quantia por último mencionada para o nome do referido Réu Daniel Dunglass Home; e digo que esta última transferência mencionada foi feita por mim enquanto eu ainda estava sob o controlo e influência adquiridos sobre a minha mente pelo referido Réu por último nomeado pelos meios referidos.

16. Em ou por volta do dia 13 de Março de 1867 (conforme consta de uma conta de venda prestada ao referido Réu Daniel Dunglass Home pelos referidos Srs. Fox, Taylor & Co., a qual está em minha posse por ter sido acidentalmente deixada comigo pelo referido Réu), o referido Réu vendeu a quantia de £21.947 17s. 6d. em Títulos Consolidados de Renda Bancária, parte, conforme verdadeiramente acredito, da quantia agregada de títulos semelhantes assim adquiridos por ele como consta anteriormente; e o produto líquido de tal venda, montando à soma de £20.000 esterlinas, foi, conforme fui informada pelo referido Réu e como verdadeiramente acredito, emprestado e avançado por ele através do referido Réu William Martin Wilkinson, como mencionado no

décimo sexto parágrafo da referida petição; e as garantias pela mesma soma de Vinte mil libras foram, conforme sou informada pelos meus advogados e acredito, depositadas juntamente com as garantias para a soma de capital de Trinta mil libras primeiramente referida junto do Secretário de Registos e Mandados (Clerk of Records and Writs) em cumprimento da ordem proferida nesta causa no dia 18 de Junho do corrente mês.

17. Tendo em conta as vendas de títulos anteriormente mencionadas como tendo sido feitas pelo referido Réu Daniel Dunglass Home, digo que, tanto quanto creio, existe uma soma de Títulos Consolidados de Renda Bancária a 3% excedendo as £9.000 (em títulos) ainda em nome do referido Réu nos livros do Governador e Companhia do Banco de Inglaterra; e um embargo (distringas) foi colocado pelos meus advogados em meu nome sobre a quantia de £9.000 em títulos semelhantes, parte da maior soma de títulos semelhantes que se encontram, conforme creio, em nome dele como referido.

18. Recentemente, após reflexão, convenci-me de que, nas diversas transações, assuntos e coisas anteriormente referidos, fui totalmente enganada e feita de joguete pelo referido Réu Daniel Dunglass Home; e que as diversas orientações que, na altura, acreditei terem sido dadas como referido pelo espírito do meu referido falecido marido não foram, na realidade, assim dadas, mas que emanaram, sem exceção, inteiramente do referido Réu e não de outra forma; e digo que, à parte do seu suposto poder de colocar o espírito do meu referido falecido marido em comunicação comigo, eu não tinha qualquer afeto ou sequer respeito pelo referido Réu, mas que o referido Réu, pelos meios referidos, trabalhou sobre a minha crença no seu suposto poder até adquirir um controlo e influência quase ilimitados sobre a minha mente, durante a continuação do qual (controlo e influência que me senti totalmente incapaz de resistir) as diversas transações anteriormente referidas tiveram lugar.

19. O livro agora produzido para mim e marcado com a letra B contém entradas escritas pelo referido Réu de frases soletradas conforme fui por ele induzida a acreditar, e acreditei, pelo espírito do meu referido falecido marido da maneira referida em várias ocasiões, e de circunstâncias em ligação com as mesmas; e refiro-me particularmente às seguintes passagens escritas pelo referido Réu nas páginas 7 e 16 de tal livro e soletradas conforme fui pelo referido Réu induzida a acreditar, e acreditei, pelo referido suposto espírito em 22 de Janeiro de 1867 e noutra data que sou incapaz de recordar, a saber: "Minha querida Jane — não me seria agradável que te sentasses com qualquer outro médium que não o nosso filho (significando o referido Réu) de momento, tenho boas razões para isso" "Dir-te-ei quando desejar outro médium que não o nosso filho" (significando o referido Réu) "É lógico que o Daniel é o melhor médium na terra, escolhemo-lo para ti; o que temos a dizer e o que temos a fazer, podemos dizê-lo e fazê-lo através dele" — cujas palavras são confirmatórias da minha convicção e crença atual de que as diversas orientações

supostamente dadas, conforme aqui exposto, pelo espírito do meu falecido marido emanaram inteiramente do referido Réu e para os seus próprios fins.

20. Os diversos escritos em papel marcados respetivamente com C e D, agora produzidos e mostrados a mim, contêm frases escritas pelo próprio referido Réu Daniel Dunglass Home e soletradas em duas ocasiões diferentes por (conforme ele me induziu a acreditar e acreditei) o espírito do meu referido falecido marido enquanto o referido Réu estava sozinho comigo; sendo o primeiro de tais escritos em papel (escrito inteiramente pelo referido Réu) em, tanto quanto me recordo, 26 de Fevereiro passado, o seguinte: — "26 de Fevereiro — O Daniel está correto e, se te lembras, querida, eu fiz sons no chão naquele domingo quando ias para a cama.

Não naquela terça-feira, mas na segunda-feira seguinte. E bem em juízo, mas fizemos-te pensar que assim fosse. Ansiavas por comunicações, no entanto a tua própria ansiedade impediu a nossa aproximação. Tivemos de obter o controlo da tua mente" — e em explicação de tal escrito em papel por último mencionado, digo que eu tinha, em ou antes do referido dia 26 de Fevereiro passado, em conversa com o referido Réu, aludido às primeiras e originais manifestações do espírito do meu referido falecido marido (como acreditei que fossem), cujos detalhes estão expostos no segundo e seguintes parágrafos desta minha declaração; e que o referido Réu negou então que tivesse havido quaisquer manifestações tais durante os primeiros sete dias do meu referido conhecimento com ele e, em corroboração da sua afirmação, apelou, conforme me induziu a acreditar e acreditei, ao espírito do meu referido falecido marido enquanto ele, o referido Réu, estava sozinho comigo como referido; e que as palavras citadas por último acima, ou palavras com precisamente o mesmo efeito, foram soletradas conforme ele me induziu a acreditar e acreditei pelo referido suposto espírito da maneira referida em resposta a tal apelo.

21. Refiro-me também à seguinte frase escrita pelo referido Réu como referido na segunda ocasião acima mencionada, cuja data sou incapaz de recordar, e compreendida no outro de tais escritos em papel, a saber: "Lembra-te apenas que o Daniel é o nosso médium; todas as comunicações que tenho para dar serão através dele." E com referência às frases citadas neste e no parágrafo anterior, digo que as mesmas são corroborativas da minha plena convicção e crença de que fui, nas diversas transações referidas com o referido Réu Daniel Dunglass Home, vítima de um grosseiro e deliberado embuste.

22. Em ou por volta do dia 16 de Junho do corrente mês, recebi do referido Réu Daniel Dunglass Home uma carta escrita por ele para mim e datada de 17 de Junho de 1867, carta essa que é agora produzida e mostrada a mim e está marcada com a letra E, na qual o referido Réu se oferece para chegar a um acordo comigo com referência ao objeto deste processo, mas à qual não respondi, nem pretendo chegar a qualquer acordo seja ele qual for com ele que

não passe por reaver todas as propriedades que ele adquiriu de mim da maneira anteriormente descrita.

23. Deponho sobre os diversos factos e circunstâncias aqui expostos a partir do meu próprio conhecimento pessoal, exceto onde de outra forma é anteriormente declarado.

JANE LYON.

Jurado no meu Escritório, n.º 33 Mark Lane, na City de Londres, no dia 26 de Junho de 1867. Perante mim, Richd. Cattarns, um Comissário de Londres para administrar juramentos em Chancelaria.

Esta Declaração sob Juramento em nome da Queixosa é apresentada por DRUCE, SONS, & JACKSON, Advogados, 10, Billiter Square, na City de Londres.

A RESPOSTA de DANIEL DUNGLASS HOME, aliás (a pedido da Queixosa) DANIEL HOME LYON, um dos Réus acima nomeados, à Petição Inicial da Queixosa acima nomeada.

EM RESPOSTA à referida Petição, eu, DANIEL DUNGLASS HOME, aliás DANIEL HOME LYON, digo o seguinte:

1. Nasci na Escócia a 20 de Março de 1833 e, desde a minha mais tenra infância, tenho estado sujeito à ocorrência ocasional de fenómenos físicos singulares na minha presença, os quais não são certamente produzidos por mim nem por qualquer outra pessoa ligada a mim. Não tenho qualquer controlo sobre eles; ocorrem irregularmente e mesmo quando estou a dormir. Por vezes passo muitos meses, e uma vez cheguei a estar um ano, sem eles. Não acontecem quando eu desejo, e a minha vontade nada tem a ver com eles. Não os posso explicar de outra forma senão supondo que são efetuados por seres inteligentes ou espíritos.

Fenómenos semelhantes ocorrem com muitas outras pessoas. Nos Estados Unidos da América, creio que cerca de onze milhões de pessoas racionais, bem como um grande número em todos os países da Europa, acreditam, tal como eu, que seres espirituais de todos os graus, bons e maus, podem e por vezes manifestam a sua presença a nós.

Eu previno invariavelmente as pessoas contra serem enganadas por quaisquer aparentes comunicações vinda deles. Estes fenómenos que ocorrem na minha presença têm sido testemunhados por milhares de pessoas inteligentes e respeitáveis, incluindo homens de negócios, de ciência e de literatura, sob circunstâncias que teriam tornado impossível, mesmo que eu o desejasse,

qualquer artimanha. Foram testemunhados repetidamente e nos seus próprios aposentos privados, onde qualquer dispositivo meu teria de ter sido detetado, pelas Suas Majestades o Imperador e a Imperatriz dos Franceses, pelas Suas Majestades o Imperador, a Imperatriz e a falecida Imperatriz Viúva da Rússia, pelas Suas Altezas Imperiais o Grão-Duque e a Grã-Duquesa Constantino da Rússia e os membros da sua augusta família, pelas Suas Majestades o Rei da Prússia, o falecido Rei da Baviera, o atual e o falecido Rei de Wurtemberg, a Rainha da Holanda e os membros da família Real da Holanda; e muitas destas augustas personagens honraram-me e, creio, ainda me honram com a sua estima e boa vontade, uma vez que residi em alguns dos seus palácios como um cavalheiro e seu convidado, não como uma pessoa paga ou profissional. Tiveram amplas oportunidades, que utilizaram, de investigar estes fenómenos e de indagar sobre o meu carácter. Residi na América, Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Rússia e, em todos os países, fui recebido como convidado e amigo por pessoas na mais alta posição social, que eram perfeitamente competentes para descobrir e expor, como deveriam ter feito, qualquer coisa semelhante a um dispositivo da minha parte para produzir estes fenómenos.

Não procuro e nunca procurei o conhecimento de nenhuma destas excelsas personagens. Elas procuraram-me e, assim, tive uma certa notoriedade imposta a mim. Não aceito dinheiro e nunca o aceitei, embora me tenha sido repetidamente oferecido por ou em respeito a estes fenómenos ou às comunicações que por vezes parecem ser feitas por eles. Não tenho por hábito receber quem me é estranho e nunca forço o tema do Espiritualismo à atenção de ninguém. Confio que sou um cristão sincero.

Acredito conscienciosamente, como todos os primeiros cristãos acreditavam, que o homem é continuamente rodeado e protegido ou tentado por bons e maus espíritos. Tenho no meu círculo de amigos muitos que eram não só incrédulos mas ateus, até que se convenceram, pelo estudo destes fenómenos, das verdades da imortalidade; e as suas vidas melhoraram grandemente em consequência disso. Alguns dos fenómenos em questão são nobres e elevados; outros parecem ser grotescos e indignos. Por isto não sou responsável, tal como não sou pelas muitas coisas grotescas e indignas que inegavelmente se permite que existam no mundo material.

Juro solenemente que não produzo os fenómenos supracitados nem de qualquer forma auxilio a produzi-los. Em 1858 casei com uma senhora russa de família nobre, que era afilhada do falecido Imperador Nicolau e por ele educada. Ela faleceu em 1862 e dela tenho um filho batizado como "Gregoire", mas referido nas conversas e cartas doravante expostas pelo nome carinhoso de "Sacha". O atual Imperador da Rússia consentiu graciosamente em ser seu padrinho e a Grã-Duquesa Constantino sua madrinha por ocasião do seu batismo na Igreja Grega, que deverá ter lugar.

2. Tendo obtido considerável sucesso como leitor público na América no ano de 1865, determinei no ano passado ir para o palco; mas a minha saúde, que tem sido débil há muito tempo, revelou-se desigual para a tarefa, e alguns dos meus amigos que desejavam investigar os fenómenos supracitados formaram uma sociedade com o título de *Spiritual Athenæum* (Ateneu Espiritual), ocupando salas no n.º 22 da Sloane-street, Londres; e, a pedido deles, aceitei o cargo de secretário residente com um salário, cargo esse que, por desejo da Queixosa, desde então renunciei. Os membros da referida sociedade são, sem exceção, pessoas de carácter e posição, que nada poderiam ganhar auxiliando ou sendo cúmplices de fraude ou engano. O seguinte extrato é retirado da sua circular impressa para distribuição:

"Será um dever principal da Comissão Executiva, atuando com o Conselho, fazer tais arranjos que garantam facilidades para uma comunhão saudável, útil e instrutiva para aqueles que procuram, bem como para aqueles que estão dispostos a dar, informações 'relativas a dons Espirituais'; promovendo simultaneamente o convívio social, visando objetivos mais elevados e sagrados, travando a propagação do Materialismo, defendendo as verdades e alargando a influência do Cristianismo, e estreitando os laços de Paz e Amor entre a humanidade, incutindo por um outro Poder — atuando de acordo com a Escritura Sagrada e cooperando com o instrutor cristão — o dever para com Deus e para com o nosso Próximo."

3. Sob as circunstâncias anteriormente mencionadas e não de outra forma, acredito ser o que se chama um médium espiritual, mas não ganho a vida com isso nem faço dinheiro com isso. Tinha alguns meios privados próprios; ganhei algum dinheiro na América através de leituras públicas não relacionadas com os fenómenos supracitados. Apenas por duas vezes li uma palestra pública sobre Espiritualismo, que ainda está em minha posse, e fui por um curto período tal secretário como referido. De resto, não ganho a vida, para usar a linguagem do Interrogatório da Queixosa. Não professo e nunca professei ter o poder de evocar os espíritos de pessoas falecidas ou de colocar outras pessoas em comunicação com eles. Declarei anteriormente com verdade o que me ocorre, sem qualquer volição da minha parte, e nunca fiz qualquer outra profissão de fé. Estou e tenho estado há muito tempo, como a Queixosa bem sabe, com a saúde débil. No entanto, como a Queixosa achou por bem preferir contra mim acusações de fraude e impostura do carácter mais vil, as quais são totalmente falsas, desejo o interrogatório público de mim próprio e da Queixosa, bem como de todas ou de tais testemunhas de ambos os lados conforme o Tribunal entenda por bem permitir.

4. Na segunda-feira, 1 de Outubro de 1866, recebi uma carta assinada por Jane Lyon, de quem nunca ouvira falar antes, solicitando que lhe fossem fornecidas as condições de admissão no referido Ateneu Espiritual. De

acordo com as normas da referida sociedade, ninguém poderia ser admitido como membro exceto pelo "voto unânime da comissão executiva".

Apresentei a carta dela a um dos membros da comissão executiva. No dia seguinte, a saber, terça-feira, 2 de Outubro de 1866, a Sra. Jane Lyon, a Queixosa, visitou-me e declarou que era a autora da carta antes mencionada e entrou em conversa comigo a respeito do meu livro intitulado "Incidentes na Minha Vida" (*Incidentes na minha Vida*), que disse ter lido com muito interesse; e disse também que andara a fazer indagações sobre mim. Disse-me que era crente desde a infância na ocorrência de tais fenómenos como os que ali são mencionados, embora não os conhecesse pelo nome de Espiritualismo.

Disse também que era uma médium muito mais maravilhosa do que eu. Pareceu-me, no entanto, deter-se muito menos no Espiritualismo do que no facto de eu conhecer "aquela gente importante" (*them high folks*), como ela designou as personagens reais e aristocráticas mencionadas no meu livro, e perguntou-me se ainda eram meus amigos; ao que respondi que, não tendo feito nada para perder a sua estima, acreditava que sim. Manifestou a sua descrença na Bíblia, pelo que expressei o meu pesar e disse-lhe (como é facto) que existem muitíssimos cristãos de todas as denominações e também clérigos que são Espiritualistas.

De facto, para muitas milhares de pessoas, a Bíblia é o fundamento da sua crença no Espiritualismo; enquanto o Espiritualismo, por outro lado, fortalece a sua crença na Bíblia como oposição ao Materialismo prevalecente nos nossos dias. Pediu para ver as minhas salas privadas e olhou para vários quadros que eu ali tinha. Ficou muito impressionada com um grupo familiar da Grã-Duquesa Constantino da Rússia e a sua família e perguntou como chegara à minha posse. Disse-lhe, como era facto, que Sua Alteza Imperial mo oferecera quando estive pela última vez na Rússia, hospedado no palácio do Grão-Duque. Ela disse: "Ela deu-lho realmente pela sua própria mão?". Disse-lhe, como era facto, que tal fora o caso e não só isso, mas que Sua Alteza tivera até a gentileza de mandar vir de Varsóvia de propósito para tal.

A Queixosa pareceu muito espantada e disse: "Bem, o senhor é uma celebridade". Depois perguntou-me se eu alguma vez estivera hospedado no palácio do Imperador. Disse-lhe, como era facto, que sim. "Bem", disse ela, "o senhor é de facto uma celebridade e é apenas pena que seja pobre". Disse-lhe que era bom ser pobre e que nada me faltava, e também que estaria numa posição muito confortável assim que os meus assuntos na Rússia estivessem resolvidos. Ela disse: "Pode estar confortável mesmo antes disso". Disse-lhe que estava confortável mesmo agora e que não tinha nenhum desejo por satisfazer. Perguntou-me então sobre o meu círculo de amigos em Londres e se incluía muita "gente importante".

Disse-lhe, como era facto, que era excessivamente afortunado no meu círculo de amigos. Indagou então os termos da subscrição do Ateneu e disse-lhe que era

uma quantia elevada, a saber, cinco guineus. Não deu resposta, mas pediu-me para a visitar no dia seguinte para conversarmos sobre o assunto. Disse-lhe que não o poderia fazer antes de quinta-feira, dia 4 do corrente. Fiquei algo satisfeito com a sua bonomia simples e, como tinha ocasião de passar por Westbourne Terrace, que era perto de sua casa, pensei em satisfazer a minha curiosidade indo vê-la a casa dela. Perguntou se poderia visitar-me novamente no intervalo, mas disse-lhe que seria melhor esperar até à hora fixada.

Ao partir, disse ela: "Bem, eu esperava encontrar o senhor orgulhoso e enfatuado por conhecer tanta gente importante, mas gosto muito do senhor e espero que o senhor goste de mim. Penso ir a Paris no próximo ano para a Exposição; gostaria de ir comigo?". Ri-me e disse "Sim". Ela disse: "Espero que nos vejamos com muita frequência". Disse que tinha um pedido a fazer, a saber, que lhe desse o meu retrato, dizendo que o estimaria muitíssimo. Dei-lhe um e assim terminou a minha primeira entrevista com ela. Ela era uma perfeita desconhecida para mim, nunca tendo ouvido falar dela exceto pela sua referida carta; e pelo seu vestuário e maneira de ser, e pelo aparente gosto que tinha pelas minhas ligações aristocráticas, pensei que pudesse ser uma governanta de bom coração, mas nunca me passou pela cabeça que pudesse ser rica. Nenhuma alusão foi feita ao seu falecido marido Charles Lyon e nenhumas manifestações espirituais ocorreram. A Queixosa não ofereceu, como agora diz, pagar £10 nem qualquer outra quantia ao Ateneu.

5. Na quinta-feira, 4 de Outubro de 1866, visitei a Queixosa conforme solicitado por ela e encontrei-a a viver em aposentos medíocres por cima de uma papelaria. Fez-me muitas perguntas sobre mim e disse-me que se admirava por eu aceitar um salário como secretário do Ateneu, sendo uma tal celebridade que deveria ser rico e que o seria; e com estas palavras entregou-me um cheque de £30, o qual recusei imediatamente. Ela disse então: "Oh, isto não é nada para mim, sou muito rica; poderia viver com grande pompa, mas prefiro viver como vivo. Gosto do senhor e serei sua amiga". Disse-lhe que não tinha por hábito aceitar presentes de ninguém. Vendo que eu não aceitaria o seu dinheiro, disse-me que era para a sociedade da qual eu era secretário e não para mim próprio.

Questionou-me então novamente sobre a minha vida passada e indagou se, caso eu voltasse a casar, a minha esposa seria recebida pela gente importante que eu conhecia. Disse-lhe que não tinha a menor intenção de voltar a casar e que certamente não casaria com ninguém que não pudesse apresentar aos meus amigos. Perguntou-me então o que eu diria a ser adotado por ela própria, pois andava a pensar há algum tempo em adotar um filho que pudesse cuidar dela. Acrescentou: "Estabelecerei uma fortuna muito generosa para o senhor.

Alugaremos uma casa e o seu filho (cujo nome fora mencionado) viverá connosco e terá o seu tutor. Isto será um divertimento para mim. O senhor terá uma casa elegante para entreter os seus amigos e viajaremos juntos para o

estrangeiro quando quisermos". Ri-me do plano como um mero romance e perguntei o que diriam os seus parentes. Ela disse: "Agora vou contar-lhe um pouco da minha história e verá como sou livre e independente". E então contou-me, como é facto, que era a filha ilegítima de um comerciante em Newcastle que mais tarde se tornou agricultor. Que não podia ter relações legais e que não conhecia ninguém da família de seu pai. Que o seu falecido marido era de boa família e que a família dele sempre se manteve afastada dela e do marido, e que houve outras razões pelas quais ela e o marido ganharam aversão a eles; e que ele transferiu todos os seus bens, que eram muito consideráveis, para ela antes de morrer, de modo que o inventário do seu Testamento custou apenas £50 e que nenhum dos seus parentes foi mencionado no seu Testamento.

Continuou dizendo que, antes da morte do seu falecido marido, ele lhe dissera que uma mudança ocorreria com ela em sete anos e que ela pensara que significava a sua morte, mas que agora pensava que o evento a ocorrer era que ela deveria encontrar-me e adotar-me. Disse-lhe que, nesse caso, eu teria não só uma mãe adotiva, mas que chamaria ao marido dela o meu pai adotivo espiritual, visto que ele vaticinara tal coisa. Disse isto num tom brincalhão, tanto que a Queixosa pareceu descontente e disse que eu parecia levar tudo como uma brincadeira. Disse-lhe que certamente levava, e não uma brincadeira muito boa, pois não conseguia conceber como alguém poderia falar assim a um homem que lhe era um perfeito desconhecido. E

la disse então que não terminara a sua história e que vivera uma vida tão isolada desde a morte do marido e que, durante os cinco anos que estivera em Londres, a família do marido lhe mostrara tão pouca atenção que, no Inverno anterior, estivera em Yarmouth e alguns deles viviam não muito longe dali, mas ela não vira nenhum deles e não desejava ver nenhum deles. Os homens, disse ela, são pastores (*parsons*) e o meu marido costumava chamar-lhes casacos pretos (*black coats*) e, quando recebia cartas deles, particularmente do seu sobrinho Charles, que escreve com muitos floreios, ele costumava atirar a carta para longe de si e dizer que era o suficiente para fazer alguém odiar o seu próprio nome.

"Agora", acrescentou ela, "vivi cinco anos em Londres numa pensão, não nesta, e apenas conheço uma velha que vende rebuçados e com quem eu costumava sentar-me a conversar muito, e uma dona de pensão, uma Sra. Pepper, que é das más, e uma Sra. Sims, que acabei de conhecer como fotógrafa e que tem sido uma fonte de grande conforto para mim, pois tenho tentado viver com uma sobrinha do meu marido mas não consegui, e o meu conforto tem sido sair e ter uma conversa com a Sra. Sims. Agora o senhor apresentar-me-á aos seus amigos e duas pessoas serão feitas felizes: uma serei eu, a outra o senhor".

Atravessou-me a dúvida sobre se ela estaria sóbria e no seu perfeito juízo. Disse-lhe: "Ora, eu posso ser um patife ou um impostor por tudo o que a senhora sabe". "Oh, claro que não", disse ela, "o senhor é um homem público e, se tivesse feito algo de errado, o público estaria demasiado contente por se

aproveitar disso e expô-lo". As suas razões eram tão diretas ao ponto e a sua maneira de ser tão séria e afetuosa que pensei que ela deveria estar no seu perfeito juízo e que calculara bem o passo que me estava a instar a tomar; mas disse-lhe que tudo fora feito apressadamente demais. Disse: "Receio que me procure pelo dom estranho que possuo e, como esse não está sob o meu controlo, eu poderia perdê-lo".

Ela disse: "Alguma vez aludi a isso? É verdade que isso atrairá pessoas para junto de si e é isso que eu quero. Escolho sempre os meus aposentos num local onde haja bulício e confusão, pois gosto disso; assim, gostarei de ver os seus amigos e nada irritará mais a família do meu marido do que ver-me entre gente importante. Jurei sempre que me vingaria deles um dia e agora vou fazê-lo". Disse-lhe que não era essa a forma como eu gostava de encarar o procedimento, pois desejava não fazer mal a ninguém nem colocar-me no caminho de ninguém. Ela disse: "Oh, contarei uma tal história àquela Sra. Fellows sobre tudo isto, que lhe permitirei mil libras por ano; será um divertimento".

Disse-lhe novamente que não podia gostar de tal ideia; que chegara até aqui na vida e ninguém poderia dizer nada contra mim ou que eu alguma vez tentara prejudicar alguém. Levantou-se e deitou-me os braços ao pescoço e beijou-me dizendo: "será exatamente como quiseres, querido". Pensei de facto que isto era um pouco violento, mas a sua idade e a conversa que tínhamos acabado de ter pareciam ser uma justificação para a sua conduta. Solicitou-me que, por enquanto, nada dissesse sobre ela aos meus amigos além de que dera £30 ao Ateneu.

6. Não houve quaisquer manifestações espirituais nesta entrevista. Escrevi a vários dos meus amigos na altura dizendo que uma senhora dera trinta libras ao Ateneu simplesmente por ter lido a minha obra. Determinei não a ver por um dia ou dois a sós, para que ela pudesse, nesse intervalo, indagar sobre mim, caso a sua intenção fosse realmente fazer o que dissera; por esta razão, não voltei a vê-la até 7 de Outubro de 1866.

7. Durante esta entrevista de 4 de Outubro, a Queixosa disse que não fora por nada que era filha de um comerciante, pois isso fizera dela uma "excelente mulher de negócios"; e que gostava de ter tudo bem e legalmente feito e desejava que eu consultasse um advogado para saber se, ou não, ser adotado por ela e tomar o seu nome me dava um direito legal como herdeiro da sua propriedade e "como o serviço deveria ser feito".

8. Pelas suas declarações para mim, acredito que a Queixosa é viúva e que não tem filhos. Variou na menção da sua idade para mim, dizendo umas vezes que tinha cinquenta e dois anos, outras vezes idades diferentes, de modo que não posso responder ao seu Interrogatório quanto à sua idade mais do que dizer que ela é extremamente robusta e vigorosa, tanto de corpo como de

espírito, e tem o hábito de se gabar de que nunca esteve acamada por doença. Acredito que, excluindo as suas dádivas para mim, o seu rendimento é de cerca de £5.000 por ano, proveniente de fundos consolidados e garantias hipotecárias.

Disse-me, mas não tenho conhecimento independente sobre o assunto, que originalmente possuía alguns bens próprios. Também me disse, e acredito e acuso ser facto, que a sua influência sobre o seu marido, o falecido Charles Lyon, era tão grande que ela o convenceu a transferir o grosso da sua propriedade periodicamente para ela durante a vida dele e que ele lhe legou o resíduo, que era de montante insignificante, pelo seu Testamento. Durante o período da minha intimidade com a Queixosa, ela disse-me que costumava discutir com o seu falecido marido às vezes; contudo, penso que ela lhe era ligada, embora não possa dizer se grandemente ligada a ele. Pelas suas declarações para mim, acredito que ele lhe era grandemente ligado e completamente sob o seu poder e controlo.

9. Salvo conforme anteriormente mencionado, não posso expor quanto à minha crença ou de outra forma se ela ouvira dizer que poderia ser colocada em comunicação com o espírito dele através da agência de um médium espiritual ou de que outra forma. Sob as circunstâncias anteriormente descritas e não de outra forma, ela procurou e obteve uma entrevista comigo a 2 e não a 3 de Outubro de 1866 na Sloane-street mencionada na referida Petição, e ela viu-me de facto a 2 e não a 3 de Outubro de 1866 na Sloane-street e não noutro local; e nego que a tenha, por qualquer meio que seja, induzido a acreditar, nem, tanto quanto é do meu conhecimento e crença, ela acreditou que uma manifestação do espírito do seu falecido marido tivesse ocorrido ou estivesse a ocorrer, visto que nada do género sucedeu, fosse através da minha instrumentalidade ou de qualquer outra forma.

E em resposta ao posterior Interrogatório da Queixosa, nego que tenha nessa ocasião induzido a Queixosa a acreditar, nem, tanto quanto é do meu conhecimento e crença, ela acreditou que o espírito do seu falecido marido estivesse em comunicação com ela, nem que certas expressões de carinho ou quaisquer outras expressões da parte do espírito, das quais não houve de facto nenhumas, fossem transmitidas através da minha mediação para ela; e provo o contrário da maneira anteriormente exposta. A Queixosa não ficou muito ou, de facto, nada gratificada por tal, porque nada do género aconteceu; mas ela solicitou-me, sob as circunstâncias anteriormente declaradas e não de outra forma, que a visitasse no dia seguinte, mas não prometeu dar-me £10 ou qualquer outra quantia.

Sob as circunstâncias anteriormente declaradas e não de outra forma, visitei de facto a Queixosa nos seus aposentos em Westbourne-place, mas não nos seus aposentos atuais mencionados na referida Petição, a 4 de Outubro de 1866 e não no dia seguinte ao dia anterior; e nego que a tenha induzido novamente ou de todo a acreditar, ou que ela tenha acreditado ou pudesse acreditar que o espírito

do seu falecido marido se manifestasse a ela através da minha instrumentalidade, ou que ela tenha consequentemente, embora admita que o tenha feito sob as circunstâncias anteriormente declaradas e não de outra forma, ter-me dado de facto a soma de £30.

No dia 7 de Outubro de 1866 fui visitar a Autora e ela recebeu-me com grande calor e afeição e disse que tinha agora decidido adotar-me e perguntou-me se eu já tinha consultado um advogado a esse respeito. Respondi que não e que não me agradava que ela agisse de modo tão precipitado numa questão de tamanha importância. Disse-me que tinha resolvido pagar para a minha conta £24.000 no dia 11 do mês, que inicialmente tinha tencionado que a quantia fosse de £30.000, mas que agora tinha decidido que eu deveria receber apenas £700 por ano para começar, para ver como nos daríamos juntos, e que, se verificasse que eu era tudo o que esperava que eu fosse, me daria muito mais posteriormente.

Disse-me também que tinha acompanhado com grande interesse o julgamento que estava a decorrer relativo ao Bispo Colenso e que tinha sido sua intenção, caso ele tivesse sido privado do seu rendimento, dar-lhe uma fortuna, acrescentando: "É uma sorte para si que eu não o tenha feito." Disse-me que o seu rendimento era superior a cinco mil por ano e que o seu marido não via nenhum dos membros da sua família e que ela não sentia por todos eles senão repugnância, com exceção da Sra. Clutterbuck, que era rica. Senti-me como alguém num sonho perante esta estranha conversa, na qual não conseguia acreditar, e, levantando-me do lugar onde estava sentado, sentei-me ao piano.

A Autora soltou uma exclamação de surpresa e disse: "Vire novamente o rosto de perfil para que eu possa ver o seu perfil." Assim o fiz, e a Autora veio até onde eu estava sentado e disse: "Ora, eu tenho-o visto em visões durante muitos anos, e a única diferença era que o seu cabelo era mais claro, mais de um amarelo dourado do que é agora, há muitos, muitos anos, mesmo antes de o senhor poder ter nascido." Prosseguiu dizendo: "Até o meu pai, antes de morrer, me disse que eu adotaria um filho, e eu não terei ninguém senão a si, e quer queira quer não queira eu estabelecer-lhe-ei uma fortuna e o senhor será obrigado a aceitá-la." Disse-lhe que era cruel falar assim a um homem que era pobre, e ela respondeu: "É o único meio que tenho de o ligar a mim. Estou sozinha; não tenho nem posso ter parentes. Tive uma fortuna própria de £30.000, portanto posso certamente fazer com ela o que me aprouver. Os parentes do meu marido olham-me com desprezo porque sou filha natural de um comerciante de Newcastle. Tanto pior para eles, pois hei de provar-lhes que posso, se me aprouver, sentar-me e atirar o meu dinheiro, libra após libra, pela janela, e eles, e de facto ninguém, têm o direito de interferir.

O senhor é um cavalheiro e tem amigos na melhor sociedade. Hei de mostrar-lhes a todos que posso ser recebida tão bem como eles quando me apetecer, pois sairei consigo e os seus amigos virão visitar-nos e a minha velhice

tornar-se-á uma alegria em vez de um fardo." Eu disse: "Bem, prometo-lhe que a amarei como a uma mãe e até lhe chamarei mãe, se quiser, pois há muitas senhoras idosas a quem me dirijo e a quem escrevo tratando-as por mãe." Ela respondeu de modo muito apressado: "Obrigada, mas quanto menos desse tipo de amor, melhor. Eu amarei o seu filho com amor de mãe; ele será o nosso querido."

Perguntou-me se eu não gostaria que ela conhecesse alguns dos meus amigos ou mesmo um jurista para conversar sobre o assunto com eles, e eu disse-lhe que gostaria. Ela disse: "Muito bem, irei consigo amanhã visitar quem quiser, ou poderá vir aqui com quem quiser." Respondi-lhe que, naquele momento, não pensava em ninguém, mas que havia tempo de sobra. Fez uma observação singular que me impressionou mesmo naquele momento, pois disse: "Tenho tendência para mudar de ideias, por isso é melhor aproveitar-me enquanto pode."

Disse-lhe que não tinha desejo de a aproveitar e que precisamente aquilo que eu receava era que, tendo-me elevado tão subitamente sem motivo, ela me rebaixasse da mesma forma. Ela limitou-se a responder: "Oh, não, nunca me cansarei de si." Nesse momento ela estava de pé perto de mim, e foi sentar-se dizendo: "Sempre fiz a minha vontade e, a menos que prometa fazer o que eu desejar, apenas me fará desgostar de si." Pareceu pensar por um momento e depois disse: "Agora já sei o que farei. Darei uma fortuna ao seu filho e farei com que ele adote o meu nome. Tomarei uma casa e arranjarei um tutor para ele; de facto, adotá-lo-ei, e então terá de o ver, e não ousaria recusar nada para o bem dele." Perguntou-me então o dia do mês, e eu disse-lhe que era dia 7. Foi a uma caixa de lata e trouxe o seu livro de cheques e, folheando-o, chegou a uma folha em branco na qual estava escrito "Mrs. J. Fellowes" e, tanto quanto me lembro, £5, mas por baixo estava escrito "the last to her for ever".

Enquanto eu olhava para aquilo, ela beijou-me na testa e disse: "Agora o primeiro para si da sua mãe adotiva, que hoje é uma mulher feliz." Disse: "Perguntei o dia do mês porque uma data de domingo não é legal." Escreveu então um cheque e entregou-mo, e, ao olhar para ele, verifiquei que era de £50. Quando viu o meu espanto, veio e beijou-me na testa e disse: "Isso é apenas uma gota no oceano." Coloquei o cheque sobre a mesa e disse-lhe que tinha de o recusar, pois, embora fosse pobre, também era orgulhoso e sempre tinha recusado aceitar dinheiro dessa forma.

Disse-lhe que era sensível (como de facto sou) ao facto de que, embora as pessoas desejassem pagar-me pelo estranho dom que possuía, eu sentia que não tinha o direito de obter dinheiro de tal fonte. Ela disse: "Ora, seu tolo, eu nada vi do seu estranho dom, como lhe chama, e, embora tenha sido por o senhor ser célebre por isso que ouvi falar de si pela primeira vez, agora que o conheço amo-o por si próprio e não me importaria se nunca mais lhe acontecesse nada de singular." Em seguida pegou no cheque e dobrou-o com o lado impresso para

fora, dizendo ao fazê-lo: “Deve sempre dobrar notas e cheques com o lado impresso para fora, caso contrário pode deitá-los fora como papel inútil.” Peguei no cheque e coloquei-o no bolso. Até esse momento não tinham ocorrido fenómenos conhecidos como manifestações espirituais em qualquer encontro entre a Autora e eu, mas, quando me levantei para sair, ouviram-se sons conhecidos como pancadas.

Foi feito um apelo ao alfabeto e a seguinte frase, ou palavras muito semelhantes, foi soletrada: “Não diga, minha querida Jane, ai de mim, a luz de outros dias para sempre se extinguiu; a luz está consigo; Charles vive e ama-a.” Se estes sons foram produzidos pela Autora, que pretende ser médium, não posso dizer, mas juro solenemente que não foram produzidos por mim. Eu não estava perto da mesa quando ocorreram. Apenas a Autora estava sentada perto da mesa. Ela levantou-se do seu lugar com a maior tranquilidade e foi para o seu quarto, e ouvi-a destrancar uma caixa, e então trouxe e mostrou-me um desenho a aguarela de uma casa muito mal executado, e no verso da imagem estava escrito, pela mão da Autora: “Alas the light of other days for ever fled”, ou palavras precisamente semelhantes, e por baixo “Binchester”.

Disse então que este era um lugar muito favorito do seu marido, mas que, devido a dificuldades familiares que explicou, tinha sido vendido por ordem da Chancelaria, e disse-me também que tinha dito ao seu marido, antes de ser vendido, que tinha visto numa visão que seria vendido. Disse-me ainda que fora na biblioteca dessa mesma casa que ela me tinha visto pela primeira vez em visão. Fiquei muito surpreendido com a perfeita calma da Autora. Juro solenemente que não procurei influenciá-la de modo algum, exceto apenas contra o seu próprio impulso e desejo de me impor uma posição de riqueza; também que não a induzi a acreditar que estava a comunicar com o espírito do seu marido.

Eu não sabia, nem poderia ter tido meios de saber, o nome da sua antiga propriedade de Binchester nem as palavras que a Autora tinha escrito no quadro, pois ela não me tinha mencionado Binchester nem o quadro antes disso. Eu não tinha feito quaisquer perguntas acerca de quem ela era e, como ela me disse na quinta-feira que apenas tinha intimidade com a esposa de um fotógrafo, com uma velha que vende doces mistos em Knightsbridge e com uma dona de uma casa de hóspedes, e como estas pessoas não pertenciam ao meu círculo de conhecimentos, não as procurei nem as vi.

Não induzi a Autora a acreditar, mas então e repetidamente depois disse-lhe que a identidade de todas as comunicações espirituais era extremamente incerta e que devemos sempre usar a nossa própria razão ao julgá-las. Não fui interrogado acerca das manifestações acima referidas que relatei, mas menciono-as porque não tenho qualquer desejo de ocultar a verdade.

Não houve outras manifestações neste encontro além das acima indicadas. As declarações da Autora contidas nos 2.º, 3.º e 4.º parágrafos da sua declaração juramentada apresentada neste processo em 27 de Junho de 1867, relativas aos acontecimentos que aí se alegam ter ocorrido, são falsas, e acredito e afirmo que o livro a que ela se refere, como se nele tivesse escrito o que ocorreu pouco depois dos acontecimentos, não foi iniciado senão muito mais tarde e depois de se ter voltado contra mim, como adiante se menciona, e de ter planeado anular as dádivas que me fez.

Nego que a Autora, no dia mencionado no Interrogatório da Autora como sendo o dia seguinte, ou em qualquer outro dia, sob a crença de que o espírito do seu falecido marido tivesse novamente, ou de todo, por minha intervenção, sido posto em comunicação com ela, mas afirmo que, por razão totalmente diferente, anteriormente mencionada, me deu a quantia adicional de £50.

Nego que eu, pelos meios mencionados na referida petição ou por quaisquer outros meios, tenha adquirido grande ou qualquer ascendência sobre a mente da Autora, e não a induzi, pelo exercício do que a Autora agora chama os meus alegados poderes espirituais, nem de facto a levei a acreditar que aquilo que eu representava como comunicações do espírito do seu falecido marido para ela eram comunicações reais, pois nunca representei nada de semelhante. E demonstrarei o contrário provando, através de testemunho independente, que a acusação de que exerci influência indevida ou, de facto, qualquer influência sobre ela é totalmente falsa.

Provarei que fui eu quem foi a vítima e o sofredor; que, sob a influência da gratidão pela sua generosidade não solicitada para comigo e pelos seus muitos atos de verdadeira e sincera bondade, suportei muito do que senti ser humilhante e degradante; que fiz muitos esforços para devolver as suas dádivas e romper a ligação entre nós, mas que, enfraquecido como estava por ataques graves e extenuantes de doença, não tive energia para me libertar do domínio exercido sobre mim pela sua forte vontade e pelas suas afetuosas expressões de arrependimento, bem como pela posição em que fui colocado pela publicidade que foi dada à minha mudança de fortuna.

Voltei a visitar a Autora na segunda-feira, 8 de Outubro de 1866, um pouco depois das onze da manhã, e, colocando o cheque de £50 sobre a mesa, disse que não podia nem queria aceitá-lo. A Autora desatou a chorar e disse que pensara que uma vida nova e alegre se abria para ela, pois não tinha amigos, e que era cruel da minha parte tratá-la assim, porque tinha estado a fazer tantos planos para o nosso futuro e, como a minha saúde era delicada, desejava não ter vendido uma casa de campo que outrora possuíra perto do mar, chamada Sea View, mas que o tinha feito e agora compraria para mim um lugar junto ao mar para onde poderíamos ir juntos.

Disse então que não só estava decidida a adotar-me e a fazer-me tomar o seu nome, mas que isso seria feito de modo tão seguro que nada poderia desfazê-lo, e que faria um novo testamento e que, se por acaso viesse a morrer subitamente, eu teria a sua fortuna sob a condição de tomar o seu nome, pois não tinha o hábito de ser influenciada por ninguém, mas fazia o que lhe agradava, e era por isso que não vivia nem viveria com a Sra. Fellowes. Voltou a entrar em pormenores acerca de toda a família, os quais seriam prejudiciais para eles, pelo que os omito. Pediu-me que fosse eu próprio ao banco levantar o cheque e disse que estaria nos meus aposentos às duas horas em ponto. Não houve quaisquer manifestações espirituais neste encontro, nem foi feita qualquer menção ao espiritismo.

Eu não quis ir sozinho ao banco, mas pedi ao meu amigo Sr. Rudall que me acompanhasse. Disse-lhe que a mesma senhora que tinha dado as £30 à Sociedade me tinha agora dado £50 a mim pessoalmente e que, como ela vivia em alojamentos tão pobres e se vestia tão miseravelmente, eu pensava que devia haver algo de errado nisso e que talvez tudo não passasse de um mito e que os banqueiros se ririam de mim. Não me teria surpreendido minimamente se me tivessem dito que não conheciam tal pessoa. Contudo, descontaram o cheque.

A Autora aguardava o meu regresso na loja situada por baixo dos meus aposentos, e foi primeiro ao meu quarto e olhou em volta. Mostrei-lhe um serviço de prata que tinha pertencido à minha falecida esposa, e ela disse que não gostava da forma dos garfos e que eu faria melhor em vendê-los e colocar todo o meu dinheiro em fundos, onde em breve teria bastante, além disso. Disse-lhe que eram preciosos para mim como recordação. Ela voltou a repetir a sua firme intenção de me adotar, e nem os espíritos nem o espiritismo foram mencionados.

Disse que não poderia amar-me mais se tivesse sido minha mãe e que me adotaria. “Não, não”, disse ela, “viveremos juntos e teremos uma boa casa; faremos o dinheiro voar e nada irritará mais a família do meu marido. Não há ninguém de quem eu goste senão da Sra. Clutterbuck, e ela é velha e doente, além de rica. Não, desfrutarei dos dias que me restam de vida.” Disse-lhe que, sendo eu um homem conhecido, isso seria muito comentado. “Tanto melhor”, disse ela, “todos os seus amigos poderão vir visitá-lo e poderá recebê-los.”

Disse-lhe que primeiro tinha de ver alguns dos meus amigos, como ela própria tinha sugerido, para falar do assunto com eles, e pedi-lhe que não viesse ver-me no dia seguinte e que, da minha parte, também não a visitaria, para que pudesse refletir seriamente sobre o assunto. Perguntou-me novamente qual dos meus amigos, “um homem inteligente de negócios”, poderia vê-la para que ela pudesse discutir o assunto com ele, pois acrescentou: “Não conheço ninguém em Londres.” Disse-lhe que a única pessoa cujo nome me ocorria naquele momento era o meu velho amigo Sr. S. C. Hall, que é um autor de distinção, e disse-lhe

que ele certamente me visitaria no dia seguinte e que eu lhe pediria que a fosse ver.

Não foi soletrado, como a Autora agora afirma, pelos espíritos, que o Sr. S. C. Hall deveria ir visitá-la, mas a Autora escreveu, ou fez-me escrever, o nome dele para que ela se lembrasse dele quando ele viesse e tivesse a certeza de o ver. Posteriormente, num período muito mais tardio, quando, como agora acredito, ela estava decidida a criar um processo contra mim, fez-me escrever o nome dele num livro, tanto quanto posso recordar, como se tivesse surgido numa comunicação espiritual, pois ela frequentemente ditava as suas pretensas revelações para que eu as escrevesse, e eu assim fazia a seu pedido e sob a influência e controlo que tinha adquirido sobre mim pela sua generosa bondade.

Não foi soletrado, como a Autora agora afirma, nesta ocasião nem em qualquer outra, que a Autora deveria adotar-me.

Já era tarde e eu tinha de ir jantar fora. Disse-lhe novamente que não nos devíamos ver no dia seguinte e que pediria ao Sr. Hall que a fosse ver. Ela disse: "Vejo que usa um anel muito bonito. Foi um presente de alguma pessoa importante?" Disse-lhe, como era verdade, que Sua Majestade o Imperador da Rússia mo tinha oferecido por ocasião do meu casamento. "Ah, sim", disse ela, "li isso no seu livro, e ele deu-lhe outra jóia quando o seu filho nasceu." Disse-lhe que essa tinha sido para a minha esposa, e ela perguntou-me se eu ainda a tinha, ao que respondi que sim.

Trouxe então a minha pequena caixa de jóias e mostrei-lhe o broche, que é de grande beleza, sendo uma grande esmeralda rodeada por dezasseis grandes diamantes. Mostrei-lhe também um belo e grande diamante montado num anel e disse-lhe que esse ela não tinha lido, visto que o Imperador mo tinha oferecido na minha última visita a ele, quando graciosamente consentira em tornar-se padrinho do meu filho, sendo a minha esposa afilhada de Sua falecida Majestade o Imperador Nicolau, e que eu não o considerava meu, mas antes do rapaz, vindo do seu padrinho.

Ela disse: "Agora, como sou a sua mãe, tomarei conta destas coisas por si", e assim levou consigo, nesta que era apenas a quarta vez que eu a via na minha vida, estas duas jóias avaliadas em várias centenas de libras, e neste momento ela ainda as possui. E em Novembro levou três pulseiras muito valiosas e todos os ricos e valiosos xailes indianos e de renda, e outras rendas e peças de roupa interior pertencentes à minha falecida esposa, e ainda os conserva na sua posse. Tem usado e exibido repetidamente estes adornos na sociedade dos meus amigos, a quem eu a apresentei, e de outras pessoas.

Sustento que ela deveria pelo menos oferecer-se para os devolver, visto que, na realidade, pertencem ao meu filho, quando comparece perante um

Tribunal de Equidade para exigir a restituição das suas dádivas a mim. Disse, antes de partir, que, embora eu tivesse presentes de cabeças coroadas, verificaria que uma velha senhora era a melhor amiga, pois dar-me-ia um presente que me deixaria tranquilo para o resto da vida, e que eu poderia "estalar os dedos" ao meu processo judicial russo, pois já não precisaria dele. Pediu-me também que tratasse imediatamente do que fosse necessário para mudar legalmente o meu nome e que este passaria a ser Daniel Dunglass Home Lyon, pois era o que ela preferia.

Os pormenores de todas estas circunstâncias estão gravados na minha memória devido à sua singularidade e por eu ter tido de os repetir tantas vezes aos meus amigos, tanto na presença como na ausência da Autora; e em muitas ocasiões em que ela estava presente, assentia sempre e acrescentava ela própria pequenos pormenores que eu tinha omitido para completar a narrativa.

Em resposta ao Interrogatório da Autora, nego que, nessa reunião ou em qualquer outra reunião com a Autora, eu tenha alegado ou representado a ela, ou a tenha levado a acreditar, que o espírito do seu falecido marido exigia que ela me adotasse como seu filho ou que me colocasse numa posição de independência adequada à minha posição e estatuto na vida como seu filho adotivo. O meu estatuto e posição na vida eram infinitamente superiores aos dela na altura, pois ela não tinha mantido o estatuto e a posição a que a posição do seu marido e a sua riqueza poderiam tê-la habilitado. Fui eu quem lhe deu estatuto e posição, de que ela estava totalmente desprovida.

Ela deu-me riqueza e não me deixou liberdade no seu uso. Antes de a conhecer eu podia e de facto dava muito mais a objetos de caridade do que ela posteriormente me permitiu fazer. E, salvo como acima referido, não fiz qualquer alegação à Autora nessa ocasião, nem nessa altura nem em qualquer outra aleguei ou representei à Autora, nem a induzi a acreditar, nem, tanto quanto é do meu conhecimento e crença, ela acreditou, que o espírito do seu falecido marido desejava que o Sr. Hall (nomeado na referida petição) fosse chamado; nem fiz qualquer outra alegação ou representação à Autora respeitante ao referido Sr. Hall além do que acima foi mencionado.

No dia seguinte, terça-feira, 9 de Outubro de 1866, o referido Sr. S. C. Hall veio visitar-me e relatei-lhe o simples esboço do caso, dizendo que se tratava de uma senhora idosa sem filhos nem parentes que tinha tomado afeição por mim e desejava adotar-me como seu filho. O Sr. Hall recusou da forma mais decidida aproximar-se dela e disse: "Ou você está louco e a contar-me uma falsidade, ou ela é, uma das duas, e eu de modo algum permitirei que o meu nome se misture neste assunto." Recordei-lhe que ele me conhecia há alguns anos e que tinha conhecido a minha esposa, e censurei-o por falta de espírito de amizade ao recusar-se assim a ver alguém que desejava ajudar-me, e, após quase uma hora de persuasão, ele disse: "Como ela quer tornar-se membro do Athenæum, escreva-me uma carta de apresentação e eu irei falar com ela sobre

esse assunto; mas, a menos que seja ela própria a abordar esta adoção, eu não a mencionarei."

Esteve ausente mais de uma hora e regressou muito agitado. Disse: "Ora, é a coisa mais extraordinária que alguma vez ouvi. Ela diz-me que vale várias centenas de milhares e perguntou-me quanto achava que deveria estabelecer imediatamente para si, com o poder de acrescentar mais tarde, mas não de retirar." Disse-lhe que duzentas ou trezentas libras por ano, se eu vivesse com ela, seriam suficientes, ao que ela respondeu: "Oh, isso não é suficiente." Disse também que ela não queria falar nem deixar que ele falasse de espiritismo, e trouxe de volta no bolso a carta de apresentação sem a ter apresentado. Ao verificar, pela conversa do Sr. Hall, que ele a considerava não só sã e no pleno uso das suas faculdades, mas também uma mulher de negócios muito perspicaz, que apresentava razões eficazes para o que tinha contemplado fazer, decidi aceitar o que ela me oferecia.

Não vi a Autora durante todo esse dia, mas como ela tinha dito ao Sr. Hall que desejava que ele me encontrasse no dia seguinte ao meio-dia, fui na quarta-feira, 10 de Outubro de 1866, às onze e meia da manhã, novamente pedir-lhe que pelo menos adiasse por algum tempo aquilo que desejava fazer. Disse-lhe, como era verdade e como ela sabia, que eu estava doente e que uma ou duas semanas de ausência me fariam bem. Ela disse: "Eu sei disso, e o senhor partirá assim que o negócio estiver concluído."

Disse então que me tinha escrito pela última vez com o nome de Home e que era uma carta muito importante, pois tinha decidido tão firmemente dar-me £700 por ano que nada a faria desistir, e a carta serviria para provar por que razão o fazia. "Pois", acrescentou ela, "sou uma excelente mulher de negócios e, tal como o meu testamento está agora, se algo me acontecesse antes de eu poder realizar uma escritura de doação, a família cairia certamente sobre si, e eu preferiria ver o dinheiro no fogo a vê-los com ele. Só lamento ter dado a arma do meu marido (o seu pai, como deverá chamá-lo), pois gostaria que a tivesse." O Sr. Hall chegou nesse momento, e ela foi imediatamente à sua caixa e trouxe um maço de recibos de títulos. O Sr. Hall, tanto quanto creio, não tocou em nenhum dos papéis.

A própria Autora escolheu os papéis com as quantias maiores, colocou um alfinete através deles e entregou-mos. Não foi soletrado, como ela agora afirma, que eu deveria ser seu filho adotivo ou qualquer coisa acerca da sua propriedade em fundos, ou que deveria entregar os recibos de títulos ao referido Sr. S. C. Hall, ou que ele deveria entregá-los a mim, ou qualquer outra coisa semelhante, tanto quanto é da minha lembrança e crença.

Nunca causei quaisquer manifestações ou comunicações espirituais à Autora. Quaisquer comunicações que em algum momento pareceram ocorrer foram causadas pela própria Autora, se foram causadas por alguém, e foram, a

seu pedido, escritas por mim num livro que relatava tudo o que ocorria entre nós, o qual era lido na presença da Autora, e nenhum papel ou papéis foram queimados por mim, como a Autora falsamente afirma. Não me recordo quais foram as aparentes comunicações, mas quando vir o livro que escrevi poderei facilmente verificar se foi alterado desde então e, se não tiver sido, poderei declarar com exatidão todas as circunstâncias que ocorreram. Este livro foi posteriormente lido ao Sr. Shorter na presença da Autora, e ela então confirmou que continha uma narrativa verdadeira e completa da adoção, como de facto acontecia. A Autora levou o livro consigo e guardou-o, e nunca mais o vi desde então, estando ainda na sua posse, a menos que o tenha destruído; não é o livro marcado "B" referido na sua referida declaração juramentada apresentada em 27 de Junho de 1867.

Quando a Autora disse, como disse nesta ocasião, que me daria £24.000, o Sr. Hall disse: "Minha boa senhora, tome tempo e pense bem nisto. Não aja tão precipitadamente." E eu juntei-me a ele em dizer o mesmo, mas ela limitou-se a dizer: "O que são £24.000 para mim em comparação com ter um filho que eu possa amar e que seja bondoso para comigo?" É falso o que a Autora afirma de que, nesta ocasião, uma caixa de rapé de ouro foi dada ao Sr. S. C. Hall. Ela deu-lha cerca de um mês depois, nomeadamente em Novembro de 1866. Vale cerca de £3 ou £4, e ela recentemente reclamou-a de volta. Deu-lhe também na mesma ocasião, isto é, em Novembro de 1866, um porta-lápis de prata, que o Sr. Hall devolveu por sua própria iniciativa quando ela exigiu a restituição da sua outra dádiva a ele. O Sr. Hall deu-lhe, de tempos a tempos, muitos livros valiosos que ela não considerou necessário ou apropriado devolver. O Sr. Hall não disse, nem poderia ter dito, como a Autora agora jura, que era tarde demais para ir ao banco, pois não passava então de uma hora.

A Autora quis saber o nome de um corretor de bolsa que pudesse vender por ela e disse que era habitual os seus próprios banqueiros tratarem de tais assuntos, mas que, "até o negócio estar concluído, não queria que eles soubessem". Deixei-a então e, tendo averiguado o nome da firma de corretores Fox, Taylor and Backhouse, em Tokenhouse-yard, regressei a casa da Sra. Lyon nesse mesmo dia com os seus nomes. Ela escreveu-lhes uma carta e pediu-me que eu próprio a levasse à City, alegando que, sendo a quantia elevada e não a conhecendo eles, poderiam pensar que se tratava de uma brincadeira.

Peguei na carta que ela tinha escrito aos corretores e disse-lhe: "Ainda não me conhece há dez dias, e esta não é a décima vez que me vê, e está a tornar-me um homem rico; por amor de Deus pense bem no que está a fazer." Ela agarrou-me nos braços e beijou-me, dizendo: "Isto é apenas uma gota no oceano." Não houve quaisquer manifestações e não se fez qualquer menção ao assunto do espiritismo nesta ocasião.

28. Levei a carta aos Senhores Fox, Taylor and Backhouse e, no mesmo dia, recebi pelo correio a seguinte carta, que deve necessariamente ter

sido escrita e enviada antes do encontro entre o Sr. Hall, eu próprio e a Autora nessa mesma manhã. Juro que eu não estava perto da Sra. Lyon quando foi escrita, nem sequer em casa, e que de modo algum a influenciei a escrevê-la, e, salvo a sua alusão à mesma nos termos acima referidos, nada sabia dela nem do seu conteúdo antes de a receber. Foi um ato livre da sua parte e apenas mais uma manifestação da habilidade negocial que sempre demonstrou ao longo de todo o seu procedimento para comigo.

"18, Westbourne Place, Hyde Park,
10 de Outubro de 1866.

Meu caro Sr. Home, tenho o desejo de o tornar independente do mundo e, dispondo de meios abundantes para esse fim, sem retirar nada às minhas próprias necessidades ou confortos, tenho a maior satisfação em apresentar-lhe agora, como uma dádiva inteiramente LIVRE da minha parte, a quantia de £24.000 e sou

Meu caro Senhor, muito verdadeira e respeitosamente sua,
JANE LYON."

Os sublinhados nesta e nas suas outras cartas aqui reproduzidas foram feitos por ela própria.

29. Ou na noite de 10, ou na manhã de 11 de Outubro, recebi outra carta da Autora, que começava: "Meu caro Daniel, quero que tome uma boa costeleta de carneiro ao pequeno-almoço antes de vir. Escrevo sabendo da sua timidez em vir para ser feito um homem rico", ou palavras com esse efeito, e assinada "Sua afetuosamente, Jane Lyon". A Autora, segundo creio, depois de ter começado a fabricar o seu caso contra mim, retirou esta última carta de entre os meus papéis, como adiante aparece. A outra carta acima reproduzida escapou-lhe por não se encontrar entre os meus outros papéis.

30. No dia seguinte, a saber, quinta-feira, 11 de Outubro de 1866, fui visitá-la a seu pedido e fomos para a City de carruagem. Não houve manifestações em casa antes de partirmos, nem na carruagem a caminho da City; a Autora sentou-se muito perto de mim, com as minhas mãos entre as suas, debaixo do seu xaile, durante todo o caminho até à City, e quando descíamos Holborn Hill voltou-se e disse: "Este, meu querido rapaz, é um dos dias felizes da minha vida, e nunca esperei voltar a ser tão feliz. O sentimento de que eu tinha dinheiro e um grupo de pessoas de quem nada me importava poderia pensar que eu tinha feito um testamento em seu favor e assim ficar à espera da minha morte sempre me atormentou, pois sei que todos falam de mim como 'a velha'. Nem sei quantos testamentos já fiz. Vejamos, num deles, apenas um mês ou pouco mais depois de o meu marido morrer, deixei tudo a uma das irmãs dele, e depois, noutros, fui distribuindo por vários. A filha daquela horrível Sra. Pepper estava num deles, e, quando eu estava a fazer outro testamento depois da morte dela, a Sra. Pepper teve o descaramento de pedir que eu incluísse o Joe, o

filho dela, porque era o irmão favorito da Louisa, mas eu disse-lhe que nada faria de semelhante."

A Autora fez, de facto, em diferentes alturas, pelo menos cinco testamentos de que me falou. Num deles disse-me que tinha beneficiado largamente a sua filha adoptiva Fanny Hemming. Fomos diretamente aos seus banqueiros, e não directamente aos corretores, como a Autora falsamente afirma, e deixei-a sozinha com eles enquanto ia buscar o corretor para a identificar. Fomos depois a Tokenhouse Yard, e a Autora começou a perguntar se o Backhouse da firma tinha alguma relação com Jonathan Backhouse de Darlington (devo mencionar que, no dia anterior, me tinha dito a mesma coisa e esperava que sim, pois então eles conheceriam o seu nome, uma vez que o Sr. Lyon tinha feito negócios com Jonathan Backhouse).

Tanto quanto me recordo, ela disse-lhes que me tinha adotado, e fez o mesmo ao Sr. Young no banco de Williams, Deacon and Company, em Birchin-lane, que confirmou a sua identidade. Fomos então ao Banco de Inglaterra e a venda foi efectuada. Não vi o cheque nem o dinheiro correspondente. Mas a Autora instruiu os corretores a aplicá-lo em New Three per Cent. Annuities, o que foi imediatamente feito, e os corretores compraram e venderam notas e os recibos dos títulos foram-lhe entregues, e ela levou-os consigo.

Ao regressarmos ao escritório em Tokenhouse Yard, quis pagar a conta do corretor e, não tendo consigo o seu livro de cheques, enviou-me ao banco para lhe comprar um. Assim fiz, deixando-a sozinha com os corretores, e fui informado por eles, e acredito, que então lhes contou verdadeiramente a história da sua adoção de mim.

31. Em resposta aos interrogatórios da Autora, digo que o referido Sr. Hall era e é meu amigo e, salvo e exceto no que acima verdadeiramente consta, nego que o referido Sr. Hall tenha sido por isso, ou de facto, mandado chamar, ou que tenha ocorrido nessa altura qualquer outro encontro entre ele, a Autora e eu, para além do acima mencionado. E nego que eu ou o referido Sr. Hall, ou qualquer de nós, em tal encontro ou em qualquer outro encontro, tenhamos alegado ou representado à Autora, ou a tenhamos levado a acreditar, ou, tanto quanto é do meu conhecimento e convicção, que ela acreditasse, que o espírito do seu falecido marido exigia que ela apresentasse os seus recibos de títulos, ou algum deles, ou que fosse ao Banco de Inglaterra, ou que transferisse títulos equivalentes em valor a £24.000 esterlinos, ou a qualquer outra quantia, para mim, ou que os vendesse e me desse o produto como provisão feita pela Autora para mim como seu filho adotivo.

32. Nego que qualquer alegação ou representação tenha então sido feita por mim e pelo referido Sr. Hall, ou por qualquer de nós, à Autora. E nego que a Autora, em consequência disso, ou de facto, na plena convicção e crença de que estava a cumprir os desejos do seu falecido marido comunicados a ela por

meu intermédio, ou, tanto quanto eu saiba, por qualquer outra razão que não a acima exposta, tenha ido por volta de 10 de Outubro de 1866, ou em qualquer outra ocasião, ao Banco de Inglaterra comigo ou com qualquer outra pessoa ou pessoas; e eu não sabia que ela tivesse assinado ali um livro, mas fui entretanto informado e acredito que lhe teria sido necessário fazê-lo e, por isso, presumo que o fez por ocasião da venda e compra acima mencionadas e nas circunstâncias acima expostas, e não de outro modo.

33. Admito que uma grande soma de Bank £3 per Cent. Consolidated Annuities pertencente à Autora e representando em valor £24.000 ou aproximadamente isso foi vendida, e não transferida, e, salvo e exceto que o produto dessa venda foi, como acima se disse, investido em meu benefício na compra de £3 per Cent. Reduced Annuities e que os papéis relativos à mesma foram entregues à Autora, nego que o produto de tal venda, ou de qualquer parte dela, no montante de £24.000 esterlinos ou qualquer outra soma, tenha sido recebido por mim, e provo o contrário do modo acima referido.

34. Nego que a totalidade ou qualquer parte da referida quantia de £24.000 tenha sido obtida por mim da Autora através da alegada ascendência ou poder que a Autora falsamente alega que eu tinha adquirido sobre a sua mente pelos meios mencionados na referida petição, e provo o contrário do modo que aqui consta.

35. Fui para Brighton por razões de saúde, como já tinha sido previamente combinado com a Autora, no dia seguinte, a saber, 12 de Outubro de 1866, e juro solenemente que, durante todo o dia em que fomos juntos na carruagem como acima referido, tanto antes como durante a conclusão da referida dádiva, não foi feita qualquer menção ao espiritismo ou a qualquer assunto com ele relacionado, salvo no escritório dos referidos corretores, quando a Autora me mencionou como sendo o célebre Sr. Home, mas que eu passaria agora a tomar o seu nome. Escrevi à Autora de Brighton e pedi-lhe que desfizesse o que tinha feito. Ela disse que só me escreveria como Daniel Dunglass Home Lyon e que, fazendo-o, as pessoas veriam que o célebre Daniel Dunglass Home era agora, na realidade, um Lyon.

36. Passou entre nós abundante correspondência durante a minha ausência, pois eu escrevia-lhe todos os dias. Não conservei cópias das minhas cartas para ela, e vi-as na sua posse no mês de Março de 1867, e ela ainda as tem, a menos que as tenha destruído. Eram afetuosas e agradecidas, e eu disse-lhe (falando em termos relativos) que tudo o que eu tinha no mundo lhe pertencia e que ela podia retomar o que me tinha dado, e agradeci a Deus e a todos os bons anjos por me terem enviado uma mãe tão bondosa. Houve muito pouca menção, por parte de qualquer de nós, ao espiritismo, e quase nenhuma alusão ao seu falecido marido. Todas as suas cartas para mim são dirigidas a "D. D. Home Lyon Esq."

37. Em 13 de Outubro de 1866, escreveu-me e enviou-me a seguinte carta, dirigida a Brighton:

"18 Westbourne Place, Hyde Park,
13 de Outubro de 1866

Meu querido Filho, — Acabo de receber esta manhã uma carta sua de Brighton. Gosto do G. Hotel, embora nunca lá tenha ficado hospedada, mas mostraram-mo todo. Não sei se é o mesmo gerente; ele tinha marcas de varíola, mas foi muito atencioso comigo e um perfeito cavalheiro; também a inspetora, uma senhora, Miss Jessie Thomas; ela subiu comigo no elevador e mostrou-me os quartos e os banhos; creio que já saiu de lá; eram eles os gerentes há 2 anos; eu estava então em casa de Gladding, o ourives, em King's Road; em Yarmouth, no ano passado, passei vários meses em Kimberley Terrace, Esplanade; agora, meu filho, tenho primeiro de começar a zangar-me consigo: como pôde tomar um banho frio, o que estou certa de que é a pior coisa que poderia fazer no seu estado? Agora peço-lhe que vá imediatamente consultar um médico e que me traga uma receita inglesa para eu ver; eu própria sou meio médica e estou certa de que tem uma inflamação de natureza séria; fazer com que a sua saúde fique permanentemente restabelecida é o primeiro objeto que deve considerar; se deseja acrescentar ao meu conforto, deve desculpar-me se lhe digo que, no nosso primeiro conhecimento, senti antes uma repugnância para consigo quando disse 'Mãe, hei de amá-la tanto'; eu disse e afastei-me de si:

'Quanto menos disso, melhor; amarei o seu filho'; agora estou completamente mudada; sinto-me tão ansiosa a seu respeito e tão receosa de que esteja doente ou de que lhe aconteça alguma coisa, que estou certa de que é um amor maternal de mãe para com o seu filho amado; assim, se valoriza o meu conforto, meu querido filho, cuide de si e atenda ao que o médico lhe disser e prescrever; não se deixe tentar pelo vinho, é demasiado estimulante. Selarei esta carta com o selo do seu pai anterior ao seu casamento, a seguinte com o selo dele posterior ao seu casamento, a seguinte com o meu próprio selo; as senhoras não têm lema nem brasões.

A carta do seu amigo não consegui bem decifrar, e talvez o senhor também não consiga decifrar a minha. Ontem tive um mau dia; a minha constipação piorou; hoje está melhor, graças ao nosso Grande Deus. O seu amigo conheceu uma Jane Lyon. A tia do meu marido, Lady Jane Lyon, era irmã de John, 9.º Conde de Strathmore, e tia de Thomas, o 10.º e 11.º Conde de Strathmore, irmã de Lady Ann Syman, mãe de Lady Ravensworth; era uma querida e boa criatura, muito morena e a mais baixa da família; prometeu-me um armário de âmbar; o notório Sir John Dean Paul era o seu administrador fiduciário e executor testamentário, e todos os seus objetos valiosos desapareceram; a sua propriedade foi dividida entre os seus sobrinhos e sobrinhas; estava garantida sobre as propriedades de Glamis e Strathmore; uma das suas irmãs, Lady Susan Lyon, casou com o General Lambton, pai do primeiro Lord Durham.

Agora, meu querido Daniel, receio tê-lo cansado com estas coisas; assegure-se de que atende às instruções que lhe dei a respeito da sua saúde; isso é para mim da maior importância. Escrevi ao nosso querido, em resposta a uma carta dele, e espero-o aqui amanhã, se o tempo estiver bom, mas que não venha se chover, devendo aproveitar outra ocasião com o seu amigo. Comprei-lhe um bonito livro apropriado à sua idade, cheio de gravuras. A senhora que mencionou, que devia vir ontem, nunca apareceu, e ainda bem, porque eu estava doente e ainda não estou completamente bem, embora muito melhor. Quando precisar de dinheiro, sabe que podemos cunhá-lo, por isso não tenha receio, mas aja com prudência; cuide da sua saúde e siga os conselhos do médico; não é procedendo em benefício de um hotel que isso lhe fará bem. Tenho de terminar, porque o correio está a fechar.

Sua mãe afetuosa,
JANE LYON."

"P. S. — O correio já partiu, por isso abro a minha carta para lhe dizer que reli a sua carta e vejo que na minha pressa cometi um erro: foi um banho quente que tomou e não um banho frio, e fico tão contente por isso, pois isso lhe fará bem. Desculpe-me por ser tão estúpida. Mantenha-se calmo e saiba que o grande Deus está a agir por si.

Da sua mãe amorosa,
JANE LYON."

Na altura não compreendi a sua afirmação de que inicialmente sentira repugnância por mim, o que era inteiramente contrário às suas anteriores declarações a mim e a outras pessoas, nem porque teria aludido a amar o meu filho, que ainda não tinha visto, mas não me preocupei com isso.

36. Em 11 de Outubro, sem meu conhecimento, escreveu e enviou ao meu filho pequeno a seguinte carta:

"18, Westbourne Place, Hyde Park,
11 de Outubro de 1866.

Meu querido Sacha, — Tu dizes-me que o teu pai foi ter contigo ontem à noite e te acordou de um sono profundo; não achaste isso muito traquina? 'Não', dizes tu, 'fiquei tão contente por o ver que nunca pensei no sono nem em Bedfordshire.' Ele vem, meu filho, com alegria, dizer-te que o grande Deus lhe encontrou uma mãe que será bondosa para com ele e para contigo, seu menino. Tens de ser bom e o grande Deus te abençoará e amará para sempre. Deus é tão bondoso e amoroso para com todas as pessoas boas, como o teu pai, e ouvi dizer que és tão bom e gentil que estou certa de que gostarei de ti, e se no próximo domingo estiver bom tempo ficarei contente por te ver, mas se chover ver-te-ei com prazer, e ao teu amigo Sr. Perdicaris, noutra ocasião. Espero que o teu

querido pai receba benefício em Brighton; ele não está muito bem; rezarás por ele, não rezarás? e Deus te abençoará.

Meu querido Sacha, tua afetuosa Avó,
JANE LYON."

37. Em 15 de Outubro, quando eu ainda estava em Brighton, escreveu-me e enviou-me a seguinte carta:

"18, Westbourne Place,
Hyde Park, 15 de Outubro de 1866.

Meu queridíssimo Filho, — Tenho apenas tempo, antes de fechar o correio, para te escrever algumas palavras. O nosso querido pequeno Sacha e o seu amigo Sr. Perdicaris estiveram aqui ontem; ele é um querido rapaz, eu gosto dele, e beijei-o muitas vezes. Gosto muito, de facto, do teu amigo; ele trouxe consigo um guarda-chuva que um amigo teu, que foi contigo a Henley pela última vez, deixou para trás. Diz-me, querido, quem é o cavalheiro ou qual é a sua morada, para que lho possa mandar.

Junto-te os papéis da segurança do teu fundo; certamente não os perderás, e quando os tiveres mostrado ao teu amigo Dr. Gully, noutra ocasião, quando regressares, posso ficar com eles para os guardar por ti. Fico contente por ires para Malvern para junto do teu amigo, que cuidará de ti, mas como é que terás ostras lá? Elas são fortificantes e fazem bem; podes levar contigo um pequeno barril e ficar forte e bom de saúde o mais depressa que puderes. Evita tudo o que te seja prejudicial. Penso que o ar do mar é demasiado forte para ti. A minha constipação não está melhor, mas a progredir. Receio que não consigas decifrar isto, escrito com tanta pressa.

Sou, meu querido Filho,
Tua afetuosa Mãe,
JANE LYON."

38. Os papéis da segurança do meu fundo que a Autora juntou, como disse na última carta, eram o recibo dos títulos e a nota do corretor relativos à transferência de títulos representando £24.000 mencionada no 8.º parágrafo da sua declaração juramentada apresentada neste processo em 27 de Junho de 1867, na qual jura que "nenhuma conta, recibo ou outro papel em ligação com a transação lhe foi entregue nessa ocasião ou posteriormente."

39. Em 16 de Outubro de 1866, a Autora escreveu-me e enviou-me a seguinte carta para Malvern, onde eu tinha ido por motivos de saúde:

"Terça-feira à noite.

Meu querido Daniel, — Fico contente por te sentires melhor; estás entre os teus queridos amigos em Malvern, que tanto amas; confio em que a tua saúde melhorará. Ontem enviei-te uma carta, que devias ter recebido à 1 hora, juntando

os teus papéis de segurança do fundo. Pensei que gostarias de os ter contigo. Espero que te a reencaminhem. Estou agora verdadeiramente incomodada por lhos ter enviado, pois receio que se tenham perdido; há dois selos na carta. Peço-te que escrevas imediatamente quando a receberes e peço-te que escrevas aos gerentes para que ta reencaminhem. Ficarei muito inquieta até saber que a recebeste; devias tê-la recebido por volta de... Não tenho tempo para dizer mais.

Deus te abençoe, querido filho,
e acredita em mim, tua afetuosa mãe,
JANE LYON."

40. Em 17 de Outubro de 1866, escreveu-me e enviou-me a seguinte carta:

"18, Westbourne Place, Hyde Park,
17 de Outubro de 1866.

Meu querido Daniel, — Fico contente por teres recebido a minha carta com o anexo; receei que se tivesse perdido por completo; contudo, tudo está bem quando acaba bem. Apresenta o meu muito afetuoso amor ao teu querido amigo e à Miss Gully pela sua muito amável carta para mim com o seu cortês convite para o Priory. Aproveitá-lo-ei com prazer noutra ocasião. Enviei-lhe 2 fotografias minhas em troca de três lindas vistas que ela me mandou; agradece-lhas. Estive em Malvern há muitos anos, antes do meu casamento com o melhor dos homens, o teu pai espiritual, Charles Lyon. Fui com o meu pai, que me levou a ver Inglaterra e o Norte de Gales e Cumberland.

Meu querido Filho, — Fico realmente muito satisfeita por saber que estás um pouco melhor, mas será preciso tempo para te restabelecer em boa saúde. Espero que o Dr. Gully, com a ajuda de Deus, o consiga. Entretanto, não deves pensar em regressar a Londres antes de estares completamente melhor; dentro de 2 ou 3 semanas talvez o estejas; então deixa-me uma linha a dizê-lo, mas eu não concordaria que viesses antes de receber uma nota do Dr. Gully com a sua autorização e aprovação para deixares o tratamento a que estarás sujeito sob os seus cuidados.

Ele salvou-te a vida há 5 anos e penso que estás num estado precisamente assim, às portas da morte; portanto, não te iludas antes de chegar o tempo de atirares o chapéu ao ar e dizeres graças a Deus pela saúde, riqueza e um médico bom e bondoso. Não mencionas o guarda-chuva do teu amigo; como se chama ele, onde vive, e eu lho enviarei. O querido pequeno Sacha portou-se muito bem; ficou contente com o livro que lhe dei; dei-lhe uma guiné; ele entregou-a ao seu tio, dizendo que a perderia. Gosta muito de remar de barco e de pescar. Espero que venham em breve para Londres, pois gostaria muito de ver a pintura espiritual; como é extraordinário. Com muito afeto para contigo e para todos os teus queridos e bondosos amigos, apressadamente.

Meu querido Daniel, tua afetuosa mãe,
JANE LYON."

Ela alude aqui ao que eu tinha dito, que o seu marido seria o meu pai espiritual, tal como ela era minha mãe. A pessoa mencionada como tio do meu filho não é tio dele, mas um amigo. Temos bastante o hábito de chamar parentes aos nossos amigos como forma afetuosa de expressão.

41. Eu desejava que ela deixasse Londres comigo, mas ela recusou. O Dr. Gully desejava que eu lhe pedisse que o visitasse, e tanto a irmã dele como eu lhe escrevemos a solicitá-lo. Ela recusou-se a vir; tão pequena era a minha influência sobre ela, mesmo nessa altura.

42. Nesta carta ela fala de mim como estando "às portas da morte", e noutra carta escrita para mim em 24 de Outubro receia que eu esteja à beira de um precipício e que o menor empurrão me faça cair de cabeça. Eu estava, de facto, e já havia algum tempo, muito doente.

43. Por volta de meados ou do final de Outubro de 1866, eu estava a mandar pintar pelo Sr. Egley uma miniatura do seu falecido marido, a partir de uma fotografia que ela me tinha dado, como surpresa para ela. Mandei montá-la belamente como broche, cravado com diamantes meus de grande valor, e depois ofereci-lho. Escrevi-lhe para lhe perguntar a cor dos olhos do falecido Sr. Lyon, ao que ela respondeu numa carta erradamente datada de 9 de Outubro. Nessa carta fala do Sr. S. C. Hall, a quem agora calunia na referida declaração juramentada, nos seguintes termos:

"Os bondosos amigos, os Hall, vão amanhã para Brighton." E diz-me: "Se estiver suficientemente bem para subir ao mesmo tempo, e de modo algum antes, ficarei muito contente; agora lembra-te, não antes; se o fizeres, meu querido filho, não te verei"; e dá-me conselhos médicos.

44. Na quinta-feira, 18 de Outubro de 1866, vim ver a Sra. Lyon na esperança de a persuadir a regressar comigo a Malvern, mas não consegui persuadi-la a fazê-lo.

45. Em 19 de Outubro de 1866, escreveu-me e enviou-me a seguinte carta para Malvern:

"18, Westbourne Place, Hyde Park,
Sexta-feira de manhã, Outubro de 1866.

Meu querido Filho, — Espero que tenhas chegado em segurança ao Priory sem apanhares nenhuma constipação; que noite tão miserável foi. Fiquei muito aborrecida comigo própria por te ter dado a bolsa vazia do teu pai; devia ter posto algum dinheiro dentro dela, mas estavas com tanta pressa que isso me escapou completamente da memória, embora tivesse tencionado oferecer-te algum antes de partires. Agora diz-me como posso enviar-te algum; um cheque

não serve para nada, mas posso enviar uma ordem postal; tens de perguntar nos correios e dizer-me os pormenores, o que devo fazer e a quantia de que precisas. Espero que tenhas encontrado o querido pequeno Sacha bem. Recebeu ele o seu pequeno livro?

Viste a pintura espiritual? Faz o favor de dizer ao Dr. Gully, com os meus cumprimentos, que eu sou médica e senti o teu pulso e achei-o muito tenso e duro, o que me prova que há em ti alguma inflamação séria algures, e isso tem de ser curado, ou de outro modo todos os teus banhos de nada servirão. Estou certa de que, no teu estado presente, todos os estimulantes são veneno, embora dados e tomados com as melhores intenções; mas não devemos matar com bondade, o que muitas vezes se faz com aqueles que mais amamos e que mais nos amam. Os banhos que tomas curarão a inflamação sem outro método? Receio que não, sem meios internos; contudo, confio em que tudo correrá bem. Peço-te que me informes das regras postais para Malvern, isto é, a que horas as cartas devem ser postas aqui para Malvern.

Sou, com todos os bons desejos para a tua saúde e conforto,
Tua afetuosa mãe,
JANE LYON."

Ela não só insistiu para que eu aceitasse esta bolsa, como também o relógio do seu marido, embora eu tivesse o meu próprio relógio e lhe tivesse dito que tinha nada menos do que outros dois. Insistiu tanto na aceitação dele que eu o aceitei. Disse que desejava que eu tivesse alguma coisa com o brasão da família. O relógio estava avariado e, em Dezembro, mandei-o reparar. Dois dias depois de reparado, a Sra. Lyon pediu-me que lho devolvesse. Fi-lo com todo o prazer imaginável, pois nunca tinha desejado tê-lo.

46. Pela forma insistente como me impunha coisas, sendo esta apenas a sétima ou oitava vez que eu a via na minha vida, a minha apreciação do seu carácter era a de que, se eu não aceitasse, a ofenderia. Como ela voltou a aludir a dinheiro, escrevi-lhe e pedi-lhe vinte libras, embora não necessitasse delas, pois ainda tinha a maior parte das cinquenta libras que me dera em 7 de Outubro. No 8.º parágrafo da referida declaração juramentada, ela omite toda a menção de me ter pressionado a aceitar dinheiro, como resulta da última carta referida, e diz apenas: "Enviei-lhe, de acordo com o seu pedido, por volta de 28 de Outubro último, um cheque de £20 para seu uso pessoal."

47. Numa carta que me escreveu e enviou em 21 de Outubro de 1866, dirigida a Malvern, onde eu estava hospedado, depois de me dar muitos conselhos médicos e de desejar livrar-se da inflamação que diz estar a consumir-me, diz: "Há uma grande obra para fazeres. Sou dotada de um conhecimento que tu não tens." Disse-me estas palavras centenas de vezes: "Sou dotada de um conhecimento que tu não tens", e depois fazia-me escrever as suas ideias ou impressões. Na mesma carta diz também: "O Dr. Hawksley chamou, mas eu não

o vi. O Sr. Hall disse que desejava que eu o tivesse visto, mas ele não curou a tua esposa. Não te curaria a ti."

No 9.º parágrafo da sua declaração juramentada apresentada neste processo, a Autora jura que, em algum momento posterior a 9 de Novembro de 1866, descobriu que o referido Dr. Hawksley era um amigo íntimo meu, mas de quem nada sabia. Eu tinha-lhe dito que ele era meu conselheiro médico e amigo e que ele, tal como os meus outros amigos, a visitariam na minha ausência e se lhe apresentariam, como ela particularmente desejava. E assim efetivamente fizeram. O referido Dr. Hawksley é um dos principais médicos e pertence ao corpo clínico do Margaret Street Hospital for Consumption.

48. Ela escreveu-me e enviou-me em 24 de Outubro de 1866 a seguinte carta sem data, dirigida a Malvern:

"18, Westbourne Place, Hyde Park,
Londres,
Outubro.

Meu querido Daniel, — Dizes-me para não me preocupar com a tua saúde; não o posso evitar. Deus deu-me um filho e receio muito que ele esteja à beira de um precipício; o menor empurrão fá-lo-á cair de cabeça. Dizes-me a mim que estás melhor; ao Sr. Hall, que não estás tão bem; em qual dos dois devo acreditar? Estou ansiosa por pensar o melhor. Gosto que durmas; a tua natureza precisa de repouso; está quase esgotada por uma preocupação ansiosa e refletida. Sei muito bem, meu querido rapaz, o que deves ter sofrido, o que acrescentou dez vezes mais ao teu mal; agora tens diante de ti as mais brilhantes perspetivas, repelindo as da escuridão; olha com alegria para a luminosa união de glória resplandecente de felicidade.

Deus, teu Pai, confio que te ajudará e imprimirá uma influência saudável sobre o teu corpo e te permitirá expulsar as sementes da enfermidade e da doença que durante tanto tempo tiveram domínio sobre ti. Não penses em regressar antes de estares melhor; o ar ser-te-á benéfico; o repouso e os amigos bondosos, confio, restabelecer-te-ão. A minha constipação está muito melhor, obrigada. Sumo de limão e açúcar fazem-me bem; também a ti; não se tornarão ácidos no estômago, mas atuarão como estimulante. Escrevi-te uma longa carta com pouco proveito e estou sinceramente cansada, por isso termino com os meus melhores votos pela tua saúde e felicidade e sou,

Meu querido Filho, tua afetuosa mãe,
JANE LYON."

E novamente, em 28 de Outubro de 1866, escreveu-me e enviou-me a seguinte carta:

"18, Westbourne Place, Hyde Park,
28 de Outubro de 1866.

Meu querido Daniel, — Junto te envio um cheque de vinte libras, a quantia pedida por ti. Dizes que te sentes muito melhor, a ponto de estares quase certo de que o Médico te deixará vir a Londres na quinta-feira. Agora peço-te que não venhas, a não ser que o Médico considere que estás suficientemente forte e que não é provável que venhas a melhorar mais permanecendo onde estás. Pensa ele que, se fosses para Torbay ou Torquay, isso seria mais benéfico? Tu crês que estás tísico, e todos aqui pensam o mesmo. O que diz o Médico que é a tua enfermidade e qual a cura? A pintura está terminada, e também o cheiro. Ficarei contente por ver Miss Ellen Gully quando estiver na Cidade, ou qualquer amigo teu, e a ti próprio quando estiveres bom, o que, confio no grande Deus, será em breve, é o sincero desejo da tua mãe Jane Lyon. Agora, querido Daniel, não venhas na quinta-feira se não estiveres suficientemente bem e se o Médico não o aprovar. Hás de certamente dizer-me o que ele diz.

D. D. Home Lyon, Esq.,
Priory, Malvern.

J. LYON."

49. Ainda, numa carta datada de 29 de Outubro de 1866, que escreveu e enviou ao meu pequeno filho, a quem tinha dado um livro de histórias com gravuras, exprime a esperança de que ele aprenda a ser inteligente e bom e cresça para ser um homem grande e bom; é isso que o pai dele requer que ele seja, e também a sua avó; e, contudo, apesar das expressões nestas cartas, a Autora jura, no 18.º parágrafo da sua referida declaração juramentada, que, à parte o meu suposto poder de pôr o espírito do seu falecido marido em comunicação com ela, não tinha por mim nem afeição nem sequer respeito. Mais ainda, no 9.º parágrafo da sua declaração juramentada apresentada em 18 de Julho de 1867, repete que não se importava absolutamente comigo em termos pessoais e que eu nada era para ela.

50. Noutra carta que me escreveu e enviou por esta altura, dizia que me teria amado exatamente da mesma forma se eu não tivesse sido médium e que não podia deixar de se sentir agradecida por ter feito por mim o que fez, tendo feito felizes duas pessoas, sendo uma delas ela própria. Estou plenamente convencido de que também retirou esta carta de entre os meus papéis, que examinava frequentemente durante a minha ausência, mas ainda tenho o envelope.

51. Regressei de Malvern em 1 de Novembro de 1866 e encontrei a Autora muitíssimo contente por me ver. Disse-me que eu tinha de tratar imediatamente de tornar a minha mudança de nome um "ato legal", porque a família estava em pé de guerra e lhe tinha enviado todos os avisos nos jornais relativos ao facto de me ter dado dinheiro. Mostrou-me uma carta que recebera da Sra. Clutterbuck, contendo um aviso do "Athenæum Newspaper", no qual se dizia que a quantia dada era de dez mil libras, e quis que eu escrevesse ao editor

a retificar o erro e a dizer que eram vinte e quatro mil, "e em breve seriam cinquenta mil", alegando novamente que isso irritaria a família e aumentaria a minha celebridade. Recusei por ambos os motivos. Nesse exato momento o criado anunciou a chegada de dois dos meus amigos, e fui à porta recebê-los. Ela disse-me que tinha pensado ser necessária uma escritura de doação e que, quando eu tomasse publicamente o seu nome, faria uma. Sou tão pouco homem de negócios que não percebi o que queria dizer.

Disse-lhe que havia tempo de sobra quanto ao nome. Às seis horas, o meu amigo Sr. Rudall veio e, depois de passar a noite connosco, saiu comigo. É este o cavalheiro acerca do qual a Autora, no 9.º parágrafo da sua referida declaração juramentada apresentada em 27 de Junho de 1867, jura que descobriu, em algum momento posterior a 9 de Novembro de 1866, ser um amigo íntimo meu, mas de quem nada sabia. Não houve quaisquer manifestações espirituais, mas nesta ocasião ela trouxe um rolo de papéis e mostrou-mos a rir, dizendo que os tinha mostrado ou mostraria a pessoas como comunicações reais, e achava-os tão bons que queria que eu os escrevesse num livro para ela, em forma de diálogo, pretendendo ser do seu marido para ela própria. Disse-lhe que eu só os podia tratar como ficções. Na verdade, pouco significado tinham.

52. Fez-me levar os papéis comigo para os meus aposentos, para que eu os copiasse lá e os mostrasse aos meus amigos. Chamou também a minha atenção para o facto de haver uma certa semelhança entre a nossa letra, o que, talvez, no caso da escrita a lápis, se verificasse ligeiramente. Levei os papéis comigo. Nunca destruí quaisquer papéis relativos a quaisquer transações comerciais com a Autora, nem quaisquer comunicações espirituais reais ou supostas, como ela falsamente declara na sua referida declaração juramentada.

53. Em 1 de Novembro de 1866, escreveu-me e enviou-me a seguinte carta:

"1 de Novembro de 1866.

Meu querido Daniel, — Podes arranjar maneira de me trazer os teus recibos para eu os ver? Parece-me que há um erro nos papéis dos teus fundos; sabes que a quantia nos meus papéis era de £28.000 e nos teus papéis dos fundos eles perfazem apenas £27.566 8s. 3d. Gostaria que tivesses *consols** como aqueles que o meu marido, teu pai, e eu sempre tivemos. Não gosto de anuidades. Queria que os meus Banqueiros tivessem tratado do negócio do mesmo modo que tratam do meu. Traz os papéis contigo para copiar; arranjei um livro. Toma uma boa costeleta de carneiro ao pequeno-almoço. Gostas de chocolate? Penso que é mais nutritivo do que chá para ti. Espero que tenhas ido cedo para a cama, mas receio que não, visto que tinhas o teu amigo. E sou, meu querido Daniel,

Tua afetuosa mãe,
JANE LYON."

**(NT: Anuidades Consolidadas. Trata-se de um termo económico fundamental da era vitoriana britânica. Eram títulos da dívida pública emitidos pelo governo britânico (através do Banco de Inglaterra). Em vez de terem uma data de vencimento fixa para o pagamento do capital, o governo pagava um juro fixo perpétuo aos detentores dos títulos.)*

A carta acima ilustra as suas rápidas mudanças de opinião.

54. Ao regressar de Malvern, eu tinha entregue à Autora os papéis dos fundos e conservado a nota do corretor que ela me tinha enviado. Fi-lo porque na sua carta ela tinha dito: "Tu dar-mos-ás para eu os guardar por ti." Ao ir vê-la no dia 2, levei o papel, como ela desejava, e ela disse-me que não gostava de "anuidades". Eu não sabia a que se referia, e ela apontou no cabeçalho do papel para "£3 per Cent. Annuities". Como ela guardava sempre os meus papéis com os seus, lancei por acaso os olhos sobre um dos seus papéis e chamei-lhe a atenção para o facto de também ali estar escrito annuities.

Ela leu-o, mas mesmo assim não quis reconhecer que podia estar enganada, e por isso disse-me que eu tinha de pôr os meus fundos nos mesmos valores que os dela estavam. Fez-me ali mesmo escrever aos corretores para venderem imediatamente e fazerem a alteração para *consols*, sem permitir qualquer demora. A seguinte carta, que me escreveu e enviou em 2 de Novembro de 1866, mostrará a pressa e a determinação do seu carácter. Ela nem sequer deseja ver-me, a menos que tudo esteja como ela quer:—

"2 de Novembro.

Meu querido Daniel, — Não venhas, querido, esta noite, a menos que já tenhas resolvido os fundos. Vem amanhã por volta das 12 ou 1 horas.

Tua afetuosa mãe,
JANE LYON."

55. A Autora alude agora a esta transação, no 8.º parágrafo da referida declaração juramentada apresentada em 27 de Junho de 1867, nestes termos: "O dito Réu, por volta de 5 de Novembro de 1866, como resulta de um recibo de títulos (deixado por ele acidentalmente, segundo creio, na minha posse), investiu £23.913 17s. 3d. em numerário, sendo, segundo estou firmemente convencida, parte da acima referida quantia de £24.000 assim por ele adquirida como acima referido, na compra em seu próprio nome da quantia de £26.756 15s. 5d. em Consolidated Bank Annuities." A Autora disse-me, e eu acredito, que outra razão por que desejava esta mudança era que os dividendos pudessem ser pagos nos mesmos dias que os dela.

Nas circunstâncias acima expostas e a pedido da Autora, e não de outro modo, investi por volta de 5 de Novembro de 1866 a quantia de £23.913 17s. 3d., tanto quanto posso recordar, mas a Autora teve os papéis relativos à transação acima referida entregues a si imediatamente depois dela e reteve-os desde então, nunca

mais eu os tendo visto posteriormente; tal quantia sendo o total do preço da compra resultante da venda das referidas Reduced Annuities em que a dita quantia de £24.000 tinha sido investida. Mas nego que tal quantia, ou qualquer parte dela, me tenha sido obtida da Autora nos termos mencionados na referida petição. Tal novo investimento foi feito em meu próprio nome e consistiu na quantia de £26.756 15s. 5d. em £3 per Cent. Consolidated Bank Annuities.

Não sei a que ela se referia na penúltima carta ao dizer que desejava que os seus banqueiros tivessem tratado do negócio, pois fora vontade dela que não o fizessem, e nem sequer gostava da ideia de ter de ir ser identificada por eles "até o negócio estar concluído". Não informara o seu banqueiro, o Sr. Goode, de Bridport, e houve bastante dificuldade quando os seus dividendos venceram, e o Sr. Goode escreveu-lhe dizendo que esperava que ela o informasse quando fizesse qualquer alteração em relação aos seus fundos e que trataria até gratuitamente desses assuntos por ela, antes de se ver envolvido em confusão nas suas contas relativas aos negócios dela. Os papéis a que ela alude são as comunicações que pretendia ter recebido. Levei-lhos e copiei-os, na sua presença, no livro que ela tinha e que mencionei antes como contendo a história da minha adoção. Ela leu-o e gostou dele e disse que se lia tão bem, particularmente a parte que ela tinha inventado, que um dia teria de ser impresso.

56. A Autora começou então a vir quase diariamente aos meus aposentos, e eu jantava ou tomava o pequeno-almoço com ela frequentemente. Fiquei muitíssimo desiludido com o seu carácter em geral. Descobri uma espantosa falta de verdade, combinada com um espírito vingativo, e antes de a conhecer há uma semana já lamentava ter aceitado a sua dádiva. Foi só isso que me impediu de tomar publicamente o seu nome, o que ela me instava agora diariamente a fazer, mas tinha mudado de opinião quanto ao nome que deveria ser, e resolveu que seria Daniel Lyon. A isto opus-me da forma mais decidida e disse-lhe que pareceria que eu tinha vergonha do meu próprio nome. Ela disse: "Oh, muito bem, como quiser, mas chegará o dia em que eu direi de minha justiça acerca disso."

57. Era tão resoluta nisto como em tudo o que desejava, e eu tinha tão pouca influência sobre ela que até tive de pedir aos meus amigos que intercedessem por mim junto dela neste ponto, o que eles efetivamente fizeram, como provarei. Nessa altura não foram dadas quaisquer comunicações espirituais a respeito de qualquer mudança de nome ou de qualquer negócio e, na verdade, raramente tínhamos manifestações espirituais, certamente não mais de duas ou três vezes quando estávamos sozinhos. As testemunhas que estiveram presentes nas outras ocasiões provarão que, se houve qualquer fraude praticada, foi apenas a Autora quem a praticou.

Não alego que em qualquer ocasião tenha ocorrido uma manifestação do espírito do falecido marido da Autora, ou que o espírito dele, ou qualquer outro espírito,

tenha sido posto em comunicação com a Autora. Não faço qualquer alegação sobre esse assunto e estou disposto a fornecer à Autora, o melhor que puder, os nomes, descrições e moradas de todas e cada uma das pessoas, ou pessoa, presentes em qualquer encontro entre a Autora e eu, se ela especificar a ocasião.

57. Ela costumava dizer que tinha visões e manifestações extraordinárias, e eu costumava acreditar nela. Com todas as suas peculiaridades, era por vezes tão bondosa e atenciosa para comigo pessoalmente, e exprimia por vezes tal arrependimento pelo seu temperamento, que por fim decidi sacrificar-lhe a minha vida; e o que finalmente me decidiu a fazê-lo foi o interesse que tomou pela minha família. Dispôs as quantias que eu deveria atribuir-lhes anualmente, incluindo à minha irmã, que vivera sob a graciosa proteção da Imperatriz dos Franceses durante os últimos nove anos. Cerca de uma semana depois de eu ter escrito à minha família, a seu pedido, sugeriu que eu não lhes desse tanto, embora fosse de facto da minha própria propriedade que eu assim dispunha, não devendo parte alguma dessa prestação provir dela.

58. Cerca de uma semana depois do meu regresso de Malvern, e creio que em 8 de Novembro de 1866, a Autora disse-me: "Quem é o seu homem da lei?" Respondi-lhe, como era verdade, que eu não tinha homem da lei, pois não tinha negócios jurídicos a tratar, e que o único homem da lei que conhecia bem era o Sr. William Martin Wilkinson. Perguntou-me se ele era um homem honesto, e eu disse-lhe, verdadeiramente, que nunca tinha ouvido ninguém pôr em causa a sua honestidade. Pediu-me a sua morada, e eu dei-lha.

59. Perguntou-me então a morada do meu amigo que eu lhe tinha apresentado no dia em que regressara de Malvern, a saber, 1 de Novembro, e dei-lhe a morada do Sr. Rudall. Escreveu estas moradas num pedaço de papel e levou-o para uma mesa lateral, e, pegando num cartão, voltou e escreveu no mesmo pedaço de papel o que estava no cartão. Perguntei-lhe por que razão estava a copiar um cartão, e ela disse: "Esta é a morada do seu amigo Dr. Hawksley, e vou tratar de alguns negócios importantes e quero ter à mão as três moradas quando escrever.

Quero muito particularmente um médico, pois desejo, em caso de necessidade, que ele possa jurar não só quanto à minha sanidade, mas também quanto aos meus hábitos gerais de negócio e à clareza do meu juízo e da minha memória." Perguntou-me então os nomes do meu pai e da minha mãe. Dei-lhos todos então e, ao despedir-me dela nessa noite, disse ela: "Amanhã de manhã vou estar muito ocupada, por isso não venha ver-me. Creio que amanhã é dia 9; faria melhor ir ver o Cortejo do Lord Mayor e contar-me tudo a esse respeito; em todo o caso, não venha aqui antes da noite." Eu então não sabia para que fim tinha ela pedido estes nomes e moradas, nem tinha sido dada qualquer comunicação espiritual, nem eu procurara influenciá-la de modo algum.

60. Na manhã do dia 9 fui ver o Dr. Hawksley, e ele considerou necessário submeter-me a uma operação de pouca importância, mas que causava incómodo e dor. Tanto quanto me recordo, não lhe mencionei que teria notícias da Sra. Lyon, mas, na segunda-feira, dia 12, quando tive de o ver novamente em termos profissionais, mencionou ele ter tido notícias dela. Ao sair de casa do Dr. Hawksley no dia 9, embora estivesse com dores, como prometera à Autora contar-lhe acerca do Cortejo, fui até Charing Cross, mas estava tão fraco e doente que não pude ficar; por isso fui ao escritório do Sr. Wilkinson e dei instruções para que o meu antigo testamento fosse destruído.

61. O Sr. Wilkinson não mencionou ter tido notícias da Sra. Lyon. Eu não lhe disse que ela estava prestes a fazer um testamento. Não o poderia ter feito, pois eu próprio o não sabia. Não dei, nessa ocasião nem em qualquer outra, quaisquer instruções ao referido Réu William Martin Wilkinson a respeito da Autora ou dos seus negócios, nem sequer fiz alusão ao assunto. Na verdade, nada sabia a esse respeito, pois ela mantinha sempre os seus negócios em segredo perante mim e até troçava da minha ignorância em matérias de negócios.

Ele nunca mo disse, nem eu lhe sugeri, nessa ocasião nem em qualquer outra, que lhe fizesse certas perguntas ou que ela devesse estar preparada para responder, nem eu então ou em qualquer momento disse tal coisa à Autora, ou disse que as cartas do Sr. Wilkinson para ela seriam escritas cautelosamente, ou qualquer outra coisa acerca das cartas dele para ela, ou das dela para ele. A alegação da Autora nesse sentido, no nono parágrafo da sua referida declaração juramentada, é, como o restante, infamemente falsa, como será provado.

62. A Autora mostrou-se extraordinariamente satisfeita com o Sr. Wilkinson e disse que ele a tinha posto tão de sobreaviso que alguém pensaria que era mais amigo dela do que meu. Peço licença para remeter para a totalidade da Resposta do Réu Wilkinson apresentada nesta causa em 20 de Julho de 1867.

63. A única coisa de que tenho memória de alguma vez ter ouvido o Sr. Wilkinson dizer-me sobre o assunto foi que era pena que a Autora não fizesse algo pela família do marido, ou não fosse mais generosa para com obras públicas de beneficência, em vez de derramar toda a sua munificência sobre mim; e a isso respondi, como a todos os meus amigos, que eu não tinha influência para a impedir em nada do que empreendesse, e que eu próprio tencionava, como de facto tencionei, no caso de a sua propriedade me vir a caber, partilhá-la com os parentes do seu marido, pois sempre pensei e disse, tanto a ela como a outros, que era muitíssimo injusto que pelo menos uma parte da propriedade não regressasse a quem de direito pertencia, embora sentisse e dissesse que eu tinha tanto direito a ela como os comparativos estranhos a quem ela a deixara em alguns dos seus testamentos.

64. Na noite de 9 de Novembro de 1866 vi-a por muito pouco tempo. Recordo-me disso porque, ao entrar, me deu um fruto de figueira-da-índia, dizendo, contudo, que era muito caro, seis pence, creio eu. Disse-me que tinha escrito algumas cartas importantíssimas a meu respeito, mas que não me podia dizer o seu conteúdo. Eu estava com muitas dores e saí muito cedo nessa noite. A acusação de que eu lhe ditei as instruções para um testamento, como ela alega na sua referida declaração juramentada, ou as cartas de convite a estes cavalheiros, é inteiramente destituída de qualquer sombra de verdade. Eu não estava em casa quando as cartas foram escritas, nem soube do seu conteúdo até este processo ter começado, nem foi dada qualquer comunicação espiritual sobre esse assunto, nem procurei influenciá-la de modo algum, nem tinha qualquer poder sobre ela.

65. Nunca ditei, escrevi, dei instruções para, ou lhe sugeri de modo algum, qualquer das cartas de negócios por ela escritas ao Réu Wilkinson, reproduzidas na sua Resposta e para as quais peço licença de remeter, nem conheci o conteúdo de qualquer delas até depois de este processo ter sido instaurado. Não sou homem versado em negócios, como os meus amigos provarão, e não creio que pudesse ter escrito tais cartas, mesmo que o quisesse fazer. Na verdade, não compreendo o sentido de algumas delas.

66. O próprio testamento, que se encontra reproduzido no 3.º parágrafo da Resposta do Réu Wilkinson, e para o qual peço licença de remeter, contém prova interna de que eu não o ditei, como a Autora falsamente jura. Em primeiro lugar, ela está decidida a fazer-me abandonar o nome de Home, o que eu sempre me opus a fazer, e, em segundo lugar, eu sabia que ela não tinha direito a armas sem barra de bastardia.

67. Salvo e exceto como acima consta, a Autora não teve, tanto quanto é da minha lembrança e crença, pouco depois de a dita quantia de £24.000 me ter sido dada por ela da forma acima descrita, pois nego que me tivesse sido obtida da Autora pelos meios ou nas circunstâncias alegadas na sua petição, de facto qualquer outro encontro ou entrevista comigo.

Nego que eu, em tal encontro ou entrevista, tenha alegado ou representado à Autora, ou a tenha levado a acreditar, ou, tanto quanto é do meu conhecimento e crença, que ela acreditasse, que lhe era exigido pelo espírito do seu falecido marido que destruísse o testamento que então tinha feito ou que fizesse outro testamento em meu favor, ou que eu então tenha feito qualquer alegação ou representação à Autora sobre o assunto, ou que eu tenha representado à Autora, ou a tenha levado a acreditar, ou que ela, tanto quanto eu saiba, acreditasse, que o espírito do seu dito marido ditava os termos de tal novo testamento, ao abrigo do qual eu seria o legatário universal de toda a propriedade da Autora, ou que o Dr. Hawksley e o Sr. Rudall, ou qualquer deles (nomeados na referida petição), devessem ser chamados para testemunhar a assinatura de tal novo testamento, ou que o espírito do dito falecido marido da Autora ditasse os termos das cartas a

escrever ao referido Dr. Hawksley e ao Sr. Rudall, ou a qualquer deles, pedindo-lhes que testemunhassem o dito testamento, ou que eu tivesse então feito quaisquer alegações ou representações à Autora sobre o assunto.

O referido Dr. Hawksley e o Sr. Rudall eram e são meus amigos. Nego que um testamento que pretendia ser o testamento da Autora tenha sido, em consequência disso ou de facto, preparado por mim ou para mim. A Autora, como mais tarde me informou, fez preparar um testamento pelo Réu Wilkinson sem meu conhecimento ou sugestão, ao abrigo do qual, mas não ao abrigo de um tal testamento como o referido nos Interrogatórios da Autora como tendo sido preparado para mim, eu era nomeado legatário universal de toda a propriedade da Autora; e tal testamento, como aleguei, foi, segundo ela me informou depois, assinado pela Autora por volta de 12 de Novembro de 1866, na presença e com a assinatura testemunhal do dito Dr. Thomas Hawksley, de 70 Brook Street, Hanover Square, eminente médico, do Sr. Henry Alexander Rudall, de 8 e 9 Great Tower Street, Londres, comerciante de boa reputação, e do Réu William Martin Wilkinson, sendo todos os três, segundo plenamente creio, homens de carácter irrepreensível.

Nego que o referido testamento tenha sido de facto assinado pela Autora por minha instigação, sugestão ou desejo, ou que o tenha sido enquanto, como a Autora agora pretende, ela se encontrava sob a influência da ascendência e poder que alega que eu tinha adquirido sobre a sua mente pelos meios e nas circunstâncias expostos na sua referida petição, e demonstrarei o contrário provando que nunca tive qualquer tal influência, ascendência ou poder sobre ela.

68. Eu tinha-lhe dito que a minha presença poderia ser necessária na Rússia relativamente ao meu processo judicial. Isto, e a ideia de que eu alguma vez voltaria a casar, eram agora as duas ideias dominantes no seu espírito, pois costumava dizer: "O senhor negligenciaria a velha em favor da jovem." Depois costumava falar comigo e com os meus amigos acerca dos nossos futuros arranjos. A casa seria tomada em meu nome e eu pagaria a renda com o meu rendimento. Teríamos duas carruagens. Eu conservaria o meu próprio criado. Teríamos uma casa à beira-mar. Ela pagaria os criados. Uma das carruagens seria um *landô* e para seu uso exclusivo. A casa à beira-mar seria onde iríamos com alguns amigos literários ou algumas pessoas de nota para desfrutar da sua sociedade.

69. No dia 12 de Novembro, à tarde, a Autora entrou no seu quarto e trouxe o que parecia ser um documento de algum tipo, e disse: "Está a ver isto? Pois olhe bem para ele, porque em breve será fumo e cinzas. É o meu testamento, e já fiz muitos, mas não farei mais nenhum", e em seguida queimou-o. Declaro que eu não usei qualquer induzimento ou controlo sobre a Autora, nem lhe fiz qualquer representação a esse respeito, nem a induzi a acreditar que o espírito do falecido Charles Lyon solicitava ou desejava que a Autora destruísse o testamento anterior ou fizesse e substituísse outro em seu lugar, nem

jamais vi o seu novo testamento, nem de facto conheci o seu conteúdo antes do início deste processo, salvo pelo que ela me tinha dito em termos gerais, isto é, que era a meu favor.

70. Não fiz qualquer esforço nem tentativa para a afastar dos parentes do seu marido ou de quaisquer amigos ou conhecidos que pudesse ter; antes pelo contrário, desejava que os visse, o que ela fez, e muitas vezes na minha ausência, como eu o dispunha e desejava que fosse. Em 13 de Novembro de 1866, no dia seguinte à assinatura do testamento, escreveu-me e enviou-me a seguinte nota:

"Meia-noite e meia.

Meu querido Daniel, — Acabo neste momento de receber uma nota da minha sobrinha a dizer-me que foi impedida de vir ver-nos esta manhã, mas que virá amanhã à tarde, por isso contarás, querido, vir como habitualmente.

Tua afetuosa mãe,
JANE LYON."

A sobrinha mencionada nesta nota era a Sra. Tom Fellowes, uma das parentes do seu marido. A Sra. Lyon costumava depois disto dizer-me: "Aquela horrível Plessy" (referindo-se à dita Sra. Tom Fellowes) "faz tudo o que pode para me virar contra si, e contudo, não o conseguirá. Pois até disse que faria falar as pessoas se fôssemos viver na mesma casa. Ao que eu respondi: mal para aqueles que pensam mal; e devem ser pessoas de mente perversa para pensarem tal coisa."

71. Numa noite, enquanto estávamos à mesa, disse que sentia um espírito junto da sua cadeira. Isto ocorreu na presença da referida Sra. Tom Fellowes, e logo que ela se foi embora, riu-se e disse-me que tudo fora inventado por ela para espantar a sobrinha.

72. Quando a Sra. Fellowes deixou Londres, a Autora disse-me que lhe tinha dado 50£ e, desde então, nunca mais a vi abrir o seu livro de cheques sem que dissesse: "Quem me dera tê-las de volta."

73. Numa manhã, por volta de 10 de novembro de 1866, a Autora mostrou-me a fotografia de um rapazinho e perguntou-me se eu não o achava parecido com o meu filho; eu disse-lhe que não conseguia ver a mínima semelhança. Ela disse que a Sra. Sims a tinha trazido, dizendo que os espíritos deviam ter feito a fotografia, pois ela — a Sra. Sims — não conhecia tal criança. Eu disse que não acreditava em nada disso e que, se os espíritos a tivessem enviado, poderiam tê-la feito com um aspeto menos vulgar.

Um ou dois dias depois disto, a Sra. Tom Fellowes pediu-me o retrato do meu filho e a Sra. Lyon saltou e disse: "Oh, eu tenho um dele; dar-lho-ei". Eu estava demasiado sob obrigações para com ela para expor a sua falta de veracidade e, portanto, não a contrariei; e a Sra. Fellowes levou o referido retrato e, tanto

quanto sei, possui-o agora. Dou estes detalhes para que possa ser contrariado caso as minhas afirmações sejam falsas.

74. Um ato semelhante de duplicidade da sua parte ocorreu no mês de janeiro de 1867. Uma senhora americana deu-me o que é conhecido como um ferrótipo* de si mesma. A Sra. Lyon disse que a parte superior da cabeça se parecia com a dela e pôs tinta na parte inferior do rosto, mostrando-o como uma produção espiritual e até ditou-me uma comunicação para dar um ar de realidade à mesma.

**(NT: Também conhecido pelo termo inglês tintype) é um processo fotográfico muito popular na segunda metade do século XIX, especialmente entre as décadas de 1860 e 1880)*

75. A Autora costumava agora vir aos meus aposentos a qualquer hora e vinha quase todos os dias. Na quarta-feira, 21 de novembro de 1866, escreveu e enviou-me a seguinte carta: "Quarta-feira de manhã. Meu querido Daniel, — Espero-te às sete desta noite, como de costume. Vou estar ocupada hoje, portanto não me esperes. Escrevo com pressa para que recebas isto a tempo de não te prender em casa e sou A tua mãe afetuosa, J. LYON." Apresentei-a aos meus amigos e levei-a para o seu convívio, e fui com ela jantar e passar o serão com eles, e ela sentia-se muito orgulhosa por lhes ser apresentada.

76. Quando ela desejou deixar Westbourne-place — um passo que eu há muito lhe solicitava que desse, pois desejava que ela tivesse aposentos onde eu pudesse levar os meus amigos — ela levou-me um dia a ver uns apartamentos inferiores onde se tinha alojado durante cinco anos. Tratava-se do n.º 17a de Albert-terrace, uma casa mantida pela referida Sra. Pepper, anteriormente mencionada como uma das suas amigas, apesar de ser, como ela dizia, "uma má mulher que tinha levado a filha a todo o tipo de extremismos e que, quando esta casou com um criado, não a quis ver e, quando esta no seu leito de morte mandou chamar a mãe, a resposta devolvida pela Sra. Pepper foi que a veria no seu caixão".

77. Fiz tudo o que pude para a persuadir a não residir com tal mulher, cujos apartamentos eram ainda piores do que os outros. Mas tão pouca era a minha influência sobre ela que ela efetivamente tomou os referidos apartamentos e costumava dizer que gostava de poder, quando "ela e a Sra. Pepper tinham as suas picardias, atirar-lhe a Louisa à cara". Ela tem, desde essa altura, continuado a residir nos referidos apartamentos, pelos quais paga 30 xelins por semana fora da época alta e duas guinéus durante a época alta.

78. Numa manhã de novembro, e pouco depois de a Autora ter ido ver os seus antigos apartamentos em Albert-terrace, a referida Sra. Pepper veio ver-me aos meus aposentos em Sloane-street, professando um grande interesse por mim e desejando saber se a velha senhora tinha feito de forma legal o que tinha feito, pois disse: "Se não for feito assim, em pouco tempo ela mudará de

ideias. Ora, ela está sempre a mudar o seu Testamento. Uma vez disse-me, quando a minha filha era viva, que a tinha incluído no seu Testamento; então, uma vez que ela morreu e a Sra.

Lyon estava a mudar o seu Testamento, fui ter com ela e disse: 'Joe (que é o meu filho, senhor) era o irmão favorito da irmã e, como ela morreu, porque não poderia incluí-lo no seu Testamento?'; mas, valha-me Deus, senhor, 'ela ficou em tal estado de fúria comigo. Oh, ela é uma velha de cabeça dura e de coração tão duro'." Manifestei o meu desagrado por uma dona de uma casa de hóspedes, ou na verdade qualquer pessoa, falar assim de alguém que era bondoso para comigo. Ela disse então: "Oh, o senhor não é a primeira pessoa que ela adota; há uma jovem tão distinta chamada Fanny Hemming, que a Sra. Lyon adotou ainda bebé e que ela simplesmente acolheu e abandonou conforme lhe convinha. Quando veio para minha casa, decidiu levá-la para viver com ela, mas não quis ter a despesa de um quarto extra e, por isso, desejava que a jovem dormisse com ela. A Sra. Hemming recusou entregar a filha à Sra. Lyon e disse-lhe que, se o pai entregasse a criança a ela, o pai estava morto e ela não permitiria que a sua filha vivesse com tal mulher."

79. A Autora disse-me mais tarde que, excetuando os insultos a si própria, todo o depoimento acima da Sra. Pepper era verdadeiro; e a Autora também me disse ter apurado que a Menina Hemming tinha ido ter com a amiga dela que vende rebuçados sortidos e dito que ela, Sra. Lyon, era uma má mulher que não acreditava em Deus. A Autora também me disse, e eu sustento ser esse o facto, que tinha adotado outras crianças mas que se cansara delas, mas disse que não faria o mesmo comigo.

80. Algumas manhãs depois disto, recebi uma visita da Sra. Pepper antes de sair da cama, solicitando que lhe emprestasse 200£. Eu não o podia fazer e disse-lho. Ela veio muitas vezes por causa disso, e de cada vez por uma quantia menor até chegar às 15£. Disse-lhe (como era facto) que a Autora me tinha feito prometer não vender as ações que me tinha dado sem primeiro a informar e obter o seu consentimento, e que ela (Sra. Pepper) faria melhor em mostrar à Autora a carta que me exibira de um homem ligado à Tattersall's ameaçando denunciar o seu filho, e que então eu usaria toda a influência que tivesse para lhas obter.

A Sra. Pepper entrou no quarto da Autora naquela manhã para levantar as coisas do pequeno-almoço e, desfazendo-se em lágrimas, disse: "Oh, Sra. Lyon, poderia ter salvo a Louisa mas não o fez e arrependeu-se; salve o irmão dela agora." Ela deixou a carta e a Autora deu-me uma boa reprimenda porque eu disse algumas palavras a favor do jovem, observando que ela nunca permitia a ninguém, nem mesmo ao seu pai nem ao seu marido, que interferisse com ela em assuntos de negócios, os quais ela sempre resolveu para ambos.

81. A Autora recusou dar ou permitir que eu desse a assistência requerida e, a partir desse dia, a Sra. Pepper tornou-se minha inimiga; e a Autora, que gosta bastante de ir à cozinha, costumava subir espumando de raiva e dizendo: "Aquela besta da Pepper vai chamar-te Home, embora eu lhe diga sempre que é Lyon."

82. Segundo o que creio, foi no sábado, 24 de novembro, que a Autora foi residir para Albert-terrace. A Menina Peel ocupava o primeiro andar e a Autora o segundo.

83. Durante os meses em que estive com a Autora, nunca a conheci manter a mesma ideia por tanto tempo quanto a da mudança do meu nome. E por fim — pois ela estava novamente determinada a que fosse apenas Daniel Lyon — fiz com que os meus amigos me escrevessem e mostrei-lhe as cartas solicitando-me que mantivesse o nome de Home; pelo menos, mandei gravar três chapas de cartões de visita para lhe agradar, pois ela mudava tantas vezes. Uma era D. D. Home Lyon, outra D. D. H. Lyon e a última D. H. Lyon. Por fim, ela disse que deveríamos consultar os espíritos nesta ocasião. Eu disse que não só não desejava fazê-lo, como não o faria. A Autora disse que os meus amigos a achariam tão caprichosa quanto ao meu nome que teríamos de fazer algo para evitar isso.

84. Numa noite, enquanto estávamos sentados juntos, ela ordenou-me que pegasse em papel e lápis e escrevesse, e ela ditaria. A Autora ditou então como se fosse uma mensagem de algum espírito que era meu parente, que o nome de Home deveria ser mantido. A Autora disse: "Isto parecerá bem e os teus amigos não me considerarão uma velha caprichosa." O nome de Home foi, consequentemente, mantido e o de Lyon foi-lhe acrescentado.

85. Pouco antes de ela deixar Westbourne-place, numa tarde, a criada trouxe o cartão de uma "Sra. Bailey". O nome era-me desconhecido e a Autora disse que também lhe era, mas pediu que ela subisse; reconheceu então uma senhora que conhecera e a quem me apresentou como seu filho adotivo. Saí pouco depois, deixando-a a sós com a senhora. À noite, ela disse-me que a referida Sra. Bailey era esposa de um advogado em Sloane-street. Perguntei-lhe por que não o tinha contratado a ele em vez do Sr. Wilkinson, mas ela disse que nada sabia dele além do facto de ele ter casado com esta senhora. Em uma ou duas ocasiões depois disto, perguntei-lhe por que não contratava o Sr. Bailey, mas a sua resposta habitual era que o Sr. Wilkinson era tão fiel quanto o aço e que não desejava outro. Juro que esta expressão foi dela e não minha. Fui com ela visitar a Sra. Bailey. Também visitei a Sra. Sims e sentia-me muito satisfeito em todos os momentos por a Autora fazer o que quisesse e ver quem quisesse. Ela ficou muito zangada porque eu não quis ir com ela visitar um amigo dela chamado Prior, que vende rebuçados sortidos no número 2 de Park-side, em frente a Wilton-place, mas eu não via necessidade de o fazer.

86. No último dia de novembro de 1866, o Sr. Wilkinson fez uma minuta da escritura pública (*deed poll*) para a minha mudança de nome e a Autora viu-a e aprovou-a. Executei-a a 3 de dezembro de 1866. Tinha a data desse dia e executei-a a pedido da Autora e, a pedido dela, foi posteriormente averbada em registo no Tribunal de Chancelaria de Sua Majestade; e declarei por esse meio, como a Autora bem sabia, que tinha tomado o nome de Lyon em substituição de e em aditamento ao de Home e que no futuro pretendia ser chamado e conhecido como Daniel Home Lyon. Uma cópia fiel de tal escritura é apresentada no 6.º parágrafo da Resposta do Réu Wilkinson, para a qual peço licença para remeter.

Na noite do mesmo dia, 3 de dezembro de 1866, a Autora e eu jantámos em casa de um amigo meu chamado Sr. Griffin, no número 1 de Palace-gardens, Bayswater, onde encontrámos várias pessoas a quem a Autora anunciou que eu tinha naquele dia assinado o meu nome pela última vez como Home. Anunciei a minha mudança de nome e que pretendia doravante chamar-me Daniel Home Lyon no "Times", no "Morning Post" e noutros jornais, a pedido da Autora.

87. No domingo, 2 de dezembro de 1866, fomos à casa de um amigo meu chamado Jencken, residente em Kilmory House, Thicket Road, Norwood, um cavalheiro que anteriormente fora admitido na ordem dos advogados (*called to the bar*), mas que não exerce atualmente, conforme eu tinha dito à Autora. Quando lá estivemos, ela deu-lhe, na minha presença, a verdadeira narrativa da sua adoção de mim, conforme já relatei anteriormente, e depois pediu-lhe para ir com ela para outra sala, alegando que tinha alguns negócios a tratar com ele; e então, como soube desde então e sustento, inquiriu junto dele como poderia melhor liquidar a quantia que me tinha dado, com quaisquer adições que lhe aprouvesse fazer, de tal forma que a família do seu marido não pudesse, após a sua morte, anulá-la, ou que nem ela própria pudesse ter qualquer poder sobre a mesma; e ele perguntou-lhe então se o espiritualismo tinha algo a ver com isso ou se eu a tinha de alguma forma influenciado, tudo o qual ela ali mesmo negou indignada e enfaticamente, mas disse que tinha desejado ter um filho e que nele (referindo-se a mim) tinha encontrado tudo o que necessitava, e o seu único receio era que ele (referindo-se a mim) casasse novamente.

Ele aconselhou-a então a consultar um médico para que o facto de ela estar em pleno juízo não pudesse ser contestado. Ela disse-lhe que já tinha tido um médico como testemunha do seu Testamento, para que, em caso de necessidade, ele pudesse provar não só que ela estava sã, mas que era uma mulher de negócios perspicaz. O Sr. Jencken aconselhou-a então a executar uma escritura confirmando a doação.

88. Na terça-feira, 4 de dezembro de 1866, o Dr. Robert Chambers, o editor do *Chambers' Edinburgh Journal*, visitou-me e eu levei-o a visitar a Autora, que ficou muito orgulhosa disso, tal como ficou de ser apresentada aos meus outros amigos de distinção, literários ou outros. E ela contou a muitos

deles, na minha ausência, a história da minha adoção tal como eu a relatei. Aludo particularmente à Sra. Nicholls, a quem ela disse a 10 de janeiro de 1867, como era facto, que teve de me instar a aceitar o seu dinheiro e que o espiritualismo nada tinha que ver com isso. Disse ao Sr. Gerald Massey, o Poeta, em janeiro, o seu deleite ao ver o meu espanto quando ela fez as suas propostas, sendo as suas dádivas tão espontâneas e inesperadas.

Falou com a Sra. Ritchie no mesmo sentido em novembro de 1866 e disse ao Sr. Perdicaris, logo a 14 de outubro de 1866, que "teria feito o mesmo por mim se eu não fosse um médium" e que "preferiria ver o seu dinheiro no fogo do que permitir que qualquer um dos seus familiares o tivesse" e "que o que tinha feito por ele" (este Réu) "não era tudo o que pretendia fazer". Em ou cerca de 13 de outubro de 1866, disse à Sra. S. C. Hall que me tinha dado, a este Réu, 24.000£, as quais, embora pudesse aumentar, não podia diminuir, pois desejava que eu, este Réu, me sentisse perfeitamente independente dela. A 11 de dezembro de 1866, deu à Menina Houghton a verdadeira narrativa da minha adoção tal como a relatei acima, e disse-lhe que ela, a Autora, não tinha dado a mim, este Réu, as quantias de 24.000£ e 6.000£ "Como Espiritualista ou em consideração aos seus" (deste Réu) "poderes mediúnicos, mas porque o amava". Em fevereiro de 1867, disse ao Sr. Dyne (como era facto) que teve de me instar a aceitar o dinheiro e falou com outros em termos semelhantes. Todas as afirmações acima, com uma exceção, foram feitas pela Autora na minha ausência e sem o meu conhecimento privado, e muitas delas enquanto eu estava fora, no campo.

89. Na tarde de 7 de dezembro de 1866, eu estava indisposto e fui para os meus aposentos antes do jantar. Lembro-me disso porque íamos a casa de uma amiga minha, a Muito Honrada Elizabeth Lady Dunsany. À noite, no meu regresso à presença da Autora, ela parecia exultante com algo e disse: "Ocorreu uma coisa tão singular na tua ausência". Perguntei-lhe a que aludia, mas ela disse apenas: "É um grande segredo e não deves saber". Eu sabia que a melhor forma com ela era parecer perfeitamente indiferente e ela acabaria por me contar. À noite, a caminho da nossa saída, disse ela: "Ficarias espantado se soubesses o que ocorreu hoje quando estavas fora". Contudo, não me contou nessa noite.

90. Na manhã seguinte, 8 de dezembro de 1866, ao pequeno-almoço — pois eu vivia inteiramente com a Autora e apenas dormia nos meus aposentos — disse ela: "Agora Dan, eu não gosto de quantias irregulares". Eu esperava plenamente que a Autora me fosse solicitar a devolução de quatro mil libras, o que eu teria certamente feito sem qualquer hesitação, quando, para meu espanto, ela disse: "Vou mandar fazer uma escritura de doação e vou acrescentar seis mil à quantia já dada". Disse-lhe que já tinha mais do que o suficiente e que não desejava mais; de facto, tinha pensado tão frequentemente e seriamente em devolver o que tinha, que não me agradava a nova obrigação.

91. Ela disse que esta viria onerada, contudo, com a condição de que eu deveria pagar, a partir dos dividendos ou juros derivados da mesma, as despesas que pudéssemos incorrer em vinhos, doces e frutas, e despesas de viagem.

92. Soube desde então — pois nada sabia sobre o assunto na altura — e sustento que a Autora, a 7 de dezembro de 1866, escreveu e enviou ao Réu Wilkinson a carta com essa data, apresentada no 8.º parágrafo da Resposta dele, para a qual peço licença para remeter, na qual ela diz: "Por ocasião de o meu filho adotivo tomar o nome de Lyon, desejo fazer-lhe uma pequena surpresa" e solicita-lhe que prepare uma escritura perfeitamente legal; e que ela também escreveu, sem o meu conhecimento, no mesmo dia, uma carta aos referidos corretores de valores, os Senhores Fox, Taylor e Companhia, que é a seguinte: "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 7 de dezembro de 1866. Senhores, — Terão a bondade de transferir os fundos públicos (*consols*) que se encontram em meu nome, Jane Lyon, de Bridport, Dorset, viúva, no montante de seis mil libras em numerário, para a conta do meu filho adotivo D.D. Home ou Daniel Home Lyon, como é agora o seu nome legal. Passarei por aí na segunda-feira à uma hora para assinar a transferência. Sou, Senhores, vossa muito obediência, JANE LYON."

93. A 10 de dezembro de 1866, acompanhei-a ao Banco a seu pedido, quando ela, para levar a cabo a sua referida intenção, voluntariamente e contra o meu desejo, transferiu para mim a quantia adicional de (creio eu) 6.798£ 17s. 4d. em Anuidades Bancárias Consolidadas a 3%, no meu antigo nome de Daniel Dunglass Home, sendo esse o nome em que a sua doação original se encontrava registada. Nesta ocasião, ela discutiu com os corretores — não tendo eu tomado parte na conversa — se a transferência deveria ser feita no meu novo nome ou no original. Eles decidiram a favor deste último. A Autora levou consigo os documentos relativos à referida nova doação e eu nunca os vi. É uma nova invenção dela, e inteiramente falsa, que qualquer coisa relativa a esta nova doação tenha sido comunicada através de pancadas espíritas (*rapped out*), ou que ela tenha pensado que o espírito do seu marido a induziu a tal ato de me dar o dinheiro como prenda de aniversário, sendo o meu aniversário, de facto, a 20 de março.

94. Em resposta ao Interrogatório da Autora, nego que a Autora, a 10 de dezembro de 1866 ou em qualquer outro momento, tenha sido, a meu pedido ou sugestão, ou enquanto sob a alegada influência da ascendência e poder que a Autora agora alega que eu tinha pelos meios mencionados na referida Petição, ou de facto adquirido sobre a sua mente, ou por qualquer outro meio, induzida por mim a ir novamente ou de facto comigo ao Banco de Inglaterra ou a transferir a quantia de 6.798£ 17s. 4d. ou qualquer outra quantia de Anuidades Bancárias Consolidadas a 3% em meu nome como Daniel Dunglass Home; e sustento o contrário na forma anteriormente exposta. Acredito que a quantia de

anuidades bancárias voluntariamente transferida para o meu nome pela Autora, conforme declarei verdadeiramente acima e não de outra forma, era equivalente em valor a uma quantia de 6.000£ esterlinas.

95. A 11 de dezembro de 1866, eu estava em casa quando a minuta da escritura de doação chegou à Autora; ela abriu-a e começou a lê-la para si mesma. Não o tinha feito por mais de alguns minutos quando gritou num tom muito zangado: "Daniel, traz-me pena e tinta imediatamente; pergunto-me se o Wilkinson é um tolo ou se pensa que eu sou uma". Entreguei-lhe pena e tinta como ela desejava e ela riscou algumas palavras com a pena e depois escreveu algo na margem. Disse ela: "Olha para esta linha: 'E toda a família e ligações do meu marido estão bem providas'.

Ora, eles podem trazer um varredor de rua qualquer e dizer que ele era uma ligação. Até a Sra. James Fellowes poderia reclamar sob essa cláusula, pois os seus rapazes não estão bem providos" (Ela deu razões pelas quais não estavam bem providos mas, como são muito prejudiciais para a família, omito-as). Ela mostrou-me o que tinha escrito na margem: "Jane Lyon — risquei isto — não aprovo tal coisa". Eu disse: "Bem, mãe, eu só gostava que não sentisse o que sente contra a família". Ela puxou-me para si de uma forma que me deixou zangado, dizendo: "Tu és a minha família". Saí da sala. Ela correu atrás de mim, ordenando-me que lhe enviasse o Sr. Phillips, o meu secretário. Assim fiz e, mais tarde nesse dia, ele disse-me, como era facto, que a Sra. Lyon o tinha enviado com alguns documentos e uma carta para o Sr. Wilkinson. Apenas vi a Autora à tarde, na presença dos meus amigos nos meus próprios aposentos, e não foi feita qualquer alusão à escritura ou a qualquer outra coisa. E eu não sabia o que constava na referida carta dela de 11 de dezembro de 1866, a qual é apresentada no 10.º parágrafo da Resposta do Réu Wilkinson.

96. Na noite seguinte, 12 de dezembro, entrei com o meu filho pequeno e encontrei o Sr. Wilkinson com a Autora. Ela disse que não tinha terminado os seus assuntos com o Sr. Wilkinson e mandou-me a mim e ao meu filho para o seu quarto de dormir. Quando regressámos, ela mostrou ao meu filho o pergaminho que tinha executado, sendo a escritura de doação, e ele lembra-se bem disso, pois ela beijou-o e disse-lhe que "ali estava a sua fortuna para quando o pai morresse". Nenhuma influência minha foi usada para fazer com que tal escritura fosse redigida ou executada, nem foi dada qualquer comunicação espiritual a esse respeito, nem a Autora pensou que o espírito do seu marido a ditasse. Foi para servir os seus próprios propósitos e nada mais.

Ela falou sobre o assunto a todos os meus amigos imediatamente a seguir, da maneira mais triunfante, e a sua única surpresa foi o facto de não constar nos jornais. A afirmação deliberada da Autora no 12.º parágrafo da sua referida declaração sob juramento (*affidavit*), apresentada neste processo a 27 de junho de 1867, repetida ainda mais deliberadamente no 8.º parágrafo da sua posterior

declaração apresentada a 18 de julho de 1867, de que não executou esta escritura de doação a 12 de dezembro nem até à altura em que executou a escritura de hipoteca de 19 de janeiro de 1867, é totalmente falsa e será tão completamente refutada como o resto das suas afirmações.

97. Sob as circunstâncias anteriormente expostas e não de outra forma, acredito que tal escritura pública (*deed poll*) ou instrumento por escrito, conforme mencionado na referida Petição (*Bill*) como tendo a data de 12 de dezembro de 1866, e nela declarado ser ou ter o teor e efeito expostos no 11.º parágrafo da referida Petição (tanto quanto o mesmo nela se encontra exposto), foi devidamente executado pela Autora.

98. A referida escritura pública foi preparada pelo Réu William Martin Wilkinson, mas não como Solicitador por minha conta e em meu nome, mas sim como Solicitador empregado por e agindo por e em nome da Autora. Não dei quaisquer instruções ou sugestões de qualquer espécie ao referido Réu Wilkinson sobre o assunto da referida escritura pública. Fui informado e acredito que as custas da mesma foram recentemente pagas pela Autora sem prejuízo. É falso que tal escritura pública ou qualquer outra escritura ou instrumento, seja ele qual for, tenha sido executado pela Autora a meu pedido ou instigação, sugestão ou desejo, ou enquanto sob a alegada influência da ascendência e poder que a Autora agora pretende que eu tivesse adquirido sobre ela, conforme mencionado na referida Petição; e sustento o contrário da forma aqui exposta.

Fui informado pelo referido Réu Wilkinson e acredito que a Autora foi repetidamente instada por ele a contratar algum outro Solicitador e que ela recusou persistentemente fazê-lo; e peço licença para remeter para a correspondência entre o referido Réu e a Autora exposta na Resposta do referido Réu. E, salvo a sua referida diligência junto do Sr. Jencken, desconhecida para mim, e o conselho dele, não sou capaz de declarar, quanto à minha crença ou de outra forma, se tal escritura foi executada pela Autora sem a intervenção de qualquer ou, se algum, de que outro Solicitador independente ou outra pessoa por ou em nome dela. Tanto o referido Réu Wilkinson como o referido Sr. Jencken agiram de forma inteiramente independente de mim e um do outro na transação supracitada.

99. A Autora tinha-me dito, algumas semanas antes de 12 de dezembro de 1866, que desejava que o Sr. Wilkinson encontrasse uma hipoteca de trinta mil libras, pois disse: "Vou colocar sessenta mil a 5 por cento e isso tornará o meu rendimento tão bom quanto era". Fiz como ela solicitou e não ouvi falar mais do assunto até cerca da época do Natal, quando a vi receber uma carta que reconheci ser da letra do Sr. Wilkinson. Perguntei-lhe do que se tratava e ela disse que "não era da minha conta, mas que eu saberia quando chegasse a altura".

100. A 30 de dezembro de 1866, passámos o dia e o serão na casa da Sra. Henning, uma amiga minha residente em Sunninghill House, Thicket Road, Norwood; e tão absurdamente afetuosa foi a Autora para comigo, e tanto falou do seu grande medo de que eu casasse e a deixasse, que esta senhora me disse desde então, como era facto, ter decidido nunca mais a convidar para sua casa, visto que até os criados tinham tecido comentários sobre a conduta dela.

101. Este foi o dia do incêndio no Palácio de Cristal e a Autora esteve durante muito tempo numa sala sem qualquer fogo aceso a observar a conflagração, tendo apanhado um resfriado gravíssimo do qual não recuperou durante todo o inverno. Pelo facto de a Autora ter apanhado frio e estar com febre e doente, lembro-me distintamente do dia 31 de dezembro; e lembro-me também de ela me enviar a colocar no correio uma carta para o Sr. Wilkinson, de cujo conteúdo eu era inteiramente ignorante.

102. A Autora estava com febre e doente e, pela única vez desde que a conhecia, esteve no sofá quase todo o serão de 31 de dezembro. Sentei-me ao seu lado e ela disse-me então que estava prestes a realizar, ou tinha realizado, alguns negócios muito importantes que me diziam grande respeito. Disse-me que a carta que eu tinha colocado no correio para o Sr. Wilkinson dizia respeito a uma hipoteca para mim. Como ela vinha há algum tempo a falar de eu colocar o meu dinheiro em hipotecas — pois nunca me considerou capaz de tratar de negócios — pensei que ela se referia a que o meu próprio dinheiro fosse colocado em hipoteca e que ela tinha encontrado um bom investimento para mim através do Sr. Wilkinson, pelo que lhe agradeci e roguei que não se preocupasse com isso, pelo menos enquanto estivesse doente.

Ela disse-me então que era uma hipoteca do seu próprio dinheiro que tinha decidido colocar em meu nome, reservando para si apenas o usufruto vitalício, e que o seu marido lhe tinha transferido a propriedade dele durante a vida dele. Disse-lhe que não via necessidade de tal passo, mas ela silenciou-me dizendo: "A minha primeira escritura de doação poderia, numa emergência, talvez ser anulada, pois o meu amor por ti foi algo tão súbito que as pessoas podem dizer que agi sem o devido discernimento; mas este é um assunto de consideração mais madura"; e acrescentou: "as minhas cartas para ti provarão a afeição que tenho, e todos os teus amigos testemunharão a minha solicitude pelo teu bem-estar. Tomaste o meu nome, sou feliz contigo e não é da conta de ninguém o que faço com o meu dinheiro". Perante tais circunstâncias, não pude senão calar-me e permitir que ela fizesse como desejava.

103. Não vi uma única das cartas escritas por ela nesta altura, nem soube do seu conteúdo até este processo começar. Não foi por qualquer crença no espírito do seu marido ou em qualquer outro espírito que ela agiu. Ela estava determinada a fazer as coisas à sua maneira em tudo.

104. Ela ficou muito zangada comigo na primeira parte de janeiro porque eu lhe tinha perguntado por que razão vivia de forma tão miserável, não fazendo bem a ninguém. Disse que era uma ingratidão da minha parte falar como falava. Disse-lhe que era para a sua própria felicidade presente e futura. Lembrei-lhe, como era facto, que eu lhe tinha obedecido em tudo. Que ela, logo de início, me tinha exigido a promessa de que eu nunca venderia quaisquer ações sem primeiro a informar, e que ela tinha prometido pagar algumas pequenas dívidas que eu tinha. E não só ela recusava agora pagá-las, como me colocava numa posição falsa ao não me permitir vender as duzentas ou trezentas libras que o teriam feito, e que ela não me permitia ser caridoso com os pobres.

Que, em suma, eu era um mero brinquedo para ela e que estava profundamente envergonhado de mim próprio. Ela declarou que não assinaria a escritura de confiança (*trust deed*). Disse-lhe que ficava contente com isso, pois sentia a minha própria degradação cada vez mais todos os dias. Ela estava doente e começou a chorar. Disse-lhe que o que eu tinha dito não fora com raiva, mas que a minha doença me tornava irritável, e o Dr. Gully, a 10 de janeiro, tinha-me achado tão doente que se admirava de eu não ir para o estrangeiro.

E eu não o faria sem ela, pois sentia que não tinha o direito de me estar a divertir enquanto ela estava doente e sozinha. Não se disse mais nada na altura sobre a escritura de confiança, mas alguns dias mais tarde ela mudou de ideias, aparentemente, pois disse-me que me ia dar outra surpresa e que, após devida consideração, tinha resolvido levar por diante a sua primeira intenção e que tudo estava arranjado.

105. A 19 de janeiro de 1867, estava com ela como de costume e o Sr. W. J. Wilkinson e o Sr. Hartley, oficiais do Sr. Wilkinson, vieram trazendo consigo as escrituras e cópias. Levantei-me para sair da sala, sabendo que a Autora não gostava que eu soubesse nada sobre os seus negócios. Ela chamou-me de volta e retomei o meu lugar junto ao fogo; mas depois chamou-me para junto dela e, afastando com o pé um banco debaixo da mesa, indicou para que eu me ajoelhasse ali. Assim fiz, junto dela, e ela pôs o braço esquerdo à volta do meu pescoço e acariciou-me a face enquanto eles liam os pergaminhos. Fiquei mortificado por ela fazer aquilo e, quando eles estavam a ler os pergaminhos, tentei afastar-me, mas a Autora segurou-me ali.

Ela acompanhou a leitura das escrituras com grande cautela e interrompeu-os uma ou duas vezes para fazer observações como: "Uma escritura muito inteligente", "Exatamente". Eu nem a instiguei nem lhe toquei como ela agora jura, a não ser o que a proximidade com que me obrigou a ajoelhar necessitaria. Sob as circunstâncias anteriormente expostas, a Autora não foi, no mês de janeiro de 1867 ou em qualquer outro momento, induzida por mim a executar —

embora tenha, de facto, executado — uma escritura pretendendo ser um contrato sob selo (*indenture*) com a data de 19 de janeiro de 1867, celebrado entre as partes e com o teor e efeito expostos no 13.º parágrafo da referida Petição (tanto quanto o mesmo nela se encontra exposto); e não foi induzida por mim a executar qualquer outro contrato de tal ou qualquer outra data, ou celebrado entre as mesmas ou quaisquer outras partes, ou com tal ou semelhante ou qualquer outro teor ou efeito do que o que foi anteriormente declarado.

O contrato de 19 de janeiro de 1867, que foi anteriormente declarado ter sido executado pela Autora nesse dia, foi preparado pelo Réu William Martin Wilkinson como Solicitador por e em nome da Autora, e não de mim, este Réu; e fui informado e acredito que as custas para a preparação do mesmo foram recentemente pagas pela Autora sem prejuízo. O referido Réu William Martin Wilkinson agiu nessa transação e em todas as suas transações relativas aos negócios da Autora com inteira independência de mim. E, salvo o que foi dito, não sou capaz de declarar se o referido contrato foi visto ou aprovado por qualquer outro Solicitador independente ou outra pessoa por ou em nome da Autora. A Autora também executou o contrato da mesma data recitado no referido contrato mencionado em último lugar, pelo qual ela cedeu a quantia principal de 30.000£ e juros, e as garantias das mesmas, ao referido Réu William Martin Wilkinson; e acredito que tal contrato da mesma data foi preparado pelo Réu William Martin Wilkinson como Solicitador por e em nome da Autora e não de mim, este Réu. E o referido Réu William Martin Wilkinson agiu independentemente de mim, conforme anteriormente mencionado.

E, salvo o que foi dito, não sou capaz de declarar se o mesmo contrato foi visto ou aprovado por qualquer e, se algum, que outro Solicitador independente ou outra pessoa por ou em nome da Autora. E nego que a Autora tenha executado os referidos dois contratos mencionados em último lugar, ou qualquer um deles, a meu pedido ou instigação, ou enquanto estava sob a alegada influência da ascendência e poder sobre a sua mente que a Autora agora pretende que eu tinha adquirido pelos meios e sob as circunstâncias mencionadas na referida Petição; e sustento o contrário da forma anteriormente exposta. As referidas duas escrituras mencionadas em último lugar foram executadas pela Autora a 19 de janeiro de 1867, à tarde, nos seus próprios aposentos, no 17A de Albert Terrace, Knightsbridge, na presença do Sr. William J. Wilkinson, do Sr. Hartley e de mim próprio, e foram as únicas escrituras então executadas por ela.

106.  Um dia ou dois depois disto, eu estava tão pior que o Dr. Hawkesley desejou que eu tentasse uma mudança de ares e, como não me atrevia a pedir tal favor, o meu amigo Sr. Rudall pediu a permissão da Autora por mim, e ela consentiu. Desejei que ela fosse comigo, instando-a devido ao seu mau resfriado, mas ela não o quis fazer e não quis ver um médico.

107.  Fui para Hastings por volta de 26 de janeiro de 1867, separado da Autora, que permaneceu em Londres, e não regressei à cidade até 13 de fevereiro de 1867. Até à altura em que deixei Londres, as únicas fontes de divergência entre a Autora e eu próprio, tanto quanto sei, eram os seus hábitos parcimoniosos e a sua embaraçosa demonstração de afeto para comigo, tanto a sós como na presença dos meus amigos, que teciam comentários sobre o assunto. Eu tinha-a apresentado à maioria dos meus amigos, incluindo muitas pessoas de posição e distinção, que a tratavam com muita atenção como minha mãe adotiva. Depois de eu ter deixado a cidade em janeiro, como referido, a maioria deles interrompeu as visitas a ela. Houve, contudo, uma grande exceção. Eu tinha-lhe apresentado, em novembro, o Sr. Henry Gould Gibson, do n.º 33 de Mark-lane, negociante de vinhos.

Ele começou, logo desde o início, a prestar uma atenção vincada à Autora. Mesmo antes de eu deixar a cidade, ele costumava trazer-lhe presentes frequentes de artigos como pão húngaro, sardinhas, vinagre e assim por diante. Depois de eu me ir embora, ele visitava-a quase diariamente, segundo a minha melhor informação e crença. E em pelo menos uma dessas ocasiões, como será provado, foi ouvido a sugerir à Autora que era uma pena ela ter-me adotado. Ele também, conforme sou informado e acredito, esteve com a Autora presente numa sessão (*séance*) de uma médium verdadeira ou fingida chamada Menina Nicholls, realizada nos aposentos da Autora no início de fevereiro de 1867.

O referido Sr. Henry Gould Gibson, como também sou informado e acredito, tem continuado em termos muito íntimos com a Autora desde então, e tem tido e ainda tem o hábito de frequentar sessões de outros médiuns verdadeiros ou fingidos com a Autora, não obstante ela pretender agora ter renunciado à sua crença no Espiritualismo. Sou adicionalmente informado e acredito que o referido Sr. Henry Gould Gibson tem sido o principal instrumento na instauração deste processo.

Após a minha partida para Hastings, a doença da Autora e a relativa solidão, bem como o seu ressentimento por eu ter desencorajado as suas investidas, permitiram que a Sra. Pepper satisfizesse os seus sentimentos de vingança e inveja para comigo, irritando a Autora contra o meu filho pequeno e contra mim próprio. Ela convenceu a Autora de que o meu filho era ensinado a ansiar pela morte dela, o que era inteiramente falso. E sugeriu à Autora que era uma pena ela ter-se amarrado a um homem moribundo. A referida Sra. Pepper também aconselhou a Autora a adotar novamente, em vez de mim, a referida Fanny Hemming, que ela tinha descartado. A referida Sra. Pepper também esteve, conforme sou informado e acredito, presente na referida sessão realizada em fevereiro de 1867 e tem também, juntamente com o referido Sr. Henry Gould Gibson, incitado a Autora a tomar estas medidas no Tribunal de Chancelaria contra mim.

108. Várias cartas passaram entre a Autora e eu próprio durante a minha referida ausência. Não guardei cópias das minhas, mas os originais estão na posse da Autora, a menos que ela os tenha destruído.

109. Numa carta que ela escreveu e me enviou a 28 de janeiro de 1867, diz ela: "Pergunta aos espíritos, se puderes, de quem é o rosto que eles me deram agora para olhar em vez do teu. Não o descreverei; deixa que os espíritos o façam, se puderem. Quando eu estava a olhar para ele, tocaram-me na perna; era um rosto extraordinário, como nenhum que eu alguma vez tenha visto. Primeiro vi o teu perfil, depois desapareceu e o rosto inteiro de outro olhou para mim. Seria...?"

110. A 5 de fevereiro de 1867, escreveu e enviou-me uma carta erradamente datada de 5 de janeiro de 1867, na qual ocorria a seguinte passagem: "O pobre Sr. Hall está muito doente; apanhou erisipela na cabeça; se não melhorar logo é terrível, espalhar-se-á por todo o corpo. Confio que ele melhore em breve, pobre querido, e a pobre Sra. Hall também esteve doente, mas agora já está outra vez bastante bem. O Sr. Gibson jantou comigo ontem o peru, que se conservou muito bem". O referido peru foi um dos presentes do referido Sr. Henry Gould Gibson à Autora.

111. Na segunda-feira, 11 de fevereiro de 1867, escreveu e enviou-me para Hastings a seguinte carta: "17a, Albert Terrace, Albert Gate, 11 de Fev., 1867. MEU QUERIDO DANIEL, — Fico muito satisfeita por saber que estás muito melhor. Acabo de ter aqui o Sr. Wilkinson e ele diz que gostaria que ficasses até ao próximo sábado. Ele estará contigo na quinta-feira por um par de dias e depois podem vir juntos para cima, e também te fará bem ficar até sábado. Tive aqui o Sacha ontem; ele veio no último sábado, eu não estava em casa. Acho que não há necessidade de a Sra. Ritchie o enviar para cá sem saber se eu requero que ele venha. Sabes que os rapazes pequenos não são entretenimento para mim, uma rapariga é diferente, e eles só estão no caminho quando não são necessários; e sou, Querido Dan, a tua mãe afetuosa, JANE LYON."

Esta foi a primeira indicação que tive de uma aversão tomada ao meu filho. A partir deste dia, ela nunca mais me perguntou, nem aos amigos com quem ele estava alojado, como ele estava; e em abril, a última e única vez que o viu depois disso, nem sequer o beijou. Depois disto, ela disse-me que a Sra. Pepper odiava de tal maneira a criança e que tinha dito à Autora que, sem dúvida, ele estava a ansiar pela morte dela para poder ser rico.

112. Regressei inesperadamente na tarde de quarta-feira, 13 de fevereiro de 1867, e encontrei a Autora nos meus aposentos em Sloane Street. Ela tinha acabado de regressar dos corretores de valores e do Banco de Inglaterra, onde estivera com o Sr. Wilkinson para vender ações pertencentes a

ela e, em parte, a mim, a fim de completar outra transação de hipoteca de 30.000£, da qual eu nada sabia, exceto apenas que ela me tinha pedido, antes de eu deixar a cidade, para lhe emprestar a quantia necessária para perfazer a soma redonda, pois sabia que não tinha o suficiente do seu próprio dinheiro; e com isto eu tinha concordado de bom grado.

Ao aproximar-me para lhe apertar a mão, vi-a dar um empurrão furtivo a alguns papéis que estavam perto dela sobre a mesa e ela pareceu confusa, mas eu não conseguia dizer porquê. Vi que eram as cartas anteriores dela para mim e, como após a partida dela senti pela primeira vez a falta de uma, acredito que ela levou consigo pelo menos uma nessa ocasião, e nessa ou em alguma outra ocasião outra, e que estas cartas em falta eram as mencionadas nos parágrafos 29.º e 50.º desta minha Resposta.

113. Na noite em que cheguei de Hastings, nomeadamente a 13 de fevereiro de 1867, a Sra. Pepper subiu e apertou-me a mão. Quando ela saiu da sala, a Autora disse: "Bem, aquela é a mulher mais extraordinária". Contou-me então que a Sra. Pepper tinha trazido a referida Fanny Hemming para a ver e acrescentou: "Sei muito bem para que foi; apenas para a meter no teu lugar. Vou dizer à velha besta que tive uma comunicação do pai da Fanny dizendo-me que não a devo aceitar". Roguei-lhe que não o fizesse. A Autora continuou dizendo: "A Sra. Pepper esteve aqui todos os dias durante a tua ausência tentando pôr-me contra ti, e agora aperta-te a mão".

114. Encontrei a Autora muito mudada. Parecia vigiar cada movimento meu e lembro-me distintamente do seguinte incidente: a Autora costumava manter o seu relógio num suporte sobre a prateleira da lareira. A rapariga tinha acabado de sair da sala e eu, por acaso, olhei para o relógio e vi que eram doze e um quarto. Quase imediatamente a seguir, a Autora disse: "Estás acordado, querido?". Disse que estava e perguntei-lhe o que queria dizer. Ela disse: "Oh, acabaste de estar num longo transe e contaste-me tudo sobre ti próprio". Eu disse: "Deveras? E há quanto tempo estou em transe?". Ela disse: "Pelo menos meia hora".

Olhei para o relógio e vi que eram precisamente doze e dezassete minutos; e, além disso, eu não sentia nada das sensações peculiares de desfalecimento e frio que tenho depois de estar num transe. Perguntei-lhe o que eu tinha dito. Ela disse-me que eu tinha admitido que não tinha propriedades ou direitos a quaisquer propriedades na Rússia. Isto era tão absurdamente falso e irritante que lhe disse mais uma vez que cessaria ali e naquele momento de ter qualquer outra relação com ela, e que já por tempo demasiado tinha vendido a minha alma a uma mulher como ela era.

Ela respondeu com um olhar da mais feroz raiva: "Vou retirá-la quando chegar a altura; sempre te avisei para não transformares o meu amor em ódio, pois hei de caçar-te até à morte e não há insulto que não venha a acumular sobre ti. Esqueces-te de que não és mais do que um médium e direi que foi tudo por influência indevida que obtiveste de mim o que tens. Posso pagar a quem me aprouver para dar testemunho por mim, e tu e o teu fedelho que se lixem (*go to the devil*). Quando a mulher que me deu à luz estava no seu leito de morte e o marido dela veio dizer que ela desejava ver-me, eu disse que ela podia morrer como um cão à beira do caminho e que eu não moveria um dedo para a salvar. Por isso, tem cuidado". Fiquei tão horrorizado com este arrebatamento que a minha boca se encheu de sangue, pois sou sujeito a hemorragias internas, e estava demasiado doente para sequer ir para os meus aposentos. Devo ter desmaiado, pois quando recuperei a consciência a Autora estava sentada perto de mim e parecia muito alarmada. Beijou-me e implorou-me, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, que lhe perdoasse. Disse-me que a Sra. Pepper a tinha instigado a isso e também que tinha estado muito aborrecida por Henry Gibson a ter estado a importunar por dinheiro, mas que eu não devia pensar em mais nada do que se tinha passado.

115. Depois disto, ela era "inspirada", como dizia, "muito frequentemente", e eu agora acredito e sustento que as suas chamadas inspirações, que ela me ditava e me obrigava a escrever, foram astutamente concebidas por ela com o propósito de me ter no seu poder. Eu estava tão doente e fraco na altura que, por amor à paz e ao sossego, escrevia exatamente o que ela desejava.

116. A partir desta altura, comecei a ter medo da Autora e evitava ficar a sós com ela, pois num momento ela troçava de mim e no momento seguinte mostrava-se demasiado amorosa; e uma ou duas vezes, pouco antes de eu partir para Torquay, disse-me que andara a rever e a datar as suas inspirações e as fingidas comunicações.

117. Numa ocasião, ela disse que gostaria de aprender francês e pediu-me para escrever em francês: "Gostaria de ser Presidente dos Estados Unidos?". Assim fiz e estava prestes a deitá-lo ao fogo quando ela o leu, mas para meu espanto ela guardou-o no bolso. Este é apenas um dos muitos pedaços de papel desse género que ela tinha em seu poder.

118. Eu tinha, conforme anteriormente mencionado, adiantado e emprestado à Autora a quantia necessária para perfazer a segunda soma de 30.000£ do próprio dinheiro dela, que ela tinha aplicado em hipoteca. Isto fora feito da seguinte maneira: quando estive em Hastings, em fevereiro, executei uma procuração a favor dos corretores para venderem das minhas ações o montante que produzisse a quantia em numerário que ela requeria, bem como a

quantia adicional de 400£ de que eu necessitava para fins próprios. Os corretores, consequentemente, conforme fui informado e acredito, obtiveram 3.403£ 6s. 4d. em numerário através da venda de 3.755£ 7s. 8d. em fundos públicos (*consols*) que se encontravam em meu nome, quantia que foi adiantada à Autora, e 400£ em numerário pela venda de 441£ 7s. 7d. em fundos públicos também em meu nome, que foram para mim. Ela referiu-se a isto na sua carta de 13 de fevereiro de 1867, exposta no 39.º parágrafo da Resposta do Réu Wilkinson, para a qual peço licença para remeter, na qual ela diz: "Se vendeu dos do Daniel, deixe-me ter também esse papel do montante exato. Se não vendeu, eu venderia o resto das minhas ações como parte e não teria tanto das dele. J. L."

119. A 21 de fevereiro de 1867, a Autora levou-me com ela aos referidos corretores de valores e ao Banco de Inglaterra, onde ela, por sua própria iniciativa e sem sequer um pedido da minha parte, transferiu a quantia de 2.290£ 9s. 5d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3% — que os corretores lhe tinham dito estarem ainda em nome dela — para o meu nome como Daniel Dunglass Home, por ser esse o nome em que os outros fundos se encontravam. E isto fez ela como reembolso parcial da quantia de 3.755£ 7s. 8d. em fundos que me tinha tomado emprestado como referido, ficando ainda a dever-me a quantia de 1.464£ 18s. 3d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3%.

A Autora levou consigo e guardou os papéis relativos a esta quantia de 2.290£ 9s. 5d. em fundos, juntamente com os meus outros papéis, e eu nunca os vi. A Autora alega, no 15.º parágrafo da sua Petição Inicial (*Bill of Complaint*), que foi induzida por mim a acompanhar-me ao Banco de Inglaterra e a transferir esta quantia de 2.290£ 9s. 5d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3% para o meu nome como Daniel Dunglass Home; e que esta última transferência mencionada foi também feita pela Autora enquanto sob a influência da ascendência e poder que ela alega que eu tinha adquirido sobre ela e que estava então a exercer pelos meios mencionados na referida Petição. E ela omite qualquer menção ao facto de me ter tomado emprestada a referida quantia, e mais, a mim ou aos meus valores, uns dias antes, como referido.

120. Nego que a Autora tenha sido, a 21 de fevereiro de 1867 ou em qualquer outro momento, novamente ou de facto induzida por mim a acompanhar-me ao Banco de Inglaterra e a transferir a quantia de 2.290£ 9s. 5d., ou qualquer outra quantia de Anuidades Consolidadas Bancárias a 3%, para o meu nome como Daniel Dunglass Home; e sustento o contrário da forma supracitada; e nego que a transferência mencionada em último lugar tenha sido também ou de facto feita pela Autora enquanto sob a alegada influência da ascendência e poder que a Autora agora pretende que eu tinha, pelos meios mencionados na referida Petição, ou de facto adquirido ou estivesse então a

exercer sobre a sua mente; e demonstrarei o contrário provando que esta acusação é tão totalmente desprovida de fundamento como o resto do caso dela.

121. Estava em casa há apenas alguns dias, vindo de Hastings, quando a Autora me disse que a Sra. Pepper lhe tinha arrancado a confissão sobre a transferência da última escritura de hipoteca para mim, e que a Sra. Pepper estava furiosa com isso e tinha dito coisas terríveis sobre mim, e que se admirava de ela não ter medo de que eu a matasse. Tentei novamente, como muitas vezes tinha feito, dizer-lhe que esta intimidade com tal mulher, como ela bem sabia ser a Sra. Pepper, era imprópria; mas a Autora não só costumava ter a Sra. Pepper sentada com ela durante a minha ausência, como, depois de eu regressar, encontrava frequentemente a Autora a subir da cozinha. Ela tinha tomado aversão a alguns dos meus amigos e costumava dizer as coisas mais horríveis sobre eles.

Em suma, a minha vida era uma miséria; eu nada podia fazer para lhe agradar. Ela costumava praguejar contra mim quando eu estava tão doente que mal sabia o que estava a fazer ou onde estava; mas eu sentia que estava ligado a ela e não tinha então a coragem moral para me libertar. Fiquei tão doente que, novamente, ela pareceu ter pena de mim e, antes de eu partir para Torquay, o que fiz em ou por volta de 10 de março de 1867, ela estava outra vez normal. Era muito insensível por vezes e, numa noite em que eu estava doente, disse: "Que belo negócio tinha feito ao amarrar-se a um cadáver vivo", e que tinha sido tola em não fazer o que a Sra. Pepper aconselhara: "adotar o seu filho Joe".

122. A Autora tinha, nos meses de janeiro e fevereiro, manifestado repetidamente o desejo de que eu investisse 20.000£ ou 25.000£ em alguma garantia hipotecária, de modo a aumentar o meu rendimento, o qual, contudo, ela nunca me deixava gastar. Eu estava demasiado doente para me preocupar com isso e ela própria falou com o Sr. Wilkinson e solicitou-lhe que obtivesse uma boa garantia hipotecária para mim. Ele, consequentemente, obteve uma hipoteca e, enquanto eu estava doente em Torquay, nomeadamente a 13 de março de 1867, os corretores venderam por mim uma quantia de 21.947£ 17s. 6d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3%, parte da referida quantia de 26.756£ 15s. 5d. de tais anuidades e 6.798£ 17s. 4d. de iguais anuidades, menos as somas de 3.755£ 7s. 8d. e 441£ 7s. 7d. de iguais anuidades assim vendidas como referido, mas somando a quantia de 2.290£ 9s. 5d. de iguais anuidades repostas como referido.

O referido Sr. Wilkinson recebeu o produto de tal venda, montando a 20.000£ em numerário e, em meu nome e por minha conta, emprestou e adiantou essa última quantia mencionada sob hipoteca de propriedade em Yorkshire, e tal quantia de 20.000£ tem estado desde então e está agora investida na garantia da referida hipoteca. A referida garantia foi desde então e está agora depositada

neste Tribunal, onde a Autora a pode inspecionar. Nenhuma parte da referida quantia assim emprestada e adiantada foi reembolsada.

123. Acredito que uma quantia de 9.701£ 9s. 6d., e não uma quantia de 13.898£ 4s. 8d., em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3%, sendo o resíduo ou saldo das referidas três somas de 26.756£ 15s. 5d., 6.798£ 17s. 4d. e 2.290£ 9s. 5d. de iguais anuidades, após deduzir do montante total as referidas somas de 3.755£ 7s. 8d. de iguais anuidades emprestadas e adiantadas à Autora como referido, e 441£ 7s. 7d. de iguais anuidades vendidas como referido, e também a quantia adicional de 21.947£ 17s. 6d. vendida como referido, se encontra ainda em meu nome como Daniel Dunglass Home nos livros do Governador e Companhia do Banco de Inglaterra. Não ameaço, mas pretendo vender e dispor da mesma, ou transacionar com ela, quando este processo estiver terminado, pois de facto me pertence.

124. Durante a minha ausência de Londres, várias cartas passaram entre nós. Não guardei cópias das minhas, mas os originais estão ainda na posse da Autora, a menos que ela os tenha destruído.

125. Numa carta que ela escreveu e me enviou a 17 de março de 1867, diz ela: "Recebi uma carta da querida prima Lady Shelley. Ela tem estado muito doente e teve febres reumáticas, e a sua filha adotiva, Flossie, tem estado extremamente doente. Ela diz: diz ao Dan como ficámos imensamente desgostosos por não o termos visto em Londres. Rogo-te que lhe escrevas daqui a uns dias, diz ela. Nunca conheceu um inverno tão penoso". E mais adiante: "Folgo em saber que gostas de Torquay e que encontraste amigos de que gostas, e que te divertiste ontem ao sol. Espero que desfrutes de muitos dias assim quando estiveres mais forte e o tempo mais agradável.

Vai ao Land's End e a todos os sítios bonitos; far-te-á bem passear e familiarizar-te com as belezas dos mais belos condados que temos. É uma excelente oportunidade que tens agora e acredita-me, meu querido Daniel, a tua mãe afetuosa, JANE LYON." Eu conhecia Lady Shelley desde 1860 e, na parte final de novembro de 1866, apresentei-a à Autora quando, no decurso da conversa, se descobriu que os pais de ambas eram primos em segundo ou terceiro grau e que Lady Shelley tinha o mesmo nome que a Autora e, comparando notas, afirmaram que ambas tinham sido, desde a infância, médiuns maravilhosas. A Flossie aludida é também uma médium muito maravilhosa.

No mês de fevereiro de 1867, a Autora disse-me, ao zangar-se comigo numa ocasião, que pretendia fazer um novo Testamento a favor dos seus parentes recém-descobertos, Lady Shelley e a sua família. A isto respondi que ela era perfeitamente livre de o fazer, no que a mim dizia respeito, mas que, como o dinheiro dela provinha principalmente do marido, eu achava que seria justo dar

aos parentes dele alguma parte do mesmo. Isto apenas aumentou a raiva dela, e ela disse: "Nem um centavo". Como prova adicional do seu rancor contra os parentes do marido e do desejo de lhes exibir a "sua gente de alta estirpe", insiro um extrato de uma carta escrita pela Autora à Sra. Tom Fellowes em 5 de dezembro de 1866: "5 de Dezembro. Minha querida Sra. Fellowes, — Muito obrigada pelas suas amáveis cartas. Estou muito bem. A indisposição a que alude foi de facto muito curta. Envio por este correio 'The Spiritual Magazine'. O artigo intitulado 'The freed soul' foi escrito por mim e copiado pelo meu marido em 1826. Verá por isto que não mudei minimamente a minha crença. A minha saúde está muito boa e saio para jantar com bastante frequência. Fiquei encantada por descobrir que a mulher de Sir Percy Shelley é minha prima.

Ele é o único filho do poeta e espero vê-la com frequência. O nome dela era Jane Gibson, fomos batizadas com o nome da mesma mulher. Ela deseja muito que lhes façamos uma longa visita em janeiro e, se conseguirmos organizar-nos, assim faremos." A Autora tinha, de facto, creio eu, composto o artigo aludido na carta acima em ou antes do ano de 1826 e, no mês de novembro ou dezembro de 1866, sem me consultar, fez com que este artigo fosse inserido na "Spiritual Magazine" e ficou depois muito aborrecida "por se ter esquecido de publicar que a autora era a mãe do célebre D. D. Home".

126. A 19 de março de 1867, escreveu e enviou-me a seguinte carta endereçada a Torquay: "19 de Março, 1867. Meu querido Daniel, — Dizes que o teu aniversário é no dia 20, i.e., amanhã. Que vejas muitos e que sejam dias felizes, cheios de saúde e alegria. Conta ver as minhas palavras verificadas, pois escrevo com o pensamento e a pena da inspiração. A tua saúde florescerá como o loureiro novo, cheio de vida e seiva. Nunca verei esses dias distantes, mas tu recordar-te-ás dos meus prognósticos proféticos aqui escritos. Folgo em saber que dormes bem e que a tua tosse está muito melhor.

Ficarão todos bem juntos muito em breve, pensa apenas nisso. O tempo aqui é perfeitamente miserável; neva numa hora, cai saraiva na seguinte; frio e desconfortável, nunca vemos a cor do céu, de tão negro que está. O meu resfriado não melhora; nada de sair, nenhuma mudança para mim; quanto mais cedo eu for para a terra do sol, se tal existir, melhor. Dizes que a 50 milhas daqui o chão está coberto de neve com 2 e 3 pés de espessura, mas não dizes se a este ou a oeste. Dirás isto na tua próxima. Que Deus te abençoe, proteja e restaure à saúde perfeita, e que o teu aniversário de /68 seja mais auspicioso; e sou, meu querido Daniel, a tua mãe muito afetuosa, JANE LYON." Esta é a última carta em que ela assina como mãe.

No 11.º parágrafo da sua referida declaração sob juramento apresentada a 27 de junho de 1867, a Autora jura que em dezembro de 1866 eu a induzi a acreditar que o espírito do seu falecido marido ordenava ou desejava que ela me desse

uma prenda de aniversário de 6.000£, e que ela assim o fez a 10 de dezembro de 1866 na forma nela mencionada; embora ela tivesse, numa carta escrita ao Réu Wilkinson a 7 de dezembro de 1866, sem o meu conhecimento privado ou ciência, dito: "Por ocasião de o meu filho adotivo tomar o nome de Lyon, desejo fazer-lhe uma pequena surpresa. Pretendo acrescentar seis mil libras às vinte e quatro que já lhe dei, perfazendo um total de trinta mil."

127. Durante a minha ausência em Torquay, a Autora, não obstante as expressões amáveis nas suas cartas para comigo, estava a tentar fabricar provas contra mim; e tentou subornar, entre outros, como provarei, Eliza Clymow, a criada no alojamento da Sra. Pepper, para jurar contra a verdade que nunca tinha colocado quaisquer cartas para a Autora endereçadas ao Sr. Wilkinson no correio, e que me tinha ouvido a mim, este Réu, a ditar cartas para a Autora escrever. Descobrindo que a honestidade desta pobre rapariga era à prova dos seus esforços, a Autora começou a maltratá-la nas suas cartas para mim e, na terça-feira, 2 de abril de 1867, a Autora escreveu e enviou-me a seguinte carta endereçada a Plymouth: "Terça-feira, 2 de Abril, /67. Meu querido Daniel, — Espero que gostes de Plimoth e do Royal Hotel.

Não deves vir para Londres tão cedo como dizes. Deves permanecer por mais duas ou três semanas e ir a Penzance; dizem que é igual ao sul de França e sem dúvida que a mudança de ares te fará bem, e já estás a meio caminho. Desejo muito que o vejas; a Menina Peal está lá e isso é algum incentivo para ires. Quero saber tudo sobre isso e as belezas da Cornualha. Penso que, como a tua tosse está bastante melhor, podes aventurar-te daqui a uns dias ou uma semana e ou ficar lá ou regressar a Plimoth, se gostares. Não desejo que venhas para esta casa, pois vou sair. Estive no n.º 1, onde chamaste uma vez; uma Sra. Loudon disse-me que disseste que era para uma senhora, mas não disseste quem, senão ela teria aceitado receber-me e está muito arrependida de não o ter feito. Contudo, ela receber-me-á logo que eu possa sair. Eu disse que não ficaria se a Eliza permanecesse; ela é uma badalhoca muito má e mentirosa; acho-a perigosíssima.

Ela não é amiga tua nem minha, mas não me importo, ela não nos pode fazer mal; e far-te-á bem permaneceres no oeste até perto do final deste mês, e cuida muito de ti e em breve estarás BEM. J. Fellowes está nos Engenheiros Reais, mas não desejo que procures a sua amizade; a mãe dele e a Charlotte Dennison estiveram aqui. Não as vi. Não desejei vê-las. Esta última vai ser dama de honor; o casamento realizar-se-á a 7 de maio. A Charlotte está de visita à noiva em Plimoth, a Menina Hodges. Tenciono tirar daqui as minhas caixas em breve, mas detesto ir à casa da Sra. J. Fellowes para as tirar, mas fá-lo-ei brevemente. Estou muito bem e hoje comecei a alterar algumas roupas e coisas necessárias; e sou tua muito afetuosamente, JANE LYON."

128. Embora não tenha guardado cópias das minhas cartas para a Autora, lembro-me distintamente de lhe ter escrito por esta altura mencionando que tinha ouvido dizer que havia uma mão de esqueleto na Capela Católica pertencente aos Gerrard, perto de Warrington, em Lancashire, à qual eram atribuídos poderes miraculosos de cura, e que eu pensava em experimentá-la. Ela tentou aproveitar-se disto nas cartas seguintes para me enredar em algum tipo de admissão de que deveríamos seguir implicitamente o que quer que os espíritos ditassem.

Acredito que ela foi incitada a fazer isto pelo referido Sr. Henry Gould Gibson, que nesta altura a visitava quase diariamente, e ele escreveu pelo menos uma carta para fazer averiguações sobre mim sem o meu conhecimento. O referido Sr. Henry Gould Gibson também me escreveu uma carta com data de 1 de abril de 1867, na qual me pedia permissão para solicitar à Autora que lhe emprestasse 500£ a 10% de juro, desejando que eu "escrevesse umas linhas" à Sra. Lyon para a informar de que ele o faria. Acredito agora e sustento ser esse o facto, que o referido Sr. Henry Gould Gibson, do número 33 de Mark-lane, na City de Londres, negociante de vinhos, escreveu esta carta com o pleno conhecimento e conivência da Autora, com o propósito de me atrair para algum tipo de admissão implícita de que eu tinha grande influência sobre a Autora e que ela não conseguia gerir os seus próprios negócios sem mim; quando, em honra e em facto, eu não me teria atrevido a escrever, nem consequentemente escrevi, tal pedido à Autora.

129. A 4 de abril de 1867, a Autora escreveu e enviou-me a seguinte carta: "Quinta-feira, 4 de Abril, /67. Meu querido Daniel, — Terias uma carta minha quando chegaste a Plymouth. Desejas saber onde o James Fellowes está aquartelado; é no Forte Picklecombe, Devonport. Envio-te a fotografia dele. Não desgosto dele; acho-o um rapaz muito bom. Não sei NADA contra ele, SEJA O QUE FOR. Desejo-lhe as maiores felicidades de todo o coração. É da mãe dele que eu desgosto; ela é um d-o de uma ponta à outra. Espantas-me a respeito da mão. Se os espíritos acham que te fará bem, vai em nome de Deus; se não, fica onde estás ou vai para Penzance. Os espíritos comunicam contigo? Pela minha parte, deixá-los-ei ir dormir; nunca penso neles nem eles em mim. O Sr. Gibson esteve aqui hoje, acaba de me deixar. Disse que te escreveria para não vires à representação de amadores; e sou, com pressa, tua afetuosamente, JANE LYON."

130. Novamente a 7 de abril de 1867, a Autora escreveu e enviou-me a seguinte carta: "Domingo, 7 de Abril, /67. Meu querido Daniel, — Espero que te sintas melhor pela mudança que tiveste, tão parecida com um cata-vento E. W. N. Sul. Tencionas experimentar a mão-espírito, sem dúvida. Continuo nos mesmos aposentos por mais uma ou duas semanas, mas já tive o *quantum suf* [o suficiente], embora não culpe tanto a Sra. Pepper como a criada que não vale

nada. Não seria melhor para ti ires de imediato para França, já que podes agora atravessar o Canal?

Sem dúvida que te faria bem, a mudança de ares convém-te. Não sairei de Londres por mais algum tempo, e tu regressarias daqui a um mês ou dois e empacotarias as tuas coisas no Athenæum, pois não creio que se mantenha por muito mais tempo. Então provavelmente eu poderia ir; mas é incerto, pois acho que será melhor não mexer no que está bem; mas irei, como de costume, para a beira-mar. O Sr. Harrison Green enviou ontem uma data de ovos frescos para ti, mas não pagariam o transporte para Liverpool. Tenho uma pessoa a trabalhar para mim no meu quarto e, se vieres a Londres em breve para empacotar as tuas coisas antes de fores para Paris, podes tomar o pequeno-almoço e jantar no teu alojamento ou no Michell's e vir ter comigo às seis horas.

Terás então o dia para ti e eu também com a minha costureira. Ela sai às seis horas; podes então, se quiseres, tomar chá, uma costeleta ou bife comigo. O Sr. Bernard, o senhor coxo, vive aqui e cria imenso trabalho adicional. Quem me dera estar fora disto. Receio que o pobre Jencken esteja muito doente. Espero que estejas muito melhor, embora possas não estar totalmente bem. Creio sinceramente que estarás depois de estares em França algum tempo. Poderás então dizer: estive em França e estou tão bem que agora aprendi a dançar. Soube que o teatro amador correu bem e o teu rapaz Sacha fez maravilhas; isso é uma boa notícia para ti, viz. que o teu rapaz será uma estrela. Que vivas para o ver brilhar; e sou, meu querido Daniel, tua afetuosamente, JANE LYON."

131. Novamente, noutra carta que me escreveu por esta altura, mas que tem apenas a data de domingo à noite, diz ela: "O Sr. Gibson esteve aqui ontem à noite".

132. Sentindo-me por esta altura muito doente e deprimido, com um pressentimento indistinto do mal que me ameaçava, escrevi-lhe nesse sentido. Ela respondeu de uma forma que, pela referência ao meu filho — que eu sei que ela por esta altura odiava —, pretendia ser sarcástica: "Quinta-feira. Meu querido Daniel, Lamento imenso saber que te sentes por vezes tão deprimido no pensamento. Não tens razão para tal. Conta com dias mais radiantes quando estarás, como te disse numa carta anterior, totalmente bem; assim será. Conta ver o teu filho como um ornamento, uma estrela brilhante, como te disse que ele com toda a probabilidade será. Ele é teu filho, a tua imagem em tudo, génio e disposição. Deves orgulhar-te do teu filho. Cuida de ti por amor a ele, para que possas viver para o ver crescer."

133. A 13 de abril de 1867, a Autora escreveu e enviou-me a seguinte carta: "17a Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 13 de Abril, /67. Sábado. Meu querido Daniel, — Lamento de facto imenso que não pareças estar a

melhorar muito com a excursão e mudança de ares. Dizes que vais experimentar a mão maravilhosa. Não creio que venhas a colher benefício daí. Receio que seja uma impostura como muitas outras. Contudo, não há prova como a experiência, por isso poderias arrepender-te de não a teres feito quando saíres de Liverpool; assim, se não obtiveres bem, confio em Deus que não obtenhas mal; mas penso que deverias pedir o conselho dos espíritos sobre o assunto, mas já é tarde demais e por esta altura já saberás tudo sobre isso.

Dizem que não se deve confiar nos espíritos em todos os momentos. Quisera eu que tivesses ido para Penzance, pois acho que Liverpool é demasiado frio para ti; no entanto, deves manter o ânimo. Estão guardados dias melhores para ti, pois sei por VERDADEIRA inspiração que hás de melhorar disto e ficarás totalmente bem; pode levar um pouco de tempo primeiro, mas deves manter a esperança até que esse bom momento chegue; paciência e resignação. Uma palavra aos sábios, sabes, pode fazer um pouco de bem. O tempo aqui está muito instável; hoje está chuvoso, frio e suficientemente desconfortável para deixar qualquer um deprimido.

Pergunto-me se a terra dos espíritos é melhor; se for pior, Deus ajude os que lá estão. Tudo serve para provar se seremos capazes de o fazer. Se eu tivesse sido o Grande Dador de todo o bem, creio que teria dado todo o bem; nem uma partícula de mal, nem dor, nem doença, nem tristeza, nem morte, nem tempo escuro e sombrio; tudo sol e alegria, nem tempestades no mar, nem naufrágios; tudo calmo e belo, tudo espiritual, sem mortalidade, nem carne, nem decadência; a terra sempre bela, crescendo espontaneamente tudo o que desejássemos, frutos delicados e flores sempre radiantes de beleza requintada, pássaros da mais esplêndida beleza sempre a cantar, palrando e divertindo-te; de facto, os próprios anjos; nenhum trabalho exceto o de afinar os teus instrumentos e cultivar as tuas flores requintadas e transportar-te para cenários de beleza e variedade incessantes e sem fim; música e músicos angelicais variando sempre as suas melodias, sentados em bancos de flores. Oh! pudéssemos nós ter a certeza disso, quanto mais cedo nos fôssemos embora, melhor. Viva a terra dos espíritos; larga a carne e vai para a terra dos espíritos; larga os teus ossos e vai para a terra dos espíritos. Não tenho tempo para dizer mais."

"Com pressa, meu querido Daniel, tua afetuosamente, "JANE LYON."

134. Creio ser esta a última carta que recebi antes de regressar a Londres, o que fiz a 22 de abril de 1867, tendo passado o serão com ela. Eu tinha escrito ao Sr. Rudall para passar o serão connosco pois, por esta altura, tinha um pavor nervoso de estar a sós com a Autora, que sabia que, por razões privadas, eu tinha horror à insanidade, do que ela se aproveitava para me amedrontar e me ter ainda mais sob o seu controlo. Ela costumava fingir na sua conversação, como fez depois nas suas cartas, uma singularidade de maneiras

que tinha sido até àquela data, ou em todo o caso antes de fevereiro, complemente estranha nela.

135. No meu regresso, a Sra. Lyon demonstrou abertamente a sua aversão por mim e o seu ódio pelo meu filho, o qual ela nunca mais quis sequer ver. Também costumava dizer-me, quando estávamos a sós, que me tinha no seu poder e que, se eu não tivesse cuidado, far-me-ia senti-lo. Eu estava ainda num estado de saúde débil e a maneira dela de tal forma pesava na minha mente que em breve estava muito pior do que quando regressei; e o Dr. Gully disse à Autora que eu estava num estado muito perigoso. Então, de súbito, a sua antiga afeição e bondade regressaram por um momento e, certa manhã, ela subiu dizendo: "Oh, aquela horrível Sra. Pepper, como ela te odeia!

Atrevo-me a dizer que é porque não lhe emprestaste o dinheiro que ela queria. Ela acaba de dizer que o Sr. Verra lhe tinha dito que eu (a Autora) era uma tola por ter dado o meu dinheiro a um vigarista como tu, mas eu disse-lhe que nunca tinha feito tão bom investimento." Deixei a cidade a 1 ou 2 de maio rumo a Malvern.

136. Muita correspondência passou novamente entre nós durante a minha ausência. Não guardei cópias das minhas cartas, mas os originais estão na posse da Autora, a menos que ela os tenha destruído. Na primeira carta que me escreveu após a minha partida, disse ela: "O Sr. Gibson esteve aqui ontem à noite a perguntar por ti. Espero que escrevas duas ou três vezes por semana apenas para me deixares saber como progrides; duas ou três vezes bastarão, a menos que tenhas algum assunto a comunicar-me, pois nem sempre espero uma carta longa como a última; mas há uma coisa que não deves esquecer: colocar o dia do mês e a residência."

137. A 4 de maio de 1867, escreveu-me o seguinte: "Sábado, 4 de Maio. Meu querido Daniel, Por favor, devolve os meus cheques em branco pelo próximo correio. Causaste-me um grande transtorno ao levares o meu livro de cheques em vez do teu, que não me serve para nada. Sabes que ficaste com o último do meu livro para trocar. Eu queria particularmente passar um cheque hoje e descobri que não podia, pois tinhas levado o meu livro e deixado o teu. Assegura-te de que devolves imediatamente o meu, ou tantos quantos tenhas, e eu enviarei imediatamente o teu numa carta. Tira a parte de trás, eu farei o mesmo com o teu.

Não posso passar um cheque até os receber. Com pressa, Tua etc. JANE LYON. Espero que te sintas melhor, deixa-me saber. Talvez seja melhor enviares três ou quatro completos com a parte do destacável (*memorandum part*). Farei o mesmo com os teus. Não uses mais nenhum dos meus, que são ordens. Recordas-te que os teus são azuis — ao portador — e de forma alguma adequados para mim. Portanto, não uses mais nenhum deles." Eu nem sequer tinha visto o livro de

cheques dela e, por esta altura, não lhe teria tocado por nada deste mundo. O cheque que ela menciona eu ter levantado fora para ela própria.

138. A 7 de maio de 1867, escreveu-me o seguinte: "7 de Maio, 1867. Meu querido Daniel, — Lamento ter-te escrito com tal irritação a respeito do livro de cheques. Fiquei certamente muito aborrecida por descobrir que não podia passar um quando precisava de um tão particularmente. Pensei que tivesses levado o meu em vez do teu. Contudo, fui ao Banco hoje e troquei-o por um como costumo ter. Sei que escrevi de forma agressiva. Não me recordo do que disse. Destrói-a. Dizes que estás a ficar mais forte; folgo em sabê-lo, mas sabes que hás de melhorar, o espírito em que confias diz que sim, portanto isso é prova. A tua cunhada, como referes, foi viver novamente com o marido após um processo para se divorciar dela. Ele deve ser um pobre miserável para viver com ela depois de a conhecer tão bem, mas suponho que sejam ambos farinha do mesmo saco (*pot and kettle*). Mas não imagines que algum dia obterás dinheiro dele para basear promessas sobre uma impossibilidade que nunca conseguirás obter até que a lua seja feita de queijo e desça à terra para ser comida pelos homens; portanto, não tenhas qualquer despesa nesse assunto, pois mais depressa ganharás tu próprio asas e voarás até ele e lhe arrancarás o nariz à dentada.

Isto é tão provável quanto dizerem que as vacas podem voar, mas muito improvável. O Sr. Hall passou por cá ontem; ele e a mulher vão para Paris na segunda-feira daqui a quinze dias. Espero companhia para passar o dia amanhã, portanto escrevi a adiar a Sra. Riche e o teu rapaz até que venhas para casa, e ele gostará tanto ou mais, eu sei. Por favor, apresenta os meus cumprimentos ao Dr. Gully e à sua irmã Ellen, à tua querida e respeitada amiga, a irmã dela, se estiver em casa; e acredita-me tua afetuosamente, JANE LYON."

139. A 13 de maio de 1867, escreveu e enviou-me uma carta endereçada a Malvern, onde eu então estava, na qual diz: "Folgo sinceramente por saber que estás muito melhor, mas tenho poucas dúvidas da tua recuperação final, senão o que valeria a palavra dos espíritos? Temos de nos despedir deles, pois sempre disseram que tinhas uma grande obra a realizar na terra antes de partires. Pergunto-me o que será. Vais trazer a lua à terra para nos deixares ver de que é feita? Então veremos o que veremos, como diz o feirante.

Relativamente ao dinheiro russo, folgo por estares tão seguro dele. Tudo o que posso dizer é que espero que o recebas"; e mais adiante: "As minhas esperanças estão na eternidade. Os espíritos dizem que serei abençoada neste estado. Não se deve confiar neles. Pelos espíritos, foram-me ditas muitas coisas que estão longe de estar corretas até agora."

140. Novamente, a 21 de maio de 1867, escreveu e enviou-me a seguinte carta: "Terça-feira, 21 de Maio. Meu querido Daniel, — Pela tua desta manhã fico feliz por saber que não estás pior; também por uma simpática carta

da tua querida amiga Menina E. Gully que recebi ontem; ela dá-me grandes esperanças de que em breve estarás bem novamente, de modo a provar a veracidade dos espíritos que dizem sempre que ficarás totalmente bem; portanto, mantém a esperança e nunca desanimes. Estás sob o cuidado de Deus e de excelentes e bons amigos. És um tipo de muita sorte; nasceste sob um planeta afortunado. Estavas num mau estado quando deixaste Londres, pálido e doentio; quando regressares, não estarás rosado, pois tal não te pertence, mas a saúde estará, não tenho dúvida, estampada no teu semblante e por muitos anos de duração." Ela própria, na sua carta para mim de 19 de março, na qual reivindicava inspiração, tinha previsto que eu ficaria totalmente bem.

141. Eu tinha-lhe escrito a dizer que os médicos afirmavam que eu poderia ir para a cidade em dez dias e, a 27 de maio de 1867, ela escreveu-me o seguinte: "Segunda-feira, 27 de Maio, /67. Meu querido Daniel, — Estou algo surpreendida por descobrir que estás como referes, viz. 'estou mais ou menos como estava', ou seja, o mesmo de quando deixei Londres. Lamento de facto muito por isso, pois estavas muito melhor. Contudo, continuo a acreditar que há um tempo para todas as coisas; que eventualmente hás de melhorar, provavelmente nunca totalmente bem, mas muito diferente do que estás presentemente; e os espíritos dizem que estarás forte em dez dias; isso passará depressa e então provarás o poder e a veracidade deles, embora eu ache que eles não têm tais poderes.

Não chegou o tempo de eles o demonstrarem; contudo, a vontade do grande Deus deve ser feita, todos temos de sucumbir a isso mais cedo ou mais tarde; e conforme o mundo vai, não há muito por que valha a pena viver; e se não tivermos saúde, não há nada; se roubados da grande bênção da vida, apenas arrastamos o nosso caminho cansativo com dor, desgosto e tristeza; mas olhemos em frente para esse mistério dos mistérios, outro e melhor estado, outro mundo. Oh, tivesse algum poder o dom de nos dar a visão desse mundo como os espíritos o veem, então as nossas mentes estariam em paz, espero eu, com visões que nos fariam abençoados. Espantaste-me com as casas de papel e os barcos de papel. Pergunto-me o que virá a seguir; voar, espero eu. Espero ver isso antes de voar para longe e não ser mais vista; asas de papel e casas de papel para carregar às costas e assentá-las onde quisermos.

Oh, não seria isso belo? 'Sobre a água e sobre o mar e sobre a água para o Charlie'; 'Oh, pelos dias felizes da boa Rainha Bess'. O Sr. Rimel enviou o anexo. Quando enviares um cheque para a tua subscrição, por favor coloca uma libra por mim, conforme lhe prometi dar. Mantém o ânimo. Dias melhores virão para ti. Todo o amor para todos os bons amigos. Tua afetuosamente, JANE LYON."

142. Desde 6 de maio de 1867, a Autora estivera, de facto, a tomar medidas finais para preparar o processo na Chancelaria contra mim, o qual, por

esta altura, o mais tardar, ela tinha decidido instaurar. E estivera em consulta com o referido Sr. Bailey, de Sloane-street, para esse fim. Não obstante tal facto, continuava a escrever-me afetuosamente. Ela tinha estado extremamente zangada comigo antes de eu deixar a cidade porque eu tinha estado no Comité para o Hospital Francês, ao qual o anexo na última carta fazia referência, e porque eu tinha subscrito dez guinéus; e ela disse então que eu era muito pródigo "com o dinheiro dos outros".

143. A 30 de maio de 1867, a Autora teve uma entrevista com o referido Sr. Jencken, a quem tinha escrito para o efeito. E consultou-o sobre como deveria recuperar de mim e do Réu Wilkinson a escritura de confiança e a garantia hipotecária das 30.000£ que ela tinha estabelecido a meu favor, como referido, após o seu falecimento. E disse-lhe que não desejava perturbar as doações de 24.000£ e 6.000£ que me fizera, mas achava que tinha sido demasiado pródiga ao conceder-me a doação subsequente. Ainda assim, não me tinha pedido para a devolver nem expressado um desejo nesse sentido; e eu nada sabia do seu desígnio secreto para a recuperar.

144. No dia seguinte, nomeadamente 31 de maio de 1867, escreveu e enviou-me para Malvern a seguinte carta: "Quinta-feira, 31 de Maio. Meu querido Daniel, — Folgo em saber que estás melhor do que eu pensava pelo teor da tua carta, embora ache que não estás suficientemente bem para deixar a localidade dos teus amigos em Malvern, de onde obterás, se for para obter, a tua recuperação permanente; portanto digo, fica onde estás até que a tua garganta esteja melhor. Lembras-te que te disse quando partiste: não regresses até estares totalmente bem; não és necessário aqui por ninguém que eu saiba; portanto fica onde és necessário para aperfeiçoar a tua recuperação. O Sr. Starling desejaria ter permanecido mais tempo, dizendo que teria sido melhor para ele; então eu disse: regressa de novo. 'Ah', disse ele, 'mas agora estou em Londres'; portanto não te arrependas quando estiveres em Londres, desejando ter permanecido para maior melhoria.

Obtém todo o benefício que possas dos teus bons amigos e tenho a certeza de que os espíritos desejam que o faças. Vi o Sr. Jenckin ontem, acabado de chegar de Paris. Com amáveis cumprimentos para os teus amigos em Malvern, tua afetuosamente, JANE LYON." E a 6 de junho de 1867 escreveu e enviou-me a seguinte carta: "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 6 de Junho, /67, Quinta-feira. Meu querido Daniel, — Dizes que ficarei encantada por saber que apanhaste um resfriado medonho. Não vejo que um resfriado medonho beneficie minimamente a tua doença e disseste na tua última 'Um mau começo faz um bom fim'; eu penso o contrário. Lamento que tenhas apanhado um mau resfriado e lamento que tenhas tido um mau começo, pois sempre me disseram que isso faz um fim pior.

Não estiveste bem desde que te conheci. É uma pena para ti. Eu tenho PENA de ti (*I do PITTY*). Os espíritos, em vez de te fazerem bem, fazem o contrário; portanto, eu cortaria com eles *in toto*, lavaria as mãos deles como tenciono fazer. Não se deve confiar neles. Foi-me enviado um livro na semana passada que causou alguma impressão na minha mente. Não farei por agora qualquer comentário ou observação sobre o mesmo, mas em data futura dir-te-ei o que penso dele. Que FIQUES BEM e sejas feliz sem espíritos ou poder espiritual. Não tende para o bem. Pelo contrário.

A Sra. Pepper tem-me pedido frequentemente para te solicitar que envies a chave da porta da rua dela numa carta para mim, mas esqueci-me sempre de o referir. Poderias, por favor, enviá-la na tua próxima carta? Assim ficarei livre das amolações dela sobre o assunto. Gostaria que não a tivesses levado contigo. Contudo, envia-a imediatamente. Ela tem receio que a tenhas perdido. Então terá, diz ela, de pôr uma fechadura nova na porta. Recebi uma carta da Sra. Senior, que escreve da cama. Respondi à carta dela. Gosto muito dela. Não vejo o Sr. Starling, mas espero que ele vá para Malvern. Os meus melhores cumprimentos para o Dr. e Menina Gully e sou tua afetuosamente, JANE LYON."

145. O livro referido na última carta era, conforme a própria Autora me informou mais tarde, um livro escrito sobre espiritualismo por um francês chamado Chevalier. Ele anunciava nesta obra que tinha sido membro do Athenæum Espiritual anteriormente mencionado, o que era falso. E embora afirmasse que os fenómenos do espiritualismo não podiam ser nem eram produzidos por fraude ou artifício, atribuía-os contudo ao Maligno. Ele adicionou recentemente, creio eu com permissão da Autora, uma tira ou aviso impresso ao livro com o efeito de que fora em consequência de ter lido este livro que os presentes procedimentos na Chancelaria foram iniciados, o que é também falso, conforme anteriormente demonstrado.

146. Fui informado e acredito, e sustento, que imediatamente antes e subsequentemente à escrita da carta acima, a Autora estava a ter sessões com médiuns espirituais verdadeiros ou fingidos.

147. A 8 de junho de 1867, escreveu e enviou-me a seguinte carta, também endereçada a Malvern, onde eu estava: "Sábado. Meu querido Daniel, — Lamento que não tenhas enviado a chave, pois tenho a certeza de que não poderia escrever com mais firmeza sobre esse ponto. Agora solicito novamente que eu receba a chave na segunda-feira de manhã; ela é particularmente necessária para a Sra. Pepper, como te disse na minha última; ela precisa dela para um senhor que dorme na casa.

Estão, diz ela, obrigados a ficar acordados para o deixar entrar; portanto envia-a imediatamente e não venhas cá na quarta-feira; não verás ou estarás

suficientemente bem; permanece até estares totalmente bem. Não venhas por minha causa, pois tenciono evitar cuidadosamente mais manifestações; elas não são boas e não tendem para tal. Eu era mais feliz antes de ter tido alguma delas e sou tua afetuosamente, JANE LYON."

148. Como eu tinha usado a chave da trincha dos seus aposentos, a que ela se referia, para entrar durante todo o inverno, e sabia, como era facto, que a chave não era realmente necessária para mais ninguém, e observando o tom zangado e impaciente das suas cartas, concluí que seria melhor regressar imediatamente. Assim fiz no domingo, 9 de junho de 1867. E às onze e meia da manhã seguinte (segunda-feira, 10 de junho), fui visitá-la. Encontrei a porta exterior trancada em vez de estar apenas na trincha, como era costume; e quando a criada abriu a porta, dirigi-me à sala de estar da Autora. Ela pareceu muito feliz por me ver e foi extremamente demonstrativa na sua afeição. Expressou pesar por eu não estar com melhor aspeto. Eu disse que lamentava que a minha má saúde me tivesse mantido afastado dela.

Ela disse: "Sim, pobre rapaz, eles podem dizer o que quiserem contra ti, mas não podem negar que estás doente e sofres muito". Tocou a campainha e disse à criada para trazer outra chávena para que eu tomasse chá. Sentou-se então em frente a mim e, olhando fixamente para mim, disse: "Mesmo se gostares, agora não fui tão longe que não possa ser desfeito", ou palavras com esse efeito. Eu perguntei: "O que quer dizer com isso?". Ela respondeu: "Oh, tu sabes muito bem o que eu quero dizer".

Fiquei irritado com ela e permaneci em silêncio, e não sabia o que é que ela estava a propor desfazer. Ela disse então, num tom de escárnio, que tinha estado a ver muito a Sra. Berry e que tinha estado a ter imensas sessões maravilhosas com a sobrinha dela, Emma Berry, a qual a Sra. Berry, como ela disse, a tinha estado a instar a adotar; e que ela o faria, apenas a Sra. Berry estipulava que a rapariga tivesse uma governanta francesa. Disse também: "Tenho estado a ver muito o Fred Kent ultimamente. Ele é um rapaz adorável. Coitado, ganha apenas vinte e três xelins por semana onde está, mas não importa, farei algo muito generoso por ele. Ele gosta muito de mim."

Continuou depois dizendo que também tinha visto muito ultimamente a sua amiga Sra. Sims, a fotógrafa, e que tinha estado a ter sessões com ela, acrescentando: "Descobri por que é que a Sra. Sims te odiou durante todo o inverno. Porque não fizeste nada por ela." Perguntei-lhe por que haveria eu de o fazer. Ela respondeu que a Sra. Sims afirmava ter-me apresentado, a este Réu, à Autora. Eu disse que tal não era verdade, como a Autora bem sabia, que ela própria tinha feito indagações sobre mim à Sra. Burns e que se tinha então apresentado a mim. Ela ordenou-me que não voltasse à casa até que ela mandasse chamar-me.

Disse-lhe que esperava que ela o fizesse no dia seguinte para o pequeno-almoço e que então talvez ela fosse capaz de me dizer o que diabo é que eu tinha feito para a irritar. Pois, em verdade, eu não me podia acusar de ter faltado com gratidão ou bondade para com ela. A referida Sra. Berry, que aluga ela própria casas mobiladas, disse-me a 17 de junho de 1867 que tinha instado a Autora a ir para a Chancelaria e que eu, este Réu, faria melhor em fugir para a América. A referida Sra. Berry afirma ser uma médium maravilhosa.

149. Não recebendo notícias da Autora e não tendo quaisquer sentimentos hostis para com ela, escrevi e enviei a seguinte carta para ela na manhã seguinte: "22, Sloane Street, 11 de Junho, 1867. Minha querida Mãe, — Lamento não ter tido notícias tuas esta manhã. Tinha esperança de que o teu melhor discernimento não te permitisse ser influenciada por aqueles que te rodeiam. Há uns meses não teria sido assim. Consolo-me com a ideia de que é apenas algo momentâneo. Não tentarei influenciar-te minimamente; nunca o fiz e não o farei agora. Estou a fazer as malas, pois o Dr. tenciona enviar-me para o estrangeiro, para alguns dos banhos alemães. Gostaria que viesses comigo.

Pagarei todas as despesas. Seria um prazer tão profundo ter-te comigo. A minha saúde é tão delicada que em breve haverá uma mudança para pior ou para melhor. E se eu partisse da terra, sei que ficarias triste por pensar que qualquer falta de bondade da tua parte me fez mal. Não esconderei de ti nem de ninguém que tal seria o caso. Não é o simples facto de seres tão generosa e nobre em ações para comigo como tens sido que constitui a verdadeira bondade. Ela demonstra-se mais plenamente na vida quotidiana.

Tomei o teu nome porque não podia de outra forma mostrar a minha estima e respeito por ti. Senti que estava a assumir perante mim um compromisso solene à vista de Deus e do homem quando te chamei pelo nome sagrado de mãe. Os meus sentimentos mantêm-se inalterados e cumpri o meu dever tão bem quanto a minha frágil saúde permitiu. Estive fora de Londres mais do que desejava, mas pedi-te sempre para te juntares a mim. Mais não podia fazer. Rezando a Deus para que te abençoe e aos Seus bons anjos para que te guardem."

"Crê-me, como sempre, teu Filho afetuoso, "D. H. LYON."

150. No mesmo dia, ela escreveu e enviou-me a seguinte carta em resposta: "17a, Albert Terrace, Hyde Park, 11 de Junho, /67. Meu querido Daniel, — Recebi neste instante uma carta tua, viz. que estás a fazer as malas para te ires embora. Aprovo perfeitamente a tua determinação; creio que te fará bem e podes estar certo de que te desejo todo o prazer e o de saúde em particular, pois sem isso não podes desfrutar de nada; e espero que, com a bênção de Deus, recuperes perfeitamente a tua saúde e força. Gostaria de te ver antes de partires. Marcas para esta noite às 8 horas ou amanhã às 12 horas? Estarei em casa e sou, meu querido Dan, Tua afetuosamente, JANE LYON. D. H. Lyon, Esqr."

151. Escrevi umas breves palavras à pressa para dizer que estaria com ela às oito horas e assim o fiz. Encontrei-a muito pálida e ela não me apertou a mão quando entrei. Disse ela: "Vais para o estrangeiro imediatamente?". Disse-lhe que não, pois não o poderia fazer antes de empacotar todos os meus quadros e coisas, e que isso exigiria algum tempo, mesmo depois de ter notícias do médico, que ainda não me tinha dado a sua permissão. Ela disse então: "Agora, Daniel, desejo que me devolvas aquela escritura de confiança, pois desejo tê-la comigo".

Eu disse: "Certamente, mãe, e sabes que nunca ta pedi". Ela disse: "É melhor para ti que o faças calmamente, pois decidi expor toda a vigarice. Primeiro procuraste-me e depois cercaste-me com um grupo de pessoas que agora descobri ser um bando de vigaristas bem conhecidos; mas pretendo expor a coisa toda. Escrevi ao Wilkinson para trazer essa escritura e vou queimá-la diante dos seus olhos. Podes vir com ele, se quiseres, e dir-vos-ei a ambos o que penso de vós. E podes trazer todos os teus amigos, e dir-lhes-ei o mesmo. A Sra. Pepper teve razão em avisar-me e em manter a porta trancada, com medo de que eu fosse morta na minha cama". Fiquei mudo de espanto. Ela disse-me então que a Sra. Parks era sua amiga e que a tinha visto quase todos os dias, e que tinha tanta pena dela por ser forçada a fazer o seu Testamento. Eu disse: "Como pode ser isso, se eu nem estava na casa quando escreveu a carta sobre o assunto?".

Ela disse: "Tinham-lhe dito para ir para a Chancelaria e tirar-me tudo para dar aos outros que eram mais merecedores, e que o Fred Kent era um anjo em comparação com um homem doentio como eu". Eu disse: "Ouve-me agora. Vituperação é perfeitamente desnecessária. Eu ter-te-ia dado de bom grado tudo o que me pediste, tal como mo deste por tua livre vontade e acordo; mas fechaste-me as mãos ao fazeres estas acusações vis contra mim e os meus amigos". A Autora tornou-se ainda mais injuriosa na sua linguagem e eu deixei-a.

152. Como ela tinha, em ocasiões anteriores, demonstrado arrependimento pelas suas explosões de temperamento ingovernável para comigo, escrevi e enviei-lhe a seguinte carta, da qual guardei cópia: "12 de Junho. Minha querida Mãe, — Espero que estejas muito bem esta manhã. Ainda não tive notícias do Dr. Gully para saber o que devo fazer quanto a ir para o estrangeiro. Quem me dera que a minha saúde pudesse ter sido mais forte. Lamento imenso ter estado tanto tempo longe de ti. Espero que os dias de sol venham em breve. O teu Filho afetuoso, D. H. LYON. Estou tão doente que irei para o campo por uns dias. O meu endereço será: Stockton House, Fleetpond, perto de Winchfield, Hants."

153. A isto não recebi resposta, e escrevi e enviei-lhe a seguinte carta, da qual guardei cópia, a 16 de junho de 1867; e ela recebeu-a no mesmo dia,

embora por lapso estivesse datada de 17 de junho. Certamente não o teria feito se soubesse que ela estava realmente a meditar procedimentos hostis. "22, Sloane Street, 17 de Junho, 1867. Minha querida Mãe, — Quando te deixei na passada terça-feira, disse-te que consultaria os meus amigos antes de tomar qualquer medida. Fi-lo agora, e todos eles declaram unanimemente que eu não deveria fazer tal coisa como devolver uma escritura que foi assinada por ti e que se pode provar ter sido feita quando estavas em juízo perfeito e não influenciada por ninguém. Agora, querida mãe, cabe-me a mim dizer a minha palavra sobre o assunto. Deste-me a escritura por tua livre vontade. As cartas que escreveste ao Sr. Wilkinson foram, com uma ou duas exceções, escritas quando eu não estava em casa, como posso provar pela criada que as levou ao correio. Foi então a tua própria boa vontade e sentimento bondoso que impulsionaram tudo isto.

A tua mente mudou e desejas a escritura de volta. Nada no mundo mais natural. Sem o conhecimento de ninguém, decidi e escrevo agora para dizer que ta entregarei mediante a aceitação das seguintes condições: 1.º — Escrever-me-ás uma carta amável, como sempre fizeste, na qual reconhecerás a minha honestidade pessoal e a dos amigos que te foram apresentados desde que te conheço. Isto é apenas justo para mim e para os meus amigos, tanto senhoras como cavalheiros. 2.º — Dar-me-ás a tua permissão por escrito para retomar o meu nome de Home sem o de Lyon. 3.º — Devolver-me-ás todas as minhas joias valiosas, rendas, etc., com exceção dos dois alfinetes de peito que mandei fazer para ti.

Pela minha parte, devolver-te-ei os dois anéis que me deste e qualquer outra coisa que eu tenha desse género. 4.º — Deixar-me-ás a mim e aos meus na posse indisputada das trinta mil libras que, na tua nobre generosidade e bondade de coração, me deste. Gostaria que me reembolsasses a quantia que pediste emprestada no inverno passado, mas deixarei isso inteiramente à tua decisão. Tenho entre trinta a quarenta cartas da tua autoria escritas para mim em diferentes intervalos, todas elas respirando um espírito de perfeita bondade e bom sentimento, e de carácter muito decidido. Em algumas delas chamas-me teu 'querido rapaz' (*darling boy*) e assinas 'tua mãe afetuosa'.

Tenho também uma lista de trinta senhoras e cavalheiros de alta posição, tanto por nascimento como por educação, que se apresentarão, como já declararam estar dispostos a fazer, e que provarão que estavas em perfeito juízo e também a maneira afetuosa como sempre falaste de mim para eles — como aliás não tinhas ocasião de fazer de outra forma. Escrevo esta carta por instigação de ninguém; sei, de facto, que os meus bons amigos prefeririam impedir-me de a enviar. Segundo toda a probabilidade humana, não terei muito tempo para permanecer na terra e desejo não ter sentimentos hostis para com ninguém; e para contigo não quereria ter um pensamento indelicado; contudo, devo agir com decisão num caso como este. O meu nome em todos os países onde estive goza

de elevada reputação de honestidade e não poderia permitir que uma mancha desse género se me colasse agora, quando Deus sabe quão pouco a mereço.

Se for do teu agrado, verei o teu advogado na terça-feira às 12 horas nos meus aposentos, 22 Sloane-street, quando lhe entregarei os adereços que me deste, se as condições aqui nomeadas forem aceites. Esperando que estejas bem e rezando a Deus para que te abençoe e aos Seus bons anjos para que te guardem, Crê-me sempre afetuosa e graciosamente teu, "D. H. LYON."

154. [Numeração original] Eu ignorava totalmente, na altura em que lhe enviei a carta acima, que ela tinha apresentado a sua Petição na Chancelaria fazendo acusações contra mim e os meus amigos. Estava com a saúde muito débil na altura e necessitava de descanso e ausência de ansiedade. Não tinha qualquer má vontade para com a Autora e escrevi a carta acima sem aconselhamento de ninguém e por amor à paz e ao sossego. Se estivesse ciente de que tal Petição tinha sido apresentada, teria certamente desdenhado fazer ou aceitar qualquer oferta de compromisso que não fosse acompanhada por uma retirada completa de cada uma de tais acusações.

155. A 13 de junho de 1867, conforme fui informado desde então e acredito, o referido Sr. Henry Gould Gibson apresentou a Autora aos seus atuais solicitadores. A 15 de junho, a Autora apresentou a sua Petição e, a 17, obteve, mediante um requerimento *ex parte*, um mandado de *Ne exeat regno* [proibição de saída do reino] contra mim. Este foi-lhe concedido com base em duas declarações sob juramento dela, uma apresentada a 15 de junho de 1867 e a outra a 17 de junho de 1867.

Na primeira destas, diz ela: "Sou informada pelo referido Réu em cartas privadas que ele me escreveu durante os últimos três ou quatro dias que foi recomendado pelo seu médico, Dr. Gully, a ir imediatamente para os Banhos Alemães para benefício da saúde dele (do referido Réu); e numa destas cartas (escrita para mim no dia 11 do corrente mês de junho), diz ele que está a 'fazer as malas' e acredito verdadeiramente que ele pretende partir imediatamente para o estrangeiro, de acordo com tal conselho como referido". E na outra das referidas declarações sob juramento que foi apresentada a 17 de junho de 1867, diz ela:

"Referindo-me às afirmações contidas na Petição por mim apresentada nesta causa, digo que a quantia de 20.000£ obtida pelo Réu Daniel Dunglass Home, aliás Daniel Home Lyon, sob as circunstâncias declaradas na referida Petição, é agora justamente devida e em dívida em equidade por parte do referido Réu para comigo e está, como verdadeiramente acredito, em perigo de ser perdida por mim em razão da intenção do referido Réu de ir para o estrangeiro, fora da jurisdição deste Honorável Tribunal, de cuja intenção o referido Réu me informou nas suas cartas privadas, conforme declarado na declaração já por mim feita nesta causa. E digo que, se o referido Réu for autorizado a sair do país, acredito verdadeiramente que perderei a totalidade da referida dívida."

156. Nas suas referidas declarações sob juramento, ela omitiu qualquer menção ao facto de eu ter, na carta que ela citou, expressado o desejo de que ela me acompanhasse. Omitiu qualquer menção à sua referida carta para mim de 11 de junho de 1867, na qual tinha aprovado a minha determinação de partir. Omitiu qualquer menção à nossa conversa na nossa última entrevista no mesmo dia, na qual eu lhe tinha dito que levaria algum tempo para eu empacotar os meus quadros e coisas depois de ter notícias do médico, que ainda não me tinha dado a sua permissão. Omitiu qualquer menção à minha referida carta de 12 de junho de 1867, na qual lhe dizia que ainda não tinha tido notícias do Dr. Gully sobre o que eu deveria fazer quanto a ir para o estrangeiro, e lhe dava o meu endereço no campo.

E, finalmente, também omitiu qualquer menção à minha carta por ela recebida a 16 de junho — como ela afirmou desde então no 22.º parágrafo da sua referida declaração neste processo apresentada a 27 de junho de 1867 — carta na qual eu lhe tinha dito que estava pronto para me encontrar com o seu advogado nos meus aposentos em Sloane Street na terça-feira, que seria o dia 18 de junho de 1867. E com base no mandado de *Ne exeat regno* assim obtido sob tais omissões e falsas declarações como referido, eu, perigosamente doente como a Autora sabia que eu estava, fui ignominiosamente detido na casa de um amigo a 18 de junho de 1867 e lançado na Prisão de Whitecross Street, de onde fui libertado no dia seguinte após depositar no Tribunal as escrituras em minha posse.

O choque para o meu sistema foi tão grande que fiquei delirante durante quatro dias e achei necessário consultar cinco médicos. E o meu estado de saúde era tal que, durante quase três meses, a minha razão esteve vacilante e fui totalmente incapaz de dar instruções adequadas, ou de facto quaisquer instruções, aos meus consultores jurídicos. E quando solicitei prazo para responder, tive de suportar a indignidade adicional, por instigação da Autora, de ser examinado na presença de um oficial de oficial de advocacia por um médico estranho que se deu à condescendência de me insultar no seu certificado.

157. Sustento que a Autora, a fim de me ter, como ela imaginava, mais completamente no seu poder, fingiu insanidade de tempos a tempos desde o mês de fevereiro de 1867 nas conversas e em parte da correspondência comigo. E que, a 17 de junho de 1867, ela disse ao Sr. Perdicaris que tinha sido induzida por comunicações espirituais dadas através da referida Sra. Berry, da sua sobrinha Emma Berry, de Fred Kent e da Sra. Sims, na casa da referida Sra. Berry, a acreditar que tinha sido enganada pelo espírito familiar de mim, este Réu; e que tinha sido aconselhada em casa da Sra. Berry a recorrer imediatamente à justiça e tentar recuperar o dinheiro que me tinha dado.

158. E disse-lhe que odiava o meu filho e que preferiria ser trancada num manicómio do que permitir que qualquer parte do seu dinheiro fosse para a criança. Também se queixou do seu desapontamento comigo, este Réu, por causa da minha má saúde e das ausências frequentes, e perguntou-lhe se não era

ultrajante que ela estivesse amarrada a um homem moribundo. E perguntou-lhe ainda se eu, este Réu, estaria disposto a um compromisso no assunto e, se sim, em que termos. Ele disse-lhe, como era facto, que não estava em posição de responder a essas perguntas e que fora como amigo dela, e não meu, que a visitara. Ela nunca mencionou ao referido Sr. Perdicaris que já tinha apresentado uma Petição e obtido um mandado para a minha detenção. O referido Sr. Perdicaris teve muita dificuldade em ver a Autora, pois a referida Sra. Pepper, a senhoria, dizia-lhe falsamente, e a todos os que visitavam a Autora na altura para perguntar o significado da sua súbita mudança contra mim, que a Autora não podia ou não queria recebê-los.

159. Se a Autora pretende alegar ou fingir ou insinuar na audiência que está agora realmente louca ou que é de mente fraca ou de juízo não são, que tal seja claramente declarado na sua Petição, bem como o momento em que se tornou assim, a fim de que eu possa estar preparado com provas sobre o assunto. Nesse caso, deve ser explicado como é que as acusações infames contidas nas suas referidas declarações sob juramento contra o Sr. S. C. Hall, o Sr. Wilkinson e eu próprio vieram a ser deliberadamente inseridas e repetidas com base na mera afirmação de uma mulher que se alega estar louca ou ser de mente fraca ou de juízo não são.

160. Desde a instauração deste processo, a Autora tem frequentado sessões de médiuns verdadeiros ou fingidos e tem tentado converter outros ao espiritualismo. E, no entanto, a Autora fala na sua Petição e declarações sob juramento como se tratasse todo o espiritualismo como uma impostura.

161. Fui informado e acredito, e sustento ser esse o facto, que a Autora, em conivência com a referida Sra. Berry, fez com que Emma Berry, a sobrinha, saísse do país a fim de evitar que ela fosse examinada sobre as matérias mencionadas nesta Resposta.

162. A 23 de junho de 1867, após a instauração deste processo e a minha detenção sob as circunstâncias anteriormente descritas, a Autora recebeu do artista, e ainda retém, uma miniatura de si mesma usando um xaile de renda da minha falecida esposa, a qual ela tinha ordenado em janeiro que ele pintasse como presente para mim. E a 24 de junho, ela acusou a receção da mesma e, para que não lhe fosse exigido o pagamento, descreveu-a como "a miniatura encomendada pelo Daniel". Esta observação foi por ela interpolada na sua carta como uma ideia tardia. E a conta da pintura foi, consequentemente, enviada para mim a 3 de julho de 1867.

163. Submeto o meu caso com confiança ao reto julgamento do Tribunal de Equidade, estando plenamente convencido de que aqui, pelo menos, não será permitido que preconceitos me obstruam na reivindicação do meu

próprio carácter e da honra dos meus amigos, que foram tão perversa e gratuitamente assaltados.

A RESPOSTA de WILLIAM MARTIN WILKINSON, um dos Réus acima nomeados, à Petição Inicial da Autora acima nomeada.

EM RESPOSTA à referida Petição, eu, WILLIAM MARTIN WILKINSON, digo o seguinte:

1. Li com grande surpresa a Petição apresentada pela Autora e as suas duas primeiras declarações sob juramento neste processo. Agi, ao longo de toda a minha ligação com os negócios dela, com tal cuidado e esforços ansiosos para a proteger de se prejudicar a si própria ao doar a sua propriedade sem a mais plena determinação da sua parte; e protestei de forma tão cabal junto dela em muitas ocasiões, e apresentei-lhe tão claramente as consequências legais e outras do que ela estava a fazer, que julguei impossível para ela fazer qualquer acusação contra mim, qualquer que fosse a mudança que ocorresse na sua própria mente quanto à conveniência das doações que fez de tempos a tempos ao outro Réu.

O outro Réu tem um direito perfeito ao nome Home-Lyon, tendo tomado esse nome a pedido da Autora; mas, após a conduta estudadamente ofensiva da Autora para com ele, prefiro descrevê-lo pelo nome de Home. A primeira comunicação que tive com ela foi a 9 de novembro de 1866, quando recebi dela uma carta com essa data. Ela tinha nessa altura, a 11 de outubro anterior, dado ao Réu Home 24.000£. Recebi a carta dela pelo correio, da qual a seguinte é cópia: "Estritamente privado.

Caro Senhor, Desejo que redija um Testamento, em nome de Jane Lyon, viúva de Charles Lyon, de Wooth Grange, Bridport, Dorset, fazendo único herdeiro o meu filho adotivo, Daniel Dunglass Home, filho de William Home e de Elizabeth Macneil, sua mulher, o referido Daniel Dunglass Home que tomará o nome de Daniel Lyon e as armas de Lyon, em quartel com os Gibsons de Northumberland, sendo as minhas próprias insígnias armoriais; o referido Daniel Lyon, meu filho adotivo, para ser, como disse antes, único herdeiro, legatário universal, de todos os bens, propriedade imobiliária e mobiliária, de que eu possua ou venha a possuir; terá a bondade, caro senhor, de fazer deste o meu último Testamento, tão vinculativo e preciso em todas as suas formalidades legais que não possa haver qualquer possibilidade de disputar os direitos do meu filho adotivo como único herdeiro e testamenteiro; na próxima segunda-feira, às quatro e meia, sendo segunda-feira o dia doze de novembro, trazer-me-á o Testamento, quando, após leitura, estarei preparada para o assinar na presença de Testemunhas. Sou, caro Senhor, sua muito fielmente, 18, Westbourne Place, 9 de Novembro, 1866. JANE LYON."

2. No mesmo dia, escrevi-lhe uma carta e recebi uma resposta pelo punho dela, das quais as seguintes são cópias: "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 9 de Nov., 1866. Cara Senhora, — Acuso a receção da sua carta dando-me instruções para o seu Testamento, e fá-lo-ei preparar e estar pronto para lhe submeter para sua aprovação na segunda-feira às 4h30, como solicita. Teria tido gosto em tê-la visto antes de concluir o Testamento, a fim de que pudesse ter inquirido junto de si o montante do benefício que está a conceder pelo Testamento, e também se não haverá quaisquer parentes a quem possa considerar correto deixar legados. O Testamento, contudo, pode em qualquer altura ser revogado ou aditado por um Codicilo. Sou, cara Senhora, seu fielmente, W. M. WILKINSON. Sra. Lyon, 18, Westbourne Place, W."

"18, Westbourne Place, 10 de Novembro, '66. Caro Senhor, — Cumpre-me dizer que, como o meu marido não mencionou nenhum dos seus parentes no seu Testamento, não vejo qualquer razão plausível para que eu o deva fazer. Por favor, não deixe espaços em branco no Testamento que fizer, não é necessário. E sou, sua fielmente, JANE LYON."

3. Com base nisto, mandei preparar o Testamento da seguinte forma, como consta na minha minuta:

TESTAMENTO DA SRA. JANE LYON.

Este é o último Testamento e vontade de mim, Jane Lyon, do n.º 18 de Westbourne Place, no condado de Middlesex, viúva do falecido Charles Lyon, de Wooth Grange, Bridport, Dorset, fidalgo (esquire). Deixo e lego todos os bens imobiliários e mobiliários a que eu tenha direito à data do meu falecimento, ou sobre os quais eu tenha, à data do meu falecimento, um poder geral de nomeação ou disposição por Testamento, ao meu filho adotivo Daniel Dunglass Home, do n.º 22 de Sloane Street, Chelsea, fidalgo, aos seus herdeiros, testamenteiros, administradores e cessionários, respetivamente, para seu uso e benefício absoluto; não obstante, quanto aos bens que em mim residam sob custódia (trusts) ou por via de hipoteca, sujeitos aos encargos e equidades que afetem os mesmos respetivamente.

E, por este meio, declaro ser meu desejo que o referido Daniel Dunglass Home assuma e seja chamado [apenas] pelo apelido de Lyon e que, doravante, se intitule e assine em todas as cartas, escrituras e instrumentos, e em todas as ocasiões quaisquer, por esse apelido, e que também use e ostente as armas de Lyon [apenas], em quartel tal como as mesmas se encontram agora em quartel com as armas dos Gibsons de Northumberland, conforme as mesmas são agora usadas e ostentadas por mim. Nomeio o referido Daniel Dunglass Home como único testamenteiro deste meu Testamento e, por este meio, revogo todos os outros escritos testamentários.

Em testemunho, etc., 12 de novembro de 1866.

Atestado por: Thos. HAWKESLEY, M.D., H. A. RUDALL, W. M. WILKINSON.

No dia 12 de novembro, visitei-a com o Testamento, pretendendo certificar-me plenamente, em primeiro lugar, da sua competência para fazer sequer um Testamento, pois considerei que o seu desejo extraordinário de beneficiar largamente uma pessoa que lhe era desconhecida até há tão pouco tempo exigia que eu agisse com a maior cautela. Consequentemente, iniciei a conversa com temas gerais ligados a Northumberland e Durham e às famílias de lá. Achei a sua memória excelente e toda a sua maneira e conversação davam provas de uma mulher de espírito muito forte. Ela pediu-me para lhe mostrar o Testamento, o que fiz, e li-lhe uma cópia enquanto ela lia a outra. Perguntei-lhe sobre a sua família e se estes dependiam ou não dela, e ela informou-me que estavam bem providos; que a irmã do seu falecido marido, a Sra. Clutterbuck, tinha uma idade considerável, era inválida e era rica, e que todos os parentes do seu marido estavam bem de vida e não necessitavam da assistência dela e que, além disso, nem ela nem o seu falecido marido alguma vez se tinham importado muito com qualquer um deles, excetuando a referida irmã.

Perguntei-lhe se já tinha feito algum Testamento e ela disse que sim, mas não disse a quem tinha deixado o seu dinheiro nem quanto possuía, embora tenha dito ser considerável. Eu disse-lhe: "Bem, a senhora deve ter estado anteriormente satisfeita por deixar os seus bens a um ou mais membros da sua família e agora que conheceu tão subitamente o Sr. Home, que lhe era um estranho há um mês, não parece correto dar-lhe tudo a ele e nada a eles; eles ficarão certamente muito desapontados e é uma pena deixá-lo assim."

Ela repetiu que não pretendia agora deixar-lhes nada, pois tinha decidido adotar o Sr. Home e que era a coisa mais feliz que alguma vez lhe tinha acontecido, e que tinha estado a viver tanto tempo sozinha, sem ninguém que cuidasse dela, que agora encontrava o maior conforto em pensar que podia tê-lo como seu filho e tê-lo sempre consigo. Relembrei-lhe o que ela já tinha feito por ele, que era muito mais do que suficiente, e que ela poderia ficar desapontada com ele ou ele com ela e que, como a propriedade viera do marido, não seria adequado doá-la para fora dos parentes deste. Ela mal me deixou argumentar o caso com ela e disse que era perfeitamente capaz de fazer o que quisesse e que estava determinada a deixá-la para ele, especialmente porque não tinha instruções do marido quanto à forma como deveria lidar com os seus bens.

Perguntei-lhe da forma mais direta se o que estava a fazer era em consequência de qualquer controlo ou ordens espirituais, e ela disse que não, mas que era o seu próprio desejo e determinação imparciais. Mencionei-lhe que era minha obrigação fazer-lhe todas estas perguntas e certificar-me de que ela

não estava sob qualquer controlo ou influência imprópria. Ela disse-me que fora crente no espiritualismo toda a vida e que não se conseguia lembrar de um tempo em que não lhe tivessem acontecido coisas maravilhosas desse género, e que o assunto não era, portanto, novo para ela. Disse-lhe que, se ela agisse com base em tais razões ao fazer o seu Testamento a favor do Sr. Home, estaria a cometer uma grande injustiça, pois nunca se podia confiar na verdade e identidade das comunicações espirituais.

Ela assegurou-me da maneira mais positiva de que, no que estava a fazer, não era influenciada por tais razões, mas sim que tinha tomado a maior simpatia pelo Sr. Home e o achava tudo o que ela poderia desejar, e era um deleite para ela descobrir que podia dar um uso tão bom ao seu dinheiro. Perguntei-lhe se não queria esperar, mas ela disse que naquela tarde tinha destruído o seu Testamento anterior e, apontando para a lareira, disse: "Agora não passa de cinzas e devo fazer o meu Testamento agora como desejo." Disse-lhe que, como eu era amigo do outro Réu, seria muito mais satisfatório para mim se ela se aconselhasse com outro Solicitador, mas ela disse que estava perfeitamente satisfeita comigo e que não iria a mais ninguém, e que eu a tinha precavido de todas as formas que qualquer outra pessoa o faria e que ela compreendia perfeitamente o que estava a fazer e que era uma boa mulher de negócios.

Disse tudo o que me ocorreu para a colocar de sobreaviso e evitar que fizesse sequer o Testamento a favor dele até que soubesse mais sobre ele, e para contratar outro Solicitador, mas ela era tão enérgica e determinada que não consegui causar qualquer impressão nela. Pouco depois, o Dr. Hawkesley e o Sr. Rudall chegaram e repeti o mesmo na presença deles, omitindo apenas os detalhes quanto ao Testamento que ela estava a fazer. Por fim, ela disse que não havia mais nada que a impedisse de assinar o Testamento, e este foi feito em duplicado. O outro Réu não esteve na sala em nenhum momento e apenas entrou após o Testamento ter sido assinado e guardado.

Antes de partir, perguntei-lhe o que faria com os Testamentos e sugeri que ela guardasse um e deixasse o outro no seu banco. Ela hesitou um momento e disse: "Não, por favor, leve-os ambos consigo e guarde-os em segurança." Eu disse: "Seria melhor levar apenas a cópia, em todo o caso, e a senhora guarda o outro." Mas ela recusou e pôs ambas as cópias na minha mão e eu trouxe-as comigo. Na manhã seguinte, fiz um memorando que é o seguinte:

"13 de Nov. 1866, 10 h.

TESTAMENTO DA SRA. LYON. — Ontem, às 16h30, visitei a Sra. Lyon no n.º 18 de Westbourne-place e tive um quarto de hora de conversa com ela sobre temas indiferentes, principalmente quanto ao seu conhecimento de Northumberland e Durham. Depois ela disse-me que o Dr. Hawkesley e outro cavalheiro viriam em breve, e que seria melhor eu ler o seu Testamento.

Apresentei então o Testamento em duplicado e li uma cópia. Ela disse recear que as palavras não incluíssem bens que ela pudesse adquirir mais tarde e que poderiam ser consideráveis. Pediu-me para riscar a palavra "apenas" (only) duas vezes, para que o Sr. Home pudesse ser Daniel Home Lyon. Perguntei-lhe novamente se não havia parentes ou amigos que ela gostaria de beneficiar; ela disse que não.

Pressionei-a 5 ou 6 vezes neste ponto, e ela recusou. Disse que o seu marido lhe tinha dito que não indicaria qualquer modo de lidar com a propriedade que lhe estava a deixar e que desejava que fosse inteiramente dela para fazer o que lhe agradasse. Relembrei-lhe que conhecia o Sr. Home há pouquíssimo tempo e que lhe estava a dar um benefício muito grande, e que certamente haveria alguns dos seus familiares que ficariam desapontados. Ela disse: "Sim, ficarão, mas esta é a forma como escolho deixá-lo."

O Dr. Hawkesley chegou pouco depois, e logo o Sr. Rudall. Na presença de ambos, repeti a substância do que acima foi dito, exceto que não indiquei o que foi feito pelo Sr. Home, mas perguntei se ela não desejava incluir quaisquer outros além dos mencionados. Também perguntei se ela tinha algum Solicitador que desejasse consultar além de mim. Ela disse que não tinha nenhum, e que não havia ocasião para mais ninguém além de mim. O Testamento foi então executado e atestado. W. M. W."

Poucos dias depois, o Réu Home solicitou-me que preparasse uma escritura anunciando a sua mudança de nome, tendo eu apurado no Herald's College que tal não poderia ser feito por Alvará Real. Enviei-lhe uma minuta da escritura a qual a Autora me informou ter lido e aprovado, desejando que fosse levada a cabo de imediato.

A seguinte é uma cópia da escritura:

ESCRITURA PÚBLICA (DEED POLL)

A todos a quem estes presentes possam chegar, eu, Daniel Dunglass Home, do n.º 22 de Sloane Street, no condado de Middlesex, fidalgo, envio saudações. Considerando que a Sra. Jane Lyon, viúva do falecido Charles Lyon, fidalgo, de Wooth Grange, Bridport, no condado de Dorset, me adotou como seu filho e desejou que eu tomasse e usasse o nome de Lyon como o meu último e principal apelido em substituição de ou em aditamento ao nome de Home, e que omitisse o nome de Dunglass.

Agora, portanto, saibam que eu, o referido Daniel Dunglass Home, pelo presente e por mim e pelos meus herdeiros, adoto, assumo e tomo publicamente por mim e por eles, para sempre daqui em diante, o nome de Lyon como apelido

em substituição de e em aditamento ao de Home; e declaro que o meu nome doravante será e é DANIEL HOME LYON e que todo e qualquer ato, escritura e garantia feitos e executados por mim sob o nome de Lyon serão tão válidos e eficazes contra ou a meu favor como se os mesmos tivessem sido feitos e executados sob o nome de Daniel Dunglass Home.

EM TESTEMUNHO do que, eu, o referido Daniel Dunglass Home, aqui apus a minha mão e selo neste dia três de dezembro de 1866 d.C.

D. D. HOME.

Assinado, selado e entregue pelo acima nomeado Daniel Dunglass Home na presença de

W. J. WILKINSON, 44, Lincoln's Inn Fields.

A Sra. Lyon, sem qualquer comunicação prévia comigo sobre o assunto, enviou-me uma mensagem através do Réu Home pouco depois da data do seu Testamento, dizendo que ficaria grata se eu pudesse encontrar uma garantia hipotecária para ela no valor de 30.000£. Ela residira muitos anos no norte de Inglaterra e eu soube de uma garantia na vizinhança onde ela tinha vivido e onde a família das principais pessoas da firma lhe era conhecida. Ela pretendia obter 5% de juro pelo dinheiro. Tendo-me sido solicitadas 25.000£, escrevi-lhe a seguinte carta, omitindo os nomes das partes e detalhes que poderiam ser prejudiciais para os devedores.

"44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 4 de dezembro de 1866.

Cara Sra. Lyon, — Foram-me agora solicitadas 25.000£ por hipoteca, sobre uma garantia que, embora não seja da descrição comercial habitual, é contudo uma que, em termos de segurança, creio não poder ser melhorada.

Consiste em 20 acres de terra avaliados em 1.000£ por acre em Yorkshire, sobre os quais foram erigidos altos-fornos e obras, em operação há apenas um ano, com um custo de 75.000£; de modo que o valor do todo é cerca de 100.000£.

Além disto, existe a garantia do cavalheiro a quem a propriedade pertence, e cuja garantia individual seria mais de dez vezes suficiente.

O juro deve ser pago semestralmente aos banqueiros do prestamista.

Se olhar meramente para a garantia do reembolso do dinheiro e para o pagamento pontual dos juros entretanto, acredito que tal seria certo, e posso recomendar confiantemente a hipoteca, tanto quanto fui informado até agora e se, na investigação necessária, se revelar em todos os aspetos como representado. Ficarei grato por saber o que pensa sobre o assunto e subscrevo-me,

Cara Sra. Lyon, seu muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON.

Sra. Lyon, 17a, Albert Terrace, Knightsbridge."

No dia seguinte, 6 de dezembro, ela visitou-me para falar sobre a hipoteca e eu disse-lhe tudo o que pude sobre o assunto, e ela decidiu aceitá-la se o título e o valor fossem satisfatórios, mas disse que, se desse para 30.000£, preferiria muito essa quantia a uma menor. No dia 8 de dezembro, recebi dela a seguinte carta, que foi a primeira indicação que recebi da intenção nela expressa:

"17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 7 de dezembro de 1866.

Meu caro Sr. Wilkinson, — Por ocasião de o meu filho adotivo assumir o nome de Lyon, desejo fazer-lhe uma pequena surpresa. Pretendo acrescentar seis mil libras às vinte e quatro que já lhe dei, perfazendo um total de trinta mil; teria a bondade de preparar uma escritura perfeitamente legal em todos os aspetos e que a quantia anterior que lhe dei a 11 de outubro seja incluída, para que não possa haver qualquer dificuldade posterior sobre todo o procedimento.

Sou, caro Sr. Wilkinson, sua muito verdadeiramente, JANE LYON."

No mesmo dia, escrevi e enviei-lhe a seguinte carta:

"44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 8 de dezembro de 1866.

Cara Sra. Lyon, — Ao dar seguimento aos seus desejos expressos na sua carta de ontem, ficaria grato por saber se é seu desejo fazer uma transferência de Fundos Públicos (Consols) no valor de 6.000£ em numerário, ou de que outra forma deseja que tal seja executado. Se desejar fazer uma transferência, será apenas necessário dar instruções aos corretores sobre quando lhe será conveniente ir ao banco, e eu posso preparar uma escritura expressando a sua intenção de lhe dar o dinheiro e incluí-lo também na quantia anterior.

Subscrevo-me, cara Sra. Lyon, seu fielmente, W. M. WILKINSON.

Sra. Lyon, 17a, Albert Terrace, Albert Gate, S. W."

Recebi dela a seguinte carta, sobre a qual procedi à preparação da escritura:

"17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 9 de dezembro de 1866.

Caro Senhor, É minha intenção fazer uma transferência de Fundos Públicos no valor de 6.000£ em numerário, e pode, se lhe agradar, preparar uma escritura legal expressando a minha intenção de dar ao Daniel Home Lyon o dinheiro acima, incluindo também a quantia anterior de 24.000£; as 24.000£ foram transferidas a 11 de outubro e as 6.000£ serão transferidas amanhã, 10 de dezembro de 1866.

Sou, caro Senhor, sua muito verdadeiramente, JANE LYON.

W. M. Wilkinson, Esqr."

Escrevi-lhe no dia 11 de dezembro com a minuta da escritura a seguinte carta:

"44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 11 de dezembro de 1866.

Cara Sra. Lyon, Preparei agora uma minuta da escritura pretendida a favor do Sr. D. H. Lyon de acordo com as instruções contidas na sua carta, e envio-lha para que a possa examinar e ver se está de acordo com os seus desejos.

Desejo colocar claramente diante de si que, ao fazer as doações de 30.000£ que fez, deu-as a ele de forma absoluta e sem poder de revogação; e como conheço o Sr. Lyon há tanto tempo e tão intimamente, melhor cumprirei o meu dever para consigo sugerindo que tenha algum outro aconselhamento jurídico ao levar a cabo este negócio, se o considerar necessário.

Subscrevo-me, cara Sra. Lyon, seu muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON.

Sra. Lyon."

No mesmo dia, ela devolveu-me a minuta aprovada e enviou-me a seguinte carta:

"17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 11 de dezembro de 1866.

Caro Sr. Wilkinson, — Estou perfeitamente satisfeita com o seu aconselhamento jurídico e não desejo outro conselheiro no que respeita à escritura de transferência de 30.000£ que dou permanentemente ao meu filho adotivo, D. H. Lyon, Esqr.

E sou, &c., &c., &c., JANE LYON."

Após a palavra "filhos" (children) no final da 9.ª linha da escritura, eu tinha inserido na minuta as palavras: "E toda a família e conexões do meu marido estão bem providas." Estas palavras ela riscou e colocou na margem: "Eu, Jane Lyon, risquei isto; não aprovo tal inserção." Ela disse-me mais tarde que tinha riscado as palavras porque não sabia se algum deles poderia aparecer e dizer que era suficientemente pobre para ter algum do seu dinheiro.

A 12 de dezembro, escrevi-lhe uma carta da qual a seguinte é cópia:

"44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 12 de dez. 1866.

Cara Sra. Lyon, — Visitá-la-ei, se possível, esta tarde por volta das 16h30, com a escritura para a sua assinatura.

Subscrevo-me, seu fielmente, W. M. WILKINSON.

Sra. Lyon, 17a, Albert Terrace."

Fui ter com ela de acordo com este agendamento e, ao chegar à casa, ela disse que estava muito satisfeita por ver-me a sós, pois desejava ter uma conversa importante comigo. Apresentei a escritura de doação e li-lha na íntegra, estando ela a olhar para a escritura e eu a ler a partir da minuta; ela então

executou-a e eu atestei. Depois, ela começou por dizer que quanto mais via o Daniel, mais gostava dele e que era a maior felicidade para ela tê-lo consigo; que não havia hipótese de ela fazer qualquer alteração no seu Testamento e que desejava fazer como o seu marido fizera para com ela: tudo o que pudesse para poupar o imposto em caso de morte.

Perguntou-me qual seria o imposto e eu disse-lhe que seria de 10%. Ela disse que o marido lhe tinha transferido todas as suas hipotecas de modo que quase não houve imposto sucessório (probate duty) a pagar, e que ela tinha decidido dar-lhe a quantia adicional de 30.000£ e fazer com que a escritura de hipoteca fosse redigida em nome dele. Disse-lhe que a mera questão de poupar o imposto sucessório não devia ser considerada face à questão importantíssima de se despojar dos seus bens, e que era impossível dizer que ela não pudesse mais tarde arrepender-se de dar uma quantia tão grande a alguém que conhecia há tão pouco tempo. Repeti também o que tinha dito anteriormente sobre os parentes dela terem o primeiro direito sobre ela, e ela disse que estava determinada a não lhes dar nada, acrescentando que nem ela nem o marido alguma vez tinham gostado deles em consequência de uma antiga querela familiar que o obrigou a vender uma propriedade à qual ele era muito afeiçoado, e que ela não tinha simpatia por eles, exceto pela Sra. Clutterbuck.

Instei-a também a considerar que já tinha dado ao Réu Home uma quantia tão grande e o tinha colocado numa posição que só encontraria paralelo em novelas e romances, e que um homem como ele com 30.000£ já tinha tanto quanto poderia possivelmente dar um bom uso. Que eu não via ocasião, mas antes o contrário, para aumentar tal valor, e que preferiria dar dinheiro a hospitais do que fazer tal doação após o que ela já tinha feito por ele. Ela disse que o faria e solicitou-me que fizesse a escritura de hipoteca em nome dele. Perguntei-lhe se desejava fazer isto em consequência de quaisquer comunicações de espíritos, pois, se assim fosse, eu não poderia ter nada a ver com o assunto sobre tal base.

Ela disse que não era influenciada por nada exceto pela intenção de o colocar numa posição independente e poupar o imposto sucessório, pois estava convencida de que nunca mudaria de ideias. Disse-lhe que o imposto sucessório não era digno de consideração. Que ela deveria agir inteiramente e de forma independente pelo seu próprio julgamento e que nunca era prudente dar muito durante a vida, e ela já tinha doado uma quantia inaudita que era mais do que suficiente para todas as necessidades do Réu.

Ela disse que tinha considerado o assunto de todas as formas e desejava que fosse feito, e que eu tinha muita razão em lhe dar os avisos que dei, mas que ela assumiria as consequências. Disse-lhe então que não havia necessidade de chegar a uma conclusão agora, pois a escritura não estaria pronta durante algum

tempo e ela deveria refletir entretanto. Pouco depois, o Réu entrou e não se disse mais nada sobre o assunto. Jantámos e passámos o serão juntos.

A seguinte é uma cópia da escritura que ela executou naquele dia na minha presença e cuja execução eu atestei:

DECLARAÇÃO

Relativa à Doação de 24.000£ em Numerário e à transferência de 6.798£ 17s. 4d. em Fundos Públicos (*Consols*).

A todos a quem estes presentes chegarem, eu, Jane Lyon, do n.º 17a de Albert-Terrace, Albert-gate, Hyde Park, no Condado de Middlesex, viúva e relíquia de Charles Lyon, falecido, outrora de Wooth Grange, Bridport, no Condado de Dorset, Fidalgo (*Esquire*), Envio saudações. Considerando que, por força do último Testamento e vontade do meu referido falecido marido, Charles Lyon, Fidalgo, falecido, tenho direito a uma grande fortuna em dinheiro e garantias para meu uso e benefício absoluto, livre de qualquer encargo ou condição imposta pelo seu referido Testamento ou de outra forma qualquer; E considerando que não tenho filhos; E considerando que tive a intenção e o desejo de tomar e adotar Daniel Dunglass Home, do n.º 22 de Sloane-street, Hyde Park, acima mencionado, como meu filho; E considerando que, com a minha sanção e por meu desejo e pedido, o referido Daniel Dunglass Home executou uma escritura pública (*deed poll*) ou instrumento por escrito com a data de três de dezembro do corrente, e pretende-se que a mesma seja averbada em registo no Tribunal de Chancelaria de Sua Majestade, pela qual o referido Daniel Dunglass Home declarou ter tomado o apelido de "Lyon" em vez e em substituição de "Home", e que no futuro pretendia ser chamado e conhecido como "Daniel Home Lyon"; E considerando que eu, a referida Jane Lyon, desejando colocá-lo numa posição de independência adequada ao seu estatuto e posição na vida como meu filho adotivo, e com vista a esse fim, no décimo primeiro dia de outubro passado, dei ao referido Daniel Home Lyon a quantia de vinte e quatro mil libras em numerário; E considerando que, em prosseguimento de tal desejo e por ocasião de ele ter tomado publicamente o meu nome, no décimo dia de dezembro do corrente, fiz transferir do meu próprio nome nos livros do Governador e Companhia do Banco de Inglaterra para os antigos nomes de Daniel Home Lyon a quantia de 6.798£ 17s. 4d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a Três por Cento, equivalente à quantia adicional de seis mil libras em numerário; E considerando que foi minha intenção, ao fazer as referidas respetivas doação e transferência, e é minha presente vontade e intenção, investir absoluta e irrevogavelmente no referido Daniel Home Lyon, para si, seus testamenteiros, administradores e cessionários, o uso e gozo absoluto dos dinheiros por esse meio respetivamente doados e transferidos como referido; Saibam agora que, em prova adicional de tal meu desejo e intenção, e para remover todas as dúvidas, suspeitas e controvérsias a esse respeito, eu, a

referida Jane Lyon, por mim, meus herdeiros, testamenteiros e administradores, declaro livre, absoluta e irrevogavelmente que fiz a referida doação e transferência apenas por minha própria vontade e prazer, e sem qualquer influência, controlo ou interferência do referido Daniel Home Lyon ou de qualquer outra pessoa; e que o referido Daniel Home Lyon, seus testamenteiros, administradores e cessionários, deterão e terão direito às referidas quantias de Vinte e quatro mil libras e às referidas Anuidades Consolidadas Bancárias a Três por Cento, que representam a quantia de seis mil libras por mim transferida como referido, para seu próprio uso, benefício e gozo absolutos, sem qualquer reserva, condição, encargo ou propósito de qualquer espécie. Em testemunho do que, assino e selo neste décimo segundo dia de dezembro de mil oitocentos e sessenta e seis.

JANE LYON. Assinado, selado e entregue pela acima nomeada Jane Lyon, na presença de W. M. Wilkinson, Solicitador, 44, Lincoln's Inn-fields.

## CORRESPONDÊNCIA

**13.** A 21 de dezembro de 1866, escrevi-lhe o seguinte: "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 21 de Dezembro, 1866. Minha querida Sra. Lyon, — Concluí agora o exame do título da propriedade em [omitido], juntamente com as plantas, etc., e considero tudo satisfatório. Coloquei também as plantas e a declaração da propriedade a ser hipotecada nas mãos do Sr. May, de Great George-street, Westminster, que creio ser a pessoa mais competente como avaliador, e tenho a sua avaliação preliminar acima de 75.000£, pelo que considero que o valor é perfeitamente suficiente para um empréstimo de 30.000£, o qual a senhora me disse que preferiria muito a uma quantia menor. Estou também a preparar a escritura de hipoteca a seu favor e a organizar a conclusão do negócio para o dia 3 ou 4 de janeiro. Gostaria de saber se essa data lhe será conveniente para vender os fundos. Tenha a bondade de me informar aqui sobre os seus desejos. Seu muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON."

**14.** A Autora, em resposta, escreveu-me o seguinte: "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 21 de Dezembro, '66. Caro Sr. Wilkinson, — Folgo por considerar satisfatório o exame do título da Propriedade em questão e por o valor ser suficiente para o adiantamento de 30.000£ por mim como hipoteca sobre a mesma; e, caso tenha a escritura pronta para conclusão na data que menciona, não tenho dúvida de que o numerário estará disponível (*comatable*). É claro que devo aprovar primeiro, numa reunião a ser aqui organizada por si; deve haver uma escritura legal, também respeitante ao juro a ser-me pago, para ser guardada no meu cofre de documentos, no Banco, Birchin Lane; e sou, caro Senhor, com grande confiança de que tudo estará correto. Sua muito verdadeiramente, JANE LYON."

**15.** Saí então da cidade por dez dias e a seguinte correspondência teve lugar entre nós no intervalo: "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 23 de Dezembro, 1866. Cara Sra. Lyon, — Tenho a minuta da hipoteca pretendida redigida por um Jurisconsulto (*Counsel*) e, como a senhora não me deu instruções por escrito para a redigir em qualquer outro nome que não o seu, o seu nome está nela inserido como a prestamista das 30.000£. Sendo a quantia tão elevada, e a doação da mesma algo tão fora da experiência, após o que já tão munificamente deu ao Sr. Home Lyon, eu deveria, em justiça tanto para si como para mim, ter as suas instruções definitivas e bem ponderadas antes de agir sobre elas. A senhora já o colocou não apenas fora de necessidade, mas numa posição de abastança, de tal modo que, com qualquer afeição que lhe possa devotar, não há razão para que não considere quaisquer direitos dos seus familiares na extensão que considerar desejável.

Devo também levar vincadamente à sua atenção que, se der ao Sr. H. Lyon esta quantia adicional de 30.000£, permitindo que o nome dele seja inserido na escritura de hipoteca em vez do seu, está a fazer-lhe uma doação irrevogável que, ocorra o que ocorrer, não poderá anular. Se, contudo, deseja fazer isto, e com pleno conhecimento das suas consequências, ficarei agradecido se me der instruções definitivas para riscar o seu nome da minuta e inserir o dele como prestamista. Nesse caso, não terei dificuldade em assegurar-lhe, por uma escritura adequada a ser executada por ele, o pagamento do juro anual da hipoteca durante a sua vida, que é o que me mencionou ser o seu desejo reservar para si, dando a ele a propriedade absoluta do capital. Subscrevo-me, cara Sra. Lyon, seu fielmente, W. M. WILKINSON. Escrevo isto do Campo, mas por favor enderece-me para aqui como de costume."

**16.** "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 26 de Dezembro, '66. Caro Sr. Wilkinson, — Em resposta ao seu favor, portador de verdade, razão e do melhor conselho, não podemos certamente prever o que o tempo trará, e é melhor estar do lado seguro. O Daniel é, presentemente, tudo o que o mais exigente possa desejar, mas não se sabe o que o tempo e uma inteira independência podem fazer; ele pode considerar-me um estorvo (*bore*) e cortar comigo por completo, o que me poderá ser tudo menos agradável; caso contrário, ele poderá herdar tudo o que tenho, pois tenho pouco amor por qualquer um dos parentes do meu marido, exceto pela sua irmã favorita, a Sra. Clutterbuck, e não é provável que ela viva mais do que eu. Desejo que redija a escritura de hipoteca sem inserir nem o nome do Daniel nem o meu, até que a traga aqui para aprovação.

Desejo também que faça uma escritura legal forte, a expensas minhas, quanto ao juro me ser pago, sem qualquer interferência ou controlo do Daniel sobre o mesmo, pois não gosto, nem pretendo ser, de forma alguma, uma pensionista, nem ter a aparência de tal. Se tal escritura legal puder ser feita,

preferi-lo-ia, e não de outra forma, visto que eu pago por ela, seja qual for o desfecho. Em todas as minhas hipotecas, tenho o poder de fiel depositário (*receiver*), no caso de o juro não ser pago no prazo de 6 meses após o vencimento, e um prazo limitado de 21 dias para o juro ser pago semestralmente. Se não for pago então, o juro será de 6%. O meu é a 5%. Também um poder de venda, sem contestação, mas isto é tudo irrelevante, sabendo o senhor muito melhor do que eu; e subscrevo-me, Caro Senhor, sua muito respeitosamente, JANE LYON."

**17.** "Dawlish, Devon, 29 de Dezembro, 1866. Cara Sra. Lyon, — A sua carta foi-me reencaminhada para aqui e, ao responder-lhe, só posso repetir o que disse na minha carta anterior: que, se fizer a doação desta grande quantia adicional, ela será irrevogável, tanto quanto é aquela que já deu ao Sr. Lyon. Pode alterar o seu Testamento quando lhe aprouver, mas não um assunto como este. É meu dever colocar isto diante de si da forma mais clara, a fim de que possa exercer o seu julgamento sobre o assunto e, após o ter feito, resta-me apenas cumprir a sua determinação. Se determinar manter o controlo sobre o dinheiro da hipoteca, resta-me deixar a escritura como está redigida; mas se optar por dar a ele o capital, poderá reservar o juro para lhe ser pago diretamente enquanto a hipoteca durar durante a sua vida e, se esta for liquidada, então o Sr. Lyon deverá celebrar uma escritura para a senhora guardar, comprometendo-se a que, em tudo o que for investido, o juro lhe seja reservado.

O único inconveniente disto é que revelará aos devedores, na face da escritura, a natureza da transação, mas não há objeção prática nisto que deva pesar contra a segurança que seria para si ter o juro pago diretamente a si mesma. Preverei na escritura que o juro seja de 6 por cento, mas reduzido para 5 se pago pontualmente. Com uma garantia como altos-fornos, etc., não serviria de nada ter um fiel depositário, mas fiz o que é melhor, tornando os devedores arrendatários por uma renda que cubra o juro, de modo que a senhora terá poder de penhora (*distress*) e, adicionalmente, um poder de venda da forma mais plena. Se tiver a bondade de me escrever para Lincoln's Inn-fields a sua decisão bem ponderada, poderei mandar completar a escritura e ela poderá prosseguir durante a minha ausência; mas se desejar ver-me antes de decidir, subirei imediatamente e trarei a minuta comigo para sua aprovação. Seu muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON."

**18.** "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 29 de Dez. 1866. Caro Sr. Wilkinson, — Em resposta à sua desta data, só posso repetir o que fiz na minha última: 1.º, que desejo que o Daniel receba o capital aquando do meu falecimento; que a única dificuldade é o juro, pagável a mim durante a minha vida. O Daniel poderá considerar o capital de tal forma como seu que poderá, com o tempo, pagá-lo com relutância e, como disse antes, achar que eu estou no caminho. Tenho a certeza de que nunca desejarei deixar o capital a outro que

não ele; estou decidida sobre esse ponto, muito certamente; por isso, agora conhece a dificuldade, e deixo agora o assunto inteiramente consigo. Tenho a maior confiança na sua integridade e na sua gestão clara e desinteressada. Guardarei as suas cartas, juntamente com a escritura para eu guardar, sentindo a certeza de que fará o melhor por mim no negócio; e sou, caro Senhor, sua muito verdadeiramente, com os cumprimentos da época para si e para a Sra. Wilkinson, JANE LYON."

**19.** "Dawlish, Devon, 30 de Dezembro, 1866. Cara Sra. Lyon, — Como há tão pouco tempo para completar a hipoteca antes de a senhora deixar a cidade, e não deve haver pressa ao decidir sobre um assunto tão extremamente importante como se deve ou não abdicar de 30.000£, eu sugeriria que será melhor que o seu nome seja mantido na escritura de hipoteca, e poderá a qualquer momento posterior, por uma escritura curta, transferir o capital, se assim o desejar, retendo o juro para a sua vida. Penso que isto seria melhor do que fazê-lo na própria escritura de hipoteca; e se aprovar, e tiver a bondade de me escrever imediatamente para Lincoln's Inn-fields, poderei ter a escritura pronta para enviar para o campo na terça-feira para execução, e liquidar em Londres no dia 4. Estarei de volta na terça-feira e no escritório na quarta-feira. Sua muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON."

**20.** "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 31 de Dezembro, 1866. Caro Sr. Wilkinson, — Desejo que redija uma escritura de hipoteca de Trinta mil libras em nome do meu filho adotivo Daniel Home Lyon, e ele deve redigir uma escritura dando-me o usufruto vitalício das Trinta mil libras, não reservando nada para si mesmo, viz. simplesmente o juro das mesmas, dando-me o usufruto vitalício e o poder de receber todos os juros provenientes das referidas Trinta mil libras. Não vamos para fora da cidade no dia cinco, portanto pode aguardar até que o senhor venha para a cidade. E sou, caro Sr. Wilkinson, sua muito verdadeiramente, JANE LYON. P.S. Considero que quanto mais cedo o negócio for feito melhor, desde que seja bem feito, e só o senhor o pode fazer assim."

**21.** "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 2 de Jan., 1867. Cara Sra. Lyon, — Regressei ontem à noite e, ao vir para aqui esta manhã, sofri uma queda e fiz uma entorse no tornozelo, pelo que receio não poder sair durante 2 ou 3 dias. Pretendo, portanto, ficar com o meu amigo Sr. [omitido] no n.º 44 de Russell Square, de modo a estar perto daqui e pronto para o trabalho. Recebi a sua carta ontem à noite, mas como complicaria muito a hipoteca expor nela o arranjo privado para dar o capital ao Sr. Lyon e reservar o juro para si, considerei muito melhor fazer a hipoteca em seu nome da forma habitual e com todos os poderes necessários.

Poderá, assim que estiver assinada e completada, por uma escritura separada, ceder o capital conforme deseja, retendo o juro, para que este lhe seja pago diretamente sem qualquer interferência. Atrevo-me a dizer que a escritura de hipoteca estará assinada por todas as partes na sexta-feira e, portanto, se o tempo permitir que vá à City vender as 30.000£ em ou antes desse dia, poderá ficar concluído então. Escreva-me para aqui como de costume e receberei a sua carta. Sua muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON."

**22.** "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 2 de Janeiro, 1867. Caro Sr. Wilkinson, — Há uma outra circunstância na minha carta de que me esqueci, viz. que nas minhas cartas não menciono que é meu desejo nomeá-lo em todos os momentos meu Solicitador sobre as Trinta mil libras enquanto eu viver, e para receber o meu juro em todos os momentos das partes que detêm o referido capital de Trinta mil libras. O meu recibo para si servirá de garantia suficiente para o juro daí proveniente. Isto aumentará a força da escritura para eu guardar. E sou, caro Senhor, sua respeitosamente, JANE LYON.

P.S. Caso a presente hipoteca seja liquidada, devo ter total poder para investir novamente através de si, de acordo com o meu desejo em todos os momentos durante a minha vida. Se eu não tiver este poder, ele poderá resgatá-lo e investi-lo, sabe Deus onde ou como; isto não pode ser, ele não deve ter esse poder enquanto eu viver e reservar o juro; devo ter o controlo exclusivo sobre o capital. — JANE LYON. N.B. — Por favor, traga esta carta quando vier. Não há pressa, não vamos sair de casa. — J. L."

**23.** "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 2 de Jan. 1867. Caro Sr. Wilkinson, — Pensei certamente que a minha carta sobre o assunto era muito clara, viz. que eu, por uma escritura legal forte, dou Trinta mil libras ao Daniel reservando para mim todos os juros das mesmas por todo o termo da minha vida natural. O Daniel, por escritura legal forte, dá-me todos os juros das mesmas, não ficando com nada para si enquanto eu viver; este é, creio, o teor da minha última carta para si, e este modo obviará qualquer dificuldade que pudesse surgir quanto a qualquer outra hipoteca. Caso esta seja liquidada, não haverá ocasião para fazer outra escritura.

Creio que verá isto, mas sei que é escrupulosamente honesto e deseja que eu esteja segura, pelo que lhe agradeço; mas posso, como disse, depositar a maior confiança nos seus procedimentos neste negócio, viz., redigir a escritura de hipoteca inteiramente em nome do Daniel. Não tenho nada a ver com isso, exceto o juro nele, apenas as Trinta mil libras, viz. o juro das mesmas, e seja qual for o modo como for investido, sem fazer referência a esta hipoteca ou a qualquer outra; é simplesmente o juro sobre o capital, para o qual a escritura Legal deve ser feita pelo Daniel, o que sei agora que o senhor deve compreender perfeitamente. Sou, caro Senhor, sua muito fielmente, JANE LYON."

**24.** "17a, Albert Terrace, Albert Gate, 2 de Janeiro, 1867. Caro Sr. Wilkinson, — Desde que lhe enviei a carta, pensei na melhor maneira de obviar todas as dificuldades, viz. nomeando-o meu curador (*trustee*) sobre as Trinta mil libras, e inserindo o seu nome com o do Daniel na hipoteca, sem referência ao encargo (*trust*), sendo o juro pago a si mesmo e o meu recibo para si sendo suficiente durante a minha vida para o juro.

Creio que este é o melhor plano pensado até agora, e então ficarei perfeitamente satisfeita consigo como curador e fiel depositário, indo o juro diretamente para si por parte de quem detém o capital, e o Daniel não tendo qualquer poder sobre qualquer parte da propriedade durante a minha vida, nem para resgatar nem para investir, provavelmente na América. A escritura de confiança (*trust deed*) deve ser feita de forma forte e legal, dando a mim mesma, através de si, meu curador e fiel depositário, todo o poder. E sou, caro Senhor, sua fielmente, JANE LYON."

**25.** "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 4 de Janeiro, 1867. Cara Sra. Lyon, — Recebi a sua carta do dia 2 ontem à noite e apenas posso dizer que, quaisquer que sejam os seus desejos, os levarei a cabo da melhor forma que puder para sua segurança. A sua sugestão é perfeitamente praticável e pode ser substancialmente executada por uma escritura legal. Mas seria muito desaconselhável fazer todos estes arranjos privados na face da própria escritura de hipoteca, na qual tantas pessoas estranhas são partes, e recomendaria para sua consideração se não seria melhor fazer o que pretende por uma escritura separada com a qual os devedores não terão nada a ver. É, de facto, apenas outro e, na minha opinião, um melhor modo de realizar a mesma coisa; e se aprovar isto, submeterei a si, poucos dias após a conclusão da hipoteca, a minuta da escritura pretendida. Espero estar por essa altura suficientemente recuperado para a visitar. Sua muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON."

**26.** "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 5 Jan. 1867.

Eis a continuação da tradução fiel para Português de Portugal (PT-EU), mantendo a integridade de toda a correspondência e documentos:

"Caro Sr. Wilkinson, — Concordo perfeitamente consigo em que seria altamente imprudente tentar levar a cabo os meus desejos numa escritura de hipoteca, aberta à inspeção de tantas pessoas. Poderá, não tenho dúvida, fazê-lo de forma mais eficaz, realizando os meus pontos de vista numa escritura legal separada; por conseguinte, perceba que aprovo vivamente que faça uma minuta da mesma para minha aprovação. Confio que em breve estará suficientemente bem para ver a conclusão da hipoteca. Peço-lhe que cuide muito de si e que tenha o melhor aconselhamento; um homem honesto na lei vale muito mais do que o seu peso em ouro. E sou, sua fielmente, JANE LYON. W. M. Wilkinson, Esq., 44, Lincoln's Inn Fields."

27. Na segunda-feira, dia 7 de janeiro, vi-a e tive com ela uma longa conversa a respeito da conclusão da hipoteca e também quanto à sua pretendida doação da mesma ao Réu Home. Ela expressou a maior afeição por ele e disse estar determinada a realizá-la da forma proposta. Reiterei perante ela todos os antigos argumentos e, adicionalmente, disse-lhe que agora nem sequer seria o meio de poupar o imposto, visto que haveria agora lugar ao pagamento de imposto sucessório (*succession duty*). Voltei a avisá-la contra ser de qualquer forma influenciada por quaisquer comunicações de espíritos ou por qualquer coisa que não fosse a sua razão imparcial, e ela assegurou-me que não o era. Nesta ocasião, disse-me que tinha recebido o mesmo conselho de Lady D., que lhe dissera para não se guiar em quaisquer assuntos mundanos por quaisquer comunicações, e ela não pretendia fazê-lo. Disse que, acontecesse o que acontecesse, tinha mais dinheiro do que aquele de que poderia precisar e que estava apenas demasiado feliz por tornar o Daniel independente depois de todo o vitupério que ele sofrera.

28. A seguinte correspondência teve então lugar entre nós: "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 9 de Janeiro, 1867. Minha querida Sra. Lyon, — Tenho o prazer de a informar que completei hoje a hipoteca de 30.000£ a seu favor e que procedi ao pagamento do dinheiro. Trarei a escritura para a sua assinatura dentro de um dia ou dois. Prepararei também agora para sua aprovação a minuta da escritura a favor do Sr. Lyon, de acordo com as suas instruções na sua carta e na conversa que tive consigo na passada segunda-feira. Espero, dentro de um dia ou dois, ser capaz de submeter à sua consideração a proposta para outra garantia hipotecária. Seu fielmente, W. M. WILKINSON. Sra. Lyon."

"44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 11 de Janeiro, 1867. Minha querida Sra. Lyon, — Continuo tão coxo que tenho grande dificuldade em deslocar-me, mas espero estar melhor dentro de um dia ou dois e visitá-la. Tenho agora os detalhes da outra garantia hipotecária, a qual acredito ser tão boa e segura como a que acaba de ser concluída, e que tanto a propriedade a ser hipotecada, por si só, como a garantia pessoal dos devedores, por si só, seriam perfeitamente amplas; mas, naturalmente, a senhora teria a garantia de ambas na hipoteca, caso esteja disposta a aceitá-la. As partes desejam pedir emprestadas 25.000£ sobre 12 acres de terra de propriedade plena (*freehold*) avaliados em 1.000£ por acre. Tiveram recentemente de pagar 12.000£ por um acre adicional e, nesta terra, existem cinco altos-fornos de primeira classe e fundições extensas, sendo o todo avaliado em mais de 80.000£. Os devedores são, vários deles, os mesmos da última hipoteca, mas este negócio é totalmente distinto do outro, e as obras ficam a cerca de uma milha de distância. Ficarei grato se considerar a questão e me der a sua opinião sobre a mesma. Seu muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON. Sra. Lyon."

"17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 11 de Jan. '67. Caro Senhor, — Sempre tive uma cópia autenticada e examinada da escritura de hipoteca. Isto é essencial. O meu marido era muito minucioso neste ponto; ele examinava-a com a própria escritura e via se correspondia em todos os pontos antes de a assinar; portanto, por favor, quando vier traga ambas consigo, é a expensas dos devedores. Por favor, escreva-me umas linhas previamente. Espero que o seu tornozelo esteja agora totalmente bem. Sua fielmente, JANE LYON. W. M. Wilkinson, Esq."

"17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 13 de Jan. 1867. Caro Sr. Wilkinson, — Lamento saber que continua coxo; certamente terá o melhor aconselhamento; poderá haver algum pequeno osso ou ligamento lesionado, alguma pessoa habilidosa poderá detetá-lo antes que seja tarde demais. O "tempo presente", como sabe. A hipoteca que menciona, viz., os 12 acres de terra de propriedade plena, a garantia deve depender das edificações nela existentes, se têm valor suficiente e a permanência do seu uso atual, e se seriam utilizáveis para qualquer outro fim igualmente lucrativo. Então, com a garantia conjunta da companhia que menciona e a sua obrigação (*bond*), não pode haver dúvida da sua respeitabilidade. Penso que seria uma garantia elegível, e o senhor fará o favor de lhe dedicar a sua atenção por minha conta e o mais rigoroso inquérito. E sou, caro Senhor, sua respeitosamente, JANE LYON. W. M. Wilkinson, Esq. Estará aqui amanhã, diz-me o Daniel; jantamos às 17h30. Espero que venha para conhecer a Dra. Mary Walker."

32. Na segunda-feira, 14 de janeiro, fui jantar com a Autora e levei comigo a minuta de cessão da hipoteca e a declaração de confiança (*declaration of trust*). Deixei-as com ela para sua aprovação. Estive lá um quarto de hora antes de qualquer outra pessoa e tivemos o mesmo tipo de conversa de antes, e ela disse que analisaria as minutas por si própria e achava que poderiam ser adiadas, pois não via razão para as fazer de imediato. Aconselhei-a vivamente a não fazer mais nada no assunto, mas sim a deixar as coisas como estavam. Não tivemos mais conversa sobre o tema naquela noite, pois saí cedo, antes de os outros se terem ido embora.

33. No mesmo dia, escrevi à Autora o seguinte: "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 14 de Jan. 1867. Minha querida Sra. Lyon, — A terra e as instalações e outras edificações sobre a mesma estão avaliadas em 80.000£, as quais acredito não poderem ser de tal modo reduzidas que não tornem um empréstimo de 25.000£ perfeitamente seguro, sem ter em conta a garantia pessoal dos devedores, sob o seu compromisso conjunto e solidário de pagar a totalidade do dinheiro da hipoteca. Considero, portanto, que a garantia é ampla; e se o título da propriedade, após investigação, se revelar igualmente bom, não creio que corra qualquer risco, ao passo que estará a aumentar materialmente o

seu rendimento. Quando tiver considerado plenamente o assunto, ficarei grato por ter as suas instruções. Seu fielmente, W. M. WILKINSON. Sra. Lyon, 17a, Albert Terrace."

34. Na data da seguinte carta, esta foi-me trazida pelo Réu Home, que disse que a Autora desejava ver-me. "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 17 de Jan. 1867. Caro Sr. Wilkinson, — Fará o favor de resgatar o meu capital de 31.000£ do espólio do falecido Frederick Drew, Esq.? Sua muito verdadeiramente, JANE LYON. W. M. Wilkinson, Esq." Na tarde desse dia, visitei-a e ela apresentou as minutas das escrituras que eu lhe tinha deixado no dia 14 e as quais me solicitou que lhe lesse. Assim fiz, e ela aprovou-as e disse ter decidido agora levar a cabo a doação. Mais uma vez, percorri os argumentos que anteriormente lhe tinha dirigido, mas ela disse estar agora determinada a fazê-lo e solicitou-me que as tivesse prontas para ela assinar no sábado.

Na manhã seguinte, recebi dela a seguinte carta: "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 17 de Jan. 1867. Caro Sr. Wilkinson, — Examinei a cópia da escritura de confiança a seu favor relativa à hipoteca de 30.000£; e também a cópia da escritura de reserva de doação para o Daniel, aquando do meu falecimento, e aprovo ambas. E sou, &c., &c., JANE LYON." A cessão da hipoteca a meu favor, conforme redigida e aprovada por ela, era absoluta na sua face, e mandei-a reescrever (*re-ingrossed*) com a alteração referindo a declaração de confiança, para que o meu carácter de curador (*trustee*) aparecesse. Dois dos meus oficiais, o meu filho e o Sr. Hartley, visitaram-na no sábado para presenciarem a assinatura das escrituras por ela, e eu assinei posteriormente na presença deles. Eu próprio não estive lá e não executei a escritura até à segunda-feira seguinte.

35. A seguinte é uma cópia da escritura:

DECLARAÇÃO DE CONFIANÇA (*DECLARATION OF TRUST*)

Esta Escritura, feita no dia 19 de janeiro de mil oitocentos e sessenta e sete, entre Jane Lyon, do n.º 17a de Albert-terrace, Albert-gate, Hyde Park, no Condado de Middlesex, viúva, de uma parte, e William Martin Wilkinson, do n.º 44 de Lincoln's Inn-fields, no Condado de Middlesex, cavalheiro, da outra parte. Considerando que, por uma escritura pública ou instrumento por escrito sob a mão e selo da referida Jane Lyon com a data de 12 de dezembro de 1866, após recitar que, sob o último Testamento e vontade do seu falecido marido Charles Lyon, Fidalgo, a referida Jane Lyon tinha direito a uma grande fortuna em dinheiro e garantias para seu próprio uso, livre de quaisquer encargos ou reservas impostos pelo referido Testamento ou de outra forma; e recitando que a referida Jane Lyon não tinha filhos e tivera a intenção e o desejo de tomar e adotar Daniel Dunglass Home, do n.º 22 de Sloane-street, Hyde-park acima mencionado, como seu filho; e recitando que, com a sua sanção e a seu pedido, o

referido Daniel Dunglass Home tinha executado uma escritura pública com a data de 3 de dezembro então corrente, pretendendo-se que a mesma fosse averbada em registo no Tribunal de Chancelaria de Sua Majestade, pela qual o referido Daniel Dunglass Home declarou ter tomado o apelido de "Lyon" em vez e em substituição de "Home", e que no futuro pretendia ser chamado e conhecido como "Daniel Home Lyon"; e recitando que a referida Jane Lyon, desejando colocá-lo numa posição de independência adequada ao seu estatuto e posição na vida como seu filho adotivo, e com vista a esse fim, no dia 10 de outubro então passado, deu ao referido Daniel Home Lyon a quantia de 24.000£ em numerário; e recitando que, em prosseguimento de tal desejo e por ocasião de ele ter tomado publicamente o nome dela, no dia 10 de dezembro então corrente, a referida Jane Lyon fizera transferir do seu próprio nome nos livros do Governador e Companhia do Banco de Inglaterra para o antigo nome de Daniel Home Lyon a quantia de 6.798£ 17s. 4d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3%, equivalente a uma quantia adicional de 6.000£ em numerário; e recitando que era intenção da referida Jane Lyon, ao fazer as referidas respetivas doação e transferência, e era seu então desejo e intenção, investir absoluta e irrevogavelmente no referido Daniel Home Lyon, para si, seus testamenteiros, administradores e cessionários, o uso e gozo absoluto dos dinheiros por esse meio respetivamente doados e transferidos; a referida Jane Lyon, em prova adicional de tal seu desejo e intenção, e para remover todas as dúvidas, suspeitas e controvérsias a esse respeito, declarou absoluta e irrevogavelmente pela escritura pública agora em recitação, por si, seus herdeiros, testamenteiros e administradores, ter feito a referida doação e transferência apenas por sua própria vontade e prazer, e sem qualquer influência, controlo ou interferência do referido Daniel Home Lyon ou de qualquer outra pessoa, e que o referido Daniel Home Lyon, seus testamenteiros, administradores e cessionários, deteriam e teriam direito às referidas quantias de 24.000£ e às referidas Anuidades Consolidadas Bancárias a 3%, representando a quantia de 6.000£ por ela transferida como anteriormente mencionado, para seu próprio uso e benefício absolutos, sem qualquer reserva, condição, encargo ou propósito de qualquer espécie; E considerando que a referida Jane Lyon tem direito (entre outros bens) a uma quantia de 30.000£ garantida por hipoteca de certas terras em regime de arrendamento (*leasehold*), edifícios, maquinaria e herdades situados no condado de York, feita por uma escritura datada de 9 de janeiro de 1867 e expressa como celebrada entre [partes omitidas] de uma parte e a referida Jane Lyon da outra parte; E considerando que a referida Jane Lyon, tendo a intenção e o desejo de fazer uma provisão adicional para o seu referido filho adotivo, o referido Daniel Home Lyon, em aditamento às referidas quantias de 24.000£ em numerário e 6.798£ 17s. 4d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3% assim respetivamente pagas e transferidas para ele como referido, determinou, apenas por sua livre vontade e prazer e sem qualquer influência, controlo ou interferência do referido Daniel Home Lyon ou de qualquer outra pessoa, liquidar absoluta e irrevogavelmente a referida quantia de 30.000£ garantida por

hipoteca como referido, para benefício do seu filho adotivo, o referido Daniel Home Lyon, reservando para si apenas o juro da mesma durante a sua vida, com pleno poder para resgatar e variar os investimentos da referida quantia; E considerando que, para efetivação e em cumprimento parcial da referida vontade e determinação, a referida Jane Lyon, por uma escritura com data igual mas executada antes da presente, e expressa como celebrada entre a referida Jane Lyon de uma parte e o referido William Martin Wilkinson da outra parte, cedeu a referida quantia principal de 30.000£ e juros e as garantias das mesmas ao referido William Martin Wilkinson, seus testamenteiros, administradores e cessionários, com a intenção de que ele e eles as detenham respetivamente sob os encargos e com e sujeitos aos poderes e condições doravante declarados. Agora esta escritura testemunha que, para a execução eficaz da referida determinação e intenção e em consideração do exposto, é por este meio acordado e declarado por e entre as referidas partes da presente, e em particular a referida Jane Lyon, por si, seus herdeiros, testamenteiros e administradores, declara absoluta e irrevogavelmente que o referido William Martin Wilkinson, seus testamenteiros, administradores e cessionários, deterão e terão interesse na referida quantia de 30.000£ e em todos os juros agora devidos ou que doravante venham a vencer-se pela mesma, e as garantias da mesma, sob o Encargo (*Upon trust*) de que o referido William Martin Wilkinson, seus testamenteiros, administradores e cessionários, manterão a referida quantia de 30.000£ no seu presente estado de investimento se a referida Jane Lyon assim o desejar ou, a pedido dela, resgatarão e compelirão ao pagamento da mesma quantia ou de qualquer parte dela, e investirão os dinheiros assim resgatados como referido em nome dele, o referido William Martin Wilkinson, seus testamenteiros, administradores ou cessionários, em quaisquer fundos públicos ou títulos do Governo do Reino Unido, ou garantias imobiliárias de propriedade plena, cópia de fólio, arrendamento ou bens reais mobiliários (*chattel real*), ou na compra de propriedade imobiliária ou de arrendamento, ou em qualquer outro modo ou forma que a referida Jane Lyon, por escrito sob a sua mão, de tempos a tempos ordene e determine; sendo intenção e sentido da referida Jane Lyon, ao fazer tal cessão e liquidação (*settlement*) como referido, reter para si o controlo exclusivo dos futuros investimentos da referida quantia de 30.000£ e de cada parte dela; e que o referido William Martin Wilkinson, seus testamenteiros, administradores ou cessionários, pagarão os juros, dividendos e rendimento anual da referida quantia de 30.000£ e dos valores, fundos e garantias em que a mesma quantia ou qualquer parte dela possa estar investida na altura, e as rendas e lucros da propriedade imobiliária que possa ser comprada com a mesma ou com qualquer parte dela, à referida Jane Lyon durante a sua vida e, sujeito a isso, deterão e terão interesse na referida quantia de 30.000£ e nos valores, fundos, ações e garantias em que a mesma ou qualquer parte dela possa de tempos a tempos estar investida, e na propriedade imobiliária que possa ser comprada com a referida quantia ou qualquer parte dela, e os juros, dividendos e rendimento anual, rendas e lucros da mesma e de cada parte dela, sob Encargo para o

referido Daniel Home Lyon, seus herdeiros, testamenteiros, administradores e cessionários, de acordo com a natureza e posse da referida propriedade. E é por este meio acordado e declarado que o poder de nomear um novo curador ou novos curadores que venham a falecer ou desejem ser exonerados ou recusem ou se tornem inaptos ou incapazes de agir será exercitável pela referida Jane Lyon durante a sua vida e, em cada uma ou qualquer uma de tais nomeações, o número de curadores poderá ser aumentado ou reduzido; e, em aditamento à indemnização ordinária e direito a reembolso conferidos por lei aos curadores, o curador ou curadores da presente não serão responsáveis por qualquer perda que possa ser causada ao referido fundo fiduciário por investirem o mesmo de qualquer maneira que a referida Jane Lyon possa, na sua absoluta discrição, considerar adequado ordenar. Prevê-se também e a referida Jane Lyon declara expressamente por este meio que a liquidação anteriormente expressa como sendo por ela feita é absoluta e irrevogável e não será de modo algum disputada ou controvertida pelos seus herdeiros, testamenteiros ou administradores, e que a quantia de 30.000£ nela referida e os valores, fundos, garantias e propriedade que possam ser comprados com a referida quantia ou qualquer parte dela são (sujeito ao anteriormente dito) livre e absolutamente dados ao referido Daniel Home Lyon para seu próprio uso e benefício, sem qualquer reserva, condição ou encargo de qualquer espécie, e são pretendidos pela referida Jane Lyon como sendo em aditamento a e não em lugar de ou substituição das referidas quantias de 24.000£ e 6.798£ 17s. 4d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3% assim respetivamente dadas, pagas e transferidas ao seu referido filho adotivo, o referido Daniel Home Lyon, como referido. Em testemunho do que, as referidas partes da presente apuseram as suas mãos e selos no dia e ano acima escritos.

JANE LYON. W. M. WILKINSON**.** Assinado, selado e entregue pela acima nomeada Jane Lyon e por William Martin Wilkinson na presença de WM. J. WILKINSON, WM. HARTLEY, Oficiais de W. M. Wilkinson.

36. Cópias das duas escrituras foram-lhe enviadas com a seguinte carta: "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 21 de Janeiro 1867. Cara Senhora, — O meu pai solicita-me que lhe envie as cópias acompanhantes dos documentos que a senhora requereu no sábado. Espero que os encontre em conformidade. Sua fielmente, W. J. WILKINSON. Sra. Lyon."

37. A 24 de janeiro de 1867, ordenei que a seguinte carta fosse escrita e enviada à Autora: "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C. 24 de Janeiro, 1867. Cara Senhora, — O meu pai solicita-me que diga que receia que a sua indisposição o impeça de aceitar o seu amável convite para a próxima sexta-feira. Devolvo-lhe os papéis relativos à Propriedade de Wootton que me enviou, de acordo com o seu pedido. Sua fielmente, WM. J. WILKINSON. Sra. Lyon."

38. A pedido dela, visitei-a a 25 de janeiro com um dos duplicados do seu Testamento e deixei-o com ela. Estive com ela apenas alguns minutos e não

me recordo do que se passou. A 13 de fevereiro, fui com ela aos corretores de valores e ao Banco para vender fundos para a segunda hipoteca de 30.000£. Ela pensava que tinha apenas fundos suficientes para produzir cerca de 26.500£ e tinha combinado que o Réu Home venderia dos fundos dele e lhe emprestaria o que fosse necessário. Eu tinha, consequentemente, obtido uma procuração dele para os corretores venderem, e isto foi feito por eles, tendo angariado 3.403£ 6s. 4d. em numerário pela venda de 3.755£ 7s. 8d. em Anuidades Consolidadas, quantia que lhe foi adiantada, e 400£ em numerário pela venda de 441£ 7s. 7d. em Anuidades Consolidadas para o próprio Sr. Home. Quando estávamos no Banco, descobrimos através dos corretores que a Autora tinha ainda uma quantia remanescente, no seu próprio nome, de cerca de 2.300£, e ela disse-me ao ir para casa que a transferiria de imediato para o Réu Home em redução do que tinha pedido emprestado, o que acredito que ela fez posteriormente.

39. As seguintes são cópias de cartas adicionais que passaram entre mim e a Autora: "17a, Albert Terrace, Albert Gate, S. W., 13 de Fev. 67. Caro Sr. Wilkinson, — Poderia, por favor, informar-me pelo próximo correio de quando receberei as escrituras da minha nova hipoteca, sendo habitual o meu marido receber as escrituras quando pagava o dinheiro, o que eu fiz; e desejo ir ao banco para depositar alguns outros documentos que lhe mencionei, ao mesmo tempo que deposito estes. Poderia também, por favor, enviar os papéis com o montante exato que vendi dos fundos, com o preço, etc.? Isto é habitual, sempre o recebíamos do banco; poderia, por favor, obtê-lo junto de Taylor e Fox? Espero que esteja muito melhor, e sou, Sua muito verdadeiramente, JANE LYON. W. M. Wilkinson, Esq." "O Daniel chegou a casa esta tarde perfeitamente bem." "P.S. — Também, se vendeu dos do Daniel, deixe-me ter esse papel do montante exato também; se não o fez, eu venderia o resto das minhas ações como parte, e não teria tanto das dele. — J. L."

40. "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C., 14 de Fevereiro, 1867. Cara Sra. Lyon, — A escritura de hipoteca necessita de ser registada em Northallerton e, imediatamente após o seu retorno, o que levará cerca de uma semana, levá-la-ei a si. Espero ter uma cópia feita para si até sábado. O montante de fundos que a senhora vendeu ontem foi de 29.348£ 2s. 9d., o que produziu 26.596£ 13s. 8d., quantia pela qual recebi ontem o cheque do corretor. Os fundos do Sr. D. H. Lyon foram vendidos ontem para perfazer a soma de 30.000£, que também recebi. Obterei a nota do corretor com o montante para si, e poderá, quando for conveniente, repor os fundos dele e pagar-lhe o dividendo de julho próximo, caso não sejam repostos mais cedo. Será, assim, simplesmente um empréstimo de fundos por um curto período. Estou muito melhor hoje. Seu fielmente, W. M. WILKINSON. Sra. Lyon."

41. "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C., 21 de Fevereiro, 1867. Minha Querida Sra. Lyon, — Envio-lhe a última escritura de hipoteca de

30.000£ e também uma cópia examinada, que espero que considere correta. Sua fielmente, W. M. WILKINSON, por W. J. W. Sra. Lyon, Albert Gate."

42. A maneira como a Autora tinha disposto dos seus bens fora sempre um pensamento inquietante para mim, e decidi trazer a questão novamente perante ela; consequentemente, escrevi-lhe a seguinte carta: "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C., 6 de Maio, 1867. Minha querida Sra. Lyon, — Estou a começar agora a vir para aqui novamente um pouco após a minha longa doença, e lamento ter estado tanto tempo sem lhe poder fazer uma visita. Tenho tido, há algum tempo, a intenção de lhe recordar os termos do seu Testamento, que já foi feito há algum tempo, e a senhora teve a oportunidade, no intervalo, de considerar plenamente se não desejaria beneficiar alguns dos seus parentes ou dos do seu falecido marido, fazendo uma alteração a favor deles. Não tenho o direito, como é óbvio, de fazer mais do que levar o assunto à sua atenção, pois naturalmente a decisão deve repousar apenas consigo; e, portanto, não direi mais do que isto: que posso agora atender a quaisquer instruções que me possa dar sobre o assunto. Sua muito fielmente, W. M. WILKINSON. Sra. Lyon, 17a, Albert Terrace, Hyde Park."

43. A seguinte é uma cópia da resposta dela: "17a, Albert Terrace, Albert Gate, 6 de Maio, '67. Minha querida Sr. Wilkinson, — Felicito-o muito sinceramente pela, espero eu, restauração da sua saúde permanente, e por uma vida longa para a desfrutar, bem como a sua querida e boa esposa; desejo-lhe também muita alegria nessa antecipação. Que ambos colham juntos os benefícios dessa feliz mudança, pois a saúde é, com toda a certeza, a maior bênção que este mundo pode conceder. Ouviu alguma coisa da Hipoteca de Wootton? Poderia, por favor, dar-me uma cópia do seu aviso para que eles paguem o dinheiro? Espero que sirva o propósito. Conseguiu uma garantia para ele boa para pagar 5%? O Sr. Jencken mencionou uma que o Spratt mencionou ao Daniel, provavelmente ele a nomeou ao senhor, pagando 6%, que era para vinte mil. Espero que encontre outra boa, igual à última, ou melhor. Gostaria de o ver quando puder; se lhe agradar, traga a cópia do aviso consigo; e sou, com os melhores votos para a sua saúde, Sua muito verdadeiramente, JANE LYON. Poderia, por favor, dar-me uma indicação de quando estará aqui, pois desejo estar em casa; e com este tempo agradável poderei estar fora depois da uma hora ou, se não for conveniente a visita, por favor escreva. Recebi uma carta do pobre Dan, e penso que ele está um pouco melhor, sem tantas dores: ele está agora a tomar vinho. Penso que há esperanças na sua recuperação. J. LYON."

44. Recebi posteriormente da Autora uma carta da qual a seguinte é cópia: "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 10 de Maio, 1867. Caro Senhor, — Não tendo tido notícias suas em resposta à minha última, solicitando a cópia do aviso que enviou respeitante à Hipoteca de Wootton (foi sempre habitual o meu marido e eu termos tal cópia do aviso), pedi ao Daniel para lhe

solicitar que o enviasse ou lho desse para mim, mas suponho que ele se esqueceu. Como o pagamento do juro era uma transação privada, provavelmente terá de ser dado um aviso diferente. Se o seu não estiver em conformidade com as escrituras, isto deve ser feito de imediato; maio e outubro eram os meses em que o juro era habitualmente pago; não janeiro e julho, como foi registado pela última vez. Sua verdadeiramente, JANE LYON. W. M. Wilkinson, Esq."

45. No sábado, 11 de maio, visitei-a para lhe falar sobre o seu Testamento e o resgate da Hipoteca de Wootton, etc. Encontrei-a sozinha e, após falar um pouco sobre os outros assuntos, abri a questão do seu Testamento e disse-lhe que, como o Sr. Home tinha tido agora tal benefício da parte dela, desejava apresentar-lhe muito seriamente que ela não deveria excluir os seus familiares pelo seu Testamento. Ela disse que estava tão satisfeita com ele como sempre e que nada poderia superar a bondade dele para com ela. Tudo o que temia era que ele não vivesse muito tempo e, se ele morresse, ela alteraria o seu Testamento, pois não desejava que mais nada do seu dinheiro fosse para o rapazinho dele, de quem ela não gostava. "Aliás," disse ela, "lamento ter-lhe dado mais do que uma contingência vitalícia nas segundas 30.000£, pois considero as primeiras 30.000£ perfeitamente suficientes para irem para o rapaz." Eu disse: "Bem, lamento se mudou de ideias, pois fiz tudo o que pude para a fazer hesitar, e lamento que alguma vez lhe tenha dado a segunda doação. Mas agora," disse-lhe eu, "por que não faz o seu Testamento a favor dos seus parentes? Se a Sra. Clutterbuck não precisa, há a Sra. Denison que, com o marido incapacitado e a sua numerosa família, realmente precisa. Além disso, a senhora deu ao Daniel mais do que ele alguma vez poderá precisar." Ela pensou por um momento e disse: "Não, não me importo com eles, e nem o meu marido se importava, e não o alterarei enquanto o Daniel viver; mas se ele morrer, alterá-lo-ei, pois não desejo que o filho dele receba mais nada.

E por que haveria eu de mudar? Estou perfeitamente satisfeita enquanto ele viver." Voltei a instá-la a deixar uma parte para os familiares do marido e, se não a estes, a alguns hospitais, pois era absurdo deixar tanto a uma só pessoa, e disse: "Gostaria que o fizesse, pois penso que é apenas justo." Ela recusou positivamente e disse que a sua decisão estava tomada. Eu disse-lhe: "Bem, apenas desejaria que os seus parentes pudessem ter estado ao alcance de ouvir tudo o que lhe disse, para que pudessem saber quão fervorosamente intercedi por eles e, lamento dizê-lo, quão sem sucesso." Despedimo-nos nos melhores termos e fiz o seguinte memorando da entrevista: "Sábado, 11 de Maio, 1867. SRA. LYON, Atendendo à alteração do seu Testamento, que a senhora determinou não fazer, nem retirar nada durante a vida do Sr. Lyon; mas, caso ele faleça antes da senhora, faria de imediato um novo testamento."

46. A seguinte correspondência teve então lugar: "17a, Albert Terrace, Albert Gate, 27 de Maio, '67. Caro Sr. Wilkinson, — Prometeu, quando esteve aqui, escrever a respeito do aviso, e de quando eles estariam prontos para liquidar a hipoteca, e mandar-me umas linhas assim que recebesse uma resposta. Poderia, por favor, informar-me da resposta? Sua verdadeiramente, JANE LYON."

47. "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C., 28 de Maio, 1867. Minha querida Sra. Lyon, — Escrevi aos Solicitadores, Senhores Warden e Ponsford, no dia seguinte ao que a vi e, não tendo recebido qualquer resposta deles, escrevi-lhes novamente ontem instando-os a informarem-me se poderiam prometer o dinheiro no dia, dado que a senhora estava prestes a fazer arranjos para o seu investimento. Ainda não recebi qualquer resposta mas, no momento em que a receba, informá-la-ei. Deveria ter-lhe feito uma visita muito antes disto, mas estive novamente indisposto e obrigado a poupar-me ao máximo de esforço possível. Espero vê-la dentro de um dia ou dois. Seu muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON. Sra. Lyon."

48. "Meu caro Senhor, lamento saber pela sua que esteve doente novamente; penso que necessita de mudança de ares. Estou muito surpreendida por não ter notícias de Ward e Ponsford; receio que vou ter alguns problemas naquele quadrante. Tenho todas as escrituras pertencentes à propriedade no banco; poderia, por favor, quando vier aqui, trazer as escrituras pertencentes à última hipoteca? Tenho apenas a escritura de hipoteca a meu favor e não posso levá-la ao banco até ter as escrituras da propriedade em hipoteca, como é habitual ter; não está completa sem elas. Numa 2.ª hipoteca, eles têm cópias das mesmas. Eu não tenho nenhuma das duas. Tive boas notícias do Daniel. E sou, sua respeitosamente, JANE LYON. W. M. Wilkinson, Esq. Quarta-feira, 29 de Maio, '67."

49. "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C., 7 de Junho, 1867. Minha querida Sra. Lyon, — Tive agora notícias dos Senhores Warden e Ponsford em resposta às minhas cartas, e eles dizem que ainda não obtiveram o dinheiro para a liquidar, mas que continuam a tentar obtê-lo. Não há dúvida de que consideram a tarefa mais difícil do que anteciparam. Trarei comigo, no primeiro dia em que possa visitá-la, as outras escrituras relativas à sua hipoteca no Norte. Tenho estado pior de saúde ultimamente, ou tê-las-ia trazido antes disto. Seu muito verdadeiramente, W. M. WILKINSON. Sra. Lyon."

50. "17a, Albert Terrace, Albert Gate, Hyde Park, 11 de Junho de 1867. Caro Senhor, — Lamento saber que esteve doente novamente, mas espero que agora esteja totalmente bem; quando vier com as escrituras que nomeia, poderia também, por favor, trazer a minha escritura de Hipoteca e de Confiança ao Dan? Desejo vê-las novamente comparadas com as minhas cópias; receio que

terei alguma dificuldade com a Hipoteca da Propriedade de Wootton; escrevi ao Sr. Good, ele pensa que eles obterão o dinheiro, mas não tão cedo como antecipado; poderia, por favor, marcar a próxima quinta-feira para trazer a referida escritura mencionada, ou um dia provavelmente mais conveniente para si, digamos sexta-feira. Sua verdadeiramente, JANE LYON. W. M. Wilkinson, Esqr."

51. A vez seguinte e última em que vi a Autora foi a 13 de junho, quando a encontrei num estado de grande excitação. Ela disse que eu deveria tê-la aconselhado a ter outro solicitador e a adiar a doação da hipoteca; e quando lhe disse que o tinha feito, ela negou-o e disse que tentaria reaver a escritura de hipoteca. Disse-lhe que lamentava que ela alguma vez a tivesse dado e que fora totalmente contra os meus desejos e conselhos e que, se o Sr. Home a tinha enganado, como ela dizia, ela o tinha ocultado de mim da forma mais eficaz; e que eu não podia acreditar que ela estivesse a fingir comigo durante tantos meses sem razão nenhuma. O seguinte é o memorando que fiz imediatamente após o meu regresso: "13 de Junho, 1867.

Visitei a Sra. Lyon com as escrituras que lhe pertenciam, e ela queixou-se de eu não ter trazido a escritura de confiança para comparar com a cópia dela. Informei-a de que a dela era uma cópia examinada. Ela disse que estava determinada a tê-la de volta, pois tinha sido defraudada dela pelo Sr. Lyon e não tinha tido o aconselhamento adequado da minha parte. Que eu deveria ter-lhe pedido para ter outro Solicitador ou ter insistido em que ela adiasse por 6 meses. Referi o facto de lhe ter escrito repetidamente e também falado contra o ato de o fazer, e que eu não poderia impedi-la de fazer o que fez. Ela disse que tinha feito tudo sob a influência do Sr. Home, e eu disse que, se assim fora, ela o tinha ocultado de mim. Ela disse estar determinada a anular a escritura e estava a dizer que iria para a Chancelaria com ela, quando um cavalheiro e uma senhora visitaram-na, e ela disse que seria melhor terminar a entrevista."

52. No dia seguinte, renunciei à minha curadoria (*trusteeship*) na seguinte carta: "44, Lincoln's Inn Fields, Londres, W. C., 14 de Junho, 1867. O Sr. Wilkinson apresenta os seus cumprimentos à Sra. Lyon e pede para dizer que, como a Sra. Lyon o nomeou curador da hipoteca de 30.000£ e ela está agora insatisfeita com o que fez, ele deseja retirar-se totalmente da curadoria. A Sra. Lyon tem o poder de nomear outro curador. O Sr. Wilkinson considerou, ao longo de todo o tempo, a doação adicional desnecessária, e sempre lamentou que a Sra. Lyon tivesse persistido em fazê-la."

53. Depositei desde então no Tribunal a hipoteca e a cessão e declaração de confiança e as escrituras relativas à hipoteca, e também a hipoteca de 20.000£ a favor do Sr. Home, de modo que não tenho mais interesse na mesma; e estou disposto a ceder a hipoteca primeiramente mencionada a um

curador a ser nomeado e submeto que deveria ser exonerado do processo. Não fui pago nem pela Autora nem pelo outro Réu por nenhum dos negócios que transacionei para eles.

54. Percorri agora as únicas cartas e papéis que passaram sobre o assunto e dei, tão proximamente quanto pude, um relato verdadeiro das partes materiais das minhas entrevistas com a Autora. Ela foi sempre, até à última ocasião, muito amável para comigo e eu tinha respeito e simpatia por ela, e uma determinação de fazer tudo o que pudesse para a proteger mais contra os seus próprios impulsos absurdamente generosos do que contra o Sr. Home; pois ela assegurou-me repetidamente que não era influenciada de forma alguma por comunicações de espíritos, mas apenas pela sua simpatia por ele, e que, se ele não fosse de todo um médium, ela teria a mesma afeição por ele.

Se fosse de outra forma, só ela é culpada por o ocultar de mim e negá-lo constantemente; mas falei com ela tão frequentemente contra ser levada por comunicações que o assunto se tornou totalmente gasto entre nós, e ela disse-me desde o início que estava bem familiarizada com tudo o que eu pudesse dizer sobre esse tema e, posteriormente, disse-me em várias ocasiões que tinha recebido a mesma cautela de outros. Ela estava principalmente ansiosa por ter tudo o que fez pelo Sr. Home feito de tal maneira que os parentes do marido não pudessem disputá-lo após a sua morte; e informou-me que não poderia ter herdeiros diretos (*next of kin*) próprios e que a sua propriedade "iria para a Coroa" se ela não fizesse um Testamento; e a sua única ansiedade era quanto à saúde do Sr. Home e o receio de que ele pudesse casar e deixá-la.

Na primeira noite em que a vi, ela disse, na presença do Sr. Rudall após o Dr. Hawkesley ter saído, que o Sr. Home lhe tinha dito que devia ir à Rússia para tratar de um processo judicial que tinha pendente relativo à fortuna da sua falecida esposa; e ela disse que, agora que lhe tinha dado tanto, não haveria necessidade de ele se ir embora e que ele não precisava de se importar se recebia o dinheiro na Rússia ou não, pois agora tinha o suficiente próprio e ela tinha muito mais.

55. Numa ocasião, ela mostrou-me uma carta de uma senhora na qual se dizia que os parentes do marido estavam a reunir provas para provar a sua insanidade, e ela expressou grande indignação contra eles. Também me disse que tinha deixado o seu último alojamento na Westbourne-street porque suspeitava que a Sra. Fellowes e outros estivessem coligados com a senhoria, Sra. Keys, para obterem provas da sua insanidade.

56. Tenho razões para me queixar de tais alegações feitas contra mim, como a de que não a aconselhei a contratar outro solicitador nem a precavi totalmente contra a doação do seu dinheiro, visto serem contrárias ao facto e

estarem expressamente contraditadas pelo seu próprio punho, o que suponho que ela tenha esquecido. Fiz ambas as coisas com o melhor da minha habilidade e quase, se possível, além do meu dever, pela minha persistência contra as repetidas declarações da intenção dela. As suas próprias afirmações de que agiu apenas pelo seu próprio julgamento e não por quaisquer comunicações, e que a sua determinação era fazer como disse, foram — se não fossem verdadeiras — culpa dela e não minha; pois acreditei plenamente no que ela me disse. Dei-lhe o mesmo conselho tanto quando estávamos sozinhos como na presença do Réu Home e, em tais ocasiões, ele disse-lhe sempre o mesmo. Não poderia ter feito nada mais do que fiz, exceto recusar totalmente cumprir as ordens estritas dela e, se o tivesse feito e ela tivesse ido a outro solicitador e lhe tivesse dito o mesmo que me disse a mim, ele não teria tido alternativa senão agir de acordo com as instruções dela.

57. A Autora disse-me repetidamente que agiu inteiramente pelo seu próprio julgamento no que estava a fazer e que era o maior prazer para ela ter dado tal uso ao seu dinheiro e ter encontrado alguém que fosse tal conforto para ela.

58. Os precedentes 57 parágrafos foram repetidos com algumas ligeiras alterações da minha declaração sob juramento apresentada neste processo a 8 de julho de 1867. Após a minha referida declaração até este ponto ter sido preparada e impressa, foi-me fornecida a cópia da declaração adicional da Autora jurada a 26 de junho e apresentada no dia seguinte. No que se refere a matérias dentro do meu próprio conhecimento, ela é quase totalmente falsa e está em desacordo com os factos ou com as próprias declarações prévias e repetidas dela para comigo; e o que nela há de verdadeiro está de tal modo misturado com o que o não é, que dá um colorido inteiramente falso às afirmações dela.

Das minhas conversas com ela durante as nove ou dez ocasiões em que tive entrevistas com ela de natureza comercial ou amigável, sempre a considerei possuidora de uma memória excelente e de bons hábitos e conhecimentos comerciais, acima dos da maioria das mulheres; mas, por esta declaração sob juramento, não só a memória dela deve ser muitíssimo defeituosa, como a sua imaginação deve ser muito grande, se ela própria acredita realmente no que nela disse.

59. Eu era o amigo do Réu Home, embora raramente o visse; mas dificilmente era o seu solicitador, pois ele não tinha assuntos jurídicos nos quais empregar um solicitador e, embora eu tivesse redigido um pequeno testamento para ele, não cobrei nada por isso. Sempre o considerei uma pessoa de honra e integridade e, quando soube que tinha sido adotado pela Autora e que esta lhe tinha dado 24.000£, folguei com isso como uma compensação pelo abuso

imerecido a que ele tem sido sujeito. Quando, porém, aquela doação munificente lhe foi feita, pensei que era suficiente para todos os fins e considerei quaisquer doações adicionais como totalmente desnecessárias. Isto tornou-me muito independente ao aconselhá-la e muito determinado a que ela não fizesse mais nada por ele sob o meu conselho. Nunca disse ao Sr. Home ou a qualquer outra pessoa o que pretendia fazer no sentido de a questionar quando levei o Testamento dela; mas questionei-a da forma mais rigorosa e recebi dela as respostas mais determinadas, expressando a sua satisfação e a sua determinação em fazer o seu Testamento a favor dele, e pelas razões que ela me deu para o fazer, tal como expus acima.

Não houve hesitação ou vacilação da parte dela nas suas respostas que despertasse as minhas suspeitas ou me fizesse pensar que ela não estava a dizer a verdade. Nada sabia das circunstâncias que ela agora alega, sob as quais me escreveu pela primeira vez e fez a sua primeira doação ao Réu; e se ela tinha, na altura em que assinou o seu Testamento, a convicção de que era influenciada por qualquer causa espiritual, ela não só mo ocultou como o negou resolutamente, e deu como razão que o fazia pela simpatia que nutria pelo Sr. Home e para o tornar independente.

60. É também incorreto que ela tenha destruído o seu Testamento anterior após fazer o de 12 de novembro passado; pois ela disse-me, apontando para a lareira, que o tinha destruído naquela tarde, pouco antes de eu chegar.

61. É também inteiramente incorreto o que ela agora alega no parágrafo 11.º da sua última declaração sob juramento mencionada quanto à doação de 6.000£ e as circunstâncias sob as quais a fez, conforme decorre da correspondência e documentos nos precedentes parágrafos 8.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º desta Resposta. Ela própria deu origem à correspondência comigo a esse respeito e diz na sua primeira carta que faz a doação "como uma pequena surpresa" ao Réu por ocasião de o Réu tomar o nome dela, o que ele fez publicamente e anunciou no "Times", no "Post" e noutros jornais; e ela disse-me na altura ter obtido os jornais contendo o anúncio. É também falso que qualquer pessoa, exceto a própria Autora, tenha dado as instruções aos corretores. A carta para os mesmos é do próprio punho da Autora. O aniversário do Réu não é em dezembro, mas sim a 20 de março. A seguinte é uma cópia de uma carta pelo punho da Autora endereçada e enviada por ela ao Réu Home no dia anterior ao seu aniversário: "19 de Março, 1867. Meu querido Daniel, — Dizes que o teu aniversário é no dia 20, i.e., amanhã; que vejas muitos deles e que sejam dias felizes, cheios de saúde e alegria; conta ver as minhas palavras verificadas, pois escrevo com o pensamento e a pena da inspiração: a tua saúde florescerá como o loureiro novo, cheio de vida e seiva.

Nunca verei esses dias distantes, mas tu recordar-te-ás do meu prognóstico profético aqui escrito. Folgo em saber que dormes bem e que a tua tosse está muito melhor; ficarão todos bem juntos muito em breve, pensa apenas nisso. O tempo aqui é perfeitamente miserável; neva numa hora, cai saraiva na seguinte; frio e desconfortável; nunca vemos as cores do céu, de tão negro que está. O meu resfriado não melhora; nada de sair, nenhuma mudança para mim; quanto mais cedo eu for para a terra do sol, se tal existir, melhor. Dizes que a 50 milhas daqui o chão está coberto de neve com 2 e 3 pés de espessura, mas não dizes se a este ou a oeste; dirás isto na tua próxima. Deus te abençoe, proteja e restaure à saúde perfeita, e que o teu aniversário de '68 seja mais auspicioso. E sou, meu querido Daniel, A tua mãe muito afetuosa, JANE LYON."

62. O que ela diz no parágrafo 12.º da sua última declaração sob juramento mencionada é também incorreto quanto ao momento em que a escritura pública (*deed poll*) relativa às duas doações de 24.000£ e 6.000£ foi executada. A correspondência com ela e o meu relato das minhas entrevistas com ela nos precedentes parágrafos 8.º ao 12.º desta Resposta provam claramente o momento da sua execução e as circunstâncias sob as quais foi preparada; e é falso que eu tenha recebido quaisquer instruções exceto da parte dela.

É também falso, se ela me disse então a verdade, que tenha feito as doações ou executado a escritura sob quaisquer fantasias ou influências espirituais ou impróprias; e embora não tivesse outro Solicitador além de mim nessa ocasião, a carta dela demonstra que tal se deveu ao facto de ela ter recusado agir sob o meu conselho de contratar um. Submeto que ela deveria ter sido mais cautelosa antes de fazer tais afirmações tão depreciativas para o meu carácter como a de que eu tinha recebido instruções para tal escritura de qualquer outra pessoa que não ela própria e que lhe tinha dado uma data falsa enquanto agia como Solicitador do Réu em vez de agindo por ela, que era a minha verdadeira cliente.

63. As circunstâncias erroneamente declaradas no 13.º parágrafo da última declaração sob juramento mencionada da Autora, relativas à primeira hipoteca de 30.000£ e à doação da mesma ao Réu, estão suficientemente explicadas e muitas delas distintamente refutadas pela correspondência e documentos que já apresentei; e estão em direta divergência com os factos em vários aspetos importantes, conforme a correspondência e os documentos provam. Se ela executou a doação da hipoteca sob a influência que menciona, declarou falsamente o contrário a mim na altura e agiu em desafio aos meus avisos.

64. É incorreto que a deficiência para perfazer a segunda hipoteca tenha sido adiantada pelo Réu Home a meu pedido. A hipoteca deveria ter sido de apenas 25.000£, para a qual ela tinha dinheiro suficiente próprio disponível, e

aconselhei-a vivamente a não emprestar mais, pois seria uma pena deixar-se sem qualquer capital; mas ela insistiu de tal modo que detestava quantias irregulares e preferiria 30.000£ se a garantia fosse suficiente que, posteriormente, aquando do pedido das partes para que a quantia maior fosse adiantada, ela própria pediu ao Sr. Home, na minha presença, que lhe cedesse o saldo dos fundos dele, o que ele fez.

65. As circunstâncias relativas à venda dos fundos do Réu para prover à hipoteca de 20.000£ a favor dele estão também incorretamente declaradas, na medida em que dão a impressão de que ela apenas soube dessa hipoteca por acidente. A primeira ideia da mesma foi dada por ela própria a mim e ela esteve, ao longo de todo o tempo, não só ciente da mesma, como desejou que o empréstimo fosse feito; e inquiriu sobre a natureza da garantia e soube da sua aceitação; e, longe de a ter descoberto por a nota de venda ter sido deixada acidentalmente com ela, não só essa nota de venda, mas as notas das transações anteriores nos fundos pelo Réu, e os cupões dos fundos, estavam na posse dela própria, e ela guardava-os no mesmo maço que os seus próprios. Ela mostrou-os várias vezes a mim, juntamente com os seus, quando eu estava com ela a ajudá-la a calcular o que ela tinha nos fundos, e disse-me que os guardava pois o Sr. Home não compreendia tais assuntos tão bem como ela. Descubro que, numa carta da Autora para o outro Réu de 15 de outubro passado, diz ela: "Envio-te os papéis da tua garantia de fundos. Trata de não os perder e, quando os tiveres mostrado ao teu amigo Dr. Gully, noutra altura quando regressares, eu poderei guardá-los para ti." A propriedade dela montava a cerca de 140.000£ antes de ter dado parte da mesma ao Réu.

66. Se for verdade, como a Autora afirma, que não tinha afeição ou sequer respeito pelo Réu à parte dos fenómenos peculiares que ocorrem na presença dele, ela assegurou-me repetida e consistentemente o exato contrário, e também escreveu o contrário na correspondência acima. E prefiro acreditar, e acredito, no que ela então me disse e na minha própria observação da conduta afetuosa dela para com ele, em vez do que ela agora diz. O Réu, cuja saúde é muito delicada, deixou Londres para Brighton e Malvern a 12 de outubro e regressou a 1 de novembro. Voltou a deixar Londres no final de janeiro para Hastings e ficou lá até 13 de fevereiro. Deixou Londres novamente para Torquay por volta de 10 de março e ficou lá até 22 de abril; e deixou Londres para Malvern a 1 de maio e ficou lá até 9 de junho passado.

67. Acredito que a Autora é uma senhora viúva. Exceto conforme sou informado pela sua declaração sob juramento apresentada neste processo a 15 de junho de 1867 e pela sua correspondência e comportamento como aqui anteriormente exposto, não posso declarar quanto à minha crença ou de outra forma se ela tem entre sessenta e setenta anos ou que idade tem. Ela

aparentemente não sobreviveu aos caprichos do seu sexo. Ela informou-me, e acredito, que tem cerca de 140.000£ investidas nos fundos e em hipotecas.

68. O Réu Home é uma pessoa de constituição muito delicada e sensibilidade nervosa extrema. Ele tem sido, creio eu, toda a vida sujeito à ocorrência ocasional de fenómenos peculiares na sua presença. Tais fenómenos têm sido cuidadosamente observados por vários dos mais poderosos soberanos da Europa e por pessoas de eminência nas principais profissões e na literatura e ciência, e por homens práticos de negócios sob condições em que qualquer coisa parecida com fraude ou artifício era impossível. Várias teorias têm sido sugeridas a título de explicação, ligadas aos problemas mais abstrusos da biologia e da metafísica.

Os meus próprios pontos de vista sobre este assunto são provavelmente sem importância, mas como são feitas acusações e insinuações contra mim e o tema do Espiritualismo é tão mal compreendido pelo público, tenho o direito de dizer que, tendo tido a minha atenção despertada para certas ocorrências notáveis há cerca de dezoito anos na casa de um parente e que continuaram por quase doze anos, tenho desde essa altura ocupado uma parte do meu lazer a inquirir sobre o assunto e a organizar os vários fenómenos e a compará-los com relatos históricos de ocorrências semelhantes.

Tenho estado muito raramente em quaisquer sessões (*séances*), e não o faço há muitos anos, tendo-me satisfeito inteiramente há anos sobre a verdade da maioria dos fenómenos — isto é, da sua ocorrência real; e, ao mesmo tempo e há muitos anos, formei e expressei constantemente a opinião de que era errado acreditar em ou agir com base no que pudessem parecer ser comunicações do invisível apenas pela sua própria evidência. Inculquei invariavelmente que nenhuma comunicação dessa natureza deveria ser recebida como tendo tanto valor como se fosse contada por um amigo neste mundo, visto que se sabe algo do amigo aqui e não se pode conhecer a identidade ou origem do comunicante.

Referi frequentemente a passagem no Antigo Testamento na qual é dito que Deus enviou um espírito mentiroso e as instruções que nos são dadas no Novo Testamento para provar ou testar os espíritos. Prossegui a investigação sob grandes deturpações e vitupério, e pretendo continuá-la enquanto puder; e acredito que os temas das visões espirituais, trances, êxtases, profecias, proteção angelical e possessão diabólica registados antigamente já tiveram luz lançada sobre eles e terão muito mais. Submeto que tenho o direito de prosseguir uma investigação sobre as leis psicológicas sem ser sujeito a ridículo ou abuso, e que a prova de ocorrências sobrenaturais é valiosa tanto de um ponto de vista científico como religioso. Os meros fenómenos físicos, que o público erroneamente imagina constituírem a totalidade do Espiritualismo e que, naturalmente, dão margem a imitação espúria e fraude, são na minha crença a

parte mais sem importância do assunto e não ocupam a minha atenção há anos. Nesta investigação encontram-se também muitas pessoas de todas as profissões e das mais elevadas qualificações literárias e científicas.

69. A Autora disse-me que estava, e sou informado e acredito que ainda está, grandemente interessada nesta investigação, embora pareça que concebeu uma aversão ao Réu Home e foi, conforme sou informado e acredito, induzida por outros a acusá-lo de impostura a fim de reaver o dinheiro. A Autora disse-me que ela própria estava sujeita a ocorrências sobrenaturais e contou-me algumas anedotas muito interessantes do que lhe tinha acontecido.

70. O Réu Home tem, creio eu, sempre afirmado, e acredito, que não tem qualquer controlo sobre tais fenómenos, que é perfeitamente passivo quando eles ocorrem e não exerce conscientemente qualquer volição. Ele tem, creio eu e tanto quanto sei, sempre repudiado a noção de que possuísse qualquer poder de evocar os espíritos de pessoas falecidas ou de colocar outras pessoas em comunicação com eles.

71. O referido Réu liga alguns dos fenómenos que mencionei a tais comunicações como referido e, na medida em que tais fenómenos ou comunicações lhe ocorrem com mais frequência e em grau mais vincado do que à maioria das pessoas, conforme acredito devido à sua organização corporal, mas não mais além ou de outra forma, ele descreve-se a si próprio como um médium espiritual.

72. Fui informado e acredito que o referido Réu tem direito a propriedade considerável na Rússia, sendo a fortuna da sua falecida esposa, e tem alguns pequenos meios privados além disso, e que não exerce qualquer profissão ou negócio. E, salvo o que foi dito e o facto de ser um cavalheiro altamente instruído, não posso dizer como, se é que de alguma forma, ele se designa a si próprio ou por que meios, se alguns, ele ganha a vida.

73. Não sou capaz de declarar, quanto à minha crença ou de outra forma, se a Autora era ou não muito afeiçoada ao seu falecido marido, ou como de outra forma, ou se ouviu ou não que poderia ser colocada em comunicação com o espírito dele através da agência de um médium espiritual ou como de outra forma. Fui informado e acredito que, por sua própria iniciativa, ela procurou e obteve uma entrevista com o Réu Home em ou por volta de 2 de outubro de 1866 em Sloane-street, mencionada na referida Petição.

74. A Autora sempre me assegurou repetida e invariavelmente de que, na sua adoção do referido Réu e nos presentes que lhe fez, não foi de modo algum influenciada por quaisquer comunicações espirituais, fossem elas quais fossem, mas agiu espontaneamente como desejou; e o referido outro Réu nega a

acusação feita na Petição Inicial da Autora; e, salvo o que foi dito, não sou capaz de declarar, quanto à minha crença ou de outra forma, se o Réu Home a induziu ou não por qualquer meio, e qual, a acreditar, ou se ela acreditou que uma "manifestação" do espírito do seu falecido marido teve ou estava a ter lugar, ou se tal foi ou não através da instrumentalidade do referido Réu, ou como de outra forma; ou se o referido Réu nessa ocasião induziu ou não a Autora a acreditar, ou se ela acreditou ou não, que o espírito do seu falecido marido estava em comunicação com ela; ou se certas expressões de carinho ou outras quaisquer da parte do espírito foram ou não transmitidas através do médium do Réu Home a ela, ou como de outra forma; ou se a Autora ficou ou não muito, ou de facto, gratificada com tal; ou se solicitou ou não ao referido Réu que a visitasse; ou se no dia seguinte ou não; ou se prometeu ou não dar-lhe 10£ ou alguma outra quantia, e qual, ou como de outra forma; ou se o referido Réu consequentemente, ou de facto, visitou ou não a Autora; ou se na residência dela mencionada na referida Petição ou não, ou em algum outro lugar e qual, no dia seguinte ou em algum outro dia e qual; ou se ele induziu ou não, ou novamente, a Autora a acreditar, ou se ela acreditou ou não, que o espírito do seu falecido marido se lhe manifestou através da instrumentalidade do referido Réu, ou como de outra forma; ou se ela por isso, ou de facto, deu ao referido Réu a quantia de 30£ ou alguma outra quantia, e qual, ou como de outra forma; ou se a Autora, no dia seguinte ou noutro dia qualquer e qual, ou se sob a crença de que o espírito do seu falecido marido tinha sido colocado em comunicação com ela, ou se novamente através da agência do referido Réu, ou por alguma outra razão e qual, deu ao referido Réu a quantia adicional de 50£ ou alguma outra quantia, e qual, ou como de outra forma.

75. Pelas afirmações que me foram feitas pela Autora de tempos a tempos, conforme aqui anteriormente mencionado, acredito que o Réu Home não adquiriu, pelos meios mencionados na referida Petição ou por quaisquer outros meios, uma grande ou qualquer ascendência sobre a mente da Autora, que tem uma vontade própria forte e não é provável que ceda tal ascendência sobre si a ninguém; e acredito que o referido Réu não a induziu, pelo exercício dos seus alegados poderes espirituais ou de facto, a acreditar que o que a Autora alega agora que ele representou serem comunicações do espírito do seu falecido marido para ela fossem comunicações reais. Pelo contrário, ela assegurou-me sempre que era afeiçoada ao referido Réu por ele mesmo, como bem poderia ser, totalmente à parte de quaisquer desses fenómenos ou comunicações.

76. Pela própria afirmação da Autora, acredito que ela não tem filhos.

77. Não sou capaz de declarar, quanto à minha crença ou de outra forma, se um encontro ou outro encontro teve lugar entre a Autora e o Réu Home um dia ou dois após o último alegado encontro, ou de facto, ou — salvo o que decorre das próprias afirmações dela em contrário e da negação do outro

Réu quanto às presentes afirmações dela — se o referido Réu em tal alegado encontro, ou em qualquer outro, alegou ou representou à Autora, ou a induziu a acreditar, ou se ela acreditou, que o espírito do seu falecido marido exigia que ela adotasse o referido Réu como seu filho ou que o colocasse numa posição de independência adequada ao seu estatuto e posição na vida como seu filho adotivo; nem posso declarar, quanto à minha crença ou de outra forma, qual foi a alegação e representação, se alguma, feita pelo referido Réu à Autora nessa alegada ocasião, ou se o referido Réu ao mesmo tempo alegou ou representou à Autora, ou a induziu a acreditar, ou se ela acreditou, que o espírito do seu falecido marido desejava que o Sr. Hall (nomeado na referida Petição) fosse chamado, ou que alegação ou representação, se alguma, foi então feita pelo referido Réu à Autora a respeito do referido Sr. Hall.

78. Acredito que o referido Sr. Hall era amigo do Réu Home. A Autora informou-me, e por isso acredito, que mandou chamar o referido Sr. Hall porque queria que algum amigo do referido Réu falasse com ela sobre a sua adoção dele como seu filho e se a mera adoção dele conferiria direitos legais a propriedade e assim por diante; e que o referido Sr. Hall foi consequentemente, mas não de outra forma, chamado, e que um encontro teve lugar entre ele e a Autora, não estando o Réu Home presente.

 Salvo pela negação da Autora, como referido, de ter estado sob qualquer influência espiritual e pela negação do Réu quanto às presentes afirmações dela, não sou capaz, quanto à minha crença ou de outra forma, de declarar se o referido Réu nomeado em último lugar e o referido Sr. Hall, ou um deles e qual, em tal encontro ou em algum outro e qual, alegaram ou representaram à Autora, ou a induziram a acreditar, ou se ela acreditou, que o espírito do seu falecido marido exigia que ela apresentasse os seus recibos de fundos ou alguns ou um e qual deles, ou se exigia que fosse ao Banco de Inglaterra ou transferisse fundos equivalentes em valor a 24.000£ esterlinas ou a algum outro montante e qual ao referido Réu, ou se exigia que vendesse os mesmos e lhe desse o produto, ou se como uma provisão da Autora para ele, ou se como seu filho adotivo; ou qual foi a alegação ou representação, se alguma, então feita pelo referido Réu e pelo referido Sr. Hall, ou por um deles e qual, à Autora; ou se a Autora consequentemente, ou na plena convicção e crença de que estava a cumprir os desejos do seu falecido marido comunicados a ela através do médium do Réu Home, ou por alguma outra razão e qual, foi em ou por volta de 10 de outubro de 1866 ao Banco de Inglaterra; ou se com o referido Réu ou algumas outras pessoas e quais, ou se a Autora assinou lá um livro ou como de outra forma; ou se uma grande ou alguma quantia de fundos a 3% do Banco Anuidades Consolidadas, ou se pertencentes à Autora foram ou não vendidas ou transferidas, ou se o produto das mesmas, ou de qualquer parte delas, e de que montante, ou se perfazendo 24.000£ esterlinas ou alguma outra quantia, foram recebidos pelo referido Réu. A Autora informou-me, e eu acreditei, que ela deu espontaneamente ao referido Réu a quantia de 24.000£ esterlinas porque desejava torná-lo independente e evitar que ele tivesse de ir à Rússia tratar da sua propriedade lá; mas ela nunca

mencionou uma palavra sobre o seu marido, tendo-me sempre assegurado que agia inteiramente por sua própria iniciativa e por sua própria vontade e discernimento, e que nunca tinha aplicado qualquer dinheiro que lhe desse tanto prazer e felicidade, e que, acontecesse o que acontecesse, a quantia era para ela insignificante. A seguinte é uma cópia da carta dela escrita ao outro Réu na ocasião:

"18, Westbourne Place, Hyde Park, 10 de Outubro, 1866. Meu caro Sr. Home, Tenho o desejo de o tornar independente do mundo e, tendo meios amplos para o efeito sem privação de quaisquer necessidades ou confortos meus, tenho a maior satisfação em presenteá-lo agora com ela, como uma DOAÇÃO inteiramente LIVRE da minha parte, a quantia de 24.000£, e sou, meu caro Senhor, sua muito verdadeiramente e respeitosamente, JANE LYON. A D. D. Home, Esqr., 22, Sloane Street."

80. Salvo o anteriormente dito, não sou capaz de declarar quanto à minha crença ou de outra forma se a totalidade ou qualquer parte da referida quantia de 24.000£ foi obtida pelo Réu Home junto da Autora através da alegada ascendência ou poder que a Autora alega agora que ele tinha adquirido sobre a mente dela pelos meios mencionados na referida Petição.

81. Salvo o anteriormente dito, não sou capaz de declarar quanto à minha crença ou de outra forma se a Autora, ou se pouco depois de as referidas quantias de 24.000£ terem sido dadas pela Autora ao Réu Home, ou como a Autora alega agora terem sido obtidas pelo referido Réu junto da Autora pelos meios e sob as circunstâncias declaradas na sua referida Petição, teve ou não um encontro ou outro encontro ou entrevista com o referido Réu nomeado em último lugar; ou se o referido Réu em tal encontro ou entrevista alegou ou representou à Autora, ou se a induziu ou não a acreditar, ou se ela acreditou ou não, que lhe era exigido pelo espírito do seu falecido marido que destruísse o Testamento que tinha então feito, ou se fizesse outro Testamento a favor do referido Réu; ou qual foi a alegação ou representação, se alguma, então feita pelo referido Réu à Autora; ou se o referido Réu nomeado em último lugar representou ou não à Autora, ou se a induziu ou não a acreditar, ou se ela acreditou ou não, que o espírito do seu referido marido ditou os termos de tal novo Testamento sob o qual ele, o referido Réu, seria o legatário universal de todos os bens da Autora; ou se também que o Dr. Hawksley e o Sr. Rudall, respetivamente nomeados na referida Petição, deveriam ser chamados para atestar a execução de tal novo Testamento; ou se que o espírito do referido falecido marido da Autora ditou também os termos das cartas a serem escritas aos referidos Dr. Hawksley e Sr. Rudall pedindo-lhes para atestarem o referido Testamento; ou quais foram as alegações ou representações, se algumas, então feitas pelo referido Réu à Autora. Tanto o referido Dr. Hawksley como o Sr. Rudall eram amigos do Réu Home.

82. Um Testamento pretendendo ser o Testamento da Autora foi por mim preparado para a Autora a pedido dela, na forma e sob as circunstâncias aqui anteriormente mencionadas e não de outra forma. Nada tive a ver com o

Réu Home nesta matéria, nem teria aceitado quaisquer instruções da parte dele. O referido Réu foi, sob tal Testamento, nomeado como o legatário universal de todos os bens da Autora, e tal Testamento foi executado pela Autora a 12 de novembro de 1866 na presença de e atestado pelos referidos Dr. Hawksley, Sr. Rudall e por mim próprio. Nem o Réu Home nem mais ninguém esteve presente na ocasião, exceto a Autora. As descrições das testemunhas instrumentárias são dadas nas suas declarações sob juramento já apresentadas neste processo. O referido Thomas Hawksley é doutor em medicina, residente no número 70 de Brook-street, Hanover-square, no condado de Middlesex, e o referido Henry Alexander Rudall é comerciante, exercendo atividade nos números 8 e 9 de Great Tower-street, na City de Londres. Salvo pelas afirmações da Autora e do outro Réu em contrário, não sou capaz de declarar quanto à minha crença ou de outra forma se o referido Testamento foi de facto executado pela Autora por instigação, sugestão ou desejo do Réu Home, ou se foi executado enquanto a Autora estava sob a influência da ascendência e poder que a Autora alega agora que ele tinha adquirido sobre a mente dela pelos meios e sob as circunstâncias declaradas na referida Petição.

83. Fui informado e acredito que o Réu Home, em ou por volta de 5 de novembro de 1866, a pedido da Autora, investiu a quantia de 23.913£ 17s. 3d., ou aproximadamente, sendo a referida quantia de 24.000£ deduzida a corretagem, a qual a Autora alega agora ter sido obtida da Autora conforme mencionado na referida Petição, na compra, no seu então nome de Daniel Dunglass Home, da quantia de 26.756£ 15s. 5d., ou aproximadamente, em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3%.

84. O Réu Home executou, em ou por volta de 3 de dezembro de 1866 e a pedido da Autora, uma escritura pública (*deed poll*) com essa data. Tal escritura foi desde então, a pedido da Autora e de facto, averbada em registo no Tribunal de Chancelaria de Sua Majestade, e o referido réu declarou por esse meio que tinha tomado o nome de Lyon em vez e em substituição de Home e que no futuro pretendia ser chamado e conhecido como Daniel Home Lyon; e ela encomendou uma moldura para a ter pendurada no seu quarto.

85. Expus anteriormente, e especialmente nos parágrafos 8.º ao 12.º inclusive desta minha Resposta e nos parágrafos 61.º e 62.º, todos os factos e correspondência de que tenho conhecimento relativos à doação de 6.000£ em numerário da Autora ao referido Réu; e salvo o que aqui consta e pela anterior negação da Autora como referido e pela negação do Réu quanto às presentes afirmações dela, não sou capaz de declarar quanto à minha crença ou de outra forma se a Autora, a 10 de dezembro de 1866 ou em algum outro momento, ou se a pedido ou sugestão do Réu Home, ou se enquanto sob a influência da alegada ascendência e poder que a Autora alega agora que ele tinha pelos meios mencionados na referida Petição ou de facto adquirido sobre a mente dela, ou por algum outro meio, foi induzida pelo referido Réu a ir novamente com ele ao Banco de Inglaterra; ou se a transferir a quantia de 6.798£ 17s. 4d. ou alguma outra quantia de Anuidades Consolidadas Bancárias a 3% para o nome do

referido Réu como Daniel Dunglass Home, por ser esse o nome em que a referida quantia de 26.756£ 15s. 3d. de iguais anuidades se encontrava então registada, tendo sido investida como referido antes da sua mudança de nome. Acredito que tal quantia de 6.798£ 17s. 4d. em Anuidades Bancárias era então equivalente em valor a uma quantia de 6.000£ esterlinas, ou aproximadamente.

86. Tal escritura pública ou instrumento por escrito, conforme mencionado na referida Petição como tendo a data de 12 de dezembro de 1866 e nela declarado ser ou ter o teor e efeito expostos no 11.º parágrafo da referida Petição (tanto quanto o mesmo nela se encontra exposto), sendo o mesmo instrumento que se encontra exposto *ipsis verbis* no 12.º parágrafo desta minha Resposta, foi de facto devidamente executado pela Autora sob as circunstâncias aqui anteriormente mencionadas.

87. A referida escritura pública foi preparada por mim como Solicitador da Autora e a pedido exclusivo desta, conforme anteriormente consta, mas não em qualquer aspeto como Solicitador do Réu Home ou em nome deste. As custas da mesma foram na altura debitadas apenas à Autora na minha conta, mas ainda não foram pagas. Salvo o que consta das afirmações e cartas da Autora em contrário e da negação do Réu quanto às presentes alegações dela, não sou capaz de declarar quanto à minha crença ou de outra forma se a referida escritura foi executada pela Autora a pedido ou instigação ou sugestão ou desejo do referido Réu Home, ou se enquanto ela estava — se é que alguma vez esteve de facto — sob a influência da ascendência ou poder que a Autora alega agora que ele tinha adquirido sobre ela conforme mencionado na referida Petição; e remeto para as circunstâncias anteriormente relatadas nos parágrafos 8.º ao 12.º inclusive e nos parágrafos 61.º e 62.º desta minha resposta. Instei-a repetida e vivamente a contratar outro Solicitador, o que ela recusou fazer, conforme anteriormente consta com verdade.

E sob as circunstâncias aqui expostas e não de outra forma, é facto que ela executou a referida escritura sem a intervenção de qualquer outro Solicitador ou pessoa, tanto quanto sei, em seu nome. Agi como Solicitador dela e com inteira independência do Réu Home, de quem nem recebi nem teria recebido quaisquer instruções que fossem sobre o assunto.

88. Expus com verdade, nos parágrafos 7.º ao 41.º inclusive e nos parágrafos 63.º e 64.º desta minha Resposta, os factos e a correspondência relativos ao contrato sob selo (*indenture*) de 19 de janeiro de 1867 mencionado na Petição da Autora; e salvo o que anteriormente consta e pela anterior negação da Autora como referido e pela negação do outro Réu quanto às presentes afirmações dela, não sou capaz de declarar quanto à minha crença ou de outra forma se a Autora, no mês de janeiro de 1867 ou noutro momento, foi induzida pelo Réu Home a executar uma escritura, ou se pretendendo ser um contrato com a data de 19 de janeiro de 1867 ou celebrado entre as partes, ou com o teor e efeito expostos no 13.º parágrafo da referida Petição (tanto quanto o mesmo

nela se encontra exposto), ou algum outro contrato de tal ou outra data, ou celebrado entre as mesmas ou outras partes, ou com tal ou semelhante teor ou efeito, ou como de outra forma.

89. Sob as circunstâncias aqui expostas e não de outra forma, o referido contrato de 19 de janeiro de 1867 foi preparado por mim como Solicitador da Autora e por conta dela, e de modo algum como Solicitador do Réu Home ou em nome deste. As custas para a preparação do mesmo foram na altura devidamente debitadas apenas à Autora na minha conta, mas tais custas ainda não foram pagas. Instei-a repetida e vivamente a contratar outro Solicitador, o que ela recusou fazer, conforme anteriormente consta com verdade; e sob as circunstâncias aqui expostas e não de outra forma, é facto que a referida escritura não foi, tanto quanto sei, vista ou aprovada por qualquer outro Solicitador ou pessoa por ou em nome da Autora.

Agi como Solicitador dela e com inteira independência do Réu Home, conforme anteriormente consta com verdade, e não recebi nem teria recebido quaisquer instruções da parte dele na matéria. A Autora executou também o contrato de data igual recitado no referido contrato mencionado em último lugar, pelo qual ela me cedeu a quantia principal de 30.000£ e juros e as garantias das mesmas. Tal contrato de data igual foi preparado por mim como Solicitador da Autora e apenas por conta dela, e de modo algum como Solicitador do Réu Home ou em nome deste; e sob as circunstâncias aqui expostas e não de outra forma, o mesmo contrato não foi, tanto quanto sei, visto ou aprovado por qualquer outro Solicitador ou pessoa por ou em nome da Autora.

Agi como Solicitador dela e com inteira independência do Réu Home, conforme anteriormente consta com verdade, e não recebi nem teria recebido quaisquer instruções da parte dele na matéria. E salvo pela anterior negação da Autora como referido e pela negação do outro Réu quanto às presentes afirmações dela, não sou capaz de declarar quanto à minha crença ou de outra forma se a Autora executou os dois contratos mencionados em último lugar a pedido ou instigação do Réu Home, ou se enquanto ela estava — se é que de facto esteve — sob a influência da ascendência ou poder sobre a sua mente que a Autora alega agora que o referido Réu nomeado em último lugar tinha adquirido pelos meios ou sob as circunstâncias mencionadas na referida Petição.

As referidas duas escrituras mencionadas em último lugar foram executadas pela Autora no sábado, 19 de janeiro de 1867, na sua própria casa, na presença do meu filho e do Sr. Hartley, dois dos meus oficiais que compareceram com as escrituras para o efeito. Eu não estive presente por estar doente em casa e executei posteriormente a escritura eu próprio no meu escritório, na presença das mesmas testemunhas.

90. Expus com verdade, nos parágrafos 38.º, 39.º, 40.º e 64.º desta minha Resposta, as circunstâncias relativas à transferência de 2.290£ 9s. 5d., ou aproximadamente, em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3%. E salvo o que neles consta e pelas anteriores negações da Autora como referido e pela negação do outro Réu quanto às presentes afirmações dela, não sou capaz de declarar quanto à minha crença ou de outra forma se a Autora, a 21 de fevereiro de 1867 ou noutro momento, foi ou se novamente induzida pelo Réu Home a acompanhá-lo ao Banco de Inglaterra; ou se a transferir a quantia de 2.290£ 9s. 5d. ou alguma outra quantia de Anuidades Consolidadas Bancárias a 3% para o nome dele como Daniel Dunglass Home, embora acredite que era esse o nome em que as grandes quantias de iguais anuidades se encontravam registadas, tendo as primeiras e maiores quantias sido investidas antes da sua mudança de nome; ou se a transferência mencionada em último lugar foi ou não também feita pela Autora enquanto sob — se é que alguma vez esteve sob — a influência da ascendência ou poder que a Autora alega agora que o referido Réu tinha adquirido pelos meios mencionados na referida Petição ou de facto adquirido ou estava então a exercer sobre a mente dela, ou como de outra forma.

91. O Réu Home vendeu, em ou por volta de 13 de março de 1867, uma quantia de 21.947£ 17s. 6d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3% que era, creio, parte da referida quantia de 26.756£ 15s. 5d. de iguais anuidades e das referidas quantias de 6.798£ 17s. 4d. e 2.290£ 9s. 5d. de iguais anuidades. Por conta do referido Réu e a pedido dele, encontrando-se ele então doente em Hastings, recebi dos corretores o produto de tal venda montando à quantia de 20.000£ em numerário, e o Réu Home, em ou por volta da data mencionada em último lugar, emprestou e adiantou a referida quantia de 20.000£ através de mim sob hipoteca de propriedade em Yorkshire, e tal quantia de 20.000£ tem estado desde então e está agora investida na garantia da referida hipoteca. A referida garantia foi desde então e está agora depositada neste Tribunal, onde a Autora a pode inspecionar. Nenhuma parte da referida quantia assim emprestada e adiantada foi reembolsada. Relativamente ao referido adiantamento de 20.000£ sob hipoteca, remeto para o 65.º parágrafo desta minha Resposta.

92. Não sou capaz de declarar quanto à minha crença ou de outra forma se uma quantia de 13.898£ 4s. 8d. em Anuidades Consolidadas Bancárias a 3% ou qualquer outra quantia de tais anuidades, mas acredito que o resíduo do saldo das referidas três somas de 26.756£ 15s. 5d., 6.798£ 17s. 4d. e 2.290£ 9s. 5d. de iguais anuidades, após deduzir do montante total a referida quantia de 21.947£ 17s. 6d. vendida conforme anteriormente mencionado, se encontra ainda em nome do Réu como Daniel Dunglass Home, tendo o primeiro e maior montante sido pago nesse nome antes de o referido Réu ter mudado o seu nome a pedido da Autora e tendo as adições subsequentes sido feitas na mesma conta nos Livros do Governador e Companhia do Banco de Inglaterra. Não sou capaz de declarar se o referido Réu nomeado em último lugar ameaça fazê-lo, mas acredito que ele pretende vender e dispor da mesma ou transacionar com ela como e quando julgar adequado por lhe pertencer.

93. Remeto para o 52.º e 53.º parágrafos desta minha Resposta e estou pronto e disposto a fazer na matéria o que este Honorável Tribunal julgar adequado ordenar, mediante o pagamento e satisfação das minhas custas razoáveis. Reivindico o direito de retenção (*lien*) sobre todas as escrituras e documentos em minha posse ou que depositei neste Tribunal para os fins deste processo ou de outra forma, que possam pertencer à Autora ou nos quais ela tenha interesse, por todas as custas que me são devidas como seu solicitador.

94. Após a minha Resposta ter sido preparada e impressa até este ponto, recebi e li a impressão da Declaração sob Juramento da Autora jurada e apresentada no dia 18 de julho corrente. É inteiramente falso, conforme declarado no 6.º parágrafo dessa Declaração, que a Autora alguma vez me tenha informado de que estava a obedecer aos ditames do espírito do seu marido. Tivesse ela dito tal ou tivesse eu conhecimento disso, teria imediatamente recusado prosseguir com o negócio.

É também falso, conforme declarado no 7.º parágrafo, que eu tenha alguma vez estado presente quando quaisquer instruções foram recebidas do espírito do seu marido com referência às referidas escrituras. A única ocasião em que vi quaisquer fenómenos na presença dela foi certa noite em que, após ter pegado no meu chapéu para sair, ela me pediu para ficar uns minutos, o que fiz, e houve alguns movimentos da mesa e batidas (*rapping*), mas não houve diretrizes nem instruções relativas às referidas escrituras. É falso que a escritura de 12 de dezembro passado tenha sido assinada em qualquer outro dia que não o da sua data.

Foi vista no dia seguinte, executada pela Autora, por vários dos meus oficiais. É também falso, conforme declarado no 9.º parágrafo da Declaração dela, que ela me tenha dito na ocasião ali referida que não se importava pessoalmente com o Réu Home, nem que estava a obedecer às ordens do espírito do seu marido no que tinha feito ou desejava fazer. Eu estava muito indisposto naquele dia e não tenho memória distinta da conversa dela; tivesse ela dito tal, nada mais teria tido a ver com o negócio.

Ela expressou-me sempre a sua grande afeição pelo Réu Home. Encontro o seguinte parágrafo numa das cartas dela para ele, confirmando isto pelo seu próprio punho, uma das quais é a seguinte: "Sinto-me tão ansiosa por tua causa e com receio de que estejas doente, ou que algo te aconteça, que tenho a certeza de que é o amor materno de uma mãe para com o seu amado filho; por isso, se valorizas o meu conforto, meu querido filho, cuida de ti." Ela disse-me várias vezes que o seu único receio era que o Réu Home casasse e que ela perdesse a companhia dele. Seria cometer a maior injustiça para com a Autora se eu pudesse acreditar que ela está agora a exprimir a verdade ao afirmar que não amava o Réu.